

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

DANIEL CASTELLO BRANCO CIARLINI

**CONTRIBUIÇÃO DA IMPRENSA E DA LITERATURA DE PARNAÍBA PARA A
FORMAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO PIAUIENSE**

**TERESINA – PI
2015**

C565c Ciarlini, Daniel Castello Branco
Contribuição da imprensa e da literatura de Parnaíba
para a formação do sistema literário piauiense / Daniel
Castello Branco Ciarlini. – 2015.
297 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do
Piauí – UESPI, Mestrado Acadêmico em Letras, 2015.
“Orientadora Prof^a Dra. Algemira de Macêdo Mendes”.

1. Sistema Literário Piauiense. 2. Crítica Literária.
3. Imprensa e Literatura – Parnaíba, PI. I. Título.

CDD: B869.939

DANIEL CASTELLO BRANCO CIARLINI

CONTRIBUIÇÃO DA IMPRENSA E DA LITERATURA DE PARNAÍBA PARA A
FORMAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO PIAUIENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de Concentração: Literatura, Memória e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura, Memória e Relações de Gênero. Orientadora: Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes.

TERESINA – PI
2015

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

DANIEL CASTELLO BRANCO CIARLINI

**CONTRIBUIÇÃO DA IMPRENSA E DA LITERATURA DE PARNAÍBA PARA A
FORMAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO PIAUIENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Acadêmico em Letras da
Universidade Estadual do Piauí, como
requisito parcial para obtenção do título de
mestre em Letras. Área de concentração:
Literatura, Memória e Cultura.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Algemira de Macêdo Mendes
(Presidente – UESPI)

Prof.^a Dra. Regina Zilberman
(UFRGS)

Prof.^o Dr. Feliciano José Bezerra Filho
(UESPI)

Prof.^a Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos
(Examinadora Suplente-UESPI)

Uma linha sequer desta dissertação (e tudo que fiz na vida) teria surgido sem os esforços hercúleos de um casal de enamorados que ano após ano tem sido uma fonte de inspiração: os meus primeiros patrocinadores e pais, Wágner Serejo Ciarlini e Kênia Castello Branco Ciarlini.

AGRADECIMENTOS

Numa das raras obras de não ficção que o escritor estadunidense Stephen King legou até a presente data, *Sobre a Escrita* (2000) fala que “Escrever é um trabalho solitário. Ter alguém que acredita em você faz muita diferença. Eles não precisam fazer discursos motivacionais. Basta acreditar”. No meu caso, foi Algemira de Macêdo Mendes quem na pós-graduação acreditou na minha capacidade e trabalho. Foi ela quem apostou suas cartas no recém-graduado que ansiava com todas as energias por um espaço no Mestrado Acadêmico: abraçou o meu projeto e caminhou comigo até o fim – mais do que orientadora, ela foi conselheira e, por fim, amiga. A ela o meu agradecimento por todo o aprendizado.

Não passamos por essa fase turbulenta sem o apoio moral e irrestrito de amigos que se mostram firmes e seguros ao nosso lado em quaisquer que forem os tempos e as dificuldades. Por essa razão não esqueço aqui o nome do escritor e pesquisador Francisco das Chagas Carvalho Filho.

Agradeço ainda aos muitos debates e ideias travados em um carro na via Parnaíba-Teresina no transcurso do primeiro ano de mestrado, 2013-2014, entre eu e Silvana Lima dos Santos – a ela a minha gratidão.

Aos professores que também contribuíram para a minha formação intelectual em Teresina, Marly Gondim Cavalcanti Souza, Feliciano José Bezerra Filho, Maria do Socorro Baptista Barbosa, Maria do Socorro Rios Magalhães e Raimundo Celestina Mendes da Silva.

Por fim, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Piauí (FAPEPI), que financiou este trabalho, dando-me o devido auxílio financeiro, a fim de que eu me dedicasse unicamente ao que me propus a fazer.

Se queres ser universal fala da tua aldeia.
Liev Tolstói.

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar a contribuição deixada pelos homens de letras, que residiram em Parnaíba na primeira metade do século XX, para a formação do sistema literário piauiense. O foco é a relação literatura e imprensa e seus consequentes desdobramentos na vida política e social. Para tanto foram consultadas fontes primárias como jornais e revistas, que não apenas possibilitaram um contato direto com o que se produzia de literário na época, como também levaram à construção de um contexto histórico-cultural favorável à formação de núcleos intelectuais e, conseqüentemente, a promulgação de uma vida literária ativa em cafés, casas comerciais, grêmios estudantis, associações e sociedades de letras. Os três últimos, a propósito, resultados dos esforços desses homens em divulgar a cultura literária em uma cidade que pouco a pouco parecia admitir em sua realidade ares de modernidade. Dentro dessa conjuntura, não se furta aqui a observação da relação entre os sistemas econômico, educacional e de imprensa, como síntese de uma cadeia de fatos que culminou com a inclusão de Parnaíba no rol das cidades letradas do Brasil a partir da perspectiva da formação do sistema literário, com o surgimento de produtores literários conscientes de seu papel, de um veículo de divulgação dos trabalhos e de um público constituído e ampliado após a fundação de institutos educacionais e ginásios. Os jornais e revistas são, portanto, os principais suportes deste estudo, não apenas por terem antecedido a publicação de livros e representarem os veículos de imprensa por excelência de grêmios e associações de letras, mas pelo registro em suas páginas de anúncios, de crônicas, de notícias e de notas esparsas que auxiliaram a pesquisa na construção de uma interpretação da história da literatura em Parnaíba: como e quando ela se forma, e quais fatores ajudaram. Parte dos escritores aqui investigados foi fundamental na constituição de núcleos promulgadores das letras no Piauí, como a fundação da Academia Piauiense de Letras.

PALAVRAS-CHAVES: Imprensa e literatura. Vida e sistema literários. Parnaíba.

ABSTRACT

This research aims to analyze the contribution left by literate men who lived in Parnaíba in the first half of the twentieth century for the formation of the Piauiense literary system. The focus is the relationship between literature and press and its consequent unfolding in political and social life. To do so, we consulted primary sources like newspapers and magazines, which have not only allowed a direct contact with what has been produced of literary in such a period as well as have led to the construction of a historical-cultural context favorable to the formation of intellectual nucleus and, consequently, the promulgation of an active literary life in cafes, commercial houses, students guilds, associations and literate societies. The last three ones, by the way, came from the effort of those men in spreading literary culture in a city that little by little seemed to admit in its reality modernity aspects. Considering such conjecture we do not avoid here observing the relationship between the economic and educational systems and the press, as a synthesis of a chain of facts that culminated with the inclusion of Parnaíba in the list of literate cities in Brazil from the perspective of the formation of a literary system, with the arrival of literary producers who were conscious of their roles, of a vehicle for publishing works and of a public formed and increased after the foundation of educational institutes and gymnasiums. Newspapers and magazines are, therefore, the main support for this study, not only for having come before the publication of books and for representing the printing press vehicles by excellency of guilds and literate associations, but also for the record in their pages of advertisements, chronicles, news and sparse notes that helped the research in the construction of an interpretation of the history of literature in Parnaíba: how and when it is formed, and which the helping factors are. Part of the writers here investigated was fundamental in the constitution of literate promulgator nucleus in Piauí, like the foundation of the Piauiense Literate Academy.

KEY-WORDS: Press and literature. Life and literary systems. Parnaíba.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
 1 IMPRENSA E LITERATURA: vida e sistema literários	17
1.1 A cidade comercial se torna cidade letrada	29
1.2 As primeiras tipografias de Parnaíba	62
 2 PERIODISMO, AGREMIÇÕES E LITERATURA:	
jornais e revistas em Parnaíba	70
2.1 Jornais parnaibanos no século XX	76
2.2 Revistas parnaibanas no século XX	91
2.3 Sobrevivência e mecenato dos periódicos	113
 3 A CRÍTICA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO DE UM CÂNONE	117
3.1 O exercício crítico no periodismo	121
3.2 Vultos, escorços e crestomatias	136
 CONCLUSÃO	151
 REFERÊNCIAS	156
 APÊNDICES	162
 ANEXOS	195

INTRODUÇÃO

Localizada ao Norte do estado do Piauí, Parnaíba foi uma das cidades brasileiras que gozaram de privilegiada posição geográfica, próxima ao mar, para firmar acordos comerciais com outras localidades do Brasil e do exterior. Um intercâmbio, portanto, que possibilitou relações de ordem econômica *a priori*, e posteriormente cultural, incidindo diretamente na formação dos sistemas educacional e literário, bem como no desenvolvimento do Piauí¹.

Suas estrutura e organização econômicas têm início no século XVII, com a fundação de fazendas de gado, cujo produto maior, o charque, construiu a fortuna de famílias que dividiam a primazia de sua exportação via Porto Salgado², acesso fluvial para o mar. Interpretando à luz da perspectiva de Angel Rama (1998), poder-se-ia admitir ser esse o tempo da “cidade de conquista”, com a progressiva extinção ou expulsão dos índios, para então “cidade comercial”, meados dos séculos XVIII e XIX, que antecede a formação de núcleos populacionais consoantes a uma estrutura “civilizada” (ELIAS, 1994), pois que até o final do século XIX, Parnaíba não contava com instituições de fomento educacional e cultural – os ricos comerciantes e proprietários de terras e feitorias enviavam seus filhos para estudarem em centros metropolitanos como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife ou no exterior, em países como Portugal, onde concorriam a uma vaga nas universidades de Direito; realidade esta comum ao restante do país.

O espaço geográfico de Parnaíba eleva-se então à categoria de vila em 1762³, permanecendo assim até 1844, quando oficialmente é elevada a cidade. O município, então constituído, passaria ainda 19 anos sem uma folha periódica própria, fato que mudaria somente em 1863, quando se funda, em 25 de fevereiro, *O Echo da Parnahyba*, órgão vinculado ao Partido Ligeiro Progressista. O surgimento da imprensa no litoral piauiense, portanto, se dá no terceiro quartel do século XIX e seu consequente desenvolvimento na primeira metade do século XX, fase em que demonstra tanto os avanços incorporados à sua estrutura cultural como a sua inserção no rol das cidades letradas do país.

¹ É o que comenta Rego (2013, p. 63): “[...] sem Parnaíba na ponta do delta, fazendo conexão da produção do Interior com o seu porto do mar, não teria sido possível o desenvolvimento econômico, político, social e cultural tão almejado para o Piauí”.

² Hoje, Porto das Barcas.

³ Oficialmente criada em 19 de junho de 1761, Carta Régia.

O desenvolvimento econômico de Parnaíba, construído a partir da cultura de matérias-primas como maniçoba, babaçu e da carnaúba, é, talvez, o fator que possibilitou esse período assistir a um avanço nas áreas da educação, da cultura e das letras – esta com a instalação das primeiras tipografias e progressivamente dos primeiros veículos de imprensa.

É por essa época que a cidade atrai industriais brasileiros e europeus, bem como intelectuais que impulsionarão as primeiras manifestações jornalísticas e literárias do norte piauiense. Diferenciando-se ao que se produzia em uma Parnaíba noventaenista, com periódicos iminentemente políticos, surgem revistas e jornais preocupados com a causa literária, científica e artística – um interesse, quiçá, atrasado, quando se pensa nessa manifestação na França já nas décadas de 30 e 40 do século XVIII, e nas principais metrópoles brasileiras do século XIX.

Parte desses veículos nasce de grêmios literários estudantis, outra de encontros esporádicos entre jovens comerciantes e/ou caixeiros-viajantes entusiasmados com as letras⁴ – índice do processo de formação dos sistemas cultural e educacional local; atrelado a isso, Parnaíba conhece uma efetiva vida literária tanto em institutos de ensino como em associações específicas para fins congêneres.

A boemia, embora tardia, é apreciada a par do surgimento da classe intelectual: os homens de letras e ciências passam a se reunir em cafés e bares espalhados no entorno do atual Centro da cidade, núcleo populacional do final do século XIX e primeiro quinquênio do século XX. Desses encontros nascem veículos de imprensa independentes, inclusive associações de imprensa e letras que levarão adiante uma proposta de integralização das letras no município, difundidas ainda em outras manifestações, como o teatro, a radiofonia e os saraus que conquistam os salões de elite.

A relação de Parnaíba com a literatura, portanto, obedece sem grande disparate ao surgimento de três sistemas que se relacionam: o econômico, o educacional e o de imprensa. Isso ocorreu porque com o advento das classes estudantis surgem grêmios literários e estes, por sua vez, fundam e mantêm por tempo vário, periódicos que promulgam às diversas classes da cidade uma cultura letrada. Essa observação sistêmica, a propósito, é vista por Antonio Candido (1956)⁵ como basilar, e constituinte do que denomina “sistema literário”, em cujos pilares, autor, obra e leitor ocuparão as

⁴ O tipo “proletário intelectual”, na classificação de Badinter (2007).

⁵ Ao ano original do livro *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. A edição utilizada nesta pesquisa é do ano de 2010.

análises a seguir, procurando ainda dialogar com o pensamento crítico de alguns nomes do formalismo russo, estruturalismo checo e estética da recepção; a citar: Chklovski (1973), Vodička (1978) e Jauss (1994), respectivamente. Vodička⁶, por exemplo, percebe a literatura como pré-formadora de uma visão de mundo, o que repercute em um dado comportamento social – a observação da cronologia de periódicos fundados em Parnaíba na primeira metade do século XX é um forte índice do crescente gosto pelas letras frente ao número de jornais e revistas que ora se coadunaram ora se digladiaram em debates de ordem política ou mesmo estética.

Os periódicos consultados para esta pesquisa foram coletados em fontes distintas: Arquivo Público do Piauí, Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), bem como miscelâneas e hemerotecas particulares localizadas em Parnaíba, Goiânia e Rio das Ostras. Infelizmente, por conta da escassez, a pesquisa não pôde ter acesso a todas as edições dos periódicos consultados, muito embora tenha conseguido esse acesso nas revistas. Suas análises, porém, e apesar da incompletude do material, demonstraram a crescente relação da cidade com a cultura letrada que ano após ano parecia se consolidar, quando em favor das letras admitiu-se um conjunto contextual, com agremiações, associações, veículos de imprensa, tertúlias literárias, cafés, saraus etc.

Além do recorte histórico desta pesquisa admitir o entrelace dos sistemas econômico, educacional e o de imprensa como indispensáveis ao surgimento e o afloramento das letras no norte do Piauí, ela ainda demonstra que a partir de 1950, em harmonia a Bulhões (2007), literatura e imprensa separam-se quase que de maneira definitiva, retornando só décadas à frente com o advento do *New Journalism*. Tal separação, portanto, fora também sentida em Parnaíba e por coincidência, a cidade ainda experimentará a sua decadência econômica com a desvalorização da cera da carnaúba. Dois fortes índices que estagnariam toda a conjuntura econômica e cultural de então.

A análise dos periódicos utilizados neste trabalho atentou para a formação de núcleos intelectuais mantenedores de folhas, observando em suas manifestações impressas a promulgação de poesias, contos, crítica e crônicas. As três primeiras, que ajudam a construir o *corpus* e sua consequente transformação, e a última, por ajudar a montar uma possível história do contexto do qual estavam inseridos os homens de

⁶ Referência ao texto “A história da repercussão das obras literárias”. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). *Círculo linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre: Editora Globo, 1978, p. 299-309.

letras. Optou-se, por questão de nivelamento linguístico, pela atualização dos textos, traduzindo-os para o atual acordo ortográfico em voga no Brasil. Não se dispensou ainda a leitura de notícias, notas, bem como de anúncios, que ilustraram ou pelo menos ampliaram algumas questões de ordem ideológica: o que era admitido como “civilizatório” ou mesmo “moderno” para os intelectuais inseridos naquele tempo e espaço geográfico? Como e quando se formaram os ambientes propícios ao surgimento de discussões em torno do objeto literário, incentivando assim a necessidade associativa? A busca por algumas respostas nesses vieses levaram a uma proximidade de entendimento à ideia de sistema literário.

A proposta de Candido é aqui dialogada com a de Even-Zohar (1990), principalmente no que tange à observação de outros pontos do sistema literário, como o contexto e o mercado, ampliando sobremaneira as perspectivas da análise: a aplicação da teoria ao objeto de estudo, por reconhecer a literatura como um bem simbólico e um produto (em livrarias, em bibliotecas, e na profissionalização dos escritores). Desta forma, o trabalho se estrutura da seguinte forma:

Capítulo I (Imprensa e literatura: vida e sistemas literários), pauta-se na relação literatura e imprensa, bem como o que havia por trás de suas manifestações, traçando algumas perspectivas históricas, bem como primárias, que levaram a cidade a se tornar um polo de desenvolvimento econômico e cultural, admitindo as mesmas fases das quais Rama dispõe quase como regra em sua síntese histórica de cidade letrada na América Latina.

Reconhecidas essas perspectivas, traça-se, no **capítulo II** (Periodismo, agremiações e literatura: jornais e revistas em Parnaíba), uma análise a respeito da formação do universo literário em Parnaíba, fruto de um sistema que em pouco tempo se confabula à consolidação da prática literária indiciada, também, pela vida literária que passa a se tornar uma constante nos meios intelectuais da sociedade parnaibana daquele período: surgem tipografias, livrarias, bibliotecas, cafés e tertúlias literárias, agremiações e associações literárias, publicação de livros, jornais e revistas específicas de ciências, letras e artes. A propósito, foi por meio desses periódicos que os intelectuais de Parnaíba se notabilizaram nas esferas do Estado e encontraram guarida em instituições importantes de fomento literário, como a Academia Piauiense de Letras (fundada em 1917), índice claro da colaboração de nomes que compuseram a intelectualidade parnaibana ao sistema literário do Piauí.

O **capítulo III** (A crítica literária e a formação de um cânone), e último, por sua vez, constituem um todo que tenta identificar o papel da crítica na formação de nomes que escreveram as páginas periódicas piauienses (e posteriormente reunidas em livros). Para isso foram identificados os trabalhos pioneiros da crítica piauiense de Clodoaldo Freitas, João Pinheiro e Edison Cunha, bem como a participação do crítico maranhense Francisco Dias Carneiro, que revelaram alguns dos nomes que compunham, nas suas perspectivas, a seleta de autores do Piauí, dentre eles os de Parnaíba, destacados e destacáveis – nesse rastro computam-se outros posicionamentos críticos, advindos da metalinguagem praticada nos periódicos, que fundamentam uma espécie de esboço a uma possível história literária do Piauí, como se ocupou Lucídio Freitas ao elaborar o ensaio “História da Poesia no Piauí”, levada a lume no ano de 1924 pela Revista da Academia Piauiense de Letras. Relação que se configura como um caminho de duas vias: a crítica literária produzida nos livros ora nascia de ensaios em periódicos, ora influenciava de alguma maneira a produção crítica nos periódicos.

Para o embasamento teórico desse capítulo, buscou-se confrontar duas posturas a respeito do cânone literário enquanto problema. A primeira delas, constituída a partir do discurso tradicional, que estabelece critérios de ordem estética e de consagração para eleger títulos dentro do que a cultura sagrou como representativo do conhecimento e da tradição. Em contrapartida, a segunda, libelo a um discurso de abertura, admitido por Wendell Harris, no artigo “La canonicidad” (*in: El Canon Literario*, 1998): a existência de vários cânones, que se constituem de maneira temporal, de modo que a cada época insurgem uns ao deportarem-se outros.

Harris na sua análise elenca no mínimo dez tipos de cânones que podem facilmente ser depreendidos por áreas, e que aqui conveio estudar a fim de estabelecer elos com o proposto: cânone potencial, toda a literatura; cânone acessível, parte do cânone potencial (estabelecido dentro de um dado recorte de tempo⁷); cânone seletivo, lista de autores e obras (frequentemente estabelecida em antologias e/ou instituições⁸); cânone oficial, mescla do anterior; cânone pessoal, selecionado pelo próprio leitor, subjetivamente; cânone crítico, aqueles autores ou obras reconhecidos pela crítica especializada; cânone pedagógico, conjunto ou lista de livros adotados por instituições

⁷ Neste raciocínio infere-se que o cânone, por ser caracterizado dentro de um dado período, foge de uma estrutura presa a uma tradição, ou seja, histórica, e se constitui, também, a partir de uma temporalidade e assim o é reconhecido.

⁸ Aqui compreendidas em um sentido mesmo amplo, desde a “imortalidade” em agremiações, como em peças seletivas de outro segmento específico, enciclopédias, dicionários, seletas etc.

de ensino (dos mais variados níveis); cânone diacrônico, agrupamento de escritores dos mais variados períodos; cânone do dia, conjunto de escritores de períodos distintos cuja periferia se modifica; e cânone popular, contrário pois ao pedagógico, ao diacrônico e ao do dia.

Consoante ao já estabelecido nesta dissertação, o texto de Harris ainda identifica que a reunião de textos em periódicos contribui, preserva e amplia o “cânone acessível”, o principal foco com o qual se ocupa este trabalho, porque esse tipo de busca traz a lume e disponibiliza produções até então esquecidas, desta maneira desvenda autores ou produções literárias de valor estético – aliás, observação bastante válida quando se admite que a maior parte dos escritores aqui descritos nunca publicou livro em vida. Em Parnaíba é o caso de Lívio Pacheco, que ilustrou por muitos anos páginas de jornais, revistas e almanaques com os mais variados sonetos, cromos e trovas e, por isso, se estabeleceu entre os seus pares (circunscritos não apenas no Piauí como nos estados vizinhos do Ceará e do Maranhão) como um dos fortes nomes da poesia popular do norte piauiense, ao lado de outros como R. Petit (que publicou livros em vida), Francisco Basto e Alarico da Cunha (também reconhecido, mas sem publicação).

1 IMPRENSA E LITERATURA: vida e sistema literários

“Falar, escrever, imprimir e publicar, são círculos sucessivos
à inteligência ativa; são as ondas sonoras do pensamento.
Victor Hugo

Em *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos 1750-1880* (1959), Antonio Candido discute a ideia de “sistema literário” – importante à compreensão de como surge, se estrutura e se consolida a literatura no Brasil –, *pari passu* pôde-se empreender uma nova perspectiva acerca da história literária nacional. Se por um lado o levantamento de autores brasileiros já vinha sendo registrado antes do período do Romantismo, através de figuras como o alemão Friedrich Bouterwek⁹, e com maior propriedade com o francês Ferdinand Denis¹⁰ e o português Almeida Garrett¹¹ que investiram críticas fundadoras da urgência de uma expressão nativista nas terras brasileiras – junto de Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre e Torres Homem¹², basilares à escrita das primeiras “histórias da literatura brasileira” (Joaquim Norberto, Sílvio Romero e José Veríssimo); por outro, se desnudava não apenas o “gênio inventivo” como também toda uma conjuntura política, econômica e social que permitiu o aparecimento e a promulgação do nome de prosadores e poetas. Construía-se, pois, uma visão diferenciada da literatura no Brasil, vista como manifestação ou mesmo parte de um todo maior que a compunha.

Do esforço desses homens eruditos que investiram na composição embrionária da literatura brasileira que aos poucos ia se distanciando de seu berço, Portugal, informam Zilberman e Moreira (1998):

Declarar a diferenciação da literatura brasileira em relação à produção poética da ex-metrópole foi a fórmula encontrada pelos intelectuais do país para contribuir com a tarefa de consolidação política da nação (ZILBERMAN e MOREIRA, 1998, p. 9-10).

A literatura como sistema, de que nos fala Candido, se forma a partir de três premissas inter-relacionáveis e interdependentes: primeira, a existência de um conjunto de produtores literários conscientes de seu papel; segunda, um grupo de receptores,

⁹ *História da poesia e da eloquência portuguesa* (1805). Título original: *Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit*.

¹⁰ *Resumo da história literária do Brasil* (1826).

¹¹ *Parnaso lusitano* (1826).

¹² Revista *Niterói*, 1836.

formadores de diferentes grupos de leitores; e terceira, um mecanismo transmissor, ou seja, a própria linguagem divulgada em suportes variados, como jornais, revistas e/ou livros. É válido aliar à observação desse crítico brasileiro a percepção do triângulo de Abrams, cujos ápices (autor, leitor e mundo), consequentemente resultantes de abordagens distintas da literatura, centralizam em seu diagrama a obra:

A abordagem objetiva, ou formal, da literatura se interessa pela obra; a abordagem expressiva, pelo artista; a abordagem mimética, pelo mundo; e a abordagem pragmática, enfim, pelo público, pela audiência, pelos leitores (COMPAGNON, 2010, p. 138).

A observação sistemática desses pontos (tanto da parte de Abrams como na de Candido) é uma via que também conduz à reflexão de fases distintas da crítica literária, cujos centros de gravidade foram se modificando no decorrer de sua história. Se Abrams vê a obra como centro de gravidade (ponto comum) que converge aos três pontos assinalados do triângulo, para Candido essa questão é mais complexa porque não há um ponto comum de onde partem vértices, mas inter-relações formadas por interdependência: uma ponta não existiria sem a mediação da outra, daí a razão de ser um sistema e não uma cadeia cujo trabalho resulte em um produto concreto, isso porque se a arte (e aqui a atenção recai para a literatura) é social, ela depende

[...] de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais (CANDIDO, 2010, p. 30).

Em outras palavras, os vértices da tripartia de Candido, diferente da de Abrams, são multidirecionais. Ora, se os “fatores do meio [...] se exprimem na obra em graus diversos de sublimação”, isso ocorre porque a literatura, como obra de arte, “[...] é viva e significativa do ponto de vista cognitivo, social, político, econômico e religioso num mundo também vivo e significativo” (BAKHTIN, 2010, p. 30) – daí a razão de transformar-se a partir da síntese recíproca que existe entre produção e recepção, como indicativos misteres ao estudo da própria história da literatura, como observa Jauss (1994, p. 25) em uma de suas teses: “A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete”.

Foi por essa razão que inferiu Gadamer (2008, p. 53): “Considerar com maior exatidão, estudar uma tradição com maior profundidade não bastam se não disporem de uma receptividade para o que há de diferente numa obra de arte ou no passado”. Tal diferença poderia ser vista como resultado de um processo de interpretação que sofre mudança no decorrer dos tempos e vai incorporando em sua (re)leitura outras percepções sobre o mesmo objeto; bem como na (re)construção discursiva que também pode sofrer transformações no tempo, nos códigos e em outras manifestações.

Assim, ao inferir que o “conjunto de produtores” deva ser “consciente de seu papel”, ou seja, de escritor, de literato obediente a um objetivo que se confunde em muito (até fins do século XVIII) com o papel de instrutor ou doutrinador, Candido declara que esse “conjunto consciente”, no Brasil, encontra guarida ainda no século XVIII, quando surgem as primeiras agremiações literárias, como a Academia Brasílica dos Esquecidos (1724-1725) e a Academia Brasílica dos Renascidos (1759).

A começar pelos neoclássicos que escreveram epopeias em cujos versos o nativismo e o indianismo ensaiavam suas aparições em pinceladas de “cor local”, aos árcades propriamente ditos, organizados em academias¹³,

Os escritores neoclássicos são quase todos animados do desejo de construir uma literatura como prova de que os brasileiros eram tão capazes quanto os europeus, e mesmo quando procuram exprimir uma realidade puramente individual, segundo os moldes universalistas do momento, estão visando este aspecto (CANDIDO, 2012, p. 28).

Essa consciência de construção de literatura brasileira não tardou a ser reconhecida pelos primeiros críticos do Romantismo, que enxergavam o nascedouro das letras nacionais entre os oitocentistas “em virtude do tema indianista, com Durão e Basílio, reputados, por este motivo, superiores a Cláudio e Gonzaga” (CANDIDO, 2012, p. 30). A propósito, é esta uma das fortes argumentações defendidas também pelos estrangeiros que levantaram os nomes que manifestaram produções literárias no Brasil: se para o suíço Sismonde de Sismondi¹⁴ a “cor local” era atribuída ao trabalho de Silva Alvarenga; para o francês Ferdinand Denis, não se podia olvidar a epopeia *Caramuru* (1781), afinal de contas, além de imprimir o nativismo tão urgente aos

¹³ É válido explicar aqui a distinção entre neoclássicos e árcades, proposta por Antonio Candido (2012), embora se misturem: Neoclássico seria o grupo que tomou como imitação o Classicismo francês, combatendo o Cultismo de Góngora; e Arcadismo, relacionada diretamente à influência dos italianos, principalmente no que concerne a reação ao Maneirismo quando da fundação de agremiações a que denominavam arcádias.

¹⁴ *Literatura do meio-dia da Europa* (1813).

letrados colonos, reputava-a como o primeiro poema épico escrito no Brasil. As dificuldades de acesso ao conteúdo do que se produzia ou produziu nas terras da colônia foi, talvez, a principal causa de ter o crítico omitido *De gestis Mendi de Saa* (1563), o primeiro poema épico escrito nas Américas, de José de Anchieta, cujo herói, Mem de Sá (terceiro governador-geral do Brasil Colônia, 1558-1572), defende, em nome da Metrópole portuguesa, a colônia contra a invasão francesa¹⁵.

Portanto, a literatura enquanto sistema engloba um conjunto que merece ser discutido porque em seu mecanismo há a presença dialógica de elementos tanto internos quanto externos ao objeto literário, razão que permite entender que o sistema literário “[...] nunca estaria desligado da dinâmica do sistema social” (BULHÕES, 2007, p. 37). Daí a própria ideia que se constrói a partir de observações que seguem, muitas vezes, a percepção de uma comunidade que constitui uma vida literária, posto o ambiente (o contexto em que se insere) ser propício não apenas ao surgimento como ao desenvolvimento das letras, repercutindo-as. É por essa razão que Francisco de Assis Barbosa, em nota introdutória¹⁶ ao livro *A Vida Literária no Brasil: 1900* (2005)¹⁷, de Brito Broca, refere-se à prática crítica que omite os elementos extraliterários como um *absurdo*, “este de separar vida e literatura, como se fossem coisas antagônicas. Impossível fixar a linha divisória entre literatura e assuntos gerais¹⁸”.

J. Tynianov foi talvez um dos primeiros teóricos a destacar a importância em se perceber a literatura a partir de um prisma mais ampliado, isso se diz: parte (ou até mesmo produto) de um todo que identificou como sistema. Para o russo esse tipo de entendimento permite que se perceba o próprio desencadear da história literária, afinal a sua “evolução” é fruto de um processo de “substituição” de sistemas. Nessa linha impõe a lógica de que a “obra literária constitui-se num sistema e que a literatura igualmente se constitui em outro” (TYNIA NOV, 1973, p. 107). Como obra literária o crítico quer dizer o próprio exercício criativo que *pour soi* representa uma proposição estética; e a literatura como sistema, a própria tradição que engloba elementos abstratos e concretos; como também assim analisa Candido:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo,

¹⁵ Episódio histórico da França Antártica (1555-1567).

¹⁶ “Um dom Quixote das letras”.

¹⁷ Ano referente à sua quinta edição.

¹⁸ *Op. cit.*, p. 16.

unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2010, p. 84).

Entende-se com isso que a visualização do sistema de uma obra literária não pode estar isolada de sua análise como parte da literatura enquanto sistema, posto que “O estudo isolado de uma obra não nos dá a certeza de falarmos corretamente de sua construção” (TYNIA NOV, 1973, p. 10).

O que, porém, parece resultar desse sistema, e quando ele de fato é promulgado adiante – comprovando o seu mecanismo –, resulta em um quarto elemento do qual Candido infere: “Quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade” (CANDIDO, 2012, p. 25), em outras palavras, a importância da repercussão e da tradição na constituição maturada da literatura enquanto sistema.

A observação de continuidade (ou tradição) deve ser reforçada a par do que ocorre nesse procedimento, entre o que se propõe e como essa proposta em um determinado período é aceita; ou ainda, como uma determinada obra, tomando como base o constituído, integra-se de alguma maneira a essa tradição:

[...] o sistema não é uma cooperação fundada sobre a igualdade de todos os elementos, mas que supõe a vanguarda de um grupo de elementos (“dominante”) e a deformação dos outros, a obra entra na literatura e adquire sua função literária graças a essa dominante (TYNIA NOV, 1973, p. 113).

Nesse sentido, um dos primeiros passos que o pesquisador deve observar para a aplicabilidade desse aporte é analisar justamente essa tradição, ou como nos diz Candido (2012), a maneira com a qual se processa essa “formação da continuidade”, de que forma “a obra entra na literatura e adquire sua função literária”.

Em última análise, é mister entender que ao falar em “produtores literários conscientes de seu papel”, Candido começa por identificar núcleos formados em nome das letras, que se dá, sim, no período árcade brasileiro, quando as primeiras academias são fundadas, bem como surgem os primeiros índices de temas nacionais, cujo projeto parece refletir-se na busca de romper justamente com os “procedimentos canônicos” (para o período, os temas de recorrência europeia) a fim de criar novas tradições; agora, é urgente ter a percepção que todo esse processo desencadearia a emergência de novos

procedimentos que constituiriam o próprio *leitmotiv* romântico – o que demonstra o reflexo de consciência do papel literário que os escritores pareciam ocupar na história da literatura brasileira, encontrado no período do Romantismo, como bem se pode entender a par da tese de “cidade letrada” do uruguaio Angel Rama:

La constitución de las literaturas nacionales que se cumple a fines del XIX es un triunfo de la *ciudad letrada*, la cual por primera vez en su larga historia, comienza a dominar a su contorno. Absorbe múltiples aportes rurales, insertándolos en su proyecto y articulándolos con otros para componer un discurso autónomo que explica la formación de la nacionalidade y establece admirativamente sus valores. Es estrictamente paralelo a la impetuosa producción historiográfica del período que cumple las mismas funciones; edifica el culto de los héroes, situándolos por encima de las facciones políticas y tornándolos símbolos del espíritu nacional¹⁹ (RAMA, 1998, p. 74).

No Brasil foram os casos de José de Alencar e Gonçalves Dias que compuseram, na primeira metade do século XIX, mitos de formação da nação brasileira. Aliás, era do primeiro um projeto ambicioso quando produziu três obras tipicamente indianistas divididas em três situações, duas delas tentando explicação da formação do homem brasileiro mestiço: Em *O Guarani*, o indígena inserido no meio europeu; já em *Iracema*, o inverso. Sendo a terceira leitura, *Ubirajara*, tipicamente mitológica, em cuja narrativa percebe-se a ausência de quaisquer personagens estrangeiros, senão a própria narrativa de tribos indígenas. Todos, frutos de um projeto de retratação do que seria “autenticamente brasileiro”, nacional.

Mais tarde, essa consciência se solidificaria após a Semana de Arte Moderna de 1922 e, mais especificamente com os romances de 30, que desvelaram os brasis do Brasil: “Na literatura brasileira há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo [...] e o ainda chamado Modernismo” (CANDIDO, 2010, p. 119); é o que também reconhece Barbosa (2003²⁰, p. 40): “[...] o cânone da literatura brasileira, em função mesmo das inovações poéticas e ensaísticas

¹⁹ Trad.: “A constituição das literaturas nacionais que se cumpre em fins do séc. XIX é um triunfo da *cidade letrada*, a qual pela primeira vez em sua longa história começa a dominar seu contorno. Absorve múltiplos aportes rurais, incluindo-os em seu projeto e articulando-os com outros, para compor um discurso autónomo que explica a formação da nacionalidade e estabelece admiravelmente seus valores. É estrictamente paralelo à impetuosa produção historiográfica do período que cumpre as mesmas funções; edifica o culto dos heróis, situando-os acima das facções políticas e tornando-os símbolos do espírito nacional”.

²⁰ Ano original da obra: 1996.

[...] decorreram da ampla experimentação desencadeada pelo movimento modernista de 1922”.

Se no período árcade surgiram indícios de um espírito nacional que se desenvolveria por todo o século XIX, somente mais tarde, no século XX, com o Modernismo, se completaria “[...] o processo iniciado na segunda metade do século XVIII, quando os seus grupos revolucionários procuram alargar o âmbito da criação artística, englobando os aspectos recalcados da sociedade e da cultura nacional²¹” (CANDIDO, 2010, p. 175).

No caso de Parnaíba, isto ocorre não muito distante ao que acontecia no país, ainda no segundo quadriênio do século XX, quando surgem as primeiras produções de cunho regionalista e os primeiros ensaios do folclore da região, parte advinda das mãos dos escritores Alarico da Cunha, Edison Cunha, Raimundo Petit e Lívio Pacheco.

Seria mesmo através dessa análise de validação do próprio discurso literário outro passo fundamental para o entendimento da produção literária inscrita em um espaço e tempo específicos, local este em que convergem as aspirações, os traços característicos, as descrições que produzem à luz do espectador toda a imagética, a estética e a catarse necessárias para o consumo do bem artístico; além de permitirem que se evoquem sentidos, interpretações e visualizações de tempo e espaço próprios de um período e lugar, a par do que fala Candido (2010, p. 48): “O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador”; como observa Maingueneau (2001, p. 20-1): “O sentido da obra não é estável e fechado sobre si, constrói-se no hiato entre posições de autor e receptor”.

Outro fator transformacional e influente na história da literatura ocorre com o advento da imprensa enquanto suporte das produções literárias. É nessa relação e proveito mútuo que surgem gêneros literários que rapidamente se difundem conquistando um público específico: a crônica e o romance de folhetim, posteriormente substituídos pelo colunismo e pela reportagem (PENA, 2013), quando nos de 1950 o Brasil incorpora características²² de um “jornalismo científico” praticado nos Estados Unidos desde os anos de 1900. Proveito mútuo sim, pois se os jornais conseguem ampliar a sua vendagem com as estratégias discursivas criadas pelos literatos, que sequestram a atenção cada vez maior de leitores, em contraposição o jornalista-literato

²¹ Cf. *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

²² P. ex. o *lead*.

profissionaliza-se e passa a receber pelo seu trabalho, bem como a ter seu nome cada vez mais divulgado.

Com a invenção do folhetim romanesco por Gustave Planche na França, no decênio de 1820, houve uma alteração não só nos personagens, mas no estilo e técnica narrativa. É o clássico “romance de folhetim”, com linguagem acessível, temas vibrantes, suspensões para nutrir a expectativa, diálogo abundante com réplicas breves (CANDIDO, 2010, p. 43).

Com a queda do folhetim e a ascendência da reportagem e da crônica, os escritores, antes dos anos de 1950, extrairiam das páginas de imprensa o seu sustento: “Em um país de muitos analfabetos e poucos livros [especialmente no século XIX], no ambiente jornalístico os escritores poderiam ganhar algum dinheiro e saciar a vontade de ver seu texto prontamente impresso em folha de papel” (BULHÕES, 2007, p. 49). Logo, para os escritores “[...] o jornal representou uma espécie de passagem de acesso ao mundo das letras impressas” (GENS, 2008, p. 195) e, conseqüentemente, ao conhecimento de seus pares e à profissionalização; a propósito, essa uma das duas relações identificadas por Maingueneau (2001, p. 39) no que compete escritor e dinheiro: “Há o dinheiro que permite viver enquanto ele se consagra à escrita; há igualmente o dinheiro que se obtém eventualmente com a escrita”. Em um meio cujas políticas editoriais eram de grande custo e “pouco espaço oferecia às produções literárias brasileiras” (GENS, 2008, p. 195), não seria difícil de analisar que esse suporte em um curto tempo se tornasse o principal meio de promulgação beletrista.

O jornal, por essa razão, representa uma via que acrescenta ao sistema literário o mercado, admitido em 1990 pelo crítico israelense Itamar Even-Zohar, que ampliou essa concepção no artigo *El “Sistema Literario”*, elencando, a partir das discussões de teóricos do Formalismo Russo, como Tynianov e Boris Eikhenbaum, e baseado no postulado de Jakobson, seis elementos essenciais na constituição da literatura como sistema definido: instituição, repertório, produtor, consumidor, mercado e produto.

INSTITUIÇÃO [contexto]
 REPERTÓRIO [código]
 PRODUTOR [emissor]-----[receptor] CONSUMIDOR
 (“escritor”) (“leitor”)
 MERCADO [contato/canal]
 PRODUTO [mensagem]

Tentando explicar que o conjunto de fatores estabelecidos em seu esquema entrelaça-se a uma rede de interdependência funcional, o crítico explica o inter-relacionamento existente entre os eixos que compõem o sistema, como partes de um todo que só existe enquanto tal quando esses eixos se coadunam:

[...] un CONSUMIDOR puede “consumir” un PRODUCTO producido por un PRODUCTOR, pero para que se genere el “producto” (el “texto”, por ejemplo), debe existir un REPERTORIO común, cuya posibilidad de uso está determinada por una cierta INSTITUCION. Debe existir un MERCADO en que este bien pueda transmitirse. En la descripción de los factores enumerados, no puede decirse de ninguno de ellos que funcione aislado, y la clase de relaciones que pueden detectarse cruza todos los posibles ejes del esquema²³ (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 32).

A visão ampliada de sistema com a qual trabalha Even-Zohar, aplicada a uma perspectiva constitutiva a uma história da literatura, assemelha-se ainda ao que Felix Vodička (1978), do Círculo Linguístico de Praga, aborda, em especial quando inclui em seu artefato três premissas inter-relacionadas ao ponto de vista mercadológico exposto pelo crítico israelense: editor, livrarias e publicidade. Assim o diz:

[...] certos elementos heterônimos devem ser levados em conta na formação da norma e no estabelecimento dos valores de uma época. O editor, as livrarias, a publicidade são fatores que podem influenciar a avaliação; viravoltas súbitas na vida política ou pressões políticas também podem ser fatores que contribuem para a mudança da norma. O historiador observa a relação destes elementos heterônimos com as condições imanentes ao desenvolvimento da reestruturação da norma. Observa também a maneira como tais influências externas aceleram ou diminuem o ritmo do desenvolvimento autônomo, e o modo pelo qual novas normas e novas avaliações, a despeito das influências das perturbações externas, encontram seus protagonistas e intérpretes, que tentam liberar as pressões e torná-las sem efeito (VODIČKA, 1978, 306).

Assim sendo, para o checo a “tarefa da História Literária é a de acompanhar essas mudanças da concretização na repercussão das obras literárias, bem como as relações existentes entre a estrutura da obra e a norma literária em desenvolvimento”, posto que a “repercussão de uma obra literária é uma consequência de sua

²³ Trad.: “[...] um CONSUMIDOR pode ‘consumir’ um PRODUTO produzido por um PRODUTOR, mas para que se gere o produto (o ‘texto’, por exemplo), deve existir um REPERTÓRIO comum, cuja possibilidade de uso está determinada por certa INSTITUIÇÃO. Deve existir um MERCADO em que este possa transmitir-se. Na descrição dos fatores enumerados, não podem dizer-se de nenhum deles que funcione de forma isolada, e a classe de relações que podem detectar-se, cruza todos os possíveis eixos do esquema”.

concretização²⁴”. Daí a razão de que “[...] não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua” (CANDIDO, 2010, p. 31), logo, se em um determinado grupo há escolhas que definem suas manifestações e a partir delas se pode depreender não apenas traços dialógicos e identitários como a própria escolha temática de assuntos abordados dentro de uma mesma conjuntura político-cultural, fácil empreender a “concretização” desse grupo, constituído e consciente de seu papel: “produto”, “produtores” e “meio” parecem convergir a um fim relacionável – no caso de Parnaíba, a cidade cresce economicamente, *pari passu* o seu aspecto cultural; fundam-se institutos educacionais, manifesta-se o teatro, aparecem telas de cinema, periódicos literários, embora de vida efêmera, mas que com o auxílio do comércio se tornam autônomos e desvinculados do partidarismo político presente entre os parnaibanos desde 1863, quando se fundam, sob a chancela da Tipografia Imperial J. da Silva Leite, os jornais *O Echo da Parnahyba* e *Liga e Progresso*.

Se os primeiros periódicos que surgiram em Parnaíba vinculavam-se a grupos políticos e tinham de alguma maneira um caráter revolucionário no que tange a promulgação civilizatória, os literários que surgiram no século XX também se vinculavam a grupos, todavia culturais, e parte significativa deles era mantida por agremiações literárias constituídas por professores e estudantes, quando não por homens de letras que se reuniam em cafés – todos componentes da “instituição” de que fala o sistema literário de Even-Zohar (1990, p. 36): sua importância reside no fato da própria manifestação literária, afinal “La naturaleza de la producción, así como la del consumo, está regida por la institución²⁵”. Prova disso é que por trás desses periódicos havia uma cadeia sistemática que englobava a produção, a organização e a difusão das produções de homens de letras.

A reunião de intelectuais letrados obstinados a difundir a cultura literária é uma constante, não por acaso indispensável quando se pensa em sistema; é por essa razão que Candido os cita como um dos pilares de sua teoria: “produtores literários conscientes de seu papel”. Arelado a isso se pode depreender que um canal de difusão deva existir, a fim de que esses produtores difundam seus objetivos: a imprensa. Sabe-se que a imprensa é apenas uma das tantas possibilidades comunicativas, um dos canais que se possa explorar com o intuito de construir uma história da literatura; a escolha

²⁴ Idem, *ibidem*, p. 307.

²⁵ Trad.: “A natureza de uma produção, assim como a do consumo, está regida por uma instituição”.

desta dissertação por sua manifestação, porém, não é aleatória: observa o seu caráter enquanto fonte primária e documental, bem como sua antecedência a publicação de livros na cidade, conseqüentemente a instalação de bibliotecas e livrarias – componentes estes anexos ao sistema *a posteriori* e cuja citação servirá para confirmar o ambiente literário constituído. Além disso, é mister avaliar ainda a importância que o prelo (um dos aparelhos do sistema literário) teve para a difusão das letras na reprodução de textos pela imprensa, em todo e qualquer espaço geográfico, razão pela qual Otto Maria Carpeaux julga como um dos acontecimentos mais memoráveis na história da literatura universal o “primeiro encontro entre literatura e jornalismo” (2008, p. 1.045).

Esse “primeiro encontro” acontece na Europa nos primeiros anos do século XVIII e no Brasil no ano de 1808, quando o período árcade já se encerrava. A razão do atraso estava ligada diretamente a fatores de ordem econômica e proibitiva, afinal, esta só “deixa de existir, com a Revolução do Porto, em 1820, seguindo-se a instalação de tipografias nas principais províncias e a criação de diversos jornais” (CUNHA *apud* MELO, 2003, p. 81). Antes disso, porém, só funcionavam periódicos autorizados pelo governo ou de caráter oficial (que tenham antes sido aprovados por quatro membros eleitos censores por D. João VI); o restante ficava à mercê de vetos da Coroa que instituíam assaltos ou mesmo empastelamentos dos veículos que surgiam, mas que por essa razão, findavam efemeramente. A historiografia brasileira atribui a esse período a “[...] causa da carência da produção literária, que fica tão aquém da transição histórica” (KOTHE, 2000, p. 46), facilmente identificada “[...] na censura lusitana, na reduzida formação educacional brasileira, na ausência de um sistema de jornais e editoras, no caráter de golpe monárquico da independência²⁶”. Todavia, como ainda articula Kothe (2000):

Ainda que a independência tenha se dado em sua vertente conservadora, foi uma revolução política que propiciou bases para a produção e a evolução literária. Mesmo que parcos, surgiram jornais, faculdades, editoras, grupos de intelectuais, críticos e leitores: um sistema de circulação literária como não havia antes [...] Com a criação de jornais, antes proibidos por Portugal, criou-se um público, embora os livros ainda fossem impressos em Paris ou em Leipzig. Quando gráficas passaram a funcionar, deu-se um passo decisivo para a emancipação, embora a publicação de ficção e de ensaios fosse apenas ocasional e sem garantia de qualidade (KOTHE, 2000, p. 105-6).

²⁶ Idem, *ibidem*.

Como formula Leão (2013), tanto a série de vetos da metrópole portuguesa ao usufruto de bens simbólicos no Brasil Colônia, como a proibição da imprensa, de gráficas, faculdades e bibliotecas, formava um conjunto de ações que brecharam o desenvolvimento do sentimento nacionalista, daí o motivo da parte dos intelectuais brasileiros do período ter estado subordinada “[...] às condições impostas pelos ditames da prudência e ticanhice lusitana, que não desejava assim perder os excedentes gerados pela exploração da Colônia” (LEÃO, 2013, p. 269). Esse fato se torna mais significativo do ponto de vista da análise quando se observa o que Lustosa indica em *O nascimento da imprensa brasileira* (2004, p. 7): O Brasil era “[...] um dos únicos países do mundo, excetuados os da África e da Ásia, que não produzia palavra impressa. Até 1808, data da chegada de d. João VI, as letras impressas eram proibidas aqui”. Tal quadro é discorrido ainda por Mariani (2003), em um apanhado mais detalhado da situação de veto estabelecida por Portugal:

Do século XVI ao XIX, da descoberta até a vinda da Corte, era oficial no Brasil a proibição ou mesmo a entrada e circulação de livros provenientes do Exterior. As raras bibliotecas particulares existentes permaneciam na clandestinidade, exceção feita aos jesuítas que, em suas igrejas e colégios, mantinham obras voltadas para a ação da catequese. A palavra escrita, na terra edenizada por Pero Vaz de Caminha, tinha a interdição como espaço previamente configurado. Estava condenada a períodos de esterilidade artificialmente produzidos (MARIANI, 2003, P. 34).

Não fica difícil calcular, portanto, o atraso instaurado nas terras brasileiras, no que tange ao restante das nações que assistiram ao surgimento da imprensa ainda no século XVIII. Como indica Melo (2003):

Enquanto em todas as principais cidades da América espanhola havia estabelecimentos tipográficos ao redor de 1747, no Brasil, neste mesmo ano, a primeira gráfica fundada no Rio de Janeiro é fechada em seguida à sua abertura, por ordem exarada através da carta régia de 5 de julho do mesmo ano, em que se determinou a apreensão e sequestro das ‘letras de imprensa’ e sua imediata devolução à Metrópole, com a alegação de que não era conveniente a impressão de papéis no Estado do Brasil, em razão de que os custos do ofício dos impressores eram mais elevados que no Reino de Portugal, onde os livros e papéis podiam ser impressos ao mesmo tempo em que saíam as licenças da Inquisição e do Conselho Ultramarino (MELO 2003, p. 269-7).

Também o Piauí, na fase de desenvolvimento da sua imprensa, não esteve imune ao empastelamento, tendo sido a oficina de *O Lيدador*, de Parnaíba, a primeira do Estado a sofrer com esse tipo de saque. Chaves (2007, p. 78) informa que a razão do acontecimento que se deu “[...] no dia 20 de janeiro de 1894, [fora] motivado por questões políticas, logo dentro dos primeiros anos da República sonhada, cantada e decantada como o máximo de liberdade”.

1.1 A cidade comercial se torna cidade letrada

Parnaíba no século XVII iniciou aquele que é considerado o seu primeiro ciclo econômico, desenvolvendo-o progressivamente no correr do século XVIII e findando-se no início do século XIX, advindo do comércio da carne de charque. Por esse tempo, como admite Rego em *Dos sertões aos mares* (2013), não se podia falar de uma sociedade ilustrada, letrada, muito embora se reconheça, pelo menos é o que prova o inventário dos Dias da Silva, que a cidade enquanto vila sediava famílias abastadas que formavam uma

[...] classe social letrada, ilustrada [...] O gosto pela leitura e pelas artes era atestado pelos seiscentos e noventa e quatro livros (cujos títulos não foram arrolados), pelas sessenta telas francesas e arcaicas; pianos e tapeçarias (REGO, 2013, p. 134).

Com o fim do ciclo das charqueadas, ocasionado pelo declínio do comércio do charque²⁷, o século XX chega anunciando o segundo ciclo, impulsionado pelos principais produtos de sua exportação: o coco babaçu, que no Nordeste Ocidental foi uma das maiores culturas naturais, tendo o Piauí no ano de 1941 a segunda maior produção brasileira (28.051 toneladas), perdendo apenas para o Maranhão que alcançou a faixa das 42.259 toneladas²⁸; outros produtos: o algodão e, de maneira destacada, a cera de carnaúba.

²⁷ Informa Rego (2013, p. 135-6): “A princípio, o Piauí conquistou mercado fornecendo gado para a região mineradora de Minas Gerais, para as demais províncias do Nordeste e para o Pará. Porém, quando o criatório se ampliou nessas regiões, os criadores do Piauí perderam mercado para esses concorrentes emergentes, por não terem providenciado melhorias na qualidade do plantel e/ou na possibilidade de oferecer carne a menor preço”.

²⁸ Segundo dados do periódico *O Arauto*, ano 1, n. 2, jun. 1949, p. 26: “Considerações sobre o Babaçu”, Lauro Andrade Correia.

A modernidade há muito anunciada em Parnaíba através das folhas de seus principais periódicos, com destaque no *Almanaque da Parnaíba*²⁹, que em sua primeira edição, de 1924, dedica o editorial para esboçar em linhas gerais, de maneira tanto quanto sentimentalista, o relevo da cidade em frente às “novas construções elegantes e confortáveis³⁰” que se edificavam. Referia-se essa nota à primeira transformação arquitetônica que a cidade vinha sofrendo a par do início da construção da Estrada de Ferro Central do Piauí, em 1916: de prédios tipicamente coloniais (em alvenaria de pedras) àqueles inspirados no que tinha de mais moderno na arquitetura da *belle époque*, e, posteriormente, da do início do século XX, eclética ou em *art déco* (em alvenaria de tijolos). Era, pois, a administração do intendente José Narciso da Rocha Filho, que em auxílio aos surtos de modernidade que Parnaíba experimentava, entre os anos de 1925 e 1926 procurou nivelar as principais ruas que, a essa altura, já eram palco do vai e vem de automóveis. Dentre as ações de remodelagem de vias públicas, placas com nomes indicativos de ruas e praças, bem como a devida numeração de residências, que já se aproximavam da faixa das 9.000³¹. Frutos, pois, de um estudo organizado ainda em 1914, como atesta *O livro do centenário de Parnaíba* (1945, p. 63):

Data [...] de 1914, a primeira tentativa de urbanização, da cidade, com o levantamento da planta baixa da Cidade Nova, formada em quarteirões, cada um com 100 metros em quadro, e com ruas e avenidas, respectivamente, de 20 a 30 metros.

Tudo indica que o processo de modernização do Norte piauiense, pelo menos das décadas anteriormente comentadas até meados da primeira metade da de 1940³², tenha sido uma constante: em plena Segunda Guerra Mundial, segundo dados estatísticos colhidos na revista *Histórica*³³, do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Parnaíba, a cidade já contava 224 veículos de diversos modelos: “Statesman, Ambassador e Ramble, o Mercury modelos 1947 e 1949, o Lincoln

²⁹ *Almanack da Parnayba*, título original.

³⁰ *Op. cit.*, p. 2.

³¹ Segundo dados coletados no dossiê de tombamento do Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba, elaborado em 2008 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na avenida Pres. Getúlio Vargas (antiga Rua Grande e, posterior João Pessoa): “[...] foram erguidas as primeiras edificações ecléticas da cidade” (*op. cit.*, p. 20), obedientes, pois, ao período em supra.

³² Importante destacar que nessa década Parnaíba possuía, segundo recenseamento realizado no país, um total de 42.605 habitantes, dos quais 22.571 concentravam-se na cidade, o restante em zona rural (*in: O livro do centenário de Parnaíba*, 1945).

³³ Revista *Histórica*, ano 1, n. 2, abr. 2008.

Cosmopolitan, o Ford V8, Cônsul e Ford 6³⁴”, todos representados no Piauí pela Casa Inglesa, importante firma comercial instalada em Parnaíba, fundada pelo britânico James Frederick Clark, que fez fortuna com o negócio de exportação da cera de carnaúba, levando-a para outros continentes e cujo comércio atacadista avançou pelas principais praças do Piauí, do Maranhão, do Ceará, do Pará e de Goiás³⁵.

No campo do comércio, e mais especificamente naquele relacionado às letras, já nos anos de 1920 veem-se anúncios espalhados em periódicos da cidade com ofertas de produtos como máquinas de escrever, modelos top de linha, como Underwood³⁶, bem como as da Fábrica Hélios, então representada pelo agente Poncion Rodrigues. Outros modelos ainda são identificados nos anúncios da mesma década, como Mercedes, Smith, Regminton e Corona; além de Poncion Rodrigues, representantes dessas máquinas eram as empresas comerciais A. G. Neves & Cia., Rodrigues & Cia. e Freire & Cia.

Se Parnaíba admitia a comercialização desse tipo de bem, logicamente abriam-se portas para mais dois tipos de comércio: as tintas, a cargo na década de 30 da Freire & Cia., que vendia a tinta de escrever “Portella”³⁷; bem como a formação dos sujeitos que fariam uso do utensílio, sob a tutela da “Escola Remington”, de datilografia, dirigida em 1925 pela professora Nair Pinheiro Castello Branco, como atestam as páginas do segundo número do *Almanaque da Parnaíba*, onde se estampa clichê da escola. Em 1937, chega a Parnaíba a Torpedo, máquina de escrever comercializada pela J. G. Neves, que oferecia a venda a prestações³⁸. Nas décadas de 40 e 50 era a vez da Halda, máquina de escrever sueca comercializada pela Casa Marc Jacob S.A. Papeis também eram comercializados para os mais distintos fins, e para a datilografia não parecia existir uma casa comercial especializada – podia-se adquirir o bem tanto em livrarias, papelerias, como em mercearias e outras casas de ramo congênere.

³⁴ *Op. cit.*, p. 28.

³⁵ Em 20 de junho de 1948, escrevendo para o periódico *Gazeta*, de Teresina, Berilo Neves deixou importante crônica (intitulada “Um descobridor”) que ajuda a ilustrar tanto o perfil do industrial inglês referido como a importância que a cera de carnaúba, descoberta atribuída por Neves a James Clark, teve para a cidade. Anexo I.

³⁶ Anexo II.

³⁷ O registro mais antigo que se tem notícia em Parnaíba da produção de tinta para escrita encontra-se no jornal *Nortista* (1901), quando em sua edição de 5 de outubro 1901, levou a lume nota da confecção desse tipo de material pelo farmacêutico Thomaz Bem: “O hábil farmacêutico Thomaz Alves de Souza Bem teve a gentileza de oferecer-nos duas garrafas de tinta para escrever por ele preparada no seu laboratório químico, nesta cidade” (Nossa indústria. *Nortista*, ano 1, n. 40, 5 out. 1901, p. 2).

³⁸ *Almanaque da Parnaíba*, ano 13, 1937, p. 240.

Embora o mais antigo indício de instalação de uma livraria possa ser visto nas páginas do *Nortista*, quando se anuncia em 1901 que iria “[...] fundar-se brevemente nesta cidade uma livraria e papelaria, o que significa a realização de uma ideia merecedora do maior acolhimento³⁹”, suas instalações foram tardias⁴⁰, restando às tipografias o papel da comercialização de livros, como demonstra a anúncio coletado no periódico *Semana*, em que a Tipografia Basto desempenhava tal ofício:

LIVROS NOVOS

Goffiné – Manual do Cristão.
M. G. Souza – O Esmoler das Almas do Purgatório.
M. G. Souza – Tesouro da Piedade Cristã.
J. I. Roquete – Novas Horas Marianas.
A. Ferro – O Dedo de Deus.
Vendem-se na Tipografia Basto⁴¹.

Somente por volta de 1925, como outro anúncio indicativo, desta vez do *Almanaque da Parnaíba*, o município disporia da “Livraria e Papelaria Universal”, que à época parecia dividir espaço nas páginas periódicas com anúncios de outras livrarias instaladas no Maranhão e no Pará, como a “Livraria Soares”, a “Livraria Clássica” e a “Livraria do Povo”. A primeira, maranhense, divulgada no citado anuário de 1924; a segunda e a terceira, paraenses, anunciadas no de 1926. Mais tarde, em 1934, ver-se-á propaganda em Parnaíba da teresinense “Centro Elegante”, que também era papelaria; e no ano seguinte, a “Renascença”, que por anos especializou-se em serviços gráficos como impressão de livros, revistas, catálogos, memoriais, folhetos, ilustrações etc. Registra-se ainda a existência da “Livraria São José”, em 1940, localizada na então Travessa da Glória, n. 24, que dispunha do serviço de assinaturas do semanário católico carioca, *A União*. Essa empresa era de propriedade de Raimundo N. H. da Silva.

Em 1948, livrarias de outras praças teriam também interesse em divulgar suas marcas em Parnaíba, como ocorreu com a “Livraria Augustinho”, de Fortaleza, no Ceará (isso porque já àquela época o *Almanaque da Parnaíba* passa a ser impresso e também distribuído na capital cearense); onde ladeava com anúncios de outras casas

³⁹ *Nortista*, ano 1, n. 3, 13 jan. 1901, p. 2

⁴⁰ Antes, o *Nortista* acabava exercendo o papel de agente na venda dos livros de autores parnaibanos, como é o caso de Nestor Vêras (mais tarde intendente da cidade, no período que compreende os anos de 1917 a 1920) que, segundo anúncio no jornal (ano 1, n. 23, 8 jun. 1901, p. 2) lançaria em Teresina o livro de poemas intitulado *As Primícias*. Duas produções poéticas de sua autoria seriam publicadas no *Nortista*: um soneto, “Minhas vizinhas” (*Nortista*, ano 1, n. 30, 27 jul. 1901, p. 2; anexo III), e um conjunto de sextilhas, “As três irmãs” (*Nortista*, ano 1, n. 34, 24 ago., 1901, p. 2; anexo IV).

⁴¹ *Semana*, 4 set. 1910, ano 1, n. 13, p. 2.

congêneres que também tinham surgido na cidade, como a “Gráfica e Livraria Americana” e a “Papellaria e Tipografia Heitor Ribeiro & Cia”. Nesse mesmo ano a “Centro Elegante”, com oferta de venda de livros de instrução, música, literatura, direito e medicina, já aparece com filial no norte piauiense e a “Papellaria Santo Agostinho”, de Campo Maior, Piauí, também ensaiam a oferta de seus serviços. Um mercado, portanto, aparentemente promissor dos anos de 1924 para 1948, quando avaliado que além das vendas regulares que se davam em casas comerciais, havia vendas avulsas em “pontos de jornais” de livros clássicos da literatura universal, como atesta o excerto coletado da revista *Gleba*⁴²:

Os melhores livros
 Coleção “S. I. P.”
 O Conde de Monte Cristo – Homens do Mar
 Cossacos – O Noventa e Três [sic]
 Os Miseráveis
 E outras obras célebres
 Pelos menores preços.
 Cada volume:
 2\$ - Brochado 3\$ - Encadernado
 Soc. Imp. Paulista
 À venda em todos os pontos
 – de jornais –⁴³

Apesar da segunda década do século XX ser admito, em vista aos índices que os anúncios em periódicos retratam, como aquele em que esse tipo gênero comercial se desenvolve, o primeiro registro (tímido, mister destacar) da comercialização de livros em Parnaíba retrata o final do século XIX como aquele em que a cultura literária pouco a pouco parecia ganhar terreno em uma cidade praticamente analfabeta. Paulino Bastos era o nome do comerciante que se dispunha naqueles findos anos a trabalhar esporadicamente com tal gênero, em geral, “obras escolares: cartas de ABC, tabuadas, aritméticas de Trajano, gramáticas de João Ribeiro” (CAMPOS, 1948, p. 355). Anúncio coletado no periódico *Nortista*⁴⁴ demonstra alguns dos livros comercializados pela empresa, de caráter religioso. Mais tarde a Paulino Basto & Filho ampliaria seu tino comercial, tornando-se tipografia.

Outra empresa concorreria no comércio de livro em Parnaíba. Ela fora fundada quando “[...] dois moços do comércio, Luiz Dourado e Zenóbio Raposo, resolveram

⁴² *Op. cit.*, ano 1, n. 7, nov. 1933, p. 18.

⁴³ Anexo V.

⁴⁴ Livros religiosos. *Nortista*, ano 1, n. 32, 10 ago. 1901, p. 4.

explorar, heroicamente, a venda de livros”; assim, “[...] iniciaram um serviço de importação das livrarias do Rio de Janeiro e do Maranhão, formando a firma Dourado, Zenóbio & Cia. Mediante pequena comissão, encarregavam-se de pedir, com pagamento à vista, as obras que o freguês escolhesse⁴⁵”.

É ainda Humberto de Campos quem revela trechos de uma sociedade parnaibana ainda em processo de incorporação da literatura em seus costumes. Para o autor eram poucos os livros que circulavam em Parnaíba no final do século XIX:

Poder-se-iam contar, talvez, em 1898 e 1899, os romances e demais livros de recreio existentes na cidade, levados do Maranhão ou do Pará por algum viajante afortunado. *Os Apóstolos*, *O Mártir do Golgota* e a *História de um beijo*, de Peres Escrich; alguns volumes de Alexandre Dumas, de Ponson, de Richebourg e Júlio Verne, formavam uma pequena coleção para mulheres, que as moças e senhoras liam e reliam, e, não raro, ensopavam de lágrimas comovidas. Dois ou três rapazes possuíam escondidamente as suas dezenas de volumes, mas não os emprestavam a ninguém. O gosto das letras era, em suma, tão clandestino como os amores dos homens casados. Existia, mas secretamente. Ninguém falava dele (CAMPOS, 1948, p. 355-6).

Pelos títulos dos quais elenca o escritor na citação anterior, fica fácil observar o perfil dos poucos leitores que havia na cidade, cuja atenção não parecia residir, de fato, no objeto literário, mas nas leituras de caráter religioso e instrutivo; exceção para “alguns volumes” dos conhecidos Verne e Dumas, além dos hoje poucos lembrados Ponson du Terrail e Émile Richebourg.

Desse tempo à segunda década do século XX, a instrução pública parnaibana ensaia os seus primeiros passos com a criação, em 1922, do Grupo Escolar Miranda Osório, mantido pelo estado. Registros salvaguardados ainda no almanaque referido em supra indicam que em Parnaíba já existiam seis escolas mantidas pelo município e cinco colégios particulares, além de “6 outros não subvencionados” que “tiveram matrícula de 725 alunos e com frequência de 600”, do mesmo ano. Dentre os particulares, o “Ginásio Parnaibano”, anunciado desde 1901 nas páginas do *Nortista*⁴⁶; e o “19 de Outubro”,

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 356-7.

⁴⁶ Olynto José Gonçalves de Amorim foi seu fundador e primeiro diretor. Admitia já àquela época, segundo programa divulgado, o curso primário, secundário e especial (línguas e ciências), oferecendo ainda aulas noturnas para os empregados do comércio. Seu corpo docente podia ser composto nos regimes interno, semi-interno e externo (*Nortista*, ano 1, n. 31, 3 ago. 1901, p. 2 e 3). Nota da edição de número 32 (suplemento, p. 4) dá a conhecer a primeira formação docente da instituição e suas respectivas disciplinas: Português, Antônio Marques da Costa; Latim, José Serra de Miranda; Francês, Sociologia e Moral, Olynto J. G. de Amorim; Inglês, Antônio José Tavares; Aritmética, Álgebra e Biologia, João

dirigido pelo poeta Edison Cunha⁴⁷, advogado e literato que mais tarde se tornaria um dos articuladores da literatura no norte do Piauí, cujo reconhecimento estadual o possibilitou ingressar como membro fundador da Academia Piauiense de Letras, em 30 de dezembro 1917.

Iniciativas pública e privada pareciam dividir esforços no quesito melhoria de vida dos habitantes. Empreendendo novidade no setor das comunicações, o empresário Josias Freire Santiago cria na cidade a primeira rede telefônica, esta em 1926 já aparece anunciada no *Almanaque da Parnaíba* como “em vias de execução⁴⁸”. Não tardou para que a novidade, que havia surgido no Piauí no ano de 1907, fosse compartilhada com parte significativa de parnaibanos: em 1939 um anúncio do mesmo almanaque⁴⁹ já mostra o município dotado de telefone automático (ou seja, que não necessitava de uma central telefônica que repassasse a ligação), dois anos após a instalação deste mesmo sistema autômato na capital, que se deu em 17 de maio de 1937, no governo de Leônidas Melo.

Em 1940, na administração do prefeito Mirócles Vêras, Parnaíba contabilizava 200 telefones. É curioso observar que pelo menos desde 1901, segundo dados colhidos no jornal *Nortista*⁵⁰, Parnaíba já desfrutava de 42 linhas telefônicas (não automáticas) distribuídas entre os seus mais importantes comerciantes, a exemplo de James Frederick Clark, Delbão Rodrigues, Feliciano Gomes, Franklin Vêras, Marc Jacob, bem como instituições, como a Alfândega, Intendência e Hotel Gil. Como que numa campanha de instalação da aparelhagem e o seu perfeito uso, a empresa telefônica instalada na cidade divulgou na imprensa “Instruções para conversação telefônica”, em que detalha passo a passo o uso do aparelho, desde a rotação da manivela, a comunicação com a estação, até o modo correto de falar ao instrumento⁵¹.

Como está demonstrado, os dados refletem o que havia se edificado no cotidiano de Parnaíba. Aliás, do despontar dos primeiros meses do século XX às primeiras

Maria Marques Basto; História Universal e do Brasil, Física e Química, Francisco de Moraes Correia; Geografia e Desenho, Luiz de Moraes Correia; Literatura Nacional e História Natural, João Tavares de C. e Silva; Economia Política, Direito Pátrio e Lógica, Antônio Gomes Vêras; Escrituração Mercantil, José Hersaide Guimarães; e Música, Pedro José Braga. O colégio foi inaugurado no dia 15 de setembro de 1901.

⁴⁷ Edison Cunha também dirigiu em Teresina-PI, por volta de 1916, quando exercia a advocacia, o “Colégio Benjamim Constant”; tinha como vice-diretor o igualmente escritor Jonathas Baptista, conforme anúncio extraído do *Correio de Theresina*, n. 165, 11 abr. 1916, p. 4. Periódico semanal este, a propósito, em que Edison Cunha era, ao lado de Raymundo Paz, redator.

⁴⁸ *Op. cit.*, p. 16.

⁴⁹ P. 150-1.

⁵⁰ *Nortista*, ano 1, n. 2, 9 jan. 1901, p. 4.

⁵¹ *Nortista*, ano 1, n. 11, 16 mar. 1901, p. 5.

manifestações organizadas de trabalho intelectual, palavras de ordem pareciam cada vez mais presentes nas páginas da imprensa, dentre as quais “civilização” (*Nortista*⁵²) e “progresso” (*Almanaque da Parnaíba, Gleba et al.*). A cidade, na segunda década daquele século, portanto, “civilizava-se”, obedecendo sem muito esforço ao espírito de Figueiredo Pimentel e sua coluna “Binóculo” na *Gazeta de Notícias* (RJ), reflexo do que já consumia a capital federativa, mais especificamente a cidade do Rio de Janeiro, quando na administração do prefeito Pereira Passos (presidente Rodrigues Alves) experimentou uma verdadeira remodelação urbanística que lhe deu ares metrópole moderna, contraposta ao aspecto colonial de então. Em Parnaíba a administração de Nestor Gomes Vêras (1917-1920) permitiu aos parnaibanos a remodelagem de suas ruas, abertura de avenidas e a troca dos lampiões por postes de luz elétrica⁵³.

Um surto, sim, de transformação, que nas palavras de Manuel Domingos Neto (1993) se manifestava

Na rápida aglomeração de pessoas, na febre de construções de grandes prédios e belas residências, na abertura de avenidas, no calçamento de ruas, na construção praças. E também no aparecimento das maravilhas do mundo industrial, que rapidamente passam a integrar o cotidiano dos parnaibanos. A luz elétrica, os carros, o cinema, o rádio, o sorvete, novidades que o piauiense do interior demoraria um pouco mais a conhecer (DOMINGOS NETO, 1993, p. 76).

Apesar das primeiras manifestações teatrais em Parnaíba terem sido encenadas ainda na segunda metade do século XIX, sendo algo constante quando se inicia o XX⁵⁴; o cinema, que integra tanto uma conjuntura moderna quanto de propagação das letras chega a Parnaíba na primeira metade do século XX e em pouco tempo populariza-se, inspirando a fundação de periódicos, como o *A Tela, house organ* editado pela firma “Ferreira e Filhos”, proprietária do Cine-Teatro Éden, prédio cinematográfico de arquitetura *art decó*, em cujos “anos de pleno funcionamento [anos de 1920 e 1930]⁵⁵]

⁵² Anexo VI.

⁵³ Admitindo que a instalação na “cidade” de lampiões remete no mínimo aos anos de 1835 (como demonstra o jornal de mesmo ano *O Correio*, de Oeiras, que publicou decreto autorizando a instalação de 30 lampiões da “Villa da Parnahiba”), tem-se uma ideia do avanço que representou para a sociedade da época, que interpretou tal feito como indício de modernidade.

⁵⁴ Notas alusivas ao movimento teatral na cidade coletadas no jornal *Nortista* demonstram que essa constância em 1901 chegou a ser tanta que a cidade receberia grupos de diversas partes do Brasil e seus espetáculos ocorreriam de uma a duas vezes por semana.

⁵⁵ Um texto de 1933, publicado na revista *Gleba* (n. 5, set. 1933, p. 18), ilustra a chegada do cinema falado na cidade, e a consequente empolgação do público em frente a essa inovação: “Inaugurou-se ontem, o Cinema Falado em Parnaíba. § O ‘film’ que foi focado e que deu oportunidade à sociedade parnaibana entrar em contato com a maravilha de Hollywood [sic], foi a extraordinária película ‘Madame Satan’. § Composto de dois aparelhos, Movietone e Vitaphone, o EDEN está devidamente aparelhado para

chegou a ser considerado um dos principais do Norte e Nordeste⁵⁶, e por anos ostentou-se por ser “[...] a primeira e mais bem montada casa de exibições do Piauí⁵⁷”. Foi ainda nessa casa de espetáculo que a cidade teria assistido a artistas de consagração nacional como “Procópio Ferreira e sua filha Bibi, Barreto Júnior, Rodolfo Mayer, a dançarina Virgina Lane e Lola Montez [...] Valdir Camon, Nelson Gonçalves, Emilinha Borba, Ângela Maria [...]”⁵⁸.

Além do Cine-Teatro Éden, nesta mesma época a primazia da projeção cinematográfica era dividida ainda entre outras duas salas, a do Palace Cinema e a do Royal Kinema, este que surgiria na cidade através da empresa F. Barbosa & C., inaugurada em 5 de outubro de 1919. O Royal funcionou em Parnaíba em prédio localizado na praça Santo Antônio, antigo espaço do Ideal Cinema.

A relevância de Parnaíba para o estado devido ao seu apogeu econômico refletia-se em dados estatísticos, cujos números e suas conseqüentes divulgações, apontavam a cidade, ainda em 1924, como a principal do estado⁵⁹ (*Almanaque da Parnaíba* de 1924, p. 11). Essa chancela, alcançada no período colonial⁶⁰, era a síntese de um argumento que impôs seu respaldo: a navegação fluvial e marítima.

A cidade de Parnaíba se destaca no contexto histórico colonial por ser efetivamente a primeira cidade-beira piauiense com fortes características comerciais. A navegação fluvial e marítima contribuiu para seus primeiros êxitos comerciais, tornando-a um centro importante conhecido em toda a colônia e além-mar (GANDARA, 2010, p. 234).

Se o canal fluvial com desembocadura para o mar era uma condição privilegiada que legou à cidade uma posição de *status* entre os demais núcleos populacionais das

fornecer o máximo de conforto aos ‘habitués’ de nossa terra. § Dada a perfeita dicção, a modelar sintonia aplicada aos aparelhos, causou um grande sucesso a arte que foi tão elogiada pela pena brilhante de Ruy Barbosa. Com os nossos parabéns à dedicada firma cinematográfica Empresa Ferreira & Irmão, fazemos votos para que o público de Parnaíba, sempre pronto a apoiar os empreendimentos louváveis, saiba corresponder ao esforço da referida Empresa, indo hoje assistir à ‘reprise’ do Cinema Falado. § O ‘film’ é ‘Madame Satan’... E isto basta”.

⁵⁶ Acendam as luzes. O cine Éden acabou. *Histórica*, ano 1, n. 1, abr. 2008, p. 15-6.

⁵⁷ Idem, *ibidem*.

⁵⁸ Idem, *ibidem*.

⁵⁹ Humberto de Campos, que morou parte da infância na cidade, final do século XIX e início do século XX, também expõe esse dado em seu livro *Memórias: 1886-1900* (1933), quando de sua chegada em Parnaíba pela primeira vez, após temporada em São Luís, no Maranhão: “Subimos o rio, a remo e a vela, durante duas ou três horas. E saltamos em Parnaíba, que era, como ainda hoje, a cidade mais importante do Piauí” (CAMPOS, 1948, p. 129, grifo nosso).

⁶⁰ A esse respeito Gandara (2010, p. 235) informa que: “Ligada às coisas do rio e do mar, a vila de São João da Parnaíba teve como característica singular sua autonomia. Com a cobrança de impostos pelo Governo da Capitania, que deveriam ser pagos ao Senado da Câmara pelas embarcações que atracassem no Porto das Barcas, foi a única Vila com fonte própria de renda”.

terras piauienses, sendo ela “as portas de entrada de produtos importados [de] diversas partes do mundo” (MENDES, 2008, p. 75), a manutenção desse porte dependia diretamente do fluxo de troca comercial pelo mar e pelo rio.

Muito mais do que manter um porte econômico, a questão alcançava uma percepção ímpar no que concerne o desenvolvimento, ainda, das artes, das letras e das ciências, como bem expressa o pensamento de Armando Madeira⁶¹, o primeiro presidente da Associação Comercial de Parnaíba, fundada em 1917: O vigor financeiro, o advento de uma nova era de riquezas incalculáveis, e até o desenvolvimento rápido e fecundo das artes, das letras e das ciências, tudo dependerá da influência maravilhosa do mar (MADEIRA *apud* MENDES, 2008, p. 31), fato que, no entanto, cessou nos anos de 1950, quando “o transporte rodoviário desestimula a hidrovia” (DOMINGOS NETO, 1993, p. 79).

Além disso, a estagnação política e econômica do país, bem como a desvalorização da cera de carnaúba, cujos derivados já podiam ser fabricados sinteticamente⁶², levam Parnaíba ao declínio de “sua posição estratégica no fluxo de trocas comerciais⁶³”. Se os assoreamentos foram pouco a pouco minando a hidrovia, a ponto de sua navegação se tornar em determinadas épocas do ano inviável, o declínio do transporte ferroviário também contribuiu para que o quadro se tornasse dramático⁶⁴. É de 1945 o relato de Renato Castello Branco acerca da realidade do rio que se tornava cada vez mais inviável devido, segundo ele, ao estado de abandono e negligência do poder público em construir um porto: “[...] nossa via natural de escoadouro se torna cada vez mais imprestável, cada vez mais inútil, obstruída pelos cômoros, pelas dunas, pelos destroços de embarcações que lhe estorvam o curso” (CASTELLO BRANCO, 1945, p. 229-30).

Antes da lenta decadência econômica iniciada de Parnaíba na década de 1950 (como se verá adiante), devido às condições climáticas próprias do Nordeste os

⁶¹ Foi ainda poeta e prosador. Assinou variadas colaborações na imprensa parnaibana desde o alvorecer do século XX.

⁶² Como informam Tarja e Tarja Filho (1995, p. 145): “O ciclo da extração e exportação da cera de carnaúba teve seu declínio logo após a II Guerra Mundial, devido à substituição do produto por sintéticos e derivados de petróleo no mercado mundial, e, em meados da década de 50, verifica-se a queda brusca dessa atividade e a desorganização do processo de exportação”.

⁶³ *Idem, ibidem*.

⁶⁴ Segundo Queiroz (2011, p. 24), a preocupação com o assoreamento do rio vinha de longe, já em 1903, “[...] a recém-fundada Associação Comercial do Piauí solicitava dos representantes do Estado, nas duas casas do Congresso, o empenho no sentido de conseguir uma estrada de ferro que comunicasse Teresina a Amarração. [...] os comerciantes alegavam, como justificativa: as dificuldades crescentes da navegação do rio Parnaíba, principalmente no período de estiagem”.

exportadores da cera de carnaúba construíram fortunas, amparados pelo controle de sua produção, que perdurou numa quase hegemonia do produto durante décadas:

Planta nativista, com o exclusivismo feroz de uma Revolução no Brasil: levada, pelos ingleses, para as suas colônias no Oriente, ela recusou-se a dar cera – a amável cera que tanto serve às indústrias do nosso tempo (NEVES, 1941, p. 2).

Dados computados no livro *Piauí: formação, desenvolvimento e perspectivas* (1995) registram a produção dessa matéria-prima, de 1939 a 1949, como responsável por 70% da receita o estado. Foi, não quiçá, uma espécie de redenção do Piauí, que tentava se recuperar da crise econômica enfrentada no ano de 1913, desencadeada pela “degringolada das exportações da maniçoba e a falência do Estado” (QUEIROZ, 2011, p. 33). Devido aos saldos positivos do negócio da cera, o “[...] Piauí chegou a alcançar o 7º lugar nas exportações nacionais nos anos de 1941 e 1942 [consequentemente] toda a região norte do Piauí prosperou graças à carnaúba” (TARJA; TARJA FILHO, 1995, p. 144).

Seguindo cronologicamente os dados estatísticos do primeiro quartel do século XX observa-se que, afora a cera de carnaúba, dos produtos de exportação que no primeiro semestre de 1924 rendiam lucro aos comerciantes de Parnaíba, o algodão em pluma se destacava dos demais, inclusive da cera de carnaúba. O *Almanaque da Parnaíba* do ano de 1925 registra que no período supracitado, quase meia tonelada do produto saía de Parnaíba escoada pelos portos de Amarração e Tutóia com destino a outras partes da nação.

Entre os produtos exportados para a Europa, no mesmo período, destacam-se com larga vantagem as amêndoas de babaçu, que alcançam a cifra de 5.765.906 quilos; e para os Estados Unidos, mais especificamente a cidade de Nova Iorque, ainda carente da indústria de polímeros, a cera de carnaúba, esta que sozinha representava um volume de exportação de 337.607 quilos. Esses dados, porém, não ilustram o valor que cada produto tinha no mercado externo. Como ainda informa o ensaio “Carnaubeira: Alma do Nordeste”, de Berilo Neves, publicado no *Boletim estatístico do Piauí*, de 1941, se a cera de carnaúba no ano de 1900 valia 12 contos, já na década de 40 alcança a cifra de 370 contos, uma supervalorização de mais de 3.000%, por essa razão o escritor chega a afirmar: “é o maior salto que se conhece na história das matérias-primas⁶⁵”. Essa

⁶⁵ *Op. cit.*, p. 2.

supervalorização, relacionada especialmente pela guerra que abateu o mundo no período, também se ligava à própria natureza do produto, cuja

[...] utilização era vasta, desde simples óleo de iluminação, já no século passado [ref. Século XIX], até velas, pílulas, emplastros, unguentos, sabonetes, material isolante, discos fonográficos, polimentos, graxas, lubrificantes, encerados, papel carbono e como matéria prima bélica, entrando na fabricação de pólvora na II Guerra Mundial (TARJA; TARJA FILHO, 1995, p. 144).

Sobre o dito, Maria do Carmo Oliveira, articulista da revista *O Arauto*, em 1950 lançou ensaio acerca da importância desse vegetal para a economia piauiense. Entre os pontos destacados, a valorização da carnaúba no tempo da Segunda Guerra Mundial:

Nos últimos dez anos esta palmeira teve influência primária na economia do nosso Estado. Por necessidade de guerra foi muito valorizada, sofrendo pequena baixa com o emprego de sucedâneos. Em 1945, como é sabido de todos, atingiu o preço máximo de Cr\$ 1.000,00 (mil cruzeiros) por quinze quilos [...]. A sua utilidade para quase todos os fins é um fato, basta dizer que num carnaubal o homem pode viver, tendo tudo extraído da “Árvore da Vida”, segundo o Barão de Humboldt, desde a casa para abrigar até o depurativo para seu sangue⁶⁶.

Ora, se “Parnaíba foi a principal cidade de comercialização do produto⁶⁷” e “Por necessidade de guerra⁶⁸” ele foi muito valorizado *pari passu* às fontes numéricas do período, fácil deduzir a fortuna que gerou para o Estado, em especial ao Norte piauiense, por onde escoava.

Parnaíba, que vivia o seu fastígio econômico, além de possuir as principais firmas de exportação e importação, passou a contar com indústrias de transformação dos produtos originários das atividades extrativas, como refinaria de cera de carnaúba, curtumes e produtores de óleos vegetais. Grandes fortunas se formaram e, ao mesmo tempo, a exploração dos carnaubais, por ser uma atividade que absorvia muita mão de obra, propiciou rendimentos a grandes contingentes da população do norte do Estado (TARJA; TARJA FILHO, 1995, p. 145).

O *Boletim estatístico do Piauí* indica ainda o ano de 1939 como aquele em que “só o Piauí, exportou, pelo porto maranhense de Tutóia, 4.500.000 quilos de cera, no

⁶⁶ *O Arauto*, ano 2, n. 5, mar. 1950, p. 9.

⁶⁷ TARJA; TARJA FILHO, 1995, p. 144.

⁶⁸ OLIVEIRA, 1950, p. 9 (*O Arauto*, ano 2, n. 5).

valor aproximado de 60.000 contos⁶⁹”, já em 1941, “[...] os cálculos mais pessimistas avalia[va]m em 100.000 contos a exportação piauiense desse produto⁷⁰”, que chegava em diversas partes do mundo como “América do Norte e Sul, Europa, Ásia e Oceania⁷¹”. Se em 1947 o Brasil, somando todas as suas unidades federativas, produziria 9.082 toneladas, só ao Piauí deve-se esse número 5.408 toneladas – quase 60% das exportações brasileiras do produto.

Como relata Neves (1941), como também Tarja e Tarja Filho (1995), a exportação da cera de carnaúba viria a mudar não apenas a realidade econômica experimentada pelo Piauí como abalaria profundamente a estrutura social, confabulando, pelo menos em Parnaíba, para o surgimento de sistemas praticamente inexistentes, como o educacional, o cultural e o literário – este transposto em veículos de imprensa, jornais e revistas; e formação de agremiações literárias constituídas por estudantes. Uma mudança significativa, que incluía, além disso, a transposição de sujeitos na escala social e econômica, como a dos

Pobres caboclos de chapéu de palha que tinham, há decênios, um carnaubal quase inútil – [e] hoje são milionários que reproduzem, no Piauí, no Ceará, as esquecidas opulências da Amazônia de há 30 anos⁷². Ganham, num ano, o que Flaubert não ganhou em toda a vida – depois de escrito a “Madame Bovary” e a “Salambô”... (NEVES, 1941, p. 3).

É nesse mesmo período que as firmas parnaibanas, representantes de grandes companhias de navegação, como a Moraes Correia & Cia (agente da Lloyd e da G. Gradwohl & Fils), computavam o movimento marítimo de 51 embarcações no porto de Tutóia, dentre as quais 15 inglesas, 2 alemãs, 2 dinamarquesas e 32 nacionais; já nos anos de 1940 esse número se elevaria para 130, formado por um conglomerado de empresas e dois convênios⁷³. Descontadas as dificuldades de comunicação e a implantação do serviço telegráfico, que em Parnaíba teria sido implantado em 1889 por Gustavo Dodt (15 anos após a sua implantação nos periódicos de maior importância da

⁶⁹ Op. cit., p. 3.

⁷⁰ Idem, *ibidem*.

⁷¹ *Cultura*, ano 2, n. 3, ago. 1950, p. 53.

⁷² Ref. ao ciclo da borracha.

⁷³ Segundo informações retiradas do *O livro do centenário de Parnaíba* (1945), que nominalmente elenca os referidos convênios: União Fluvial Ltda., de Parnaíba, e Empresa Fluvial Ltda., de Floriano; afora as empresas que compunham o quadro societário, sendo as brasileiras Lloyd Brasileiro, Companhia Nacional de Navegação Costeira da “organização Henrique Lage”, Companhia Comércio e Navegação, S. N. A. P. P.; e as estrangeiras Booth & C. Ltda., The Northern Pan American Line, Lamport & Holt Line Ltda. e Moore Mc Cormack Line.

cidade do Rio de Janeiro, como o *Jornal do Commercio*), percebe-se mais do que meros veículos de importação e exportação comercial, as embarcações eram, pois, um dos principais canais de comunicação de Parnaíba com os grandes centros econômicos do Brasil e da Europa – somente isso explica a razão pela qual o *Almanaque da Parnaíba* tenha anunciado também firmas de outros estados, afinal circulava, como agente de divulgação das matérias-primas piauienses, tanto em diferentes regiões do Brasil quanto nas praças da Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, como foi divulgado em sua edição do ano de 1935, apenas 9 anos de sua fundação. O contrário também ocorria com as firmas parnaibanas, divulgadas como representantes exclusivas de marcas estrangeiras⁷⁴ no Piauí, principalmente nas décadas de 40 e 50, através das páginas da *Reader's Digest*⁷⁵.

Por sua posição de entreposto comercial, Parnaíba acabou sendo, até a construção das primeiras estradas rodoviárias interligando capitais e outros centros metropolitanos do Brasil, a porta de entrada para autoridades que desejassem visitar Teresina. Uma rápida consulta em periódicos que compreendem as duas primeiras décadas do século XX, a citar os teresinenses *O Arrebol* e *Floresta*, vê-se uma quantidade considerável de notas que registram figuras importantes no cenário brasileiro com estada ou passagem obrigatória por Parnaíba a fim de alcançar outros destinos. Afora os próprios políticos do estado, como o então senador e literato Abdias Neves⁷⁶, que na manhã do dia 24 de março de 1923, chegara ao Piauí para averiguar “pessoalmente o andamento que vai tendo, os serviços de melhoramentos no Piauí, razão por que veio por Parnaíba certamente para melhor poder tratar da continuação dos mesmos [...]”⁷⁷. *Piauihy*, periódico editado em Teresina, de interesse do Partido Republicano, que circulou no estado de 1891 a 1911, também registra em suas páginas uma nota que ilustra o sobredito, da cidade como passagem a outras paragens do país e do exterior:

⁷⁴ Algumas marcas e suas conseqüentes representações no Piauí (firmas parnaibanas): *Caterpillar* (tratores estadunidenses, de Illinois), James Frederick Clark S.A.; *Smith-Corona* (máquinas de escrever), Neves&Cia; *Austin* (carro-furgão britânico, de Birmingham), James Frederick Clark S.A.; *Halda* (máquinas de escrever suecas), Casa Marc Jacob S.A.; *Eletrolux* (refrigerador sueco), Moraes S.A.; *Gargoyle* (lubrificantes para carros e máquinas), Poncion, Rodrigues&Cia. Ltda.; dentre outros.

⁷⁵ S.d.

⁷⁶ A propósito, Abdias Neves compunha, ao lado de outros intelectuais como Lívio Pacheco, Joel de Oliveira, Edson Cunha, Francisco Ayres e Benu da Cunha a seleta de homens de letras que se reunia em Parnaíba na Mercearia Bembém para as “tertúlias literárias”, como anota Junia Rego (2013, p. 258).

⁷⁷ *O Arrebol*, ano 9, n. 32, 31 mar. 1923, p. 1.

SENADOR ÁLVARO MENDES

Escrevem-nos do povoado do [sic] Miguel Alves, do Município de União: “O exmo. Sr. Dr. Álvaro Mendes, digníssimo representante deste Estado no Senado da República, foi alvo de espontânea e significativa manifestação de apreço neste povoado, por ocasião de sua passagem para a cidade da Parnaíba, em demanda da Capital Federal⁷⁸”.

O estado de euforia do comércio parnaibano, vinculado diretamente às praças europeias e norte-americanas atraiu para Parnaíba uma leva de coestaduanos que viam a cidade como a chance de progresso e trabalho de suas vidas⁷⁹, dentre eles os intelectuais que constituíram as bases de uma cultura beletrista, fundando periódicos, colaborando com os órgãos educacionais e atuando na vida literária, que a essa altura já incorporava ares de *cidade letrada*, posto tornarem o uso das letras em prol da expressão intelectual uma realidade na vida cidadina. Parte considerável desses homens de letras não apenas ascendeu a cargos do funcionalismo público (geralmente como professores dos recém-fundados institutos educacionais financiados ora pelo estado, ora pelo município), como também em cadeiras de alta patente, como as que ofereciam os vice-consulados então instalados na cidade: o alemão, o britânico, o português, o espanhol e o francês.

Alarico da Cunha⁸⁰, poeta e prosador cuja produção no período se multiplica em jornais e revistas de Parnaíba, como em outros estados, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro, ocupou durante anos o cargo de vice-cônsul de Portugal no Piauí. Portanto, como está demonstrado, Parnaíba já se configurava como uma cidade letrada na época, levando-se em conta que

Cidade letrada [seja] um conceito que procura explicar a participação de grupos de letrados na construção e consolidação da sociedade latino-americana desde a conquista ibérica até o início do século XX, estabelecendo por igual as relações e os vínculos que mantinham com o campo do poder. A tese central do conceito é que este grupo de letrados desempenhou um papel fundamental na fundação e organização das cidades americanas, inclusive no caso brasileiro [...] desde o início da cultura letrada no continente americano, a cidade

⁷⁸ *Op. cit.*, ano 14, n. 744, 30 abr. 1904, p. 4.

⁷⁹ A esse respeito, a nota (não assinada) “De cinema”, publicada no periódico mensal *Gleba* (n. 7, nov. 1933, p. 23), informa: “Ultimamente, Parnaíba tem sido muito visitada. E isto, talvez, por causa do grande reclame que já transpõe as nossas fronteiras. Por causa do formidável Progresso verificado, felizmente, em todos os ramos: na instrução, no comércio, na parte material... e, conseqüentemente, na Sociedade [...] a cidade se movimenta tanto diurna como noturnamente”.

⁸⁰ Alarico da Cunha foi membro das academias Piauiense e Maranhense de Letras. Pertenceu ainda à Associação Brasileira de Imprensa, ao Instituto Histórico e Geográfico do Piauí.

ocupou um papel de grande importância na construção do conceito de cultura e civilização, uma vez que a ela foi atribuída a dupla função de dominar e civilizar o seu entorno selvagem, quando não, substituir o estrato de uma civilização anterior, como sucedeu com as sociedades pré-colombianas (LEÃO, 2013, p. 263).

A esse respeito, é possível comparar Parnaíba, ou mesmo incluí-la, na perspectiva conceitual de Leão, principalmente no que tange a relação do gosto pelas letras com a incorporação, embora tardia, porém progressiva, de ideias como cultura e civilização.

É claro que no mínimo três fatores foram preponderantes para que em um nível primário a cidade, até então comercial, incorporasse em seu cotidiano uma cultura letrada: o crescimento econômico, a imprensa e o surgimento de um grupo intelectual de produtores culturais, como Alarico da Cunha⁸¹ e Raimundo Petit, para citar, por agora, esses dois: o segundo, vindo do Pará, e o primeiro, do Maranhão. Ambos fixaram moradia no município e disseminaram suas letras em jornais, revistas e no *Almanaque da Parnaíba*, além de terem sido agentes ativos em saraus organizados pelo Cassino 24 de Janeiro e em residências particulares.

Lívio Castello Branco, um dos jovens que abarcaram no porto de Tutoia com destino certo a Parnaíba, registra no primeiro quarteto e no último terceto de seu soneto *Parnaíba* a crença progressista daqueles que escolheram a cidade como destino de suas empreitadas de ofício:

Antiga, legendária, hospitaleira e ativa
Foi sempre do progresso a grande pioneira,
– Do nosso Piauí destaca-se a primeira
– Da nossa independência a flama primitiva!
[...]
Tornou-se Independente, Excelsa, Varonil,
Empório do Comércio, em feitos sem rival,
“A terra dos Heróis”, do “Norte do Brasil”!!⁸²

Enquanto para Lívio Castello Branco Parnaíba era “[...] legendária, hospitaleira e ativa”, para Jesus Martins (1894-1970), poeta maranhense que também se viu atraído pelo desenvolvimento parnaibano⁸³, não foi diferente em seus versos: “És grande, és

⁸¹O apêndice I, demonstra cronologicamente algumas das participações de Alarico da Cunha na imprensa parnaibana.

⁸² *Almanaque da Parnaíba*, 1925, p. 63.

⁸³ Em Parnaíba participou ativamente da imprensa e ainda exerceu o cargo de secretário do Cassino 24 de Janeiro, ao lado de Álvaro Mota (presidente), Delbão Rodrigues (vice-presidente), Alcenor Neves Madeira (2º secretário) e Godofredo Correia Lima (tesoureiro).

poderosa, és a cidade escol”, posto destacar-se, a seu ver, como “[...] Invicta cidade”, cujas “sendas em que trilhas” a levará “Para as glórias da Luz e da Prosperidade⁸⁴”.

Não é, portanto, difícil medir o impacto dessas transformações de “Prosperidade”, quando bem explicita o primeiro editorial do *Almanaque da Parnaíba*, de 1924, no espírito daqueles que conheceram a cidade ainda em condições de atraso. Nos últimos anos do século XIX suas

[...] ruas eram largas e numerosas, mas de areia solta: dos seus seis sobrados, três se achavam em ruínas, desabitados, e entregues aos morcegos e às corujas; o comércio guardava o seu sortimento nas prateleiras, nada deixando fora do balcão. Não tinha gás, não tinha carruagem, não tinha bondes (CAMPOS, 1948, p. 129).

Quando então o século XX se abriu, anunciando o crescimento econômico ao Norte piauiense e, por consequência a modernidade, comerciantes e industriais parnaibanos e estrangeiros que fixaram residência na cidade empreenderam “campanhas cívicas” de interesse ao município, que já àquele tempo ansiava por melhores estruturas para o seu intercâmbio comercial com outros países. Domingos Neto comenta esse momento de ascensão de Parnaíba:

Duas famílias estrangeiras, os Clark e os Jacob, construíram notáveis patrimônios. De tal forma integraram-se à comunidade que, tornaram-se “parnaibanos”. Muitas dezenas de empresas estrangeiras mantinham agentes ou sucursais na cidade. Os nomes estrangeiros agregavam-se facilmente a vida cotidiana em Parnaíba. Rossbach Brazil; Lyon, Cowdrey & Wilson; Beringer & Co.; Booth & Co. Ltda.; Werner Schluepmann, são alguns dos exportadores de grande presença na cidade (DOMINGOS NETO, 1993, p. 77).

O interesse desses grupos estrangeiros era comercial, em especial no que concerne a escoação dos produtos piauienses para o exterior; no entanto, ao tempo em que os estrangeiros usufruíam das matérias-primas que exportavam, impunham à cidade novos ares, “traziam algo de requinte, de refinado, de cosmopolita⁸⁵”, por essa razão, Parnaíba durante tantos anos tenha sido o “polo irradiador das novidades de fora⁸⁶”. A crônica “Do meu diário⁸⁷”, assinada por João Francisco na revista literária parnaibana *Gleba*⁸⁸ de 1933 alude à presença de estrangeiros comumente entre as ruas de Parnaíba:

⁸⁴ Trechos do soneto “Parnaíba” (*Almanaque da Parnaíba*, 1926, p. 33).

⁸⁵ Idem, *ibidem*.

⁸⁶ Idem, *ibidem*, p. 75.

⁸⁷ Anexo VII.

⁸⁸ *Gleba*, n. 7, nov. 1933, p. 11.

“Por toda parte um movimento de assombrar. Homens vermelhos, cheirando a uísque; sujeitos pálidos, bigodudos gente do Tejo. Sotaque estrangeiro ruas afora”; mais a frente, e após listar uma série de comportamentos e objetos da modernidade, admite-se o autor espirituoso quanto às transformações de sua cidade: “Só os parnaibanos da gema, poderão imaginar quanto me é agradável constatar este extraordinário progresso de minha terra”.

A relação dos parnaibanos com os estrangeiros é ainda evidenciada no *Almanaque da Parnaíba* (1940, p. 311), quando descrevendo o perfil do então vice-cônsul britânico em Parnaíba, R. J. Smith, registra mais um índice dessa realidade:

O escritório da Booth é o seu templo, e o seu serviço da Companhia sua religião. Mr. Smith consagra as suas horas vagas para distrair-se com os exercícios que lhe agradam, passeando a pé com os seus cães, andando a cavalo, jogando *tennis*, lendo bons livros e jornais ingleses e visitando os *Clubs*, *Bars* e cafés, só ou em companhia de amigos, que os tem muitos e vai sempre aumentando o número deles.

A esse respeito também se posiciona o poema “Parnaíba⁸⁹”, poema dividido em quatro quartetos, de Colombo de Oliveira, como outro reflexo desse período de permuta entre parnaibanos e estrangeiros, bem como ilustra a forma com a qual eram recebidos os homens que chegavam d’além-mar:

Cabocla nova de vestido novo
Que ao forasteiro com carinho abraça,
Dileta mãe de um soberano povo,
Orgulho do País, padrão da raça;

Como lembra Mendes (2008, p. 72) acerca da influência do comércio parnaibano com o que vinha de fora, para a mudança de hábitos e costumes que iam desde o “[...] aumento da compra e a sofisticação dos produtos”. Atrelado a isso, “profissões surgiram, casas comerciais foram se firmando e outras se especializando em determinadas mercadorias e atividades⁹⁰”. Todos os setores experimentaram transformação e novidade. Não seria diferente o lazer: foi por esse tempo que Parnaíba recebeu, segundo crônica de Brandão Costa, a visita do parque de diversões norte-americano *Coney Island*:

⁸⁹ *Harpa*, ano 1, n. 2, jun. 1936, p. 17.

⁹⁰ *Op. cit.* Talvez se encontre aqui a explicação do que Domingos Neto (1993) indica como “refinado”, “cosmopolita”.

Parnaíba, a cidade do “século do avião” que vive ultimamente na vertigem do evolucionismo, tem nestes últimos dias sentido verdadeiras sensações de alegria no “Coney Island” parque de diversões norte-americano, recém instalado na Praça da Graça⁹¹.

Anúncios em periódicos da época, e especialmente no *Almanaque da Parnaíba*, ajudam a ilustrar o perfil de sociedade que se desenhava naquele quinquênio, cujos aparelhos civilizatórios não apenas se instalavam *pari passu* a um desenvolvimento econômico, mas se firmavam como realidades que se manteriam por todo o restante do século XX, constituindo monopólios de famílias de grande importância econômica em todo o estado, representantes e agentes exclusivos que eram de marcas de prestígio no contexto parnaibano da época.

Em análise nas planilhas de importações do Piauí, nas diversas décadas do século passado, encontramos a compra para sua elite de automóveis, caminhões, rádios, refrigeradores, relógios de pulso, de bolso e parede, bebidas em geral, conservas, nozes, ameixas, queijos, bombons, chocolates, perfumaria, cosméticos, moda masculina e feminina, louças, artigos fotográficos, joias, porcelanas, chapéus, *livros, pianos e instrumentos musicais*, talheres, presuntos, charutos, manteiga e peixes em conserva (MENDES, 2008, p. 72, grifo nosso).

Edgar Correia, que residiu em Parnaíba em um período que antecedeu ao apogeu desse momento de grande impacto econômico no comércio nortista, descreve em crônica, com algum espanto, o surto e a velocidade de transformações que se davam na cidade:

Parnaíba: como estás mudada! Não pareces aquela que *deixei há mais de um ano atrás*. A revolução operou em ti um milagre. Deu-te uma feição de moça rica, cheia de adornos, que são teus jardins floridos e graciosos. Deu-te mais um pouco de vida com uma boa iluminação, *pontos de reuniões e palestras*. [...] Foste, pois, muito bem remodelada, Parnaíba!⁹².

Frisa-se aqui que esse tipo de observação se espalhou por quase todos os periódicos que circularam a cidade, inclusive fora dela: índice claro da visão que os outros municípios piauienses tinham de Parnaíba pode ser sintetizado pelo seguinte

⁹¹ Roda Gigante, *Gleba*, n. 7, nov. 1933, p. 19. Anexo VIII.

⁹² Parnaíba: a gleba das glebas, *Gleba*, n. 9, jan. 1934, p. 19-20, grifo nosso. Anexo IX.

trecho do artigo “Parnaíba, terra de trabalho e vida”, publicado na *Gazeta*, de Teresina, e republicado em *A Voz de Parnaíba*:

O Piauí orgulha-se, em verdade, de possuir no seu quadro territorial um trecho como esse em que se ostenta, garbosa e dinâmica, a velha cidade de Parnaíba, cheia de tradições gloriosas, de trabalho eficiente, de vida e vibração. [...] Parnaíba, em começo do século passado, já recebia o influxo da civilização inglesa, o que, por sem dúvida, lhe deve ter proporcionado esse espírito de atividade mercantil que tanto a tem engrandecido, tornando-a *a primeira praça comercial do Estado*⁹³.

O aspecto desenvolvimentista impulsionado pela atividade comercial e sua consequente atração de sistemas educacional e cultural, parecia um discurso uno que ecoava nas décadas as mesmas marcas de uma percepção otimista. Assim é que em 1944, ano em que a cidade se preparava para as festas alusivas do seu primeiro centenário, A. Pessoa fez-se lido pela crônica “A Parnaíba que eu vi”, publicada na revista *A Voz da Parnaíba*, trazendo para lume a expressão do município como “Atenas piauiense”, porque “[...] mais do que entre suas irmãs, *florescem em Parnaíba as luzes do saber*”⁹⁴:

Cidade laboriosa, sob o signo de Mercúrio e de trolha na mão, cresce assustadoramente, avantajando-se entre suas irmãs, levando além os frutos de sua indústria e conquistando galhardamente o título de campeã do progresso piauiense. [...] ao lado do labor, há os momentos de alegria; e foi assim, visitando teu teatro, vendo teu salão de festas sociais e admirando tua vida esportiva, tu a mim me pareceste jovem, folgazã, pleníssima de vida.

Fato é que sem a presença dos grupos estrangeiros em Parnaíba que trouxeram “requite [...] cosmopolita”, como bem expressa Domingos Neto (1993) no “surto de transformação” porque passava no início do século XX, parte significativa de jornais apartidários (forçoso que se pontue, porque desvinculados de partidarismos políticos por serem estritamente literários, embora alguns necessitados do mecenato estatal) – e até mesmo o próprio *Almanaque da Parnaíba* – não teria, também, surgido e resistido por muito tempo.

⁹³ *A Voz da Parnaíba*, ano 2, n. 2, p. 9, grifo nosso.

⁹⁴ A Parnaíba que eu vi. *A Voz de Parnaíba*, ano 2, n. 2, dez. 1944, p. 5, grifo nosso. Anexo X.

As condições para a manutenção de uma publicação regular surgiram apenas em Parnaíba, na década de vinte. Aí fervilhava atividade comercial e tomava vulto um processo de industrialização. [...] difundiram-se os dois ingredientes capazes de assegurar a circulação regular de um anuário com as características de um “almanack”. Primeiro surgiu um contingente de comerciantes com capacidade e disposição para pagar anúncios publicitários imprescindíveis a uma publicação do gênero. [...] surgiria também um grupo de senhores com veleidades literárias, amantes de crônicas, poesias, conversas espirituosas e longas discussões teológicas e filosóficas. Em boa parte este grupo era constituído de “caixeiros”, funcionários graduados de empresas comerciais (DOMINGOS NETO, 1993, p. 74-5).

Parte desses caixeiros-viajantes, formada por uma leva de jovens que se via atraída pela chance de estabelecer-se economicamente na cidade, vinha de estados vizinhos, como o Maranhão. Essas mesmas incipientes personalidades, adentrando no campo das letras, experimentaram do *status* que a imprensa proporcionava e usufruíram do funcionalismo público; assim também acontecia ao vizinho estado do Maranhão e no restante do país, como indica Leão (2013):

Ser proprietário ou redator de um periódico, tanto para os políticos, os partidos e os homens de letras, era assegurar, ao mesmo tempo, a possibilidade de um cargo como parlamentar nas próximas eleições e garantir também a proeminência como intelectual e escritor em um cenário político e cultural bastante disputado, em que a luta por cargos e empregos, sobretudo públicos, e pela sobrevivência neles, era uma característica saliente e quase invariável [...] (LEÃO, p. 399-400).

Reconhecendo as diferentes manifestações dos homens de letras, o inglês, o francês e o brasileiro, João Cezar de Castro Rocha (2000) chega às seguintes formulações: no caso anglo-saxão, o *self-made man*, ou seja,

[...] homem de letras, cujo êxito depende da relação estabelecida com o público consumidor de cultura; enquanto que o francês, homem de letras ‘cidadão’, [...] encontramos um homem de letras cuja missão civilizadora é mais bem cumprida quando apoiada pelo Estado (ROCHA, 2000, p. 220).

já o brasileiro, tipo funcionário público, “[...] um homem de letras cuja sobrevivência muitas vezes depende diretamente do subsídio estatal⁹⁵”. Maior detalhe do tipo de homem de letras francês traz Elizabeth Badinter, quando em sua trilogia *As paixões intelectuais* (2007) traça esse perfil na França, que tem início na primeira metade do

⁹⁵ Idem, *ibidem*.

século XVIII, quando são fundadas as academias Francesa e de Ciência. No caso brasileiro, e como Rocha (2000) deixa evidenciado, há indícios de influência francesa na constituição do homem de letras.

Já para Bulhões (2007, p. 28), “[...] os lances de convivência entre jornalismo e literatura poderiam melhor se esclarecem quando são levados em conta, mesmo que implicitamente, seus contextos de produção e difusão editoriais”, isso porque eles “[...] nunca estão desligados da concretude das relações econômicas e contingentes”, então se admite que alguns fatores poderiam fundamentar a existência de páginas periódicas em uma cidade que ainda ensaiava “civilizar-se”. A saber: a política, com a fundação de órgãos partidários e de alguma maneira o mecenato cultural; público leitor, índice de um sistema educacional pelo menos em formação (e é o que se observa a par do surgimento dos primeiros ginásios, colégios e centros de educação em Parnaíba, com especial destaque nos anos de 1920, bem como formação de críticos literários e tradutores nas páginas de imprensa); escritores, geralmente de outras cidades mais desenvolvidas, mas que se instalam em Parnaíba atraídos pela projeção comercial; tipografias, que de alguma maneira dão autonomia na arte composicional do veículo de imprensa; e, como via alternativa de financiamento (além daquela mantida pela política), a existência de um sistema comercial profícuo capaz de manter as páginas em troca de anúncios comerciais.

Além de propiciarem o surgimento e o consequente desenvolvimento das letras de imprensa, os estrangeiros comerciantes somaram força junto aos piauienses em campanhas travadas, desde o final do século XIX, para que o Piauí alcançasse a sua tão sonhada independência portuária. Dentre as tantas ideias levantadas em pouco mais de 20 anos estavam: a anexação de Tutoia ao território piauiense⁹⁶ e mesmo a construção do porto de Amarração. Essa atmosfera de lutas e insatisfações em frente ao próprio governo federal instituiu na cidade que assistia à modernidade refletida em sua infraestrutura e nos novos traços arquitetônicos um paradoxo; reflexo disso é o que traz Lívio Castello Branco no soneto *Progressos*⁹⁷:

⁹⁶ A campanha, levantada especialmente pelo jornal *Nortista* angariou um contingente de intelectuais a favor da causa, inclusive aqueles que estavam em outras plagas do país. Dirigindo carta aos redatores do *Nortista*, sob o título de “O Piauí progride”, dirigiu-se, da Paraíba, o cônego piauiense Fernando Lopes e Silva nos seguintes termos: “A Tutoia com todas as ilhas que lhe ficam adjacentes, há de ser reivindicada, porque nos pertence, e se este direito nos for negado pelos tribunais competentes, ao menos fique na história o nosso protesto” (op. cit., *Nortista*, ano 1, n. 26, 29 jun. 1901, p. 1).

⁹⁷ *Almanaque da Parnaíba*, 1927, p. 20.

Parnaíba progride!... Acorda o futebol.
De danças se organiza um clube colossal!
O cinema atingindo o máximo ideal,
Um prédio construiu brilhante como um sol!

O Auto ou Caminhão não teme o caracol
Das ruas da cidade, e corre triunfal.
Fundou-se um restaurante, correto, especial,
Onde se vê do Porto, o verdadeiro escol!

Da moda ou “bataclan”, se cuida com desvelo.
Uma Estrada de Ferro invade o sertão nu
Ligando o litoral ao centro em um só elo

Não deixamos, porém, de ser “Jeca tatu”,
Porque também progride o velho pesadelo
Do Porto em abandono, e seco o Igaraçu!...

Sintomático, portanto, esse poema, que delineia o perfil de uma cidade que nas primeiras décadas do século XX experimentava o contraste natural dos primeiros momentos de sua transformação: admitia aos poucos uma feição moderna, mas ainda enfrentava a realidade de seu passado “Jeca tatu”. Parecia Lívio sentir a progressividade moderna contraposta a do “velho pesadelo” da ideia de porto abandonado. Mais do que uma ironia a primeira sentença do verso inicial, “Parnaíba progride!”, essa progressão culminaria, apenas duas décadas depois, com o declínio de todas as esperanças de “escol”.

A perspectiva de contraste desse período é ainda discutido por Junia Rego (2013) quando infere a respeito das primeiras transformações arquitetônicas admitidas em Parnaíba, fase esta reconhecida tanto por essa pesquisadora quanto por Neuza Melo (2012), cujos traços urbanísticos da cidade evidenciaram um ecletismo típico da *Belle Époque*:

A nova aparência urbana de Parnaíba, como os estilos arquitetônicos que foram adotados, testemunham o estilo sofisticado da vida de seus proprietários. *Contudo, os serviços públicos essenciais à cidade eram deficientes ou ausentes*, como o sistema de água encanada e tratada, os esgotos, a iluminação pública, calçamento das ruas e coleta pública de lixo, para citar os mais evidentes (REGO, 2013, p. 240).

Outro contraste que experimentava Parnaíba residia na sua relação com a capital, Teresina, assim sintetizada: esta, capital política, aquela, econômica. Realidade que não podia deixar de estar no pensamento dos que viviam naquele tempo, e cujo índice não

pode ser encontrado apenas em dados estatísticos como também em produções intelectuais, a citar a de Mário Andrade Correia, que em crônica (“O Mar e o Sertão”) registra essa perspectiva antitética, aliás, evidenciada já no título:

Teresina, “Cidade Verde”, aquecida pelos raios vivificantes, do Astro-Rei; Parnaíba, “princesa do Igarapu” acariciada pelo ósculo da brisa oceânica. § Teresina, sede do governo, bela e hospitaleira, representa o cérebro que dirige e o coração que sente. § Parnaíba, laboriosa e comercial, é o músculo do Estado, sustenta em maior parte o edifício econômico⁹⁸.

O perfil traçado por Mario Andrade Correia acerca das duas cidades mais importantes do estado demonstra o aspecto que as notabilizava, de alguma maneira, independentes do ponto de vista econômico: enquanto a primeira sediava o governo do Piauí, a segunda sobrevivia de sua intensa atividade comercial e industrial, mantendo um intercâmbio muito comum com nações desenvolvidas principalmente do continente europeu.

Em 1932 seria a vez do *Almanaque da Parnaíba* levar a lume crônica assinada pelo poeta Vicente Araújo⁹⁹, intitulada “Parnaíba”, que pode ainda ser interpretada como índice desse período de contrastes. A impulsão do comércio ao desenvolvimento, porém, reaparece como fator que dialoga com os demais autores já expostos anteriormente:

É a cidade do trabalho, da paz e do progresso; é a mola principal do Piauí; é a vida a cantar o hino do progresso no ruído dos automóveis, das máquinas industriais, no tumultuar das ruas, onde tudo se confunde, onde a miséria se ombreia com o fausto, o luxo com a modéstia, e onde a atividade incessante dos que trabalham enxota a insolência dos vis¹⁰⁰.

Acompanhando o ritmo de atividade comercial e de alguma maneira consequente o desenvolvimento das letras, os literatos parnaibanos no segundo quadriênio ao século XX lotam espaços abertos ao público. À moda francesa, que fez

⁹⁸ *A Voz da Parnaíba*, n. 1, -- 1944, p. 34. Anexo XI.

⁹⁹ Vicente de Paula Fontenele Araújo nasceu em Parnaíba no dia 5 de dezembro de 1914 e faleceu, precocemente, aos 23 anos, em Belo Horizonte, no dia 4 de novembro de 1938. Segundo informa Aires (1972, p. 142), Vicente Araújo, “Trabalhou em ‘O Jornal’ e outros periódicos da antiga Capital Federal, publicando rodapés. Deixou livro inédito intitulado ‘Poemas de Amor e Morte’, e, em prosa, trabalhos avulsos. Nos últimos anos de vida, trabalhou em Belo Horizonte, MG, e em Lagoa Santa, como Desenhista do Ministério da Aeronáutica. [...] Patrono da Academia Piauiense de Letras, cad. n° 36, criada por seu irmão, o jurista e professor Darci Fontenele Araújo”.

¹⁰⁰ Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*, 1932, p. 71. Anexo XII.

dos cafés “Gradot” ou “Procope¹⁰¹” o encontro principal de intelectuais como Diderot, Rousseau, Piron e Fréret (CARPEAUX, 2008), Parnaíba manteve, pelo menos desde 1930, o “Café Sport¹⁰²”, anunciado nas páginas do *Almanaque da Parnaíba*, bem como em 1937, o seu “Café Globo¹⁰³”, divulgado nesse anuário em jornais daquele período, como *O Sino*; “Café Brasil” (onde em 1910 também funcionou o Cinema Pathé); e “O Antenor”, café-bar, os dois últimos localizados na praça da Graça, dispondo este de serviço, segundo anúncio no periódico *Cálamo*¹⁰⁴, de “[...] uma seção de snocker [sic]”; além do “Café Parnaibano¹⁰⁵”, da firma Seixas & Cia.

São esses alguns dos indícios de uma vida literária tardia, cujos cafés, na ausência de Academias ou Cenáculos, serviam de encontros aos homens de letras: neles, intelectuais mantinham-se em permanente troca de ideias, ocasionando posteriormente na fundação de órgãos de imprensa responsáveis pela disseminação da literatura no Norte do Estado, através de revistas especializadas e/ou mesmo jornais, dentre eles *Semana*, em cujos números sempre estampavam nas capas, produções poéticas de nomes como Benú da Cunha, Alda Cunha, Alarico da Cunha, Francisca Montenegro etc.

Além dos cafés, outros espaços pareciam sediar o encontro de poetas e prosadores, como a “Mavignier Comp.” (praça da Matriz), e a “Farmácia Humanitária”, de João Neves. Embora esses dois outros espaços não tenham sido reservados ao entretenimento, mas de caráter comercial, por propiciarem a reunião de intelectuais acabava incorporando algumas das características dos famosos cafés. A conhecida “Mercearia Bembém”, propriedade de Benedicto dos Santos Lima (fundador do *Almanaque da Parnaíba*), também se destaca como local obrigatório de encontros, em especial quando da mudança de seu tino mercadológico após a Crise de 29 que de alguma maneira refletiu em seus negócios, obrigando-a a se tornar editora e depósito de livros e artefatos de papeis: era, pois, a “Pequena Livraria”, que apesar da mudança do nome, continuou conhecida pela força de sua tradição como “Mercearia Bembém”,

¹⁰¹ Segundo Badinter (2007, p. 356, grifo da autora), Procope é o nome do “[...] mais famoso dos cafés [franceses] do século XVIII, aberto em 1689 na rue des Fossés-Saint-Germain, em frente à Comédie-Française, pertencia ao doutor Procope, que só queria saber de gracejos e ditos espirituosos. Ao contrário dos cabarés de outros tempos, o *Procope* não ficava mergulhado na penumbra para que os clientes não pudessem ser reconhecidos. O ambiente era perfeitamente claro, com lustres e espelho”.

¹⁰² Localizado na Praça da Matriz, n. 20 (hoje Praça da Graça), era de propriedade João Olympio do Monte. Contava, segundo anúncio, com uma “Bem montada seção de Bilhares e demais jogos de salão” (*Almanaque da Parnaíba*, ano 7, n. 7, p. 58).

¹⁰³ Homônimo ao que existia no Rio de Janeiro, na última década do século XIX.

¹⁰⁴ Ano 1, n. 1, 25 ago. 1944, p. 7.

¹⁰⁵ *Almanaque de Parnaíba*, 1933.

como indica Sólina Genuína dos Santos em *Benedicto dos Santos Lima*: intelectual autodidata:

Sua Mercearia era bastante frequentada. Os homens cultos, lá se reuniam, formando debates sobre assuntos diversos, estabelecendo-se verdadeiras “tertúlias intelectuais” Estes tipos de encontros ocorreram regularmente [...] Tratando-se de Benedicto dos Santos Lima, um apaixonado pela leitura instrutiva, não poderia faltar na Mercearia uma estante de livros, os mais diversos. Livros que eram lidos e decodificados na mente de seu dono e lá fixando o seu rico conteúdo numa “prodigiosa memória”. Bemém comprava tantos livros pudesse, formando ao redor de si uma biblioteca que crescia dia após dia (SANTOS, 1993, p. 18).

Edison Cunha, membro da Academia Piauiense de Letras, e um dos letrados que compôs a seleta de homens que se reuniam às portas da Mercearia Bemém, desfrutando com outros intelectuais de uma vida literária ativa, também testemunha acerca dessa espécie de “café literário parnaibano”:

A esquina da rua Duque de Caxias adquiriu [...] maior vivacidade, com as constantes tertúlias literárias, constantes e diárias, tornando-se o ponto de convergência de jornalistas, intelectuais, políticos e comerciantes. Os mais variados assuntos literários e problemas econômicos, comerciais e políticos (CUNHA, 1993, p. 72).

Analisando esses encontros entre intelectuais na Mercearia Bemém como indiciais de uma sociedade culturalmente madura, Rego (2013) conclui reflexionando sobre a importância das produções intelectuais de Parnaíba para o próprio Piauí:

[...] a sociedade parnaibana, representada pelo grupo que se formou ao redor de um comerciante, estava culturalmente madura e informada sobre o que se passava no mundo – graças ao seu contato comercial através do porto marítimo – e também que considerava a viabilidade de sobrevivência de tal gênero de publicação graças a um público de leitores que ultrapassava o da cidade, abrangendo todo o interior do Estado. *A influência cultural de Parnaíba, nesse sentido, já demonstra sua marcante atuação* (REGO, 2013, p. 263, grifo nosso).

Ora, se a “expansão da literatura na vida social necessita naturalmente de condições sociais particulares” (TYNIA NOV, 1973, p. 116), não se pode aqui omitir a função preponderante que as “tertúlias” tiveram nesses espaços específicos de encontro para a formação e o desenvolvimento das letras em Parnaíba, cujo resultado talvez tenha se refletido com maior intensidade quando da relação literatura e imprensa, que pouco a

pouco ali se confundiam e, ademais, o jornalista ou o homem de letras se tornava profissional da palavra: surge então mais um índice dos “produtores literários conscientes de seu papel”, a Associação Profissional dos Jornalistas de Parnaíba¹⁰⁶. Portanto, os cafés literários desempenharam uma função ímpar no que tange à publicidade do pensamento: “em vez do ‘protégé’, surge o profissional de letras” (CARPEAUX, 2008, p. 1.055); talvez por essa razão tenha o crítico austríaco afirmado que o advento do café literário represente “[...] a mudança social mais importante que a literatura sofreu em toda a sua história”. Com isso, além de identificar-se em um meio comum ao seu ofício, “Os homens de letras encontraram novo lar no ‘café literário’ e nova função no jornalismo¹⁰⁷”.

Porque o “[...] café encontra-se na fronteira do espaço social. Lugar de dissipação de tempo e dinheiro, de consumo de álcool e fumo” (MAINGUENEAU, 2001, p. 33) é que Carpeaux ainda analisa esse tempo ao que aparece a *Bohême*; no Brasil ela se estenderá nos grandes centros populacionais até por volta dos primeiros anos do século XX (sintomática a fundação de *A Bohemia*, em 1896, em São Paulo), e em regiões menos populosas, como Parnaíba, tardará por mais alguns anos. Fácil, pois, identificar os espaços que facilitaram o encontro dos homens de letras. Se em Paris era a rue des Fossés-Saint-Germain e em Londres a Grub Street as principais artérias que empregavam em seu conjunto jornais, livrarias e editoras, afora os cafés, pontos de convergência de escritores, tradutores e jornalistas; no Rio de Janeiro era a rua do Ouvidor; em Teresina a do “[...] café do velho Clemente, o Quelé” (CUNHA, 1945, p. 36); e em Parnaíba, a Duque de Caxias, cuja extensão e entorno abrigavam a “Mercearia Bembém”, tipografias (“Comercial” e “Renascença”), bem como bares e restaurantes, também propícios ao exercício dialógico da inteligência.

Anúncios de bebidas alcoólicas, distribuídas nos mais diferentes periódicos, e sua crescente divulgação a par de espaços públicos para esses fins de consumo no decorrer dos anos do século XX, desenhavam de alguma forma não o perfil, mas as opções facilitadas de consumidores em uma época específica. Se no final do século XIX os anúncios comerciais distribuídos em periódicos parnaibanos como *O Patriota* (1892) concentravam-se em produtos, como fitas de cetim, gravatas de seda, colarinhos, perfumes, e com certa timidez, vinhos, dentre os quais o “Vinho Sanganhoal”. Do século XX em diante ver-se-á a divulgação de fábricas de bebidas, como a “Fábrica Estrela”,

¹⁰⁶ Criada em 24 de novembro de 1957. Posteriormente em Parnaíba surgiria o Sindicato dos Jornalistas.

¹⁰⁷ Idem, *ibidem*.

representada pela empresa Gomes Vêras & Comp., cujo anúncio assim declarava: “depósito de bebidas de todas as qualidades, como sejam aguardentes comum, Especial, Pernambucana, Velha e do Cumbe, vinhos finos e de frutas: Ananás, Jenipapo, Murici, Manga, etc. [sic]”, e é nessa mesma lógica de enumeração que o anunciante informa da existência dos extintos “Vinho Clarice e D. Marcos, feitos de passas escolhidas”¹⁰⁸.

Já nos anos de 1930 ver-se-ão com maior intensidade anúncios de bebidas como a cerveja, em especial relacionadas a casas comerciais que, além de ofertarem a venda dispunham de espaço para consumo; nomes, hoje extintos, de marcas como “Cerveja Cascatinha”, “Teutônia da Brahma” eram propagadas, inclusive, em revistas literárias como *Gleba*, outras como a “Hanseática Pilsen”, “Antártica”, “Pilsener”, eram divulgadas na mesma época, porém na congênere revista *Harpa* (1936), cuja direção contava com R. Fonseca Mendes, Linon Ribeiro Gomes, Antônio B. dos Santos e Mário Carvalho.

É forçoso observar ainda que o próprio anuário *Almanaque da Parnaíba* não esteve indiferente a essa fase da boemia parnaibana, posto sua edição de 1939, organizar concurso específico: sob o título de “Uma surpresa aos nossos leitores”. O periódico desafiava os leitores a identificar na fotografia impressa, cinco homens em volta de uma mesa redonda de bar com algumas garrafas de bebida; o concurso, quiçá jocoso, consistia em o leitor enviar à redação do almanaque o nome, sobrenome, lugar, ano, mês e dia de nascimento de todos que estavam no “instantâneo”. A par do momento em que a cidade vivia, assim se refere o anuário, em uma espécie de *merchandising* característico, ao consumo do líquido: “A cerveja é, sem dúvida, a mais salutar de todas as bebidas. Quem bebe cerveja, goza de saúde, vive satisfeito e passa bem, especialmente, se a cerveja for ‘ANTARCTICA’”¹⁰⁹.

Dos espaços apreciados pela boemia parnaibana, viam-se ainda o “Bar Restaurante Glória”, de propriedade de Carlos Henrique de Melo, cujo anúncio informa ter “[...] boa prática em estabelecimentos similares em Nova York, Estados Unidos da América”¹¹⁰; o “Bar Pimpão” (praça da Graça), cuja epígrafe declarava ser “o bar da multidão”¹¹¹, e o “Pavilhão Bar”. Afora esses espaços, dispunham-se ainda dos salões da Booth Line, à Rua Grande, e do Cassino 24 de Janeiro, este clube da elite; e o “Clube

¹⁰⁸ *Semana*, ano 1, n. 2, 26 nov. 1916, p. 3.

¹⁰⁹ *Almanaque da Parnaíba*, 1939, p. 323.

¹¹⁰ *Gleba*, ano 1, n. 8, out. 1933, p. 17.

¹¹¹ *Panorama Estudantil*, ano 1, n. 2, jun. 1939, p. 39.

dos Terríveis¹¹²”; antes deste, os outros dois últimos também sediavam saraus, tendo o cassino na década de 40 recebido o poeta pernambucano Rogaciano Leite (1920-1969), cuja visita à cidade ainda contou com uma participação especial no programa “Lítero Musical”, da PRJ-4¹¹³.

ROGACIANO LEITE, em excursão cultural, permanecera alguns dias nesta cidade, onde se fez ouvir por diversas vezes, conquistando através do verso e da oratória uma legião de admiradores e o aplauso sincero do nosso público. Depois das manifestações que lhe foram prestadas, pela família e estudantes parnaibanos, valendo-se de um BAILE no Cassino 24 de Janeiro e de um programa LÍTERO MUSICAL NA PRJ-4, onde se pronunciaram os intelectuais conterrâneos sobre o jovem bardo [...]¹¹⁴.

Registros anteriores, mais precisamente do ano de 1901 (cf. *Nortista*), já demonstram em Parnaíba a existência de clubes (dentre eles o “Orquestra Italiana” e o “Club Recreativo”) e a organização de “saraus dançantes”, dos quais a sociedade parnaibana se congregava atraída por anfitriões diversos – parte significativa formada por comerciantes, como é o caso do farmacêutico Thomaz Bem, que comumente reunia amigos à passagem de seus natalícios.

Cafés, jornais e literatura: três ingredientes que pareciam retratar sem grande prejuízo os homens que viveram da e para as letras de imprensa, a começar no século XIX e tardiamente na primeira metade do século XX, em núcleos populacionais menores como Parnaíba. Observando toda a conjuntura que se forma a par do fator econômico, notório compreender a atração do intelectual de letras pelo jornal, motivada por aquilo que Sodré (1977, p. 334) infere: “Os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível”. Como indica também Gomes (1983, p. 39), coadunando-se a Sodré, foi por essa época de “nova função no jornalismo”, como diz Carpeaux, que no Brasil: “Os literatos passaram a viver da imprensa, procurando usar os jornais e as revistas ilustradas para conseguir fama e meios de sobrevivência”.

No caso de Parnaíba, a notoriedade não encontrada em livros (mesmo por conta da dificuldade de levá-los a lume) foi um dos principais motivos que permitiram, pelo

¹¹² Como informa a revista *A Economista*, periódico anual de grande tiragem (20.000 exemplares), que circulou o Piauí e o Maranhão no primeiro quinquênio do século XX, precisamente no período de governo do então prefeito Mirócles Vêras (1934-1936/1937-1945). Foi em suas páginas que se lançou, no sexto ano, um dos perfis mais detalhados da cidade de Parnaíba na época.

¹¹³ Primeira emissora de rádio do Piauí, mais tarde denominada Rádio Educadora.

¹¹⁴ “Carnet de o Sumário”. *O Sumário*, ano I, n. 5, 1947, p. 6, grifos do texto original.

menos nas páginas do anuário *Almanaque da Parnaíba*, a publicação das produções de inúmeros escritores que em vida nunca publicaram livro, como Lívio Pacheco, trovador e sonetista dos mais atuantes nos jornais parnaibanos das primeiras décadas do século XX e colaborador do citado anuário¹¹⁵; além de Jesus Martins e Thomaz Catunda, sonetistas de métrica alexandrina.

A entrada de produções literárias nos jornais, iniciada ainda no século XIX, permitiu que o público leitor fosse ampliado, aumentando a vendagem dos exemplares. Uma via, portanto, de duas mãos, como anota Pena (2006, p. 6) em consonância ao pensamento de Sodré: “Para os escritores, também era um bom negócio. Não só porque recebiam em dia dos novos patrões, mas também pela visibilidade que ganhavam a partir da divulgação de suas histórias e de seus nomes”.

Se no Brasil a relação da imprensa com a literatura transformou, principalmente no século XX, o escritor em profissional, ela incorporou facilmente duas linhas de ação: a primeira, relacionada à metalinguagem, ou seja, crítica; e a segunda, o texto literário em si, geralmente difundido em folhetim e, posteriormente, em colunas dedicadas às narrativas curtas, em especial o conto, gênero este explorado pela maior parte dos prosadores parnaibanos. Acerca do primeiro ponto, Aguiar (2004) reconhece que:

[...] a imprensa foi modificando sua função informativa, à medida que assumia o papel de formadora de opinião e reguladora, estabelecendo parâmetros, canonizando ou não as obras divulgadas, apoiando ou relegando ao esquecimento certos autores, exercendo a missão de mediar a leitura, levando o leitor em potencial a indicação, a sugestão e a crítica (AGUIAR, 2004, p. 68).

Do segundo ponto, outra forma também muito difundida foi o poema, publicado nas suas mais diferentes formas, com destaque ao soneto.

É preciso considerar o papel relevante que ela [a imprensa], de modo geral, cumpriu como difusora das ideias e das letras. Em um país onde a indústria do livro somente começa a estabelecer-se, aumentando paulatinamente o progresso técnico e a tiragem das edições, é necessário compreender que o jornal foi, durante muito tempo, a antessala para a carreira da expressiva maioria dos literatos e intelectuais do século XIX, visto que a imprensa era o principal veículo de informações e também o meio mais eficiente de propagar um nome e atingir, assim, um público de pessoas com hábitos mais ou menos regulares de leitura. [...] A colaboração para a imprensa era um

¹¹⁵ Segundo a família do escritor, Lívio Pacheco, que se utilizava do pseudônimo Lily Pery, teria deixado um projeto de livro, de título *Mané Burro*.

caminho seguro e certo rumo à profissionalização dos homens de letras, ao mesmo tempo em que abria espaço para o aumento progressivo do prestígio social do escritor ou jornalista e, com isso, a consequente influência política sobre a opinião pública nascente (LEÃO, 2013, p. 207).

Há, portanto, em toda essa conjuntura a possibilidade de entender, pelo menos primariamente e a par de uma expressividade atrelada ao aspecto econômico, o desenvolvimento na cidade pelo gosto estético, uma vez que ele implica elementos extraliterários que incorporados às ideias em torno do fazer artístico, pode esclarecer a consciência literária em uma determinada época e lugar. Questão, não por ventura, delicada no campo da própria recepção estética, em que Felix Vodička (1978, p. 305) influi com alguma reserva: “Não se pode negar que haja uma certa relação entre o gosto literário e o meio ambiente de um certo grupo social, mas não há uma evidência objetiva que seja suficiente para garantir uma explicação em termos de subordinação causal”; talvez por essa razão tenha Candido discutido que

[...] a literatura, como fenômeno da civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí, a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade (CANDIDO, 2010, p. 21).

Se o problema fica em aberto, a explicação para certos fatos também fica sem uma boa resposta, como a escolha estética prestigiada pelos letrados que compunham a esfera literária da cidade. Constante, pois, o uso da modalidade “cromo”, gênero poético popularizado no Brasil por B. Lopes e que segue a mesma configuração estrófica do soneto, todavia escandida em redondilha maior – uma variação, não quiçá, das trovas, que também eram uma constante; assim como as charadas – talvez o exercício criativo e recreativo de maior penetração entre a classe letrada de Parnaíba, pelo menos desde o ano de 1901, quando o jornal *Nortista* lançou seção para esse fim. Aliás, além da própria escolha estética adotada pelos literatos parnaibanos, suas produções mantinham com certa regularidade uma espécie de diálogo metalinguístico, em que o espaço discursivo de suas produções formava o ambiente privilegiado para proposição de desafios e/ou respostas a enigmas – surge, nesse contexto, uma espécie de clube de amigos da charada, tendo nas últimas seções de cada *Almanaque da Parnaíba*, e em

outras revistas como *Gleba* (1933-1934), um espaço significativo de divulgação e debate¹¹⁶.

Entre os charadistas, Edison Cunha, Lincoln Guimarães, Joaquim Araújo, Benú da Cunha, Benedito M. Freire, Francisco Ayres, Joaquim Meirelles, Antônio Badaró, Jovelino Fontenelle, Sindulfo Câmara e Benedicto dos Santos Lima, todos atinados para o verso; e como regra: o tratamento no gênero através de pseudônimos, alguns dos quais com um forte apelo para o humor: é o caso do fundador do *Almanaque da Parnaíba*, que assinava H. Chado, ou ainda H. Picote¹¹⁷. Como indica Santos (1993), filho de Benedicto dos Santos Lima, entre a seleta de charadistas que acompanhava seu pai, com seus singulares tratamentos ocultos estavam F. Serrano (de Francisco Ayres, poeta), B. Despido (do também verzejador Benú Cunha), dentre outros; alguns de estados distantes do território nacional.

A propósito, observando o recorte histórico escolhido, que comporta o surgimento daquele que se configurou como o primeiro anuário da cidade, o almanaque dirigido por Benedicto dos Santos Lima talvez represente o anseio desses intelectuais em legar ao seu tempo – e talvez ao futuro – uma seleta de trabalhos articulados de memória e de esforços imaginativos.

O caráter histórico e o alto padrão do Almanaque atestam o cabedal de cultura a que chegou Benedicto dos Santos Lima, que reunia, em cada edição, valores intelectuais da cidade e de outros lugares do país. Sem a edição deste Almanaque, personalidades ilustres das artes literárias, ou, ainda, fatos importantes da cidade estariam perdidos no correr dos tempos, deixando lacunas irreparáveis para a história cultural, política, comercial e social de Parnaíba (SANTOS, 1993, p. 21).

O almanaque de Benedicto dos Santos Lima alcançou uma notoriedade ímpar dentro e fora do estado, à sombra do jornalismo popular que surgiu no século XVII, dirigido às classes médias e aos homens alfabetizados que podiam, através dele, se instruir. Mais do que um periódico em formato de livro (outras revista, como alternam um e outro ensaísta a respeito), sua organização editorial não vinha ao acaso, parecia comprometida desde o primeiro número com a observação horaciana: *prodesse et*

¹¹⁶ *Gleba* manteve ainda intercâmbio cultural com grupos e revistas literárias de outras cidades, a exemplo de *Garota*, revista estudantil de Teresina, e *A Imprensa*, como atesta em nota Armando Madeira (*Much ado about nothing*, in *Gleba*, n. 6, out. 1933, p. 11; anexo XIII). O intercâmbio de *Gleba* com *Garota* admitia da parte de Teresina, o escritor Tobias Duarte, que representava na capital a revista parnaibana; e da parte de Parnaíba, Fonseca Mendes, que representava no litoral a revista teresinense.

¹¹⁷ Sob este epíteto, Benedicto dos Santos Lima colaboraria com algumas folhas periódicas de Parnaíba, como *O Norte*.

delectare; para tanto, aliando às informações de cunho prático incluía distrações em charada, em versos, em curiosidades e até mesmo em charges de humor. Estava o editor do anuário consciente de seu papel em frente à sociedade parnaibana de então?

O almanaque constitui um repositório de informações úteis, passatempos, curiosidades e distrações, sendo, portanto, um livro de necessidade em toda casa. Para o sertanejo, é às vezes, o livro único que guarda, cuidadosamente, para orientação da sua despreocupada vida, durante todo um ano. Notava-se a ausência, nesta cidade, de uma dessas publicações anuais de tanto interesse e de incontestável utilidade (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1924, p. 1).

Suas palavras no primeiro editorial falam por si, assumem uma dianteira no gênero cujo encargo estava-lhe mais do que admitido: era uma razão que o permitiu reunir em torno de si as várias manifestações que se davam de maneira tanto quanto isoladas (quando das colaborações em periódicas específicas) e intensificou uma espécie de intercâmbio histórico-cultural com outras praças do Brasil. Mais do que qualquer outro periódico que tenha sido levado a lume em Parnaíba em todo aquele tempo, e mesmo até *a posteriori* (dentro do recorte histórico de todo o século XX), fora o Almanaque o veículo que mais promoveu a cidade como um todo, comercial e culturalmente.

Mal sabiam os intelectuais de 1920, os que viveram toda a fortuita década de 1930 e os de mais da metade dos anos de 1940 que depois das benesses e dos “sonhos de glória” tudo iria mudar. Em 1947 a cidade, que um dia havia se ostentado como a mais importante do Piauí¹¹⁸, e que ainda lutava para vencer as desvalorizações de seus produtos, é abalada com o primeiro sinal de uma inevitável decadência, cujos saldos posteriores marcariam a falência de escritórios de agenciadores e de companhias de navegação fluvial:

[...] os ingleses da Booth Line (London) fecham seu escritório em Parnaíba, em função das dificuldades do Rio Parnaíba, da obstrução dos canais fluviais que levavam ao Porto de Tutóia e a possibilidade de utilização do Porto de Amarração somente nos meses de calmaria dos ventos, de março a julho (MENDES, 2008, p. 43).

¹¹⁸ Nota de 1937, publicada no Almanaque Piauiense, confirma o sobredito: “Parnaíba, a cidade vertigem, constitui o motivo maior de grandeza de patrimônio cultural e econômico do Piauí. [...] *Principal centro comercial do Estado, é também o maior parque industrial* [...] Com inteira justiça, detém Parnaíba o cetro de verdadeira Metrópole do Piauí [...] foi a cidade que apresentou maiores realizações no período de pós-revolução. O Sr. Ademar Neves deu-lhe muito impulso, melhorando-a e procurando ainda mais adaptá-la às modernas condições de urbanismo” (*op. cit.*, p. 121, grifo nosso).

Mais tarde, em 1949, em palestra proferida na sede da Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural, Agatônio Romero da Cunha diagnosticaria o problema que estava mais do que evidenciado para a economia e o desenvolvimento de Parnaíba, atribuindo parte significativa da dificuldade à ausência de um porto: “Sua economia e seu desenvolvimento comercial, estão peiados pelas dificuldades de transporte, principalmente pela ausência de um escoadouro¹¹⁹”.

O certo é que apesar de iniciado seu declínio econômico naquela década, esse processo – em frente ao conglomerado industrial instalado ao longo do final do século XIX e parte significativa da primeira metade do século XX – ocorreu lentamente, posto que ainda na década de 1970, como registra o *Almanaque das Seleções*, de 1971: “Industrialmente, Parnaíba é a cidade mais importante do Piauí”, à frente da própria capital, Teresina, que estaria nos seus “primeiros passos no caminho da indústria¹²⁰”.

1.2 As primeiras tipografias de Parnaíba

Já não é grande novidade a afirmação de que com o advento da imprensa e, especialmente, através do resultado de seu produto maior (o jornal), a literatura tenha se difundido com mais propriedade. Aliás, seu surgimento foi uma espécie de veículo-motor que promoveu o pensamento como um todo, tornando-o público e acessível. Como informa Maingueneau (2001) o seu surgimento implicou diretamente em três aspectos, autonomia dos leitores, formação do mercado de produção literária e educação universal:

A tipografia acentuou com força os efeitos da escrita. Ao oferecer a possibilidade de imprimir um número considerável de textos *perfeitamente idênticos*, proporcionou uma autonomia ainda maior aos leitores, libertando-os das oficinas dos copistas. Por diminuir os custos de fabricação e encurtar os prazos de difusão, permitiu o surgimento de um verdadeiro mercado da produção literária. Propiciou igualmente o ideal de uma educação universal, através do acesso de todos a um mesmo *corpus* de obras (MAINGUENEAU, 2001, p. 94, grifo nosso).

Este último aspecto da imprensa é ainda discutido por Chartier (2003, p. 24), quando observa que “[...] graças à imprensa, as verdades firmemente estabelecidas podem ser estabelecidas a todos os homens”; isso acontece porque “Enquanto a

¹¹⁹ O porto de Amarração. *Cultura*, ano 1, n. 1, jan. 1949, p. 25.

¹²⁰ *Op. cit.*, p. 81.

oralidade supõe necessariamente a compartimentação das discussões e o enclausuramento dos conhecimentos, *a circulação dos textos impressos permite o exercício universal da razão*¹²¹”.

Do surgimento da primeira tipografia (1450) aos 50 primeiros anos de sua existência “[...] existiam oficinas tipográficas em 226 cidades, e contavam-se cerca de 1.700 prelos” (CHAVES, 2007, p. 34); parte significativa delas instalada na Alemanha, bem como na Itália (Roma, 1464) e França (Paris, 1470). Como Chaves indica, no século XVI já se veem as primeiras tipografias instaladas na América, quando em 1539 o México desponta pioneiro, cem anos antes dos Estados Unidos. Entre os países que promoveram a imprensa no mundo Portugal foi o primeiro a levá-la ao Oriente.

Essa promoção, porém, carregava consigo objetivos de ordem de dominação em suas colônias, como bem analisa Melo (2003), cuja tese elenca duas funcionalidades da imprensa nos territórios colonizados: a primeira, de correção e reimplantação dos valores nacionais da metrópole; a segunda, com o fim de aniquilar a cultura autóctone. Tais estratégias tornariam “[...] mais fácil [...] a tarefa de dominação do território e capitulação das populações, que passam a colaborar, geração após geração, com os interesses econômicos dos colonizadores” (MELO, 2003, p. 67-8). Uma faca, não por acaso, de dois gumes que instigou nos territórios colonizados (e o Brasil não foi exceção) o senso de libertação que promoveu uma terceira função, a de usá-la como veículo de aceleração do aparecimento de valores telúricos.

Comparado ao restante dos países em que se desenvolveu, a imprensa manifestou-se tardiamente no Brasil. Suas primeiras tentativas, que antecedem a estabelecida como oficial pela metrópole portuguesa (1808, com a chegada da Família Real), remontam ao ano de 1642, quando no Recife holandeses tentaram implantar, mas não conseguiram, posto ter o impressor enviado para assumir os trabalhos, Pieter Janszoon, falecido ao chegar ao Brasil. Essa tentativa fora seguida de outras: 1700, no Paraná, por jesuítas espanhóis; 1706, novamente no Recife (impressor anônimo), destinada a impressões oficiais do governo de Francisco de Castro Moraes; 1724, ano em que, segundo Chaves (2007, p. 41), “[...] há indícios de que nos colégios dos jesuítas havia uma pequena tipografia de impressões privativas”; 1747, no Rio de Janeiro, pelo tipógrafo português Antônio Isidoro da Fonseca (oficina tipográfica fechada no mesmo ano por ordem expressa da corte de Portugal); 1770, Salvador; e, por último, 1807, em

¹²¹ Idem, *ibidem*, grifo nosso.

Vila Rica, pelo padre Viegas de Menezes. Somente em 13 de maio 1808 o Brasil teria, oficialmente, uma tipografia (a Real Oficina Tipográfica), vinda de Portugal junto com a Família Real, cujos trabalhos se pautavam a emitir impressos de interesse da Coroa. Assim, surge o primeiro jornal impresso no Brasil: *Gazeta do Rio de Janeiro*, que resistiu às intempéries por 54 anos, quando então foi transformado em *Diário Oficial*, em 30 de setembro de 1862.

Ao se observar que a tipografia foi inventada em 1450 e somente em 1808, 358 anos depois, o Brasil pôde desfrutar de sua funcionalidade, não estranho fica concluir que ele foi “[...] dos últimos países do mundo a se utilizar dessa importante arma, antes de tudo cultural, que é a arte gráfica” (CHAVES, 2007, p. 41). Para agravar a situação do atraso, aliás, promulgar ainda mais o período de recesso cultural instaurado desde 1500, o Brasil não tinha sequer fábrica de papel, fato sanado somente em 1810, quando se instala a primeira no Rio de Janeiro, cujo trabalho industrial permaneceria hegemônico até o ano de 1837. Surge então uma segunda fábrica, seguida de outras duas, em 1841 e 1852, a última de propriedade do Barão de Capanema¹²².

“De 1808 até 1821 só a Tipografia Régia podia funcionar legalmente” (CHAVES, 2007, p. 46), com o retorno de D. João VI a Portugal, esse embargo foi declinado e surgiram órgãos vinculados a partidos e grupos independentes, bem como de “jornalistas” autônomos, que levaram seus anseios e pareceres através das letras públicas – é o caso daquele que provavelmente seja o primeiro escritor piauiense a enveredar no jornalismo brasileiro, o poeta parnaibano Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, ao lançar em março de 1821 o periódico *O Amigo do Rei e da Nação* (mar.-jun.). Na cronologia elencada por Lustosa (2004), esse jornal está entre os primeiros periódicos brasileiros lançados na Colônia, antecedendo-o apenas a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o *Correio Braziliense*, e o acompanhando, inclusive nos meses de seus lançamentos, *O Bem da Ordem* (mar.-dez.), do Cônego Francisco Vieira Goulart, e *O Conciliador do Reino Unido* (mar.-abr.), de José da Silva Lisboa. *O Amigo do Rei e da Nação* durara apenas três edições.

O dado que computa a chegada da imprensa como um atraso no Brasil é um fato que remete a uma reflexão: embora sem um decreto imposto, Portugal tratava a imprensa entre os colonos de maneira proibitiva, e entre as nações livres como estratégica a uma dominação ideológica; daí a razão de se debater “[...] enquanto

¹²² É curioso atentar que esse atraso se refletiu até a década de 60 do século XX, quando só então o Brasil conseguiu tornar-se autossuficiente na produção de papel (CHAVES, 2007).

privava as colônias de acessar os avanços temporais, como arte tipográfica [ter] levado a outros centros mundiais livres dessas amarras políticas, os processos e procedimentos de impressão gráfica” (CHAVES, 2007, p. 39). Mas a questão fica em aberto quando se analisa que o tratamento dado à imprensa em outras colônias era diferente, como já foi exposto acima, corrigindo a reimplantação de valores nacionais da metrópole e aniquilando a cultura autóctone. Ora, se Portugal tinha interesse em manter a colônia sob seu domínio, por qual motivo teria se escusado a admitir nela a mesma estratégia utilizada nas demais?

Lajolo e Zilberman (2001, p. 33) entendem que a implantação de aparelhos culturais como a imprensa obedecia a fatores distintos, “conforme o grau de desenvolvimento de seus senhorios: regiões de civilização oral e ágrafa – como as africanas e a latino-americana – não careciam de imprensa”. Coaduna com esse pensamento Melo (2003), quando defende que essa questão (bem como a do atraso) poderia ser respondida ao se observar a própria condição do Brasil Colônia, cuja

[...] imprensa pouco ou nada tinha a oferecer. Nem os missionários sentiram necessidade de utilizá-la em suas tarefas catequéticas, circunstância que se tornara comum em outras regiões. [...] a imprensa não teria qualquer utilidade para que os indígenas assimilassem a cultura portuguesa. Ademais de serem ágrafos (excetuando-se aquelas minorias de servos alfabetizados pelos jesuítas), os nativos brasileiros, ou tinham sido exterminados, ou tinham sido compulsoriamente agregados às empresas comerciais dos portugueses (transmutando-se pela absorção dos novos valores, impostos pela força), ou se tinham embrenhado pelas matas e sertões, isolando-se mais e mais da civilização (MELO, 2003, p. 122).

Como no Brasil a sua chegada foi tardia, quando comparada a outras nações, no caso a Alemanha, que nos fins do século XV possuía 23 cidades com oficinas tipográficas e no começo do século XVI o dobro, a chegada da tipografia no Piauí também admite atraso em relação ao país: 1824, quando monsenhor Antônio Fernandes da Silveira funda a Tipografia Silveira e Companhia – instalada na então capital da província, Oeiras.

De 1832, data do primeiro jornal piauiense; até 1852, quando Oeiras deixa de ser capital, a Tipografia Silveira e Companhia admitia primazia no setor, sendo responsável pela impressão de 13 títulos. Um ano após a fundação de Teresina, até por volta de 1889, Pereira da Costa em sua *Cronologia Histórica do Estado do Piauí* aponta a nova capital com nada mais nada menos do que 20 tipografias. Chaves (2007, p. 57) avalia

esse número consoante ao que possuía, por exemplo, o Rio de Janeiro, que em 1850 tinha “[...] 26 jornais e 24 tipografias funcionando”.

Já o registro mais antigo que se tem de uma tipografia em Parnaíba está no livro *Memórias*, de Humberto de Campos, que aponta a Tipografia Imperial, de propriedade J. da Silva Leite. Fora ela que levaria a lume em 25 de fevereiro de 1863 *O Echo da Parnahyba*, o primeiro periódico parnaibano, de caráter mercantil e noticioso, vinculado ao Partido Ligeiro Progressista; segundo Joel de Oliveira (1929), esse impresso, de vida efêmera, teria resistido até por volta de 8 de agosto do mesmo ano. É válido assinalar que tal tipografia seria a única que a cidade possuiria pelo restante do século XIX, como informa Humberto de Campos, que, nela, se iniciou como aprendiz tipográfico:

[...] ocorreu à minha mãe meter-me como aprendiz numa oficina tipográfica, ressuscitada nos últimos dias de 1899.

Acabava-se, na verdade, de fundar em Parnaíba uma folha quinzenal [*O Comercial*], para aproveitar uma tipografia, berço e túmulo de todos os jornais que a cidade havia possuído naqueles quarenta anos mais próximos (CAMPOS, 1948, p. 386, grifo nosso).

O dado, porém, não se coaduna com o que afirma Joel de Oliveira (1929), de que a partir de 1880 surge a Tipografia de B. C. Fernandes, que imprimiria em sua oficina *O Parnahybano* (1880) e *O Patriota* (1891) – tendo sido seu impressor Virgílio Capistrano de Vasconcellos; foi ainda denominada Tipografia d’O Patriota (quando do surgimento desse impresso), este que anunciava em suas folhas ter “A primeira e melhor montada oficina desse gênero neste estado na cidade de Parnaíba¹²³”.

O certo é que, excluindo-se os periódicos assumidamente impressos pela B. C. Fernandes, restam outros periódicos que circularam em Parnaíba no mesmo período (século XIX), e que provavelmente tenham sido impressos nas oficinas da Imperial, como *Liga e Progresso* (1863), *A Violeta* (1864), *O Liberal* (1864), *O Commercio da Parnahyba* (1864), *O Commercial* (1889), *O Legalista* (1892), *O Lidador* (1894), tendo sido este o primeiro jornal empastelado do Estado¹²⁴; *Jornal do Piauí* (1893), *O Rouxinol* (1898), *A Parnahyba* (1899) e *O Piauíense* (1900). Fora no primeiro que Humberto de Campos se iniciara na faina jornalística, como relata em *Memórias*:

¹²³ *O Patriota*, ano 2, n. 33, 21 ago. 1892, p. 4.

¹²⁴ Raimundo José de Moura, “seu proprietário responsabilizou pelo fato, como mandante, ao então capitão do porto, 1º tte. da armada, Gervásio Pires de Sampaio. Foi o evento executado altas horas da noite, por soldados do destacamento do 35º Batalhão de Infantaria” (In: PINHEIRO FILHO, Celso. A imprensa em Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*, ano 49, 1973, p. 203).

Intitulava-se *O Comercial* a nova gazeta parnaibana, de que era diretor o bacharel Olinto Amorim, o mesmo que me havia feito suar frio, um ano antes, como examinador de português do Colégio Saraiva. Conduzido por minha mãe à oficina, fui entregue aí ao coronel Joaquim Antônio de Amorim, pai do diretor do quinzenário e apaixonado consumidor de bebidas fortes, o qual, por sua vez, me confiou a um senhor de nome Floriano Serra, que era o único ser vivente que trabalhava no jornal, exercendo as funções de chefe, compositor, paginador, impressor e empacotador da folha (CAMPOS, 1948, P. 386).

A nota acima é de uma riqueza considerável, quando mais à frente tece detalhes acerca da própria estrutura da oficina tipográfica do quinzenário e seu modo de composição; aliás, seu relato é o único que da história tipográfica da cidade se tem notícia. A partir dele pode-se concluir, por exemplo, o que afirma Chaves (2007), de que as oficinas tipográficas que chegaram ao Piauí eram aquisições não de segunda, mas de terceira, quiçá, de quarta ou quinta mãos, herança das antigas tipografias de cidades como o Rio de Janeiro:

O material tipográfico era antiquíssimo. Os tipos, que vinham trabalhando desde a monarquia em diversos jornais parnaibanos, achavam-se quase indiferençaíveis. Enchiam eles, ao todo, cinco ou seis caixas, das quais uma de itálico e outra de “borradinho”. Quando faltava o “u” minúsculo, usava-se o “n” às avessas. O “p”, o “b” e o “q” moravam já na mesma casa, de tanto se revezarem e substituírem. [...] Onde, porém, a realidade requeria a colaboração do milagre, era no manejo do prelo, verdadeira tragédia em ferro fundido. Para imprimir o jornal, tornava-se preciso pôr o papel de molho com dois dias de antecedência, abria-se uma folha sobre velha mesa, e borrifava-se com água. Punha-se outra por cima desta, e repetia-se a operação. E assim até à última das duzentas folhas, – pois que a tiragem era de duzentos exemplares – quando se colocava, então, sobre elas, uma tábua com um grande peso, a fim de que o papel se impregnasse de umidade para maior facilidade no recebimento da tinta. A impressão era demoradíssima e complicada. Pronta a chapa, e colocada no prelo plano, passava-se a tinta com um rolo manual, estendia-se o papel em cima, e movia-se tudo, por meio de uma roda, para debaixo da prensa. E aí, à força de empuxões em uma alavanca de madeira, fazia-se descer a prensa sobre a chapa, deixando-a por um minuto a transmitir a tinta ao papel. Imprimiam-se a primeira e a quarta página, que era substituída, e em outros dois dias imprimiam-se as outras duas. Isto sem contar o tempo consumido em calçar os “paquetes”, e que contribuía para que a impressão dos duzentos exemplares não ficasse concluída em menos de cinco dias. E como a composição fosse feita ordinariamente em doze, resultava sair o jornal sempre com atraso de dois ou três dias, isto é, a 3 e a 18 de cada mês, embora com data de 1.º e 15 (CAMPOS, 1948, p. 388-9).

Findando suas lembranças acerca de *O Comercial*, Humberto de Campos passa à análise dos tipos que compunham ideologicamente as páginas do impresso e da forma como ele era distribuído entre a população citadina – é válido pontuar já àquele tempo a existência de um corpo de assinantes que, sem dúvida, ajudava a manter financeiramente a folha, a única da cidade a circular no findo ano de 1899:

Os redatores d'*O Comercial* eram o bacharel Olinto Amorim e um Francisco Pinto de Mesquita, escriturário da Alfândega de Parnaíba, caboclo escuro, magrinho, de bigode ralo, dono de um fraque esverdeado que devia ter sido comprado há meio século, de mistura com o material da oficina. Creio, porém, que o jornal vivia, ou morria, mais à custa de transcrições do que, propriamente, de originais. Quando a folha saía, e era entregue aos assinantes, já a cidade a conhecia, pois que as provas eram lidas de porta em porta, pelos que escreviam as notas ou, melhor, pelas pessoas que as cortavam dos jornais de Teresina, do Rio ou do Maranhão. Não raro, quando ela circulava anunciando que um assinante se achava enfermo, este já se encontrava há quase uma semana, debaixo da terra. Por isso mesmo o encalhe era, ordinariamente, de metade da edição (CAMPOS, 1948, p. 389-390).

A partir do século XX, começando pelo periódico *Nortista* (1901), Parnaíba dará indícios de novas oficinas tipográficas, como a Tipografia do Nortista, de propriedade de Francisco de Moraes Correia e compositor o ator de teatro Frederico Magno de Farias Lemos. Mais à frente, a “Tipografia Popular”, de propriedade de Antônio Lopes, seria uma que conquistaria também o seu espaço, tendo como cliente o *Almanaque da Parnaíba*, este em toda a sua trajetória percorreu as mais variadas oficinas gráficas da cidade, como a “Tipografia Renascença”, de propriedade de Nunes & Cia, em 1940.

O almanaque referido foi o primeiro periódico sistemático, em formato de livro, a surgir em Parnaíba, de porte considerável, afinal alcançava as mais de 40 páginas, e atingindo um maior número de laudas nas edições seguintes; como se tem dito anteriormente, esse anuário lançou seu primeiro número em 1924, tempo em que a cidade “não dispunha absolutamente de estrutura material para tal empreitada” (DUARTE, 1993, p. 51), daí a razão de ter sido impresso do ano de sua publicação a 1938 ora em Fortaleza, ora em Belém, no Pará. Acompanhando o *boom* das revistas ilustradas que no Brasil já eram uma realidade pelo menos desde o final do século XIX, o almanaque incorporou em suas páginas as mais variadas técnicas gráficas: sua primeira edição já aparece ilustrada com charges e fotografias, e isso sem dúvida

representa um salto em relação ao que se produzia: a xilogravura que, a propósito, ainda acompanharia parte significativa dos periódicos circulantes tanto em Parnaíba como em outras cidades do Piauí. Aliás, a própria capa do primeiro número do citado almanaque é uma reprodução xilográfica da Merceria Bembém¹²⁵.

A precariedade das tipografias de Parnaíba é uma das razões que induzem ao raciocínio que se chega da cidade não ter mantido por muito tempo um jornal com certa regularidade ou mesmo estabilidade: “Algumas pequenas tipografias existentes procuravam atender a demanda de impressos para o comércio e para a propaganda” (DUARTE, 1993, p. 51).

Acompanhando a emergência de revistas mantidas por grêmios literários parnaibanos, que compreende em especial os anos de 1930 e 1940, quando o sistema educacional já se encontrava com alguma solidez em Parnaíba, merece destaque a Gráfica Americana, que imprimiu parte significativa desses veículos fundados por professores e estudantes vinculados a ginásios e institutos educacionais. Fundada por R. Torres, a empresa, então instalada na avenida Presidente Vargas, era também livraria e papelaria¹²⁶.

¹²⁵ Anexo XIV.

¹²⁶ É válido destacar que até hoje a empresa mantém suas atividades regularmente em Parnaíba, admitindo a mesma razão social.

2 PERIODISMO, AGREMIÇÕES E LITERATURA: jornais e revistas em Parnaíba

Atentando que “De todas las ampliaciones letradas de la modernización, la más notoria y abarcadora fue de la prensa que, al iniciarse el siglo XX, resultó la directa beneficiaria de las leyes de educación común por abnegados pedagogos¹²⁷” (RAMA, 1998, p. 66), a identificação de Parnaíba como cidade letrada pode ser observada também pelo sistema que se formou em torno de seus veículos literários de imprensa, como agremiações fundadas ora por órgãos estudantis, ora por proletários que se exercitavam nas letras criativas que, por sua vez, foram um reflexo de políticas públicas de incentivo a um sistema educacional e/ou econômico. Dados reais podem ser observados no número de periódicos fundados de 1863, quando foi criado o primeiro periódico da cidade, *O Echo da Parnahyba*, em 1950, recorte escolhido por esta pesquisa¹²⁸.

Como informa Rêgo (2001), a relação da literatura com a imprensa no Brasil tem como saldo a fundação de periódicos autônomos às estruturas políticas tradicionais, principalmente no Segundo Império. Depois desse período de conturbações e brigas políticas, a imprensa parece incorporar cada vez mais à sua estrutura ideológica a participação efetiva de artistas (escritores, cronistas, chargistas etc.), a exemplo do que ocorreu ao jornal carioca *A Noite*, fundado por Irineu Marinho, que pela inserção de um quadro seleto de colaboradores e redatores, além da inclusão de matérias voltadas para o interesse popular, ajudou a modernizar a imprensa brasileira.

O Piauí não foge à regra do restante do país, seu jornalismo trafega em três esferas: política, religiosa e literária, sendo a primeira a majoritária. Por volta da segunda metade do século XIX, Parnaíba segue o mesmo padrão, todavia a sua imprensa desponta com alguns pioneirismos para o Piauí, a citar o periódico *A Violeta* (1867), primeiro impresso piauiense voltado exclusivamente ao público feminino¹²⁹.

Enquanto no século XIX “o Piauí possui uma reduzida casta de intelectuais que atua diretamente na imprensa” (RÊGO, 2001, p. 77), fato este que de certa maneira

¹²⁷ Trad.: “De todas as aplicações letradas da modernização, a mais notória e abarcadora foi da imprensa que, ao iniciar-se o século XX resultou em direta beneficiária das leis de educação comum por abnegados pedagogos”.

¹²⁸ Apêndices IV e V.

¹²⁹ É importante observar que este periódico antecede em pelo menos 30 anos o lançamento de *A Mensageira* (1897), da escritora feminista Presciliana Duarte de Almeida, cujo subtítulo trazia a seguinte observação: “Revista literária dedicada à mulher brasileira”.

inviabiliza o surgimento de produções literárias, posto não possuírem espaço diante da propaganda e guerra política entre conservadores e republicanos, em Parnaíba, no século XX, a imprensa incorpora produções poéticas.

Apesar de sua chegada tardia em algumas regiões brasileiras, como a do Piauí e, por conseguinte, a de Parnaíba, a relação da literatura com a imprensa no Brasil, ainda no século XIX se torna um *continuum*, como bem aponta a classificação de Ciro Marcondes Filho, ao definir o período que cobre os anos de 1789 a 1830, “primeiro jornalismo”, próprio de um conteúdo mais literário e político; e de 1830 a 1900, “segundo jornalismo”, a difusão deste aspecto, a imprensa de massa, quando surgem os primeiros jornalistas profissionais: os literatos começam a produzir sob demanda.

É importante observar ainda que a participação cada vez efetiva de letrados nas páginas periódicas de uma dada localidade foi de fundamental importância não apenas pela renovação da forma e dos conteúdos expostos, como também pela duração da marca; é por esta razão que Lílian Martins de Lima (2008), discorrendo a respeito de revistas literárias no Rio de Janeiro, indica:

[...] a partir de 1840 a participação de letrados nas publicações é grande, chegando à expressiva cifra de quarenta a sessenta colaboradores por revista, como é o caso de *Guanabara* e, também, da *Nova Minerva*. Ao lado da crescente participação de letrados, é possível notar um acréscimo no tempo de duração dessas publicações, que outrora não ultrapassavam o sétimo número de publicação [...] (p. 87, grifos da autora).

Foi por volta deste mesmo período que também ganharam destaque fora do Brasil, na imprensa literária, autores como Balzac, Stendhal e Victor Hugo, considerados precursores do gênero; e no país, em especial nas páginas dos periódicos cariocas, literatos como Humberto de Campos¹³⁰, Coelho Neto, Olavo Bilac e outros tantos nomes que compunham a chamada elite intelectual da nação.

Em Parnaíba uma incipiente literatura divulgada em jornais aparece na segunda metade do século XX, *pari passu* ao surgimento de duas condições basilares à sua formação: o desenvolvimento econômico da cidade, impulsionado principalmente pela cera de carnaúba, e a formação dos primeiros núcleos educacionais (como foi discutido anteriormente). Cada setor, que corresponde a um dos seis eixos do sistema literário

¹³⁰ Residiu alguns anos de sua infância em Parnaíba, tendo dedicado à cidade inúmeras crônicas, publicadas nos periódicos cariocas e no *Almanaque da Parnahyba*, então de propriedade de Benedicto dos Santos Lima, 1ª fase.

proposto por Even-Zohar, é na realidade aspecto-motor dessa manifestação: o desenvolvimento econômico, porque atrai comerciantes e intelectuais. Os primeiros, quando tratando especificamente de suas contribuições diretas aos saldos positivos da literatura, contribuem com anúncios comerciais nos veículos de imprensa (viabilizando, portanto, certa autonomia¹³¹), bem como fundam “cafés”, que serão os principais pontos de encontro dos intelectuais. Já estes constituem uma classe que promoverá através de suas participações conscientes, a formação de instituições educacionais que fomentarão a literatura com a fundação de órgãos específicos mantidos por agremiações literárias estudantis.

Parte desses órgãos será redigida apenas por estudantes, embora conte com o auxílio de seus mestres, que àquela altura já ensaiavam colaborações nas páginas periódicas noticiosas e políticas de então. O certo é que, esses dois elementos se correlacionam e permitem que na cidade surjam veículos independentes e que jovens (mais tarde reconhecidos fora de seu estado) organizem-se em torno da literatura.

Entende-se a partir disso que, para o mecanismo da cidade letrada, urgentes eram três engrenagens: a econômica, a veicular (suportes jornal e revista) e a literária; e a fim de que o produto gerado por esses três setores tivessem uma razão, mister à existência de um destino: o público – que num primeiro momento passa a ser a própria classe intelectual produtora. Assim surge uma série de agremiações literárias mantenedoras de periódicos estritamente culturais, como *O Artista*, 1910 (órgão de propaganda da Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos de Parnaíba); *Argos*, 1946, e *Juventude* (ambos ligados ao Ginásio São Luiz Gonzaga; o primeiro, ao “Grêmio Tiradentes”); *Raios de Luz*, 1938 (do “Grêmio Literário Madre Savina Petrilli”, vinculado ao Ginásio Nossa Senhora das Graças); *Clarim*, 1939 (da Escola de Comércio da União Caixeiral); *O Ateneu*, 1934, e *A Voz da Parnaíba*, 1944, (ambos do

¹³¹ Válido o trecho de Rama, que se coaduna com esse aspecto: “En aquellas ciudades donde el progreso económico había distendido la sociedad, acrecentando el número potencial de consumidores, proveyéndolos a la sociedad, se presenciaria una sostenida actividad intelectual para proveer a ese público de ideas y de objetos culturales desarrollando mensajes educativos que no sólo no pasaban por los órganos del poder sino que enfrentaban a ellos” (RAMA, 1998, p. 114). Trad.: “Naquelas cidades onde o progresso econômico havia desenvolvido a sociedade, acrescentando o número potencial de consumidores, provendo-os à sociedade, se presenciaria uma sustentável atividade intelectual para prover esse público de ideias e objetos culturais desenvolvendo mensagens educativas que não só passavam pelos órgãos do poder, mas enfrentavam a eles”. Este enfrentamento do Poder, evidenciado nas páginas periódicas, tem em Parnaíba dois exemplos, um deles contrapondo interesses políticos: *O Nortista*, na figura de seu diretor Raul Primo, contra *A Tribuna*, representado por Epaminondas Demétrio Castello Branco. Uma segunda guerra, desta vez entre intelectuais, ficaria evidenciada no ano de 1945, quando, após o lançamento d’*O Livro do Centenário de Parnaíba*, Benedicto Jonas Correia, um dos organizadores da obra, debatera com o engenheiro e escritor articulista Antônio Castello Branco Clark – a discussão tinha como eixo a qualidade do livro do centenário levado a lume naquele ano.

Ginásio Parnaibano, sendo o último dirigido pelo professor João Campos, contando com a colaboração de Edison Cunha); *Panorama Estudantil*, 1939, e *Renascimento*, 1946 (ambos do Centro Estudantil Parnaibano); *O Sumário*, 1947 (órgão da Juventude Parnaibana); *Cultura*, 1949 (da Associação Parnaibana de Expansão Cultural); *O Arauto*, 1949 (da Associação Parnaibana de Letras). Havia ainda casos específicos da organização de periódicos literários de turmas, e não de agremiações, como foi o caso de *José de Alencar* (da 2ª série do Ginásio São Luiz Gonzaga, que lançou seu primeiro número em 11 de agosto de 1944); bem como o *Os Argonautas*, criado para a comemoração da formatura da turma de 1943 do Ginásio São Luiz Gonzaga. Em 1937 existem registros sumários no *Almanaque da Parnaíba* de outros periódicos mantidos por órgãos estudantis, como é o caso de *O Cérebro* e *Flâmula*, todavia, a nota não vai além dessa citação ligeira.

O ano de 1946 traz consigo notícia daquele que talvez tenha sido um dos últimos grêmios constituídos por alunos em Parnaíba: o Grêmio Estadual Dr. José Pires, vinculado ao Ginásio Nossa Senhora de Lourdes. Nota publicada no jornal *O Norte* demonstra o entusiasmo da classe estudantil no ato de solenidade de fundação do grêmio: “Além do grande número de pessoas da sociedade parnaibana compareceram comissões representativas do Ginásio Parnaibano, Colégio N. S. das Graças, Instituto S. Luiz Gonzaga, União Caixeiral, e Centro Estudantil Parnaibano¹³²”. Sua primeira diretoria fora composta pelos seguintes nomes: presidente de honra, professora Rosires Boa Vista; presidente, Antonio Silva; vice-presidente, Ivo de Moraes Mendes; 1º secretário, João Berchman de Carvalho; 2º secretário, Maria Lucidéa Melo; 1º tesoureiro, José Luiz do Carmo; 2º tesoureiro, Maria Madalena Araújo; bibliotecário, Maria Luiza de Melo; orador oficial, Ivan Pessoa Martins; e assistente técnico, professor Francisco Pessoa.

Apesar dos anos de 1920 representarem um marco para o surgimento das primeiras agremiações literárias, é curioso observar dois fatos que antecedem esse conjunto: o primeiro, o surgimento de um órgão de imprensa vinculado à classe estudantil em Parnaíba, que se dá em abril 1898 com o periódico *O Rouxinol*; e que no ano de 1912, portanto a cidade ainda carente de um sistema educacional em pleno funcionamento, já se tinha notícia da fundação de uma associação específica para o

¹³² Grêmio Estudantil Dr. José Pires. *O Norte*, ano 17, n. 2.921, 25 abr. 1946, p. 3.

cultivo das letras. O dado, encontrado no periódico *Cambirimba*¹³³, chama para o título, explicitado em letras garrafais “ASSOCIAÇÃO DE LETRAS”. A notícia, que já divulga o poeta R. Petit como o primeiro presidente, traz ainda os nomes de outros poetas, como Tote Narciso e A. Freitas; a respeito dos demais, não se tem notícia de suas produções nos periódicos pesquisados:

O apreciado poeta A. Freitas teve a gentileza de comunicar-nos que foi inaugurada nesta cidade, com sede na rua Igarapé, uma Associação de Letras, tendo sido eleita por unanimidade de votos a seguinte diretoria:

Presidente – R. Petit.

Vice-Presidente – F. Trajud.

Secretário – A. Freitas;

Orador – Tote Narciso.

Tesoureiro – Oscar Franco.

Bibliotecário – Rogaciano Brito¹³⁴.

A nota supracitada é escassa, não permite identificar a quantidade de membros que pertenceram a essa “Associação de Letras”, todavia indica já naquele tempo a necessidade dos intelectuais de Parnaíba em se organizarem associativamente e celebrizarem as letras. Um indício, não por acaso, de que o sistema literário no Norte piauiense parecia se desenhar através de iniciativas como essa, que antecedem, inclusive, a fundação da própria Academia Piauiense de Letras, que se dá somente no ano de 1917. A validade desse dado, que não se coaduna com o que admite João Pinheiro no ensaio “Sobre a história da literatura piauiense”, publicado em 1924, na seção “Traços e Notas”, na *Revista da Academia Piauiense de Letras*, onde expõe, portanto, um dado somatório à história da literatura no Piauí: “Com honrosa exceção da Academia Piauiense de Letras fundada em Teresina a 30 de dezembro de 1917, *já* *jamais* tivemos associações literárias, bibliotecas públicas, ou imprensa realmente dignas desse nome¹³⁵”.

Além de contrapor Pinheiro quando da divulgação da fundação de uma “agremiação literária” no norte do Piauí antes da fundação da APL, a mesma nota do *Cambirimba* demonstra que por trás da associação havia o ideal claro de propagação das letras, demonstrando com isso que os ditos homens de letras que se propunham a fundar tal órgão pareciam conscientes do papel por eles desempenhado e ainda por

¹³³ *Cambirimba*, que circulou em Parnaíba de 1912 a 1914, se intitulava “Periódico indisciplinado, crítico, literário e noticioso”. Sua direção bem como seu corpo redacional, anônimos.

¹³⁴ *Cambirimba*, ano 1, n. 3, 30 mai. 1912, p. 2.

¹³⁵ *Op. cit.*, p. 4, grifo nosso.

desempenhar pelas letras nortistas. As palavras a seguir, de Tote Narciso, revelam esse desejo:

Saúdo em poucas palavras a associação que vimos de fundar, cujo fim muito nobre é *propugnar pelo desenvolvimento das letras nesta terra despida de instrução* [...] Precisamos nos desenfastiar, como de fato, do viver monótono do homem isolado e do analfabetismo que predomina o nosso meio [...] ¹³⁶.

É mister pontuar, mais uma vez, o nome de R. Petit, pseudônimo de Raimundo de Araújo das Chagas, que foi para o seu tempo, assim como Jonas o fora no início do século XX, um dos maiores sonetistas de Parnaíba ¹³⁷, tendo arrematado elogios de figuras de prestígio nas letras nacionais, como Catullo da Paixão Cearense e o poeta, também do Ceará, Paixão Filho – talvez por essa razão tenha conquistado reconhecimento ao ponto de ser lembrado como primeiro presidente daquele que, não por acaso, pode ser a primeira associação de letras do Norte do Piauí.

Assim como *Cambirimba*, que antecede a formação de um sistema educacional, o registro poético mais antigo que se tem notícia, publicado em um periódico e escrito em Parnaíba foi levado a lume ainda em 1847, em *O Governista*, produzido na Tipografia Imperial, em Oeiras, e que corria as principais cidades do Piauí. É válido observar que o soneto, de autoria anônima e conteúdo crítico-político, fora escrito em 17 de novembro, portanto, três anos após Parnaíba ter sido elevada à categoria de cidade:

Corre o sertão, qual leigo mendicante,
Aos votos com sacola o grão-zanaga;
A este ralha, ameaça, àquele afaga,
Com longas meigas trelas, suplicante.

Escuta o fatal – não – bem terminante,
Com que esmorece o bruto, e o fogo apaga,
Assim fala, assim o diz o bestiaga,
C'o pranto pelo rosto já pingante.

“Já fui do Piauí herói primeiro,
“Ao Conde, ao Visconde atroçoei,
“Tornou-me agora a sorte vil sendeiro.

“Em baia tão redonda não pensei!
“Vasconcellos lá foi por cangalheiro!

¹³⁶ Idem, *ibidem*, grifo nosso.

¹³⁷ Apêndice III.

“Eu Judas... como Judas pra onde irei?!”

Parnaíba, 16 de novembro de 1847¹³⁸.

No século XIX, circulava ainda por Parnaíba, periódicos de outras partes do Brasil, dentre os quais o *Jornal do Commercio*, então representado pela firma A. Guilherme & Comp.

Do Piauí, o periódico *A Floresta* (1883), editado em Teresina, e distribuído no Norte piauiense pelo tenente Benedicto da Costa Fernandes¹³⁹. Esse fato, a propósito, denuncia a intimidade dos intelectuais de Parnaíba com a imprensa, veículo do qual se utilizavam para diversos fins, desde a obtenção de produtos anunciados em suas páginas como a leitura atualizada do que ocorria no país e, no caso do *Jornal do Commercio*, como consequência, das produções literárias de nomes que se concentravam no Rio de Janeiro. É notório, pois, compreender que através dela, e a partir da inspiração admitida pelos veículos que vinham de fora, fariam uso de sua publicidade para fins também literários, promulgando produções e nomes além das fronteiras da cidade e do estado.

Discutidos alguns pontos que compõem a seleta de iniciativas que antecedem a organização das agremiações mantenedoras de veículos de imprensa, organizadas por associações com fins específicos de ciência, letras e cultura, passa-se agora à análise dos títulos e dos órgãos de fomento das letras – frutos do surgimento das primeiras instituições educacionais que constituirão as bases iniciais de um sistema educacional em Parnaíba.

2.1 Jornais parnaibanos no século XX

Em 1902 surge *A Juventude*, que se intitula literário, fora outros tantos jornais dirigidos por poetas e contistas de reconhecido trabalho no litoral piauiense, como é o caso de Raimundo Petit, que participa efetivamente de *O Consolador* (1918), e Edison da Paz Cunha, um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras, que esteve à frente de órgãos impressos como *A Pátria* (1921), *Gazeta da Parnaíba* (1923), *A Praça* (1927) e *A Voz da Parnaíba* (1940); outros periódicos parnaibanos contam com as colaborações de Renato Castello Branco, Oliveira y Ferres, Alarico da Cunha, Benú da Cunha, Thomaz Catunda, José Pires Lima Rebelo, Vicente Araújo etc.

¹³⁸ *O Governista*, n. 14, 31 dez. 1847, p. 4.

¹³⁹ Conforme se lê no expediente de *A Floresta*, n. 2, de 31 out. 1883.

O entrelace em Parnaíba da literatura com a imprensa obedece, sem muito atraso (se analisada a dificuldade da época), ao nascimento do jornalismo literário piauiense, que no Piauí surge na década de 1870, quando “verifica-se a existência de pequenos jornais de cunho puramente literário¹⁴⁰”, além disso, é por volta de 1880 que aparecem os primeiros folhetins piauienses¹⁴¹, tornando o jornalismo ainda mais literário. É provável que Parnaíba só presencie a chegada do folhetim em 1901, nas páginas do *Nortista*, assinadas por Paulo de Gery¹⁴² (poeta, cronista e contista), quando publica no espaço de um ano três contos: “Vizinhos¹⁴³”, “Uma união moderna¹⁴⁴” e “O fantasma da vingança¹⁴⁵”. Ainda em 1901 surgiria outro autor, identificado apenas como “Alberto”, que também assinaria conto: “Efeito Contrário¹⁴⁶”.

Vale ressaltar a qualidade em prosa tanto de Paulo de Gery quanto de Alberto no que compete o exercício da ficção, ambos de uma linguagem leve e de uma mordaz ironia – provavelmente, pelas escolhas discursivas e gradações, ambos não passem de um só escritor. Algo, porém, parecia distingui-los: Alberto admite em seu escrito digressões que em muito lembram as suspensões machadianas em conversa com o leitor.

No ano de 1902, seria a vez do jornal *Popular*, órgão da “Farmácia Popular de Júlio Rosa & C.”, com distribuição gratuita, que criará seção específica, “Folhetim do Popular”; tendo sido o próprio Júlio Rosa¹⁴⁷ o primeiro articulador do espaço com o trabalho “O Relógio¹⁴⁸”, lançado na edição de número 1, de 8 de novembro do ano acima. A propósito, a narrativa consubstancia o espaço geográfico de Parnaíba¹⁴⁹. De

¹⁴⁰ Idem, p. 78.

¹⁴¹ Ref. *A Época*, de Coelho Resende.

¹⁴² Detalhes sobre este escritor infelizmente não foram encontrados em quaisquer suportes consultados para esta pesquisa. Sabe-se, porém, que residiu em Parnaíba, afinal, todos os seus textos publicados em *Nortista* traziam ao final identificação de local de produção (Parnaíba) e data (1901). Este escritor teria ainda deixado nesse periódico uma poesia (“Romaria”, *Nortista*, ano 1, n. 25, 22 jun. 1901, p. 3. Anexo XV) e uma crônica (“Infância”, *Nortista*, ano 1, n. 9, 2 mar. 1901, p. 2. Anexo XVI).

¹⁴³ *Nortista*, ano 1, n. 14, 6 abr. 1901, p. 2. Anexo XVII.

¹⁴⁴ *Nortista*, ano 1, n. 21, 25 mai. 1901, p. 4. Anexo XVIII.

¹⁴⁵ *Nortista*, ano 1, n. 50, 14 dez. 1901, p. 2. Anexo XIX.

¹⁴⁶ *Nortista*, ano 1, n. 22, 1 jun. 1901, p. 2. Anexo XX.

¹⁴⁷ Era o primeiro ano de trabalho em Parnaíba do farmacêutico parnaibano Júlio Emílio Paiva Rosa. Índice este encontrado nas páginas do *Nortista*, quando em sua edição de número 16 anunciava: “Por telegrama da Bahia, recebido pelo distinto coronel João Rosa, e que obsequiosamente nos foi mostrado, soubemos que formou-se em Farmácia, cuja escola cursava com brilhantismo, o inteligente *conterrâneo*, Julio de Paiva Rosa. § A este jovem farmacêutico, e aos seus dignos progenitores enviamos os nossos sinceros parabéns” (Julio Rosa. *Nortista*, ano 1, n. 16, 20 abr. 1901, p. 2, grifo nosso).

¹⁴⁸ *Popular*, ano 1, n. 1, 1-8 nov. 1902, p. 2-3. Anexo XXI.

¹⁴⁹ Não seria esta a única vez que o espaço de Parnaíba seria consubstanciado nas páginas periódicas de jornais daquela época, que abriram espaço para as produções literárias; registro da década de 1920

pouco mérito literário, *Popular* foi um órgão despreocupado com as letras, sua intenção, como o primeiro editorial anunciara, era “[...] fazer propaganda da *Farmácia Popular*, dos seus preparos e dos que forem ali vendidos¹⁵⁰”, fato que se dava mesmo na distribuição diversificada de anúncios e textos exclusivos nas páginas que lhe seguiam as edições. Seu mérito residiu mesmo no fato de ter ajudado a legar à cidade a prototípica seção folhetinesca que não encontrou eco em outros periódicos do mesmo período, obediente que foi ao que já ocorria ao restante do país: a substituição, desde os primeiros anos do século XX, o gênero folhetim pela crônica, pela reportagem e pela crítica literária.

Um ano antes, o *Nortista* surge no primeiro dia do século XX. Em pouco tempo seria uma espécie de paradigma na imprensa em Parnaíba. Dirigido por Francisco de Moraes Correia, esse periódico tinha tipografia própria, era semanal e tamanho tabloide de 4 páginas, cada uma delas com cinco colunas de textos geralmente organizados em seções variadas, algumas fixas, como: “Pelo município”, nela discorria-se sobre o cotidiano da cidade e, em especial, interesses do Norte piauiense¹⁵¹; “Pelo Piauí”, para fins e interesses do estado; e espaço específico para anunciantes. No curto espaço de um ano legou às letras da cidade uma das mais profusas colaborações de Jonas da Silva, poeta parnaibano que residiu no Amazonas e lá fundou a Academia Amazonense de Letras – integrando-se, mais tarde, à seleta de escritores brasileiros que incorporariam em suas produções os traços sugestivos do Simbolismo.

Sintomático às crenças que se espalhavam no mundo do novo século, o primeiro editorial do *Nortista* revelava algumas ideias que mais tarde se difundiriam pelos demais órgãos da imprensa periódica de Parnaíba, dentre as quais os progressos das ciências e da indústria; das letras e da imprensa, interpretadas como aparelhos necessários à “senda luminosa da *civilização*”¹⁵², claro índice de uma “consciência de civilização” que se apoderava dos homens de comércio que impunham as letras como auxiliares de bandeiras das quais defenderiam. Como se refere Elias (1994), esse tipo de sentimento traz consigo uma consciência de superioridade, corporificada na ciência, na tecnologia e na arte.

demonstra a publicação do conto “O Mascarado”, de Italo d’Arentino, na folha teresinense *O Arrebol*, de 3 mai. 1925 (Anexo XXII).

¹⁵⁰ *Popular*, ano 1, n. 1, 8 nov. 1902, p. 1.

¹⁵¹ Uma das fortes campanhas levantadas pelo jornal foi a anexação dos territórios de Tutoia (Maranhão) ao Piauí, bem como os das cidades cearenses São Benedito, Tianguá, e Campo Grande, que na visão dos articulistas haviam no passado sido “usurpadas” do estado piauiense.

¹⁵² *Nortista*, ano 1, n. 1, 1 jan. 1901, p. 1, grifo nosso.

O discurso empregado no primeiro editorial traz ainda a concepção da atividade jornalística como uma espécie de sacerdócio a favor da verdade, muito embora se reconhecesse que o partidarismo não poderia ser extirpado de quem compunha aquelas páginas: “[...] seremos indefessos e veementes no combate pelo bem, pela verdade e pela justiça, sem o mais leve vislumbre de despeito pessoal, sem a menor dosagem de má paixão, servindo à causa do povo sem agressão nem azedume¹⁵³”. Um discurso, não por ventura, harmônico ao da classe média em ascensão na França, comum aos membros do movimento reformista de então:

O processo de civilização do Estado, a Constituição, a educação e, por conseguinte, os segmentos mais numerosos da população, a eliminação de tudo o que era ainda bárbaro ou irracional nas condições vigentes, fossem as penalidades legais, as restrições de classe média à burguesia ou as barreiras que impediam o desenvolvimento do comércio (ELIAS, 1994, p. 62).

O fato é que esse jornal por todo o primeiro ano de circulação defendeu, pelos menos em nível de estado, os interesses da cidade em frente às campanhas das quais se tem abordado anteriormente (de interesse comercial, econômico), acrescentando-se aquela em favor da instalação de um bispado no Piauí, com sede em Parnaíba – fato que ocorre posteriormente quando o papa Pio XII autoriza através de bula papal, datada de 16 de dezembro de 1944¹⁵⁴; em 1947 já estava em Parnaíba o primeiro bispo: D. Felipe Condurú Pacheco.

Talvez porque tenha se interposto como uma espécie de porta-voz dos interesses do Piauí, pelo menos na parte Norte do Estado, esse periódico admitira, sim, um discurso de superioridade entre seus pares, inclusive na escolha de textos a ser publicados como de interesse público, de um conjunto, e nunca de uma “paixão partidária”, de “interesse pessoal” ou “desabafo individual”; é isso o que indica o editorial da edição de número 12, porque na concepção de seu corpo redacional “*um jornal [...] deve ser um veículo de civilização* e não de paixões subalternas¹⁵⁵”. Este editorial ainda traz índices da recepção da folha no meio parnaibano, indicando que a “[...] tiragem tem aumentado muito em vista da grande aceitação e procura que há tido a

¹⁵³ Idem, *ibidem*.

¹⁵⁴ Conforme *O Sino* (ano 16, n. 607, 9 set. 1945, p. 1).

¹⁵⁵ Nortista: 23 de março de 1901 (editorial). *Nortista*, ano 1, n. 12, 23 mar. 1901, p. 3, grifo nosso. Anexo XXIII.

nossa modesta folha¹⁵⁶”; além da quantidade crescente de colaboradores de textos, o que teria obrigado o *Nortista* a veicular uma edição especial contendo 6 páginas (fato que se repetirá outras vezes), ao invés de 4, a fim de “[...] de dar vazão à afluência de matéria em nosso poder¹⁵⁷”, procurando assim “[...] corresponder ao apoio e confiança que nos há prestado o público¹⁵⁸”.

Em busca de coadunar-se ao que se praticava nos grandes centros metropolitanos do país, pelo menos desde o primeiro número *Nortista* dispôs do serviço telegráfico, a fim de manter seus leitores em dia com o que ocorria no Brasil e no mundo. Esse serviço já não era novidade: em 1892, *O Patriota*¹⁵⁹, de propriedade de Benedicto Costa Fernandes, as notícias recebidas através do aparelho eram levadas para o jornal.

Uma análise mais acurada das páginas do *Nortista* aponta uma preocupação distinta no que tange à mudança de hábitos entre os seus concidadãos, aliás, a primeira edição é, sim, emblemática no que concerne a divulgação do programa do qual o periódico seguirá no decorrer de sua faina jornalística¹⁶⁰, quais sejam: política, literatura, teatro, música, diversão, cotidiano, curiosidades e informação. A fim de cumprir com tais compromissos dedicara de alguma maneira organizada, outras seções específicas, distintas das do seu início: “Registro da cidade”, para fatos citadinos; “Pelo teatro”, para o registro de apresentações teatrais realizadas em Parnaíba na época, especialmente por duas companhias teatrais, a Companhia Dramática (dirigida por Vieira Xavier) e a Companhia Luso-Brasileira (dirigida por Caetano Alves).

Dentre os inúmeros atores, profissionais e amadores, que encenaram em Parnaíba no ano de 1901, encontravam-se: Máximo Gil, Beatriz Rosália, Maria Amélia, Juca Seixas, Frederico Magno, F. Basto, M. Basto, F. Borges, P. Queiroz, A. Souza, Ludovina Silva, Phebo, G. Sepúlveda (que também era poeta), Adelina Tavares, Delphica Araújo, Joanna Pereira, Claudino Oliveira, Deocleciano Costa, Oscar Araújo, Gastão, Antônio Tavares *et al.*

¹⁵⁶ Idem, *ibidem*. Anexo XXIII.

¹⁵⁷ Idem, *ibidem*. Anexo XXIII.

¹⁵⁸ Idem, *ibidem*, grifo nosso. Anexo XXIII.

¹⁵⁹ Fundado em 1891, *O Patriota* regozijava-se de ter a “primeira e melhor montada oficina” tipográfica do Piauí, em Parnaíba. Anúncio de sua edição de número 33, de 21 ago. 1892, relata da existência de “[...] três prelos, de moderno sistema, máquinas para cortar e picotar, uma infinita e variedade de tipos, vinhetas e outros caracteres” (*op. cit.*, p. 4).

¹⁶⁰ Segundo Celso Pinheiro Filho (1997), o jornal *Nortista* durou mais de dez anos: de 1º de janeiro de 1901 a 20 de dezembro de 1912. Infelizmente, para esta pesquisa, só foram encontradas edições de 1901 e parte das de 1902, salvaguardadas pela Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

Será ainda através dessas notas rápidas (e sobremaneira escassas de detalhes) que se descobrirá tanto a cidade envolvida com as artes cênicas como um poeta que mais tarde daria nome a uma cidade piauiense, Luiz de Moraes Correia.

Os informes teatrais geralmente vinham acompanhados de um pequeno resumo do que ocorria não na peça, mas na plateia; concentrado esse tipo de análise a adjetivações generalizadas a respeito da atuação dos artistas em cena. Entre uma pequena crítica a outra, algumas reclamações do público que pouco prestigiava determinadas peças¹⁶¹, enquanto outras eram ovacionadas¹⁶².

O espaço dedicado a divulgar as manifestações teatrais é somente mais um índice da “senda luminosa da civilização” de que se ocupava ideologicamente o impresso: pelo menos desde os tempos da Grécia, como admite Elias (1994), e mais especificamente na formação e consolidação da cultura alemã de Goethe, o teatro (digase, a tragédia clássica) tem sido objeto primordial de constituição do processo civilizatório das nações ocidentais¹⁶³. Se esse tipo de manifestação artística se relacionava de alguma maneira aos avanços na incorporação de comportamentos civilizatórios, é índice cabal as notas divulgadas no *Nortista*, em especial pela leitura que se pode inferir no que compete ao número de apresentações diversificadas de títulos que ocorrem ao longo do ano de 1901, entre os gêneros drama e comédia¹⁶⁴.

Depois de *Nortista*, ver-se-á em Parnaíba no periódico *Semana* outra via de divulgação da arte teatral, todavia, com notas mais detalhadas, próximas ao que se poderia denominar de crítica, como a que se levou a lume em janeiro de 1911, a respeito da apresentação do drama *O Poder da Honra*¹⁶⁵.

¹⁶¹ P. ex. na edição do *Nortista* (ano 1, n. 26, 29 jun. 1901, p. 3) assim reclamavam os redatores: “É de lamentar que um povo hospitaleiro como soe ser o parnaibano deixe assim, com uma extraordinária indiferença, de assistir à tão esplêndida festa, como foi, folgamos em o dizer, o último espetáculo”. Ref. ao conjunto de peças encenadas no dia 23 de junho de 1901: “Moços e velhos” (comédia), “Mariquinhas do apito” (comédia) e “Deus e a natureza” (drama); levadas a lume pela Companhia Dramática do ator Vieira Xavier, que esteve em Parnaíba em temporada pelo Piauí. Findando a nota, os articulistas creditam: “É tão pobre de divertimentos esta nossa bela Parnaíba, que não devemos, de motu próprio, continuar mergulhados nessa atonia embrutecedora e antissocial [...] Mais um bocadinho de boa vontade, parnaibanos, e protejamos a esses artistas que eles bem o merecem” (id. ibid.).

¹⁶² Cf. nota divulgada em *Nortista* (ano 1, n. 32, 10 ago. 1901, p. 2 do suplemento): “O povo parnaibano patenteou ao beneficiado [Caetano Alves] o quanto aprecia os seus méritos artísticos comparecendo à sua festa. O teatro estava repleto. Foi o mais concorrido espetáculo desta companhia”.

¹⁶³ Mais tarde a divulgação teatral em Parnaíba continuaria a encontrar espaço na imprensa periódica, como é o caso de *Gleba*, que em sua edição de n. 5, set. 1933, p. 7, anunciou: “Pelo vapor ‘Piauhy’, entrado a 4 do sul do Estado, encontra-se nesta cidade a bem organizada Companhia Teatral Hugo Alberto, de São Luís do Maranhão”.

¹⁶⁴ Apêndice VI.

¹⁶⁵ Anexo XXIV.

Outras seções no periódico merecem destaque, como aquele dado às letras com grande espaço para sonetos, crônicas e contos. Dos nomes que se destacaram: Jonas da Silva, João Vieira Pinto, Armando Madeira, Paulo de Gery e Francisca Montenegro. O primeiro, que ilustrou as páginas do *Nortista* como nenhum outro poeta de sua época, pode ser, pela profícua produção, compreendido como um dos mais produtivos sonetistas da cidade¹⁶⁶.

A colaboração poética de Jonas da Silva ao *Nortista* acompanha o semanário por todas as edições de seu primeiro ano. Depois desse sonetista, outro nome marcaria as páginas do periódico. Se Jonas da Silva reservaria seu trabalho para a produção de sonetos, João Vieira Pinto, que mais tarde se tornaria reconhecido político piauiense, levaria a lume a sua produção explorando outras formas poéticas, além do soneto. Assim, escandiria estruturalmente em oitavas, sextilhas, quartetos e ainda se faria lido através da crônica – como que observando, já naquele início de século, o hibridismo dessa forma – criada e difundida depois do advento da imprensa¹⁶⁷.

Os quadros apontados nos apêndices desta dissertação são um índice da emergente classe letrada que se estabelecia na cidade e tinha o periódico como um ponto de encontro. Notas esparsas nas edições do jornal também ajudam a desenhar pouco a pouco certos hábitos, instituições e grupos que participam do cotidiano da cidade. A começar por aqueles de fomento educacional, representados pelo Externato São José, dirigido pelo professor e escritor José Serra de Miranda, também lembrado por Humberto de Campos em suas *Memórias*; bem como a iniciativa do professor e articulista do *Nortista*, Estevam Ferreira de Medeiros, que resolvera oferecer aos parnaibanos o serviço de aulas noturnas a adultos: “[...] onde poderão se matricular operários, discípulos de oficinas e criados de casas de família [...] Recebe também em classe separada, rapazes empregados no comércio¹⁶⁸”. Segundo ainda o anúncio publicado nas páginas do periódico, o curso funcionava no pavimento térreo do sobrado Vista Alegre, “[...] contígua à casa do professor José Miranda¹⁶⁹”, sendo escolhido como horário de ensino das 18h às 21h.

É ainda através das páginas do *Nortista* que se identificam anúncios dispersos de outras iniciativas individuais de professores dispondo de seus serviços de “externato” aos jovens da cidade. Dentre os profissionais envolvidos com a educação naquele ano

¹⁶⁶ Apêndice VII.

¹⁶⁷ Apêndice VIII.

¹⁶⁸ Aula noturna. *Nortista*, ano 1, n. 20, 18 mai. 1901, p. 2.

¹⁶⁹ Idem, *ibidem*.

encontrava-se também Carolina Medeiros, que no periódico ainda colaborara com crônicas¹⁷⁰. A professora e escritora, aprovada no Conselho de Instrução Pública de Fortaleza, oferecia aos parnaibanos ensino em todas as matérias que constituíam o curso primário, com “[...] aula aberta à rua Grande, mística [sic] à casa de residência do Sr. Marc Jacob¹⁷¹”; recebia “[...] alunas e alunos, estes menores de nove anos; ensinando a meninas, também trabalhos de agulha¹⁷²”. Em 23 de novembro de 1901 seria a vez de anunciar serviços particulares de aulas a professora e poetisa Francisca Montenegro; do quadro demonstrativo de matérias lecionadas, estavam: “Português; Aritmética (até proporções); Francês (princípios); trabalhos de agulha e bordados¹⁷³”. A poetisa manteria esse tipo de anúncio pelo menos por mais alguns anos, enquanto residia em Parnaíba: em 1910, por exemplo, no periódico *Semana*, onde participava como colaboradora com poemas.

Comum ainda era a presença de notícias vinculadas à banda de música Harmonia Parnaibana, organizada pelo músico Pedro Braga, outra figura lembrada pelo memorialista maranhense, que participava de toda e qualquer solenidade municipal com composições de autoria própria. No que compete ao exercício das letras, é de 17 de janeiro de 1901, nota acerca de uma recitação poética da parte de Estevam Ferreira de Medeiros, articulista do *Nortista*, que teria no dia 7 de janeiro de 1901, em solenidade de posse dos eleitos aos cargos municipais¹⁷⁴, recitado um poema sobre a imprensa¹⁷⁵, em frente à casa do novo intendente¹⁷⁶. Data deste mesmo período a reivindicação da Associação Comercial, ao que tudo indica não instituída oficialmente, de uma agência bancária para a cidade¹⁷⁷.

Observar a composição do *Nortista* é ainda se deparar com a própria evolução das técnicas de reprodutibilidade do tempo e do espaço inserido. Das mais de 40 edições consultadas para esta pesquisa, que abrangem todo o ano de 1901 e uma pequena parte

¹⁷⁰ “A Vida” (crônica), *Nortista*, ano 1, n. 52, 28 dez. 1901, p. 2, Anexo XXV; e “O riso” (crônica), *Nortista*, ano 2, n. --, 28 jun. 1902, p. 3, Anexo XXVI.

¹⁷¹ Curso primário. *Nortista*, ano 1, n. 21, 25 mai. 1901, p. 3.

¹⁷² Idem, *ibidem*.

¹⁷³ Aula particular. *Nortista*, ano 1, n. 47, 23 de novembro de 1901, p. 4.

¹⁷⁴ Intendente: Jonas de Moraes Correia; vice-intendente: Delbão Francisco Rodrigues; Conselho Municipal: Luiz Antônio de Moraes Correia (presidente), Joaquim Antônio Gomes Almeida (vice-presidente), Olyntho José Gonçalves de Amorim, Antônio José Tavares, José da Silva Ramos Filho, Epaminondas Demétrio Castello Branco e Francisco de Moraes Correia.

¹⁷⁵ Não há maiores informações sobre este texto recitado, somente esta alusão em superfície.

¹⁷⁶ Pelo município: a posse. *Nortista*, ano 1, n. 3, 17 jan. 1901, p. 2.

¹⁷⁷ Agência bancária. *Nortista*, ano 1, n. 6, 9 fev. 1901, p. 2.

do ano seguinte¹⁷⁸, se constatou a existência de anúncios organizados apenas em letreiros e cercaduras, como, a propósito, era toda a estrutura do jornal. Essa realidade só viria a ser modificada em 1916, quando o periódico *Semana*, a partir de sua edição de número 2 (26 de novembro) incorporaria xilogravuras para anúncios como “Emulsão de Scott” e “Elixir Nogueira”. Em 1919, no jornal *O Artista*, já se vê escassas xilogravuras incorporadas não apenas em anúncios como também em textos. Seguindo a cronologia, em 1926, o *Mocidade Jornal* passa a admitir em suas folhas xilogravuras para anúncios (remédio “Grindelia” e sabão líquido “O Aristolino”).

Apesar de todas essas manifestações tímidas da xilogravura na imprensa de Parnaíba em suas duas primeiras décadas do século XX, a história da ilustração parnaibana em páginas de imprensa parece mesmo ser demarcada com a existência do *Almanaque da Parnaíba*, quando em sua primeira edição de 1924 já demonstra tanto xilogravuras quanto clichês, com a reprodução de fotografias de autoridades e comerciantes, bem como de palacetes, ruas e instantes da cidade na época – um registro, não por ventura, válido que ajuda a contar um pouco da história arquitetônica do município.

Tal fato pode ser explicado quando se observa que parte significativa das edições do referido almanaque, principalmente no que concerne aos seus primeiros números, foi impressa fora, ora em Fortaleza (Tipografia Renascença), ora em Belém, no Pará, ou mesmo nas oficinas gráficas do *Jornal do Commercio*, em Recife, Pernambuco. Somente por volta dos anos de 1930 é que esse periódico passou a ser impresso nas oficinas tipográficas de Parnaíba, e daí seguiu, ora imprimindo em sua cidade sede, ora encaminhando a parques gráficos de outras cidades. Sua edição de número 10, por exemplo, a de 1934, fora impressa pela empresa gráfica Renascença¹⁷⁹, já instalada em Parnaíba à Rua Duque de Caxias, e já demonstra o mesmo padrão impresso, inclusive em cores, das demais gráficas de fora.

Se através da imprensa, como afirma Carpeaux, Candido e Sodré, o literato pôde se profissionalizar, no *Nortista*, índices dessa realidade podem ser consultados, como o do sonetista parnaibano Francisco Basto, então responsável pela “[...] parte econômica do [...] jornal [...] a quem os interessados se entenderão sobre assinaturas, publicações e mais negócios relativos a essa empresa¹⁸⁰”. Basto, que também enveredou como ator

¹⁷⁸ As únicas disponibilizadas pela Biblioteca Nacional.

¹⁷⁹ Homônima à gráfica cearense.

¹⁸⁰ Gerência. *Nortista*, ano 1, n. 3, 17 jan. 1901, p. 3.

amador nas apresentações teatrais que corriam o município, foi naquele ano, depois de Jonas da Silva e João Vieira Pinto, o mais profícuo colaborador com alguma assiduidade do periódico; sua faina artística, porém, diferindo da de Pinto e aproximando-se da de Silva, prezava pela forma do soneto.

Basto é o exemplo de escritor que fez da imprensa o caminho de seus rendimentos, ao introduzir-se não apenas na difusão em soneto (fato que não garante a sua remuneração no periódico), mas por ter ingressado profissionalmente em outros setores importantes à manutenção da folha, inclusive no cargo de gerente, substituído posteriormente por José Narciso de Castro, quando Basto se despediu de sua cidade natal rumo ao Amazonas. Sua passagem pela imprensa em Parnaíba, portanto, obedece ao que ocorria na relação entre literatos e imprensa, como anota Broca (2005, p. 286): “[...] os jornais, proporcionando trabalho aos intelectuais, mesmo quando se tratava de simples rotina de redação, sem nenhum cunho literário, facilitava a vida de muitos deles”. É de 17 de agosto de 1901, nota publicada no *Nortista* dando notícia da partida de Francisco Basto para o Amazonas, onde lá teria sido promotor público, cargo que ocuparia ainda em Parnaíba. Nessa profissão findara seus dias em Remate dos Males (AM), em 1904. Basto, ao que tudo indica, estrearia nas letras através de livro muito em breve, sob o título de *Trêmulos*¹⁸¹, todavia, a obra de que se ocupou a nota no *Nortista*, nunca veio a público.

Com colaborações mais escassas, mas não menos prestigiadas entre os conterrâneos de *Nortista*, encontram-se ainda as de Armando Madeira¹⁸², poeta, comerciante e primeiro presidente da Associação Comercial de Parnaíba, e da professora Francisca Montenegro que, talvez, tenha sido a poetisa de maior atuação no Norte piauiense desse início de século, posto seus poemas terem sido estampados nos mais variados periódicos em períodos distintos. Madeira é o mais claro índice do que Santos explana:

Os comerciantes desta Parnaíba [década de 40, ainda reverberada pelos saldos acumulados das décadas anteriores do século XX] eram homens inteligentes e cultos, de uma inteligência que ia além do puro comércio, do só-ganhar-dinheiro; de uma cultura que beira a enciclopédia. Quem não tivesse cultura acima de um certo nível pouco podia conversar com aqueles homens tão inteligentes, fossem comerciantes ou comerciários¹⁸³.

¹⁸¹ *Nortista*, ano 1, n. 33, 17 ago. 1901, p. 3.

¹⁸² Apêndice X.

¹⁸³ *O Bembém*, 2014, ano 7, n. 82, p. 10.

Talvez por essa mesma razão tenha A. Barros, em 1911, escrito acerca dos comerciantes de Parnaíba: “O corpo comercial representativo é altamente distinto, maneiroso e *ilustrado*, e auxiliado por pessoa de idoneidade profissional¹⁸⁴”.

Ensaaiaria colaboração nessas páginas, ainda, aquela que pode ser considerada uma das primeiras poetisas da cidade, a professora normalista Francisca Montenegro¹⁸⁵, já então lembrada por Humberto de Campos (1948, p. 210) no final do século XIX:

Havia em Parnaíba uma poetisa de nome Francisca Montenegro, que produzia odes patrióticas e sonetos amorosos para os jornaizinhos locais. Morava à rua Grande, quase nos Campos, em uma velha casa de esquina, de calçada alta e irregular.

Enquanto a inclusão de Carolina Medeiros e Francisca Montenegro nas páginas periódicas de Parnaíba marca, com alguma propriedade, a participação de mulheres na literatura do Norte piauiense, será nas primeiras décadas do século XX que se encontrará, principalmente nas páginas do semanário *Semana*, outras escritoras cujas produções ilustram, em várias edições, as primeiras páginas do impresso; é o caso de Alda e Carmén-Flora.

Talvez porque tenha explorado os mais variados assuntos de interesse da cidade, ou mesmo tenha sido uma espécie de ponto de partida para a produção literária que seria produzida adiante, até por volta da terceira década do século XX, quando há mais de vinte anos não mais existia, o *Nortista* manteve o mesmo prestígio estadual que acumulou em seus anos de atividade¹⁸⁶. Joel de Oliveira, que em 1929 fez o primeiro levantamento cronológico dos periódicos publicados na cidade de 1863 a 1928, expressa que esse periódico “Foi, talvez, o melhor jornal publicado em Parnaíba, pela sua feição material, como pela magnitude de seus artigos visando à grandeza e o progresso do Estado¹⁸⁷”.

Depois de *Nortista*, *O Artista*, da Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, seria o período que legaria uma preocupação estética quanto à divulgação das letras do Norte do Piauí. Foi seu tempo de publicação os anos de 1919 a 1922, a cidade (forçoso pontuar) ainda carente de um sistema educacional profícuo. Sua primeira edição foi lançada em 15 de agosto de 1919 e tinha como diretor-gerente o

¹⁸⁴ Aspectos parnaibanos. *Semana*, ano 1, n. 31, 8 jan. 1911, p. 1, grifo nosso.

¹⁸⁵ Apêndice XI.

¹⁸⁶ Dos periódicos consultados para esta pesquisa, pertence ao *Nortista* o maior número de edições localizadas; um total de 48 números distribuídos em 237 páginas.

¹⁸⁷ A imprensa em Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*, ano 8, n. 8, 1929, p. 43.

pintor, escultor e xilógrafo João Bezerra Leite e, posteriormente, o poeta Francisco Ayres, auxiliada pela direção redacional de Thomaz Catunda, poeta de métrica alexandrina. Tinha quatro páginas diagramadas em quatro colunas textuais, dedicando sempre a última a anúncios comerciais gratuitos de seus associados.

A Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, formada inicialmente por mais de 50 associados¹⁸⁸, ao levar a lume *O Artista*, evidencia logo no seu primeiro número uma preocupação sobrelevada de sua agremiação com a causa instrutiva, incorporando em suas bases de fundação alguns artigos que convém aqui ser expostos por indicarem a consciência que esses “operários intelectuais” tinham de seus papéis:

[...]

3º – Difundir a instrução pelos menores aprendizes de artes e ofícios, compreendido em três ramos do saber: Literatura, Música e Desenhos.

[...]

6º – Manter uma banda de Música exclusivamente de artistas e operários.

[...]

7º – Ter um órgão de imprensa para propaganda e defesa da Sociedade União Progressista e da Classe artística em geral.

[...]

11º – A Sociedade União Progressista reger-se-á por uma Constituição Artística Social e um regulamento interno.

12º – Não farão parte da União Progressista, – os artistas e operários, entregues ao vício do jogo de azar e da embriaguez¹⁸⁹.

¹⁸⁸ A primeira organização da Sociedade ficou composta assim: presidente, João Bezerra Leite; vice-presidente, Juvenal Galeno; 1º secretário, Antônio Mello; 2º secretário, Benedicto Moraes; tesoureiro, Máximo Nascimento Oliveira; e orador oficial, Gumercindo Barroso. Passa-se agora à listagem dos demais sócios que de maneira direta foram responsáveis direta e indiretamente pela publicidade de *O Artista*: Gustavo de Pinho Raposo, Angelo Rodrigues de Araújo, Bernardino Costa e Silva, Galdino Antônio de Carvalho, Hermenegildo Costa, Izidio Simplicio de Souza, Joaquim Sipaúba Mendes, Christino Mello, Manoel Rosa e Silva, Miguel Izaías de Mello, João Carvalho Mascarenhas, Carlos Souza, Pedro Dutra Ramos, Sebastião de Oliveira Leite, Alfredo Arthur do Espírito Santo, Benedicto Ribeiro, Asférico Bezerra Leite, Pedro Rabello Borges, Alfredo Modrack, Manoel Monteiro da Silva, Francisco Baptista Vieira, Lycurgo de Menezes Enrich, Galdino N. Mello, Antonio Nonato da Silva, Francisco Rodrigues Costa, Francisco Ayres, Celestino Alves de Araújo, João de Sousa Sampaio, Pedro Francisco de Araújo, Manoel Rodrigues Falcão, Benedicto Pereira da Silva, Adalberto Figueira da Silva, Gervásio Soares Costa, Maurício Pereira dos Santos, José Xavier de Menezes, Manoel José dos Santos, Cypriano Bacellos de Farias, Innocencio Cardoso, Samuel Mendes Ramos, Sebastião Pereira do Nascimento, Almiro Ribeiro Avelino, Antonio Pereira dos Santos, Jesum Messias d’Albuquerque, Francisco de Paula C. Barbosa, José Maria do Amaral, Antonio Pereira de Araújo, João Marques de Mello, João Loyola, Pedro Calixto e Silva, Joaquim Francisco dos Santos, Henock Guimarães, Francisco Santos, Virgílio Félix d’Oliveira, Antonio Fernandes Conde, Adão Carvalho, Augusto L. Pessoa, Joaquim da Silva Ramos, João Soriano da Cruz, João Tavares, Manoel Marques de Mello, Grigório Ferreira de Sousa.

¹⁸⁹ Bases para sua fundação. *O Artista*, ano 1, n. 1, 1919, p. 1.

Além de uma preocupação com a causa das letras e da instrução, a agremiação admitia aguardava de seus sócios um modelo de vida ilibado, ou seja, avesso ao “vício de jogo de azar e da embriaguez”, como indica o artigo 12 de seu estatuto; uma resposta, talvez, aos tempos da boemia que já se instauravam na cidade e, como em outros redutos do país e do mundo, atraía mais e mais os homens de letras. Dos compromissos assumidos da Sociedade para com a cidade, a fundação de uma escola de música, “Escola 28 de Setembro”, encontrou guarida entre os sócios e em 15 de setembro fora aberta, bem como aulas instrutivas de ordem básica como o ensino da leitura, da escrita e do cálculo, conforme nota: “No bairro Tucuns desta cidade damos aulas noturnas nos dias úteis aos menores aprendizes de artes e ofícios, filhos de artistas e demais crianças que quiserem aprender a ler e a escrever, e contar¹⁹⁰”. A Sociedade parece ter se articulado ligeiramente quanto aos seus objetivos estatutários, posto já em edição de número 3, de 5 de outubro de 1919, dar nota da criação da “Escola Noturna 7 de Março”: “Para o ensino de noções, aos aprendizes de artes e ofícios e artistas que queiram aprender a ler e a desenhar¹⁹¹”, com funcionamento da sede da própria União Progressista. Com isso estava cumprido o artigo 3 das bases de fundação da Sociedade.

A programação editorial de *O Artista* previa uma tiragem mensal, todavia, ao que tudo indica, essa periodicidade não pôde ser mantida, é o que demonstra as suas cinco primeiras edições, em que as de número 1, 2 e 3 embora mantivessem, sem obedecer a uma data precisa, a publicidade mensária, o mesmo não se repetiria com os números seguintes: 1º, 15 de agosto de 1919; 2º, 7 de setembro de 1919; 3º, 5 de outubro de 1919; 4º, 1 de janeiro de 1920; e 5º, 18 de julho de 1920. Dos nomes que assinaram colaborações à folha estão: Segundo Wanderley, Murilo Campos, Xavier de Carvalho e Oliveira Ferres, sonetistas; Herculano Santos, articulista e sonetista; A. Cunha, cronista; Augusto Pessoa, J. Mascarenhas, Dionísio Coutinho, Samuel Santos e Jugurtha Castello Branco, articulistas; Francisco Ayres¹⁹², cronista e sonetista; .

Junto de *O Artista*, em Parnaíba, nos anos de 1919 e 1920, circulavam outras sete folhas periódicas: *O Consolador*, órgão do Centro Espírita “Perseverança do Bem”; *A Tribuna*, em sua segunda fase; *A Propaganda*, órgão do Comércio Piauiense; *O Progresso*, dirigido por Hercínio Fortes e Herculano Santos; *O Chromo*, dirigido por

¹⁹⁰ As nossas escolas. *O Artista*, ano 1, n. 2, 7 set. 1919, p. 2.

¹⁹¹ Op. cit., p. 2.

¹⁹² Mais tarde, no ano de 1951, o livro de poesia *Cantos ao Vento*, prefaciado por Thomaz Catunda e impresso pela Empresa Gráfica Americana.

jovens do comércio; *O Popular*, dirigido por Américo Ribeiro; e *O Imparcial*, dirigido pelo poeta e intendente municipal Nestor Vêras.

Pela pesquisa realizada percebeu-se que o jornal *O Artista* teve vida curta, apenas 3 anos e sem a publicação consecutiva de suas edições. O último número que se teve notícia do periódico é o de número 11, de 1º de maio de 1922, dedicado ao Dia do Trabalho.

Depois de *O Artista* outras folhas surgiram, todavia com duração muito efêmeras, como é o caso de *O Perdão*, cujo expediente tinha C. M. de Mello, como diretor; Augusto L. Pessoa, gerente; Joaquim L. Ramos, tesoureiro; e redatores: Castro Cavalcanti, Nadir Sobral, Salles Reis, Francisco Ayres, Thomaz Catunda, José Dutra e Oscar Vaz. Estava ligado diretamente ao grupo espírita “Caridade, Amor e Perdão”. Dos espaços, a divulgação da própria doutrina e a exaltação à arte literária, tendo sua edição de número 5, de 14 de julho de 1921, dedicado espaço de capa ao soneto da poetisa parnaibana Neném Marreiros¹⁹³. Seguido de *O Perdão*, vale destacar a atuação pequena, embora significativa, do jornal *A Praça*, órgão da Associação Comercial dos Varejistas de Parnaíba. Localizava-se na Travessa da Ribeira, n. 17, e fora fundado em 1928, ano em que chegara à edição de número 47. Dos intelectuais que já compunham a vida literária da cidade, ligados diretamente a esse periódico encabeçava a lista Edison Cunha. Não diferente dos anteriores, organizava-se em 4 páginas, todavia, distribuindo seus espaços em três colunas.

Outra importante folha que circulou nas terças, quintas e sábados em Parnaíba¹⁹⁴, e que por seu caráter duradouro, bem como pela quantidade de edições que legou à cidade merece ser destacada é *O Norte*, órgão da União Democrática Nacional, dirigido inicialmente por Raul Primo, e posteriormente por Raimundo Fonseca Mendes e por J. R. Souza. Este periódico, que tinha oficina própria, além de lidar com questões de ordem vária, como comércio, política e economia, ainda dedicou espaço às manifestações artísticas, com grande destaque aos produtores literários. Era organizado em quatro páginas e cada qual com quatro colunas. Diferiu dos demais órgãos já assinalados aqui por usufruir do avanço gráfico, levando para as suas páginas clichês fotográficos bem como a antiga xilogravura, resistente, pois, aos espaços publicitários.

Fundado em 25 de fevereiro de 1930, *O Norte* foi o mais duradouro veículo de imprensa do primeiro quinquênio do século XX em Parnaíba: acumulou em sua

¹⁹³ Ref. ao soneto “O poder da evolução”. Anexo XXVII.

¹⁹⁴ Na década de 1940, *O Norte* seria diário.

trajetória jornalística mais de 4.000 números em mais de 25 anos de existência. Entre as agenciadores e empresas que seguramente mantinham a folha por tanto tempo estavam as de médio porte e as de maior capital do Norte piauiense: “Lloyd Brasileiro”, “Ford” e “Bicicletas Americanas Schwin” (Moraes Correia & Cia.), “Banco da Parnaíba”, “Carbonífera” (Domingos d’Oliveira), “Westfal-Larsen Company Line” e “Companhia Nacional de Navegação Costeira” (Mavignier & Cia.), “Fábrica Lafayette” (Moreira & Cia.), “Pneus Brasil” (Machado & Trindade), “Rádios Philco” (Poncione Rodrigues & Cia. Ltda.), “Chevrolet” (Celso Nunes), “Elixir Dória” (Ranulpho Torres Raposo), “Casa Marc Jacob S.A.”, “Casa Inglesa” e “Booth Line” (James Frederick Clark S.A.), “Banco do Brasil S.A.”, “Panair Brasil S.A.”, “Parnaíba Hotel”.

O Norte contava ainda com o mecenato estatal, que utilizava suas páginas para a divulgação de editais e chamadas outras de interesse público. Passou por várias sedes: em 1936, Rua Duque de Caxias, n. 5; em 1940, Praça 24 de Janeiro, n. 56; em 1943, Rua Conde d’Eu, n. 12; em 1946, Avenida Presidente Getúlio Vargas, n. 403; em 1947, Rua Duque de Caxias, n. 632, Rua Conde d’Eu, n. 704; em 1948, Rua Marquês do Herval, n. 367; em 1952, Avenida Presidente Getúlio Vargas, n. 59.

Dentre os colaboradores da folha nos seus mais de 25 anos encontram-se os poetas Alarico da Cunha¹⁹⁵, Djalma Barbosa Viana e Jesus Martins, incluindo-se entre eles a poetisa Sonita Cunha¹⁹⁶, filha do primeiro; os escritores Humberto Teles, Oliveira Neto (estes dois últimos também poetas), Antônio Sampaio, José Euclides de Miranda, Álvaro de Oliveira, Edison Cunha¹⁹⁷, Joel de Oliveira¹⁹⁸, Cândido Athayde e R. Ferraz Filho; o contista Raimundo Souza Lima; bem como Francisco C. Dutra, Celso Nunes, Oscar Clark e Antônio Narciso – estes com colaborações esparsas. Dedicando espaço ao beletrismo, o periódico inaugurou a “Coluna Literária”, onde expôs trechos consagrados da literatura brasileira, seguidos de curtíssimas biografias de seus autores. Em 17 de agosto de 1947, por exemplo, trouxe uma epigrama de Ronald de Carvalho, bem como expressou curiosidades a respeito da cidade de Bernard Shaw. Na edição de 23 de

¹⁹⁵ Apêndice I.

¹⁹⁶ Sonita Cunha, ainda viva (residindo hoje em Rio das Ostras, RJ), é uma das sonetistas parnaibanas com atuação na imprensa desde o primeiro quinquênio do século XX. Em *O Norte*, lançaria algumas produções de sua autoria, dentre as quais “Pedra” (*O Norte*, ano 17, n. 2.922, 27 abr. 1946, p. 4. Anexo XXVIII), “A Casinha da Atalaia” (*O Norte*, ano 17, n. 2.916, 13 abr. 1946, p. 1. Anexo XXIX), “O Mar e a Terra” (*O Norte*, ano 17, n. 2.931, 19 mai. 1946, p. 1. Anexo XXX) e “Maria” (*O Norte*, ano 17, n. 2.928, 11 mai. 1946, p. 1. Anexo XXXI) – cinco sonetos escritos em versos alexandrinos.

¹⁹⁷ Apêndice XII.

¹⁹⁸ Seria nas páginas do *O Norte* nos anos de 1940, que Joel de Oliveira assinaria um conjunto extenso de crônicas sob o epíteto de “Águas Passadas”.

agosto, do mesmo ano, estaria exposto um conto escrito por Raimundo Souza Lima¹⁹⁹, “Marinheiro de Primeira Viagem²⁰⁰”, um dos contistas de maior projeção na imprensa parnaibana no segundo quinquênio do século XX. É provável que o escritor tenha estreado as suas primeiras prosas no *O Norte*. Dividindo espaço com Souza Lima, notícias dos mais novos lançamentos de livros no Brasil, como dos livros *A Eterna Canção*, de Áurea Palmeira (conjunto de versos e monólogos) e *Jubiabá*, de Jorge Amado (romance pela Livraria Martins Editora).

A análise do suporte jornal, pode-se dizer, é uma espécie de ensaio ao que se produzia de mais próximo ao exercício literário: as revistas, que em Parnaíba foram, de fato, os veículos de divulgação por excelência das agremiações e associações que se formaram em torno do ideal de propalar as letras na cidade. É o que se verá adiante.

2.2 Revistas parnaibanas no século XX

Ao tempo em que órgãos de imprensa do tipo jornal incorporavam em suas páginas interesses diversos, especialmente aqueles ligados à política, em Parnaíba os anos de 1930 assistiam ao surgimento das primeiras revistas desvinculadas desse argumento, preocupadas que eram com assunto de ordem científica, artística e literária; aliás, este um mesmo diapasão que permeará pelos órgãos congêneres até o final do primeiro quinquênio do século XX.

A propósito, esse tipo de conteúdo já iniciado nas principais capitais brasileiras no século XIX e XX, como bem nos expressa o conteúdo da revista *Kosmos*²⁰¹ (1904-1906), obedecia a um surto iniciado na França, onde ocorreu a “[...] proliferação do número de jornais, o desenvolvimentos das bibliotecas públicas e dos gabinetes de leitura” (BADINTER, 2007, p. 149). Isso ajuda a explicar, em parte, o que também ocorria nas cidades que pouco a pouco assistiam ao surgimento de uma vida letrada,

¹⁹⁹ Não seria a primeira vez que Souza Lima publicaria algo na imprensa parnaibana. Registro mais antigo, de 1940 no *Almanaque da Parnaíba*, demonstra a publicação da crônica “Perspectivas e figuras” (*op. cit.*, ano 16, n. 16, 1940, p. 61). Mais tarde, em 1987, Raimundo de Souza Lima, prosador contista de grande atuação na imprensa parnaibana, especialmente no segundo quinquênio do século XX, legaria à cidade o único livro organizado e publicado de sua autoria: *Vareiros do Rio Parnaíba e outras Histórias* (1987).

²⁰⁰ Anexo XXXII.

²⁰¹ Revista *Kosmos* foi uma revista carioca que ao longo de sua existência somou em seu corpo de colaboradores autores como Olavo Bilac, José Veríssimo, Arthur Azevedo, Félix Pacheco, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque etc. reconhecia-se como “revista artística, científica e literária”, e tinha como diretor Mario Behring e proprietário, Jorge Schmidt. Chegou a ser distribuída em quase todas as capitais brasileiras.

cujo índice maior passa a recair não apenas no surgimento de folhas periódicas especializadas, mas, na ausência de academias, na organização de agremiações e/ou associações dedicadas ao exercício das letras.

Reflexo desse momento, experimentado em Parnaíba somente no primeiro quinquênio do século XX, com ênfase nas décadas de 30 e 40, são as revistas estudantis²⁰². Havia variações, mas sempre com o mesmo foco literário. É o caso de *Gleba*, cuja epígrafe admitia ser noticiosa, humorística e literária. Armando Madeira Basto, ao assinar o seu primeiro editorial, de 1933, carregado de evocações líricas das quais destaca a figura de Goethe, parecia ditar alguns dos principais objetivos dos demais periódicos no decorrer daqueles anos; anunciava, pois, o que seria, esse periódico, para a cidade: uma espécie de jato de *Luz* sobre possíveis trevas, claramente identificadas com a ausência de órgãos preocupados com as questões então fundamentais para o grupo: ciência, literatura e arte, “o maior patrimônio da humanidade”; o escritor assim alude:

[...] convictos da luta a sanar, salvo melhor juízo, a falta de que parece já ressentir Parnaíba: a ausência de uma revista que escancare as suas páginas a todos aqueles que, por algum motivo exclusivo de desinteresse, se mantenham afastados das atividades intelectuais²⁰³.

É interessante observar que esse tipo de discurso irá se repetir até a última revista do primeiro quinquênio do século XX, *O Arauto* (1949), que quando admitem revistas congêneres, estas não são referidas no território parnaibano, mas de maneira geral, a outras que correm o país. Pareciam os seus articuladores preocupados com o sombreamento dos órgãos anteriores e com essa atitude admitirem um espírito de vanguarda em frente a tudo o que já havia passado.

Na seleta de escritores e poetas que *Gleba*²⁰⁴ reuniu a fim de tentar cumprir com a sua meta de “sanar” a ausência de produções voltadas para a atividade intelectual na cidade, encontram-se os nomes de Jonas da Silva, Edison Cunha²⁰⁵, Alarico da Cunha²⁰⁶, Félix Ayres²⁰⁷ (sonetista e folclorista), R. Petit²⁰⁸, Lima Rebelo, Alda Cunha

²⁰² Ver anexo: XXXIII

²⁰³ Mais luz! *Gleba*, ano 1, n. 1, mai. 1933, p. 1. Anexo XXXIV.

²⁰⁴ Para maiores informações acerca das produções e colaboradores da revista, conferir apêndice XIII.

²⁰⁵ Apêndice XII.

²⁰⁶ Apêndice I.

²⁰⁷ Mais tarde Félix Ayres legaria ao estado do Piauí duas importantes obras culturais de consulta: *Antologia de Sonetos Piauienses* (1972) e *O Piauí na Poesia Popular* (1975). Nascido em Buriti Bravo, no Maranhão, morou por muitos anos em Parnaíba, onde exerceu cargo público pelo Ministério da Agricultura, onde se aposentou como Médico-Veterinário. Foi membro da Academia Maranhense de

(cronista), Lima Rebelo, Renato Castello Branco (poeta e prosador), dentre outros²⁰⁹. Levou a lume ainda as produções de Astolpho Serra, Dino da Silva, João Aragão (articulista de assuntos econômicos), Vespasiano Ramos (sonetista), Silva Junior, Mello Sobrinho, Bacelar Portela, Juvenal Araújo, Menezes Junior, Moacir Cunha, Ribamar Ramos (contista), Álvaro Vêras, Tobias Duarte, Brandão Costa (cronista e poeta), Moura Rego (poeta). É destacável na revista a participação literária de escritoras, como Marcia de Queiroz e Eliza dos Anjos²¹⁰, esta última cronista.

Iniciou sua faina jornalística oferecendo o serviço de assinatura aos parnaibanos, anual e semestral, o que de alguma maneira ajudaria a revista em sua promulgação. Outros recursos eram captados pela revista, como a oferta de anúncios a empresas instaladas na cidade, como é o caso da Moraes & Cia, Freire & Cia., Lundgren & Cia, R. Machado, José Vieira & Cia., Hotel Carneiro, Martins, Irmãos & Cia., Fontenele & Cia. *et al.*

Gleba era produto da Tipografia Silva, por isso sua sede estava localizada nas oficinas da empresa gráfica, à Rua João Pessoa, n. 33, aliás. E como corpo dirigente, R. Fonseca Mendes (que em 1946 dirigiria *O Norte*), diretor; Armando Basto, diretor secretário; Do Nascimento Araújo, diretor gerente; e J. Adonias, ilustrador. Suas páginas apesar de terem uma preocupação maior com a arte literária, não deixou carregar índices das crenças de progresso sobrelevadas pela administração e pelo comércio. É o que demonstra “Parnaíba²¹¹”, conjunto de dísticos, tercetos e quartetos decassílabos petrarquianos assinados sob o pseudônimo de “Nostradamus²¹²”, e em cuja escansão admitia, em discurso elogioso e laudatório, as administrações de Landry Salles

Letras e sócio-fundador da Academia Brasileira de Trovas, bem como sócio-honorário da Academia Piauiense de Letras. Pertenceu ao PEN Clube do Brasil, ao Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, à Associação Brasileira de Imprensa, à União Brasileira de Escritores, à Sociedade de Homens de Letras do Brasil, ao Centro Cultural “Euclides da Cunha” e à Academia de Letras José de Alencar. Publicou ainda os seguintes livros: *Buriti Bravo* (poesia, 1931 – São Luís); *Poema aos Imortais* (poesia, 1936 – Rio de Janeiro); *Apanágio* (poesia, 1937 – Parnaíba); *Os Mais Lindos Sonetos Piauienses* (coletânea, 1940 – Belém do Pará); *O Natal na Poesia Brasileira* (coletânea, 1957 – Rio de Janeiro); *Ouro Bravo* (poesia, 1960 – Rio de Janeiro); *Relâmpagos* (poesia, 1960 – Rio de Janeiro); *Os Menores Versos da Língua* (poesia, 1962 – Rio de Janeiro); *Rosal Fraterno* (coletânea em coautoria, 1969 – Rio de Janeiro); *Poesias de Vários Autores* (coletânea em coautoria, 1972 – Rio de Janeiro); *Trovas de Vários Autores* (coletânea em coautoria, 1973 – Rio de Janeiro); *Um Momento* (coletânea em coautoria, 1974 – Rio de Janeiro); *Contos e Crônicas de Vários Autores* (coletânea em coautoria, 1974, Rio de Janeiro); e *Trinta Segundos* (coletânea em coautoria, 1975 – Rio de Janeiro).

²⁰⁸ Apêndice III.

²⁰⁹ Optou-se aqui por destacar apenas os nomes de alguns mais conhecidos.

²¹⁰ Data de 10 de janeiro de 1934, a crônica “Divagações” (*Gleba*, ano 1, n. 9, jan. 1934, p. 18. Anexo XXXV), de Eliza dos Anjos. Maiores informações em relação a essa escritora não foram encontradas.

²¹¹ Anexo XXXVI.

²¹² Não se pôde identificar o poeta que está por trás deste pseudônimo.

Gonçalves (interventor federal no estado do Piauí) e de Ademar Neves, então prefeito, este visto como responsável pelo surto de avanços que a cidade vinha experimentando nos últimos tempos²¹³. Seria esta ainda uma maneira encontrada pelo periódico, desvinculados de partidarismo, chamar a atenção do poder público, angariando assim, talvez, mecenato. Independentemente dos interesses ocultados nessa produção, ela ilustra os desdobramentos da cidade nos anos de 1930, bem como expressa o que os homens ilustrados do período entendiam como “progresso”, “moderno” ou mesmo “civilizatório”, atributos personificados nas atitudes administrativas de Ademar Neves, “[...] o gigante que traz na sua fronte impresso, / Numa auréola de luz o nome do PROGRESSO²¹⁴”; e como visão de modernidade: “Hoje a cidade vibra de emoções [...] Edifica jardins e Pavilhões/ Reservatórios, Praças elegantes, / Praças que dão conforto aos habitantes [...] Correm autos, deslizam caminhões²¹⁵”.

Quando *Gleba* veio a lume, mais de 30 anos contava Berilo Neves, um dos profícuos contistas e cronistas parnaibanos que fez carreira militar e jornalística no Rio de Janeiro, tendo se incluído entre os nomes que compunham as mais importantes páginas de imprensa das décadas de 30, 40 e 50, como *Jornal do Commercio*, *A Noite* e as revistas ilustradas: *Careta* e *O Malho*. Reconhecendo o esforço de seus conterrâneos, da Capital Federativa dirigiu carta aos conterrâneos, em que o surgimento de *Gleba* como uma “[...] renascimento intelectual de Parnaíba [...] um fato auspicioso, e com que deveras me congratulo²¹⁶”. Empolgados com as palavras do parnaibano os redatores da revista escreveram um preâmbulo em que destaca sumariamente, a vida literária da cidade a partir da fundação de seus grêmios estudantis, bem como a importância de *Gleba* para o meio social e literário de Parnaíba:

Após a fundação do Ginásio Parnaibano e da Escola Normal, grande tem sido o impulso da mocidade parnaibana. Assim, é que foi fundado o “Grêmio Estudantil”, criado o “Ateneu” e encetada toda uma grande realização por parte da mocidade estudiosa.

Desta febre de ascensão nasceu também *Gleba*. E até hoje tem sido a pioneira da intelectualidade moça de nossa terra, trabalhando ao lado dos que constroem o patrimônio moral de Parnaíba²¹⁷.

²¹³ Tamanha crença progressista despertou Ademar Neves (1931-1934) que a sua curta administração de quatro anos legou para a história de Parnaíba o epíteto de “Remodelador da Cidade”.

²¹⁴ Parnaíba. *Gleba*, ano 1, n. 5, set. 1933, p. 12.

²¹⁵ Idem, *ibidem*.

²¹⁶ Palavras de incentivo. *Gleba*, ano 1, n. 7, nov. 1933, p. 16. Anexo XXXVII.

²¹⁷ Idem, *ibidem*.

Diferente das demais revistas que se discutirão aqui, foi uma das que tiveram vida mais longa, talvez porque tenha admitido a distribuição de suas matérias em poucas páginas por edição, os que acabaria barateando o seus custos de impressão²¹⁸: sendo mensal, teria legado um total de 9 edições (1ª, mai. 1933; 2ª, jun. 1933; 3ª, jul. 1933; 4ª, ago. 1933; 5ª, set. 1933; 6ª, out. 1933; 7ª, nov. 1933; 8ª, dez. 1933; 9ª, jan. 1934) – e com um detalhe: conseguiu manter a periodicidade ininterrupta sem mudanças em seu quadro de distribuição, realidade esta que obrigou outras, como é o caso de *Harpa* (1936), a modificar sua razão periódica de mensal para trimestral.

Das revistas consideradas como literárias que circularam em Parnaíba no primeiro quinquênio do século XX, mais especificamente entre os anos de 1930 e 1940, *Harpa*, cujo primeiro número veio a lume em maio de 1936, talvez tenha sido a primeira que, declaradamente, abriu espaço para a colaboração vária de quaisquer que fossem os escritores e/ou estudantes interessados. A seção estrita para esse tipo de divulgação recebeu o nome de “Lá e Cá: seção para todos”, e em sua primeira edição instrui os futuros colaboradores nos seguintes termos:

HARPA – sendo uma revista popular, no intuito de bem servir aos seus prezados leitores, apresenta, aqui, esta seção na qual todos poderão colaborar, desde que nos enviem os seus trabalhos escritos legivelmente a tinta ou a máquina, de um só lado do papel, em envelope lacrado. § O colaborador amigo deverá se abster de ser prolixo nas suas colaborações, afim [sic] de que o seu trabalho não exceda de 20 linhas, pois, caso contrário, fica a critério do diretor desta seção aceitar ou não a matéria que exceder ao limite estipulado²¹⁹.

Na edição seguinte o espaço destinado para a produção do público receberá um nome: “Página dos novos”. A existência e a promulgação desse tipo de “serviço”, quiçá seção em um periódico como *Harpa*, é um claro índice da existência de um público leitor que se formava na cidade. Esse público inicial parece ter nascido em parte quando da formação de um sistema educacional então em ascensão, acabou se formando a par do que Bourdieu (2003, p. 105) avalia como *campo de produção erudita*: “[...] sistema que produz bens culturais (e os instrumentos de apropriação destes bens) a um público de produtores de bens culturais que também produzem para produtores de bens culturais”. Uma conexão, não por acaso, que acabaria por conduzir mais à frente a

²¹⁸ A revista mantivera uma média de 16 a 22 páginas por edição.

²¹⁹ *Harpa*, ano 1, n. 1, mai. 1936, p. 10.

formação de conchavos dentro de associações e grêmios que se constituíram como sociedades de admiração mútua, cujos reflexos se evidenciam na imprensa parnaibana quando da exaltação biográfica não apenas de figuras do cenário político ou comercial (como era de costume, ex. *Almanaque da Parnaíba*) como também de autores. Essas exaltações sempre vinham acompanhadas de fotografias e/ou críticas ligeiras à inteligência e talento de um dado confrade ou colega de imprensa literária (associado a outros periódicos ou associações congêneres). Será nessa linha que surgirão as primeiras críticas literárias de produções de autores em Parnaíba, escritos por críticos que dividiam o mesmo espaço geográfico, assunto de que esta dissertação se ocupará no próximo capítulo, dedicado à crítica literária nos periódicos parnaibanos.

A *Harpa* fora desvinculada de associações ou grêmios estudantis. Sua existência pode ser entendida como uma segunda tentativa de R. Fonseca Mendes em implantar na cidade uma revista dirigida aos homens ilustrados, isso porque a primeira tentativa fora realizada em 1933, com a revista *Gleba*, ao lado do escritor Armando Basto. Agora em *Harpa*, Mendes conta com a participação ativa Mário Carvalho, que divide com ele tanto a direção do novo órgão como também a chefia de redação. São seus outros sócios: Línion Ribeiro, diretor gerente; e Antônio Batista dos Santos, diretor secretário.

O esforço de Raimundo Fonseca Mendes e a sua luta por vencer a “indiferença”, os “pessimistas” e as dificuldades que um órgão estritamente preocupado com a arte, a ciência, a literatura, a propaganda e as variedades, surgem de maneira evidente no primeiro editorial da revista: “A indiferença de muitos e o pessimismo de quase todos são óbices que por si sós bastariam para estiolar todos os idealismos que, como este, procurassem medrar no solo árido da literatura parnaibana²²⁰”. Embora tenham declarado que os dirigentes de *Harpa* estudaram “[...] preliminarmente, os meios de assegurar uma existência duradoura a esta revista²²¹”, a previsão de uma distribuição mensal não ultrapassou o segundo número; sendo o terceiro e último, trimestral, com o valor de capa praticamente dobrado, de 600 réis para 1.000. Apesar de não terem declarado sumariamente os meios com os quais fariam uso a fim de manterem a revista por um tempo demasiado, analisando as suas únicas três edições é possível visualizar quatro: venda avulsa, sistema de assinaturas, anunciantes e busca do mecenato estatal (este que será visto no tópico seguinte).

²²⁰ Nossa revista. *Harpa*, ano 1, n. 1, mai. 1936, p. 3. Anexo XXXVIII.

²²¹ Idem, *ibidem*.

Harpa, distinguindo-se de *Gleba*, busca ampliar sua penetração no campo intelectual e para isso admite em seu quadro a incursão de participações femininas, que marcam as suas páginas de tal maneira que o órgão chega a dedicar, além de outras colaborações esparsas, uma coluna específica intitulada “Cartas de Mulher”. Afora essa especificidade anônima, o periódico reproduz crônicas e poemas de nomes como Alice B. Vêras, Ivanisa, Alda Cunha²²² e Angélica de Melo²²³, as duas últimas também poetisas. Com essa estratégia, define um público leitor constituído de mulheres, especialmente quando dedica uma “página às nossas leitoras”, intitulado “Variedades”, onde é discutido os mais diferentes temas de interesse do universo feminino da época, com títulos bem sugestivos: “Conservação de flores”, “Querem ser loiras?”, “Casamento”, “Opiniões femininas sobre quais sejam os melhores maridos” etc.

Nas margens do editorial de *Harpa* percebe-se que desde o primeiro número, pode-se ler: “[...] é dotar Parnaíba de uma revista moderna, que, lá fora, diga aos ausentes das nossas possibilidades literárias tão promissoras quão esquecidas²²⁴”. A proposta de *Harpa* é bem ousada, fala-se, inclusive, da elaboração de um “programa” sem exageros, “[não] queremos ir além das possibilidades locais²²⁵”, e uma das metas do grupo para o alcance desse objetivo é customizar o periódico a “uma feição moderna”, de modo que poderia ser “vendida ao alcance de todas as bolsas, afim [sic] de que seja intensa a sua circulação nesta cidade e fora daqui²²⁶”. Razão esta que levou aos seus dirigentes traçar um plano de publicação de pouco volume: a revista manteve apenas 24 páginas.

Das empresas que apostaram na nova iniciativa de Raimundo Fonseca Mendes estavam: “Casa Marc Jacob”, “Sapataria Minerva”, “Narciso Machado & Cia.”, “Hotel Glória”, “Poncion Rodrigues & Cia.”, “União Fluvial Ltda.”, “Casa Siqueira”, “Moraes & Cia.”; e os agenciadores: Ranulpho Torres Raposo, Leônidas Furtado Mourão, Antônio Thomaz da Costa, Amador Santos.

Entre os intelectuais integrados às páginas de *Harpa* estavam²²⁷: Torres de Araújo, Alarico da Cunha²²⁸, Lívio Pacheco²²⁹, Elias Magalhães, Prêntice da Cunha,

²²² Alda Cunha, filha de Alarico da Cunha, foi a primeira bacharela em Direito de Parnaíba. Era poetisa e cronista. É válido destacar sua colaboração em *Harpa* com um ensaio que escreveu sobre a “A Poesia” (*op. cit.*, ano 1, n. 3, jul.-set. 1936, p. 7. Anexo XXXIX), que bem evidencia a percepção crítica e lírica da escritora a respeito dessa manifestação, bem como as leituras das quais dispunha na época.

²²³ Sonetista que escandia em versos petrarquianos: anexo XL.

²²⁴ Idem, *ibidem*.

²²⁵ Idem, *ibidem*.

²²⁶ Idem, *ibidem*.

²²⁷ Para maiores informações acerca das produções e colaboradores da revista, conferir apêndice XIV.

Colombo de Oliveira, Lívio Pacheco (os três últimos poetas), Félix Ayres, Moura Rego, José Euclides de Miranda, Ribamar Pereira e Edgar Correia.

Entre *Gleba* e *Harpa* teria existido outra revista, de nome *Constelação*, ilustrada com seu surgimento marcado para o dia 15 de janeiro de 1934, sob a direção de José Nunes de Araújo. Prometia a publicação de fotografias, produções de poetas e escritores, com endereço próprio, Rua Duque de Caxias, n. 3, todavia, informações acerca dessa revista não existem senão em anúncio divulgado no *Almanaque da Parnaíba*, de 1934²³⁰, o que inviabiliza quaisquer outros aprofundamentos a respeito de sua real existência ou não, e se em caso positivo, quais foram as suas linhas editoriais e colaboradores, se os mesmos das anteriores ou novos. O certo, porém, é que parte significativa desses intelectuais, com atuação em revistas, estaria a serviço de outros órgãos de imprensa literários no decorrer dos anos de 1930 e 1940, especialmente a partir daqueles que surgiram sob a égide de agremiações e associações, como é o caso de *Cultura* e de *O Arauto*; uma exceção foi *Raio de Luz*, mantida pelo “Grêmio Literário Mader Savina Petrilli”, fundado em 3 de maio de 1938 e vinculado ao Ginásio Nossa Senhora das Graças. A agremiação, formada unicamente por mulheres, era constituído por estudantes e teve como idealizadora a escritora e professora Maria da Penha Fonte²³¹. Organizava-se sistematicamente todos os anos em diretoria eleita por escrutínio e tinha como fim “[...] instruir, proporcionar leituras sãs e distrações sadias às suas sócias e ainda estimulá-las dia a dia *no amor às letras* e o gosto pela arte²³²”.

Seu órgão de divulgação, *Raios de Luz*, se estendeu de 1938 a 1953 – somando um total de 15 números, posto ter sido anual. Começou impressa pela Gráfica Americana e encerrou suas últimas edições com a Tipografia São José e tinha uma estrutura própria de distribuição, redação e *marketing*, cuja tabela de anúncios compreendia distintos preços de acordo com espaços, emoldurados em suas próprias edições, assim como fizeram as duas revistas anteriormente comentadas. Em geral comportava uma média de 70 a 100 páginas por edição.

Apesar de ser um grêmio literário constituído unicamente por mulheres, não levou esta regra para a sua revista institucional. Entre o quadro de colaboradores encontravam-se, por exemplo, nomes de reconhecido trabalho literário na cidade, como

²²⁸ Apêndice I.

²²⁹ Apêndice II.

²³⁰ *Op. cit.*, ano 11, n. 11, 1934, p. 246.

²³¹ Posteriormente, Maria da Penha estaria entre os nomes que fundariam, em 1983, a Academia Parnaibana de Letras.

²³² *Raios de Luz*, ano 12, n. 12, 1950, p. 4.

o do poeta Thomaz Catunda, que também lecionou no Ginásio Nossa Senhora das Graças: na edição de 1948 seu poema “Enterro de uma menina pobre²³³” viria a ser publicado ao lado do clichê de sua fotografia. O poema, dividido em 19 quartetos escandidos em redondilha maior, demonstra a precisão de sua faina poética enquanto versificador. Jeanete de Moraes Souza, poetisa e dramaturga, também participa de *Raios de Luz* com a publicação de poemas.

Outros nomes que compuseram as páginas da revista com colaborações literárias constam²³⁴: Quirina Braga Menezes, poetisa; M. Justo, sonetista; Lafayette de Mendonça, poeta e professor do Ginásio Nossa Senhora das Graças; B. Antonio, poeta; Marilde Brandão Medeiros, poetisa; M. J. Freitas, sonetista; Sebastião Freitas, sonetista; Maria Christina de Moraes Souza, cronista e poetisa que mais tarde iria compor a seleta de nomes da Academia Parnaibana de Letras; Alda Miranda, poetisa; José Rodrigues e Silva, professor. Parte desses nomes advinha de outras instituições de ensino, como o Ginásio Nossa Senhora de Lourdes e Ginásio Parnaibano.

Será ainda nas páginas de *Raios de Luz* que surgirão as primeiras traduções para revistas parnaibanas, a partir dos trabalhos do então professor Lima Couto, também do quadro docente do Ginásio Nossa Senhora das Graças. Na edição do ano de 1948, por exemplo, levou a público a tradução do ensaio “Uma defesa da Poesia”, de autoria de Percy Shelley²³⁵, dedicando-o ao poeta Oliveira Neto, que também residiu em Parnaíba. A certeza de Lima Couto acerca da poesia se reflete na nota afixada na nota de rodapé da tradução, demonstrando com isso uma espécie de engajamento em favor das letras no meio, interpretadas como necessárias ao equilíbrio da própria sociedade:

O mundo de hoje ressent-se de poesia. E, após filosófica reflexão, não seria absurdo afirmar que esta é a principal causa de toda a sua inquietação, de todos os seus choques sociais, de todos os seus males, enfim. Isso porque a poesia, como o amor, promana do espírito, e só o espírito constrói a Eternidade²³⁶.

Outras traduções de Lima Couto surgiram na imprensa parnaibana, como a *psalm of life*, de Longfellow; cuja versão traduzida, “O Salmo da Vida” saiu no periódico *Renascimento*²³⁷. Lima Couto, ao lado de Alarico da Cunha, comporia nesse

²³³ Anexo XLI.

²³⁴ Para maiores informações acerca das produções e colaboradores da revista, conferir apêndice XV.

²³⁵ Percy Shelley (1792-1822) é considerado um dos mais importantes poetas do Romantismo britânico.

²³⁶ *Raios de Luz*, ano 10, n. 10, 1948, p. 29.

²³⁷ *Op. cit.*, ano 2, n. 7, 21 abr. 1947, p. 6.

período a seleta de tradutores literários a que a imprensa de Parnaíba assistiria, e seus trabalhos, especialmente os do primeiro, comporiam parte significativa de trabalhos que, ao lado dos jovens estudantes da época, indicariam índices da incorporação do vernáculo alheio à realidade estudantil e de imprensa.

É o que prova a iniciativa de Lima Couto, ao lado de 21 estudantes entre os anos de 1930 e 1940, que fundaram o primeiro clube dedicado ao idioma inglês na cidade, o “Parnaíba English Student’s Club”. A importância da vida associativa na cidade ganhou destaque na revista *A Economista*, publicação que naquelas décadas se dedicou a traçar o perfil das principais cidades do Norte e Nordeste do Brasil. Em sua sexta edição fala do clube, destacando a sua primeira diretoria:

Presidente – Prof. José de Lima Couto.
 Vice-dito – Francisco Oliveira.
 1º secretário – José Luiz de Castello Branco.
 2º dito – Sta. Franci Furtado de Araújo.
 1º tesoureiro – Sta. Maria Zenita Lima Almendra.
 2º dito – Sta. Gladis Andrade Correia.
 Orador ofic. – Raimundo Fonseca Mendes.
 Bibliotecário – Elsini Thaez Couto²³⁸.

Dentre os membros fundadores do clube constam nomes estrangeiros que na época residiam na cidade atraídos pela sua atividade comercial extrativa. É ainda na *A Economista* que se encontrarão os nomes dos sócios: mulheres, Magda Clark, Araci Mendonça Clark, Marie Clark Nunes, Ily Porto Mendonça Clark, Geny Castelo Branco, Yette Soter, Alma Cleudining; homens, J. J. Smith²³⁹, D. M. Gamon, H. H. Diggle, Mirócles Veras, Septimus Clark, Antonio C. B. Clark, Celso de Moura Nunes, José Mendonça Clark, José de Moraes Correia, José Pires de Lima Rebelo Alarico da Cunha, Angelo Cibella, Roland Jacob, Werner Schluelpmann, Hans von Homeyer, Godofredo Miranda, Alfredo Amstein; e em sua Comissão de Sindicância, Elda Furtado de Araújo, José João Neves e José Gerardo Esmeraldo.

O certo é que em poucos anos de fundação esse clube demonstrou nas páginas da imprensa resultados de seus trabalhos. É o que demonstra a crônica *Spring*, de Jesuila Marinho Gonçalves, então aluna no Ginásio Parnaibano de 1943, logo aprendiz de José de Lima Couto (posto ter sido ele o titular da cadeira de Inglês). A crônica

²³⁸ Parnaíba English Student’s Club. *A Economista*, ano 6, 19---, p. 1.520-22.

²³⁹ Então gerente da Booth & Co. (London) Ltd., mais tarde Booth Line, e vice-cônsul britânico em Parnaíba. Era natural da Grã-Bretanha. Cf. *Almanaque da Parnaíba*, 1940.

escrita em língua inglesa foi publicada nas páginas da revista *A Voz da Parnaíba*²⁴⁰, então dirigida pelo professor João Campos.

Outro caso de órgão mantido por uma agremiação com fins literários foi o da *Cultura*, revista trimestral que surgiu em janeiro de 1949 e variava entre 50 e 100 páginas. Ela era organizada pela Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural e impressa também nas oficinas da Gráfica Americana. Em sua comissão redacional constavam os nomes de Cândido de Almeida Athayde, Padre Antônio Monteiro Sampaio e Moacir Rodrigues da Cunha. Dentre os periódicos que circulavam na época, foi o primeiro a organizar-se em seções dirigidas por comissões específicas: Ciências (presidida pelo padre Antônio Monteiro Sampaio), Letras (presidida por Jesus Martins) e Artes (presidida por Cândido de Almeida Athayde). É válido destacar que entre os nomes compostos para o setor de Letras encontravam-se os de Heitor de Souza, Arnaldo de Souza Brandão, José Edgard Martins do Nascimento, Raimundo Ferraz Filho, Rossini Thalez Couto, Oliveira Neto, Raimundo Fonseca Mendes e Thomaz Catunda; divulgando outros nomes das letras piauienses, lançou a lume poemas de Zito Batista, Da Costa e Silva e Celso Pinheiro.

Assim como *Panorama Estudantil* fizera há dez anos, também organizou seus trabalhos em sumário, demonstrando com isso certa preocupação com a sua recepção. Candido (2012) anota que um dos pilares que constituem o sistema literário responde pela existência de “produtores literários conscientes de seu papel”, como já foi discutido no capítulo anterior, pressuposto que permite observar essa consciência refletida ainda no primeiro editorial da revista, que evidencia os anseios de divulgação das Ciências, Letras e Artes em Parnaíba não apenas para o presente, como legando esses trabalhos para os filhos do amanhã. Atribuindo o seu aparecimento no meio público como resultado de um “esforço inédito” dos intelectuais em fazer valer esses anseios na sociedade parnaibana, assim declarava:

[...] em esforço inédito no cenário da cultura parnaibana, e atendendo aos imperativos da inteligência esclarecida, um pugilo de espíritos pensantes *impôs-se o dever de cultivar, intencionalmente, as ciências, as letras e as artes*, expressões da dignidade espiritual do homem, nas diversas modalidades por que se comunica imortal aos seus semelhantes.

Nasceu desta compreensão e deste esforço, a Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural, cenáculo humilde de estudiosos e batalhadores indômitos, porque se conserve aceso no espírito

²⁴⁰ Anexo XLII.

indormido das gerações pósteras, o fogo sagrado do amor à cultura e do interesse em difundir-la, para o enriquecimento do patrimônio intelectual e artístico da Pátria estremecida [sic]²⁴¹.

Cultura, portanto, traz em sua “Apresentação” as marcas de uma realidade já circunscrita no espaço geográfico parnaibano: o contato e a intimidade com as letras; o próximo passo seria, a partir de suas páginas, que eram tomadas em seu conjunto como representantes dos anseios “no espírito indormido das gerações pósteras, o fogo sagrado do amor à cultura²⁴²”, que haveria os, “[...] estudiosos e batalhadores indômitos [...] de consignar o progresso da cultura parnaibana e dirão ao Brasil inteiro, que também aqui se pensa, se vive e se ama²⁴³”.

Além do primeiro editorial, a própria organização estatutária da instituição indica uma consciência de papel a ser cumprido em nome das letras e das ciências na cidade. Pelo menos é o que indicia o artigo 13 do estatuto da Sociedade:

Art. 13 – Incumbe à Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural:

- a) – promover, ampliar e estimular a criação de organizações culturais em nosso meio; incentivar a inteligência local, auxiliar, quando possível, a publicação de livros dignos de seu amparo;
- b) – manter comissões permanentes para desenvolver as ciências, as letras e as artes, denominadas Comissão de Ciências, Comissão de Letras e Comissão de Artes, constituída cada uma de seis sócios, os quais elegerão seu presidente, com direito a voto de desempate;
- c) – publicar uma revista que deverá circular duas vezes por ano, pelo menos;
- d) – interessar-se pela divulgação do livro piauiense;
- e) – organizar uma biblioteca, para uso dos sócios;
- f) – interessar-se perante os poderes públicos, e particulares amigos do desenvolvimento intelectual no nosso meio, pela obtenção de donativos destinados ao cumprimento do seu programa²⁴⁴.

Essa agremiação de fato legou ao município os primeiros frutos de estudos sistemáticos de assuntos de interesse público como urbanização, profilaxia, Educação Rural, transporte, saneamento, porto de Amarração (anseio já então secular), mortalidade infantil, bem como linguagem regional²⁴⁵; todos ainda reflexos de uma cidade que, embora caracterizada pelos mais distintos aparelhos que a configuravam

²⁴¹ Apresentação. *Cultura*, ano 1, n. 1, jan. 1949, p. 5, grifo nosso. Anexo XLIII.

²⁴² Idem, *ibidem*.

²⁴³ Idem, *ibidem*.

²⁴⁴ Expediente: estatutos da Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural. *Cultura*, ano 2, n. 3, ago. 1950, p. 82-4.

²⁴⁵ Anexo XLIV. Importante destacar que esse tipo de estudo já havia sido iniciado por Alarico da Cunha décadas anteriores.

dentro do processo civilizatório, ainda enfrentava uma realidade paradoxal: entre o avanço e o atraso, embora incorporasse em seu discurso, e esse discurso especialmente vinculado através das revistas científicas, literárias e artísticas do período, um tom de maior esclarecimento em questões de ordem utilitária no seio social, bem como aquelas de ordem reflexiva – todos os textos publicados na revista eram resultantes de ensaios elaborados por seus sócios e discutidos em cada reunião ordinária da Sociedade; obediente, pois, a um modelo encontrado nos princípios das academias Francesa e de Ciências, na França do primeiro quinquênio do século XVIII.

A revista *Cultura*, bem como a Sociedade a que estava vinculada, era organizada em dois tipos de quadros de associados: efetivos e correspondentes. O primeiro contava com a participação de 40 membros, dentre os quais alguns literatos de reconhecido trabalho no estado, como Alarico da Cunha²⁴⁶, Edison da Paz Cunha²⁴⁷, Jesus Martins e Thomaz Catunda, os dois últimos sonetistas. Entre os correspondentes, contavam-se 30 nomes, e dentre eles o romancista Renato Castello Branco, então residente em São Paulo, e o poeta Cristino Castello Branco, no Rio de Janeiro.

Quando fundada, em 15 de novembro de 1949, a Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural teve como primeiro presidente, para o exercício de 1949 a 1950, o escritor, membro da Academia Piauiense de Letras, Edison da Paz Cunha, que foi seguido de Lauro Andrade Correia e, por último, Pe. Antônio Monteiro Sampaio. Depois de quase um ano de atividades em prol dos interesses públicos nas áreas a que se dispunha a trabalhar desde o primeiro número de seu veículo de divulgação institucional, foi agraciada pelo Governo do Estado do Piauí (governador José da Rocha Furtado, 1947-1951), como de utilidade pública por força da lei estadual n. 262, de 31 de agosto de 1949. Acabou se tornando uma das mais reconhecidas agremiações culturais de Parnaíba na época – mais do que a sua concorrente: a Sociedade Parnaibana de Letras, como se verá a seguir.

Suas reuniões ocorriam na Biblioteca Municipal (então à Praça da Graça, hoje prédio da Câmara Municipal de Parnaíba) todas as sextas-feiras, no horário das 20h. Sessões especiais se realizavam nos salões do “Cassino 24 de Janeiro”. Tinha como endereço para correspondência a Praça Barão de Lorena (posteriormente Praça Constantino Correia), n. 959. A revista *Cultura*, diferentemente da Sociedade, teve vida

²⁴⁶ Apêndice I.

²⁴⁷ Apêndice XII.

curta²⁴⁸: só lançou três edições (n.1, jan. 1949; n. 2, mai. 1949; e n. 3, ago. 1950), todas custeadas por dois mantenedores, Cândido de Almeida Ataíde e Raimundo Ferraz Filho, proprietário da Gráfica Americana, responsável pela impressão do periódico.

Seus dois primeiros números contavam 50 páginas, e o último mais de 100. Diversamente das demais que surgiram, não buscou mecenato estatal nem apoio publicitário através de anúncios. Essa mesma estratégia fora tentada, mas não mantida pela sua congênere *O Arauto*, mantida pela Associação Parnaibana de Letras, criada como uma espécie de reação ao surgimento da Associação Parnaibana de Expansão Cultural – posto ter contato com os anúncios publicitários da ordem de empresas como a “Casa Marc Jacob S.A.”, “Casa Inglesa” e “Moraes S.A.”. Reuniu em seu corpo os intelectuais que de alguma maneira se sentiram excluídos do quadro de sócios da mantenedora de *Cultura*. Assim como esta, foi formada por intelectuais proletariados, que dependiam de seus empregos públicos ora como professores em institutos de ensino, ora em indústrias já instaladas na cidade²⁴⁹.

O caminho dos letrados que se reuniam nesse tipo de agremiação não era, pois, diferente do que ocorria desde sua gênese intelectual na França do século XVIII: ser reconhecido como tal e pertencer, na ausência de uma academia, em pelo menos uma associação de letras; é o que indica a análise de Badinter (2007, p. 157) no que tange ao relacionamento social dos intelectuais franceses do período supracitado: “Do proletariado intelectual, professores, editores, copistas, tradutores, à nata dos salões que se considera filósofa ou erudita, todos têm apenas um desejo: pertencer à grande Academia”.

Apesar de ter nascido de uma reação ao esquecimento de seus nomes, a Associação Parnaibana de Letras, que também mantinha uma revista literária, científica e artística, legou um maior número de edições do que *Cultura*. *O Arauto* lançaria 5 edições ao todo, cada uma delas contando uma média de 40 páginas.

Liderados por João Paulo dos Reis Velloso e F. Assiz Machado, tanto a Associação Parnaibana de Letras quanto o órgão de divulgação de seus trabalhos tinham como epígrafe o seguinte pensamento: “Cultivar a inteligência é caminhar para a imortalidade”. Seu primeiro número, saído em formato não de revista mas de jornal, março de 1949, não pôde ser consultado nesta pesquisa, posto não se dispor em arquivo

²⁴⁸ Para maiores informações acerca das produções e colaboradores da revista, conferir apêndice VI.

²⁴⁹ Para maiores informações acerca das produções e colaboradores da revista, conferir apêndice XVII.

algum dos que foram aqui utilizados. Todavia sabe-se, cronologicamente, que foi posterior à revista *Cultura*, publicada ainda em janeiro do mesmo ano.

Do que congrega as duas marcas, alguns aspectos coadunam-se, como a ideia de “cultivo” da cultura e das letras; bem como a possibilidade de, através desse exercício, legar algo à posteridade, que os imortalizaria. Como a seção “Pórtico” informa: “Esta não é uma revista de intelectuais; é simplesmente uma revista de moços – pela idade ou pelo espírito – que cultivam a inteligência²⁵⁰”.

Entre os membros que compunham o seu quadro de sócios, como presidente de honra o nome de Alarico da Cunha (cuja colaboração se dava quase sempre em registro prosaico de traços do folclore regional), e o primeiro presidente em exercício o de Tomaz Leite Neto; em 1950 ver-se-á como presidente o poeta Manuel Felício Pinto. A Associação, que contou também com a participação de literatos como Raimundo Fonseca Mendes, Renato Castello Branco, Djalma Viana, A. Thomaz e M. Nunes (os quatro últimos sonetistas), também se preocupou com problemas tanto literários quanto sociais: instrução pública, transporte, analfabetismo, produtos naturais de exportação piauiense, como a cera de carnaúba e o babaçu, omitindo, porém, a assunto de partidarismo político e ortodoxia religiosa, como regulamentava em veto o artigo n. 25 do próprio estatuto da Associação: “Nas páginas de ‘O Arauto’ [então definido como órgão oficial] não serão tratados assuntos de política partidária nem de ortodoxia religiosa²⁵¹”.

Diferentemente da Associação Parnaibana de Expansão Cultural, a Associação Parnaibana de Letras não se dividiu em comissões a fim de incrementar em seu veículo de divulgação seções com assuntos específicos, muito embora, com certo ufanismo tratasse de assuntos que permeavam entre nas mesmas esferas da ciência, das letras e das artes.

Das ações em prol do desenvolvimento das letras, organizava conferências das quais se expressavam oradores acerca de assuntos variados, a exemplo do que ocorreu em 27 de agosto de 1949, que na sede da Associação Parnaibana de Letras Benedito Jonas Correia, coeditor do *Livro do Centenário da Parnaíba* (1945), pronunciou-se a respeito do tema: “Definição e conceito de Literatura”. Segundo nota publicada na edição de número 3, de *O Arauto*, teria o conferencista interpretado a literatura como a arte que alcança a filosofia, em cujo conceito reside o próprio “modo de pensar, sempre

²⁵⁰ *O Arauto*, ano 1, n. 2, jun. 1949, p. 5-6. Anexo XLV.

²⁵¹ *O Arauto*, ano 1, n. 2, jun. 1949, p. 29.

com a mais perfeita compreensão do seu papel vital na História da Civilização²⁵²”, deixando nessa ideia mais um indício de que os intelectuais do primeiro quinquênio do século XX, em Parnaíba, eram, sim, “conscientes de seu papel”, para mais uma vez aqui se retomar a ideia de Candido (2012). Benedicto Jonas Correia não pararia aí, nas edições subsequentes de *O Arauto* passaria a assinar a seção “Notas Literárias”, explicitando análises acerca de escritores conhecidos como Manuel Bandeira; Felício Pinto também ensaiaria no mesmo periódico, trabalhos de crítica literária (como se verá no próximo capítulo).

É válido destacar como ação da Associação Parnaibana de Letras, através de sua revista, a organização e divulgação de uma lista de obras indispensáveis ao estudante brasileiro, auspiciadas pelo título de “Biblioteca do Estudante Brasileiro”, cujo critério de seleção observava:

- a) – obras de escritores brasileiros sobre o Brasil;
- b) – obras de escritores estrangeiros sobre o Brasil;
- c) – obras sobre a América;
- d) – obras-primas da literatura universal;
- e) – obras-primas da literatura brasileira;
- f) – obras de utilidade à formação de uma cultura geral; e
- g) – as grandes obras aparecidas neste século²⁵³.

A leitura dessa lista ajuda a entender, pelo menos, o perfil que se construiu do tipo de leitor que o grupo queria formar na cidade, além de se ter uma ideia de certo grau de erudição que os articuladores de *O Arauto* já admitiam no final daquele quinquênio. Entre os nomes que encabeçavam a lista dos primeiros cinquenta títulos, surgem os de Sílvio Romero e sua antológica *História da Literatura Brasileira*; Rocha Pombo, *História do Brasil*; Euclides da Cunha, *Os Sertões*; Francisco Adolfo Varnhagen, *História Geral do Brasil*; Mário de Andrade, *Ensaio sobre a Música Brasileira*; Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*; Gustavo Barroso, *História Secreta do Brasil*; e Fernando de Azevedo, *A Cultura Brasileira*.

Percebe-se, pois, que cada um dos periódicos assinalados acima, correspondentes aos anseios literários de uma juventude compromissada com o exercício da escrita imaginativa e poética, é o reflexo do que se produziu em Parnaíba entre os anos de 1930 e 1950; e se tiveram início nos anos de 1930, não parecem tão atrasados ao que ocorria ao restante do país, que no mesmo período, “[...] quando já se

²⁵² *O Arauto*, ano 1, n. 3, p. 29.

²⁵³ *O Arauto*, ano 2, n. 5, p. 27.

estruturam os primeiros conglomerados de imprensa no Rio de Janeiro, os jornais são ainda extremamente dependentes dos subsídios oficiais do governo federal” (BARBOSA, 2010, p. 75). Discutindo o periodismo nesse recorte temporal é ainda Rama (1998, p. 118) quem indica que

La muchedumbre de revistas, semanários y colecciones populares de literatura (la novela levanta su vuelo) tendrán vidas intensas y por general efímeras, y en los 20 se presencia un “boom” que pudicamente se ahorró esta denominación de mercadeo²⁵⁴.

Apesar de organizados por grêmios, turmas ou outras instituições congêneres, a efemeridade de suas existências parecia mesmo, como indica a citação anterior, uma regra; no caso de Parnaíba, devido aos custos excessivos de composição (vale lembrar a crise que assolou o mundo como advento da Segunda Guerra Mundial em que duas das principais matérias-primas dos periódicos ou faltaram ou estiveram a grandes custos, como o papel e a tinta), ou ainda, como alerta José R. Marques, no texto “Preguiça Mental”, publicado no *O Sumário*, de 1947:

[...] dessa moléstia surge o marasmo com toda a sua pujança, destruindo com o indiferentismo, as ideias que nascidas, fenecem antes de se tornar concretizadas [...] porque os jovens desta terra, em sua maioria sofrem dessa doença que tem levado ao fracasso todas as organizações literárias e todos os jornais idealizados nas bancas dos Cafés, por moços vontadosos [sic], que muita das vezes, custeiam a impressão e com sacrifícios o imprimem [...] ²⁵⁵.

A nota ainda discute em frente a todas essas dificuldades encontradas pela então incipiente imprensa literária da cidade, a importância do jornalismo para com a divulgação da literatura: “Se tivéssemos de fazer um estudo analítico da literatura Parnaibana, não encontraríamos épocas, senão alicerçadas pelos jornais que surgiram e desapareceram pela falta do entusiasmo, do apoio moral e econômico²⁵⁶”; em uma cidade cuja atividade literária, mesmo a vida literária, era de alguma maneira tardia, quando pensada em relação ao que ocorreu na Europa e até mesmo no Brasil, não podia

²⁵⁴ Trad.: “A abundância de revistas, semanários e coleções populares de literatura (a novela levanta seu voo), terão vidas intensas e no geral efêmeras (pouco duradoura), e nos 20 se presencia uma explosão que pudicamente se economizou esta denominação de mercado”.

²⁵⁵ *Op. cit.*, p. 6 (s.n.).

²⁵⁶ *Idem, ibidem.*

ser diferente, ainda mais porque “La situación real y patética de los escritores que fraguan el modernismo, fue la carência de público²⁵⁷”, posto que

sólo triunfaron tardiamente, de tal modo que sus libros, como lo prueban las tiradas y las ediciones que se hicieron, no tuvieron otros lectores que los mismos miembros de los cenáculos o los destinatarios extrangeiros a quienes fueron remitidos como cortesía²⁵⁸ (RAMA, 1998, p. 94)

é o que ocorre exatamente com os então jovens da Semana de Arte Moderna de 1922, movimento que passou despercebido, com uma tiragem insignificante de obras custeadas pelos próprios autores.

Os dois quadros a seguir demonstram a progressão do número de periódicos parnaibanos por século (XIX e XX) e década:

QUADRO 1

SÉCULO XIX	Qnt de periódicos
Anos de 1860	05
Anos de 1880	02
Anos de 1890	08
Total	15

QUADRO 2

SÉCULO XX	Qnt. de periódicos
Anos de 1900	08
Anos de 1910	24
Anos de 1920	26
Anos de 1930	15
Anos de 1940	10
Total	81

Avaliando-se que “Nos primeiros 20 anos do Século XX, foram lançados cerca de 120 títulos de jornais em pelo menos 20 municípios piauienses, 71 desses títulos só em Teresina [...]” (CHAVES, 2007, p. 98), observa-se que à Parnaíba resta a segunda posição no *ranking* de lançamentos, com 32 impressos, conforme demonstra o quadro a seguir:

²⁵⁷ Trad.: “A situação real e patética dos escritores figurados no modernismo, foi a carência de público”.

²⁵⁸ Trad.: “somente triunfaram tardiamente, de tal modo que seus livros, como o provam as tiragens e as edições que se fizeram, não tiveram outros leitores que os mesmos membros dos cenáculos ou os destinatários estrangeiros a quem foram remetidos como cortesía”.

QUADRO SINÓTICO DE PUBLICAÇÕES DE PERIÓDICOS EM PARNAÍBA NOS PRIMEIROS 20 ANOS DO SÉCULO XX		
ANO	PERIÓDICO	QUANT.
1901	<i>O Piahyense e Nortista</i>	2
1902	<i>A Juventude, O Libertador e Popular (1ª fase)</i>	3
1903	-	-
1904	-	-
1905	<i>A Tribuna</i>	1
1906	-	-
1907	<i>O Norte do Piahy</i>	1
1908	<i>O 11 de Junho</i>	1
1909	-	-
1910	<i>Semana</i>	1
1911	<i>Auras do Norte, Cambirimba</i>	2
1912	<i>Cidade de Parnahyba (1ª fase), O Rebate, Cambirimba e Popular (2ª fase)</i>	4
1913	<i>Ano Bom e Município</i>	2
1914	<i>Agulhas, O Pharol e A Ordem</i>	3
1915	<i>Cidade de Parnahyba (2ª fase), A Cruz, A Chibata, Sport e Popular (3ª fase)</i>	5
1916	<i>A Semana</i>	1
1917	<i>Boletim Mensal e O Imparcial</i>	2
1918	<i>O Consolador</i>	1
1919	<i>O Artista, O Chromo, A Tribuna (2ª fase)</i>	3
1920	<i>A Propaganda, A Boa Semente</i>	2
TOTAL		34

A interpretação dos quadros demonstra algumas quedas no que tange a fundação progressiva de órgãos. A começar pela estagnação dos anos de 1900, que pouco rende à cidade veículos de imprensa. Esse fato obedece sem grande disparate ao que ocorria ao Brasil naqueles anos, que atravessou uma aguda crise comercial, ao ponto do jornal *O Commercio*, Rio de Janeiro, comparar a gravidade ao “paroxismo de um desastre irremediável²⁵⁹”. Atingindo todas as esferas comerciais do país, desde as grandes até as pequenas praças (caso de Parnaíba), a crise deflacionária, atribuída a um conjunto de medidas do governo Campos Sales para conter a inflação, resultou no aumento de tarifas alfandegárias, de impostos existentes e a criação do imposto de consumo, bem como o crescimento de impostos para a exportação; atingiu bancos, levando a falência, inclusive, o “Banco da República do Brasil”, que em setembro de 1900 teve seus pagamentos suspensos. A crise só viria a ser contornada em 1906, quando se estabeleceu, através do Convênio de Taubaté, a política de valorização do café, bem como a aplicação da borracha na indústria.

Outra queda ocorre nos anos de 1910, seguidos dos de 1930 e 1940, quando o mundo experimentou as consequências da Primeira Guerra Mundial e atravessou logo

²⁵⁹ A crise comercial. Transcrito pelo *Nortista*, ano 1, n. 10, 9 mar. 1901, p. 3.

em seguida o caos da Segunda, cujos saldos negativos se refletiram, na imprensa, com a crise de um dos seus principais produtos, o papel.

Com o evento da 2ª Guerra Mundial, todo o país foi prejudicado pela dificuldade de aquisição do papel para impressão gráfica. No Piauí não foi diferente, e isto ficou evidenciado pelo vácuo no lançamento de novos títulos de jornais, e até na continuidade dos que já existiam. Por exemplo, entre 1939 e 1943, ou em quatro anos, nenhum novo foi lançado no estado, exceção ao *Raios de Luz*, de Parnaíba, que circulou em 1940 (CHAVES, 2007, p. 109).

A citação anterior está de acordo ao pensamento que esta dissertação tenta expressar em sua análise acerca da queda de lançamentos de periódicos em Parnaíba. Chaves destaca que *Raios de Luz*, do grêmio literário “Madre Savina Petrilli”, tenha sido o único a circular. De fato esse veículo de divulgação das estudantes e do corpo docente do Colégio Nossa Senhora das Graças teve seu primeiro número lançado em 1939, ano de início da segunda guerra, e se estendeu, anualmente, até por volta da década de 50, quando alcança a sua edição de número 15. Agora cabe uma ressalva, pelo menos na cidade sabe-se do lançamento, no período supracitado de 39 e 43, de mais 3 veículos de imprensa, todos, a propósito, vinculados ao exercício criativo da literatura, são estes: *Clarim*, lançado em novembro de 1939, ligado à Escola de Comércio da União Caixeiral; *Panorama Estudantil*, levado a lume em maio de 1939 e vinculado ao Centro Estudantil Parnaibano; e *Os Argonautas*, como já foi referido acima, publicado em 1943 para comemorar a formatura da turma desse ano do Ginásio São Luiz Gonzaga²⁶⁰.

O primeiro, *Clarim*, tinha como diretor o professor de português Pedro Bozon, e redatores: Clóvis Costa de Oliveira, Fábio Fontenele de Miranda, José Custódio Cordeiro Neto, Maria Silva, Nelson Chaves, Nunes da Costa etc. Em Parnaíba sua sede ocupava o endereço da então Rua do Passeio, n. 3. Foi um periódico pequeno, com poucas páginas (quatro), mesmo assim conseguiu levar a lume no seu pouco tempo de existência (talvez não tenha atravessado o seu primeiro ano de fundação) dicas, crônicas e ensaios acerca de assuntos de interesse comercial.

O segundo, *Panorama Estudantil*, foi um dos outros órgãos dos quais o Centro Estudantil Parnaibano se utilizou para divulgar a população e, em específico o seu público, os trabalhos da classe na cidade – índice, pois, de um órgão vinculado a uma

²⁶⁰ Apêndice V.

instituição organizada com fins de trabalho, também, literário. Em formato de revista, tinha como diretor Pergentino Cardoso Filho e no corpo redacional alguns nomes já conhecidos do campo das letras, como o do poeta e cronista Madeira Basto, além de José Lemercier, Edgar Ataíde e Lauro Correia, este mais tarde seria prefeito de Parnaíba entre os anos de 1963 e 1966.

Foi um dos primeiros veículos de imprensa da cidade em formato de revista a organizar para os leitores um sumário, tal como fizera a revista mensal *Litericultura*, de Teresina, em 1912. Entre os colaboradores de suas páginas encontravam-se os nomes de Pedro Teles, Celso Pinheiro e Renato Castello Branco, todos reconhecidos literatos: o penúltimo, membro da Academia Piauiense de Letras²⁶¹. O título dado de revista obedecia à pluralidade de seus assuntos, levando ao conhecimento discussões acerca de disciplinas diversas, bem como trabalhos poéticos da lavra de nomes conterrâneos e ensaios políticos; a distinção reside quando, através das letras do poeta Paixão Filho surgiram críticas literárias, como o que ocorre em sua edição de número 2 (jun. 1939), analisando o trabalho do poeta R. Petit.

Além disso, pareciam os editores da revista ter noção de suas funcionalidades para com a sociedade que os assistia, assim é quando evidenciam um dos seus objetivos para com a cidade, no que tange o exercício das letras: “A função duma revista como esta não poderia ser outra senão educar, ajudar os professores na nobre missão de *abrir horizontes de luz nas trevas da ignorância*”²⁶². Interessante que tal discurso se tornou uma constante nesse período de afirmação de cidade letrada, sendo repetido em outros veículos, como *O Arauto*.

A *Voz da Parnaíba* revista associada ao Ginásio Parnaibano (mantenedor do “Grêmio de Oratória” patronado por Humberto de Campos) e sob a direção do seu então professor de Português lançou seu primeiro número em 1944. Das mudanças significativas que impôs ao corpo editorial dos periódicos em formato revista enquadrados nessa pesquisa uma estrutura mais objetiva, dando maior espaço a artigos de caráter denotativo. Além disso, permitiu uma maior inter-relação entre produções estudantis e professorais, isso porque dividia espaço em suas páginas alunos e professores, bem como intelectuais que a cidade já admitia na década de 1940²⁶³. Havia por trás de sua produção uma ideologia ufanista, resultado de um período histórico que

²⁶¹ Para maiores informações acerca das produções e colaboradores da revista, conferir apêndice XVIII.

²⁶² “Colaborações para ‘Panorama Estudantil’”, *Panorama Estudantil*, n. 2, jun. 1939, p. 16, grifos nossos.

²⁶³ Para maiores informações acerca das produções e colaboradores da revista, conferir apêndice XIX.

o impulsionava a tal: o governo de Getúlio Vargas, aliás, figura bastante estimada e celebrada nos textos desse periódico.

A leitura de suas páginas ainda permite identificar no corpo de suas produções o nome de Jesuila Marinho Gonçalves, concludente do Ginásio de Parnaíba de um ano anterior (1943), cuja participação no periódico demonstra o grau de formação do aluno secundarista da década de 40, posto seu texto admitir a língua inglesa, em exercício no gênero crônica: “Spring²⁶⁴”. Gonçalves não se furta apenas ao trabalho na crônica, demonstrando ainda dedicar-se à arte da versificação, quando em “Minha homenagem” expõe em agradecimento aos seus antigos professores do ginásio um conjunto de 4 quartetos e um terceto petrarquianos²⁶⁵.

Dividindo espaço com Jesuila Marinho Gonçalves, o poeta Uchoa de Menezes também ensaia um conjunto de versos, também pertarquianos, e intercalando neles alguns sáficos, no poema “Minhas preces²⁶⁶”, já na edição de dezembro de 1944, Menezes traz um conjunto de sextilhas em redondilha maior em um jogo de rimas regulares, sob o título de “O meu dia²⁶⁷”. Seguente à mesma linha de trabalhos poéticos, Camilo Mota Lima, então aluno da 4ª série do Ginásio Parnaibano escreve um soneto, intitulado “Despedida²⁶⁸” em cujos versos, salvo alguns erros de escansão, admitem a métrica decassílaba. Tal soneto, ainda, é ladeado por outro, “Avante França!²⁶⁹”, também decassílabo petrarquiano, de autoria do poeta Humberto Teles, ex-aluno do Ginásio. Teles mais tarde se tornaria um dos grandes colaboradores da imprensa parnaibana, no que tange à publicação de vasta fortuna poética, levada a lume em vários periódicos, principalmente no segundo quinquênio do século XX.

Camilo Lima no mesmo periódico publicaria “À França”, conjunto de 5 quadras em redondilha maior. O controle e o conhecimento de versos distintos e da própria versificação obediente em escansão, rimas e esquemas estróficos encontrados entre os alunos que compuseram as páginas de *Voz da Parnaíba* podem ser ainda encarados como componentes de um sistema literário que admitia em seu conjunto um ambiente contextualizado também pelo olhar estético. Não por acaso, é ainda nesta mesma edição do periódico em que se encontrará outro texto Mário Andrade Correia; desta vez um ensaio: “Ser poeta”. Nele discorre a respeito das razões do homem que envereda pela

²⁶⁴ Anexo XLII

²⁶⁵ Anexo nº XLVI.

²⁶⁶ Anexo nº XLVII.

²⁶⁷ Anexo nº XLVIII.

²⁶⁸ Anexo nº XLIX.

²⁶⁹ Anexo nº L.

poesia e incute em seu espírito o gosto estético, admitido como um dom que lhe é natural e comum, próprio:

Ser Poeta é um dom original, só conferido a determinadas criaturas, capazes de sem artifício, metrificando sem as sílabas, rimando sem escolher os vocábulos, e por natural inclinação, expressar o pensamento através da linguagem passional – a Poesia²⁷⁰.

Foi, pois, este o ambiente que se construiu em Parnaíba no primeiro do século XX, impulsionado especialmente por estudantes e associações congêneres que se revestiam de um discurso que admitia a missão instaurar no meio parnaibano o gosto pelas artes, ciências e leitura.

2.3 Sobrevivência e mecenato dos periódicos

Apesar de tencionarem uma independência de conteúdo, admitindo de alguma forma um lado apartidário no que tange o cenário político, algumas das revistas comentadas anteriormente recorreram à estratégia do mecenato político, tão caros aos franceses desde o século XVIII²⁷¹, consagrando em clichê, tal como fizera *A Rua do Ouvidor*²⁷², no Rio de Janeiro, as fotografias de figurões políticos e comentários elogiosos. A propósito, esse tipo de prática não destoava de parte significativa da nação, como observa Rocha: “Nas circunstâncias históricas brasileiras, dada a exiguidade do público leitor e devido à instabilidade da esfera pública, o homem de letras somente pôde firmar-se à sombra do Estado” (ROCHA, 2000, p. 220).

O mecenato estatal, portanto, parecia uma regra aos periódicos que apesar de não assumidamente políticos, acabavam por exceder-se em elogios a figuras de respaldos no cenário²⁷³. A começar por *Gleba*, que em sua edição de número 5 (setembro de 1933), rende homenagem a Landry Salles, então interventor federal no Piauí, e a Ademar Neves, à época prefeito de Parnaíba.

Em 1936 é a vez de *Harpa*, em cuja edição de número 1 (mês de maio), busca o entusiasmo de Mirócles Vêras, eleito primeiro prefeito constitucional da cidade. A

²⁷⁰ Ser poeta. *A Voz da Parnaíba*, ano 1, n. 1, -- 1944, p. 52.

²⁷¹ Como admitem Rocha (2000), Chartier (2003) e Badinter (2007).

²⁷² Segundo informa Broca (2005, p. 301): “Por esses panegíricos Serpa Júnior cobrava bom preço dos figurões, conseguindo assim, graças ao grão de incenso na vaidadezinha alheia, manter durante bastante tempo um magazine”.

²⁷³ Exemplo claro o texto “Parnaíba”, do anônimo “Nostradamus” (Anexo HH), já discutido anteriormente.

respeito dessa última revista merece destaque a tentativa, mesmo que tímida, em desprender-se desse tipo mecenato, apostando na política do barateamento de suas edições, como bem indica o seu primeiro editorial: “HARPA traz uma feição modesta e será vendida ao alcance de todas as bolsas, afim [sic] de que seja intensa a sua circulação nesta cidade e fora daqui²⁷⁴”. Apesar da ideia, índices subsequentes apontam que essa política não fora bem sucedida: programada para ser mensal, a revista lançara a primeira edição em maio de 1936 ao preço de 600 réis, porém a segunda, em junho de 1936, ao preço de 1.000 réis, já o terceiro número, valendo pelos meses de julho, agosto e setembro de 1936, mantivera o valor dos 1.000 réis, e depois, tudo indica, encerrou as suas atividades.

A Voz da Parnaíba continuaria o ciclo de elogios políticos para captação de recursos à sua manutenção, desta vez recorrendo, como já fazia tradicionalmente o *Almanaque da Parnaíba*, às três esferas de Poder: federal, estadual e municipal. Assim, revela o nome de Getúlio Vargas, Leônidas de Castro Melo e Mirócles Vêras, respectivamente, cada um dos quais associados a uma fotografia seguida de comentários e elogios pomposos. Essa estratégia seria ainda ampliada para os figurões do comércio, como fizera em sua edição de número 2 (dezembro de 1944) que, além de continuar dando guarida às fotografias dos três políticos anteriormente citados, recorreu ainda à publicidade de Roland Jacob, um dos mais progressivos industriais da cera de carnaúba de então; e do embaixador Frederico Castello Branco Clark, filho de James Frederick Clark, este proprietário da firma de maior prestígio do Piauí no primeiro quinquênio do século XX, a Casa Inglesa.

Essa realidade, todavia, parece não se repetir com as revistas *Cultura* e *O Arauto*, que de alguma maneira admitia certa rivalidade, principalmente no que diz respeito à linha editorial tão próxima, ambas mantidas por agremiações congêneres que haviam nascido no fim da década de 1940, como já foi discutido anteriormente.

Dos periódicos de maior apelação ao mecenato comercial e estatal foi, sem dúvida, o *Almanaque da Parnaíba*, dedicando as primeiras páginas de suas edições ou mesmo as suas capas a figurões de alto poder aquisitivo bem como a autoridades no campo da política que estavam no Poder – ou que já haviam passado por ele e cujas famílias ainda mantinham na cidade certa influência comercial (o que sem dúvida seria de grande relevância ao órgão, a conquista pela família), prática esta que atravessou a

²⁷⁴ Nossa revista. *Harpa*, ano 1, n. 1, mai. 1936, p. 3, grifo nosso.

primeira metade do século XX e seguiu adiante até por volta dos anos de 1980; como demonstra o quadro a seguir com algumas de suas edições, coletadas de maneira esparsa:

ALMANAQUE DA PARNAÍBA E A BUSCA DO MECENATO COMERCIAL E ESTATAL ATRAVÉS DA PUBLICAÇÃO DE FOTOGRAFIAS E ELOGIOS AOS HOMENS NO PODER			
ANO	AUTORIDADE	VINCULAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
1925	James Frederik Clark	Comércio	Página interna
1926	Jonas de Moraes Correia	Política (interventor do município)	Página interna
1930	João de Deus Pires Leal	Política (governador do Piauí)	Página interna
1934	Capitão Landry Salles Gonçalves	Política (interventor federal no PI)	Página interna
	Francisco Freire de Andrade	Política (deputado federal piauiense)	Página interna
	José de Moraes Correia	Comércio	Página interna
	Paulo Martins de Souza Ramos	Política (diretor do Tesouro Nacional)	Página interna
	Ademar Neves	Política (prefeito de Parnaíba)	Capa e página interna
	Getúlio Vargas	Política (presidente do Brasil)	Página interna
	Corintho da Silva Seixas	Comércio	Página interna
1937	Mirócles de Campos Vêras	Política (prefeito de Parnaíba)	Página interna
	Leônidas de Castro Mello	Política (governador do Piauí)	Página interna
	Epaminondas Castello Branco	Política (vários cargos)	Página interna
	Jacob Manoel Gaioso e Almendra	Política (presidente da Assembleia)	Página interna
1940	Getúlio Vargas	Política (presidente do Brasil)	Capa e página interna
	Leônidas de Castelo Mello	Política (governador do Piauí)	Página interna
	Mirócles Campos Vêras	Política (prefeito de Parnaíba)	Página interna
	Getúlio Vargas	Política (presidente do Brasil)	Página interna
	Jonas da Silva	Política (interventor do município)	Página interna
	Josias Benedito de Moraes	Comércio	Página interna
	Landry Salles Gonçalves	Política	Página interna

A estratégia do *Almanaque da Parnaíba* em estampar os nomes de prestígio político ou econômico, geralmente aliados a elogios de toda ordem vinha a calhar, posto ter conquistado a simpatia deles e seus importantes auxílios financeiros, tão urgentes ao órgão. Em menos de 6 anos de existência, o Almanaque praticamente triplicou o número de suas páginas bem como o número de anúncios que, em determinadas edições representam praticamente a metade de suas laudas. É o caso de James Frederik Clark, o mais insigne industrial da cera de carnaúba do Norte piauiense, exaltado em quase todas as edições do anuário (a começar pela primeira de 1924, como demonstra a tabela anterior), dono das mais importantes firmas comerciais do Piauí, todas vinculadas à Casa Inglesa, esta que acabou sendo um dos mais fortes anunciantes do almanaque. Outras figuras exploradas foram Jonas de Moraes Correia (desde 1925) e José de Moraes Correia (a partir de 1934), o que permitiu conquistar os anúncios de outra importante firma, a Moraes & Cia.

Os exemplos se multiplicam, ainda no ano de 1934 se exaltaria a figura de Corintha da Silva Seixas, dono da firma, também anunciante no Almanaque, Seixas & Cia.; ao lado da fotografia, o elogio: Seixas “[...] vem empregando a sua energia no comércio local, onde tem revelado *invulgar concepção comercial*”²⁷⁵.

De uma maneira ou de outra, a busca pelo mecenato fora uma maneira encontrada para assegurar a sobrevivência dos órgãos de imprensa literários do tipo revista (que teoricamente não arranjavam seus conteúdos às guerras políticas praticadas comumente nos jornais). E sem dúvida vinha ao encontro da prática elogiosa própria do modelo o qual configurava os intelectuais brasileiros: o francês.

²⁷⁵ *Almanaque da Parnaíba*, ano 11, n. 11, 1934, p. 221.

3 A CRÍTICA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO DE UM CÂNONE

A questão do cânone tem gerado várias discussões tanto no campo da história da literatura quanto no da crítica, principalmente a partir do século XX quando foi trabalhado à luz das correntes teóricas e passou a ser analisado como fenômeno que engloba não apenas uma listagem aleatória de obras que representam um todo social e suas respectivas representatividades de sentimento e de expressão²⁷⁶, mas como síntese de um contexto capaz de transcendê-lo a partir de um complexo que engloba produção e recepção (cf. Jauss) – talvez o fundamento de origem do objeto literário, a *dianoia*, posto que “Difícilmente [possa] existir uma obra literária sem algum tipo de relação, implícita ou explícita, entre seu criador e seu público” (FRYE, 2014, p. 169), relação essa que é, até mesmo, atemporal: “Quando o público que o poeta tinha em mente é substituído pela posteridade, a relação muda, mas não deixa de existir²⁷⁷”.

O cânone, cuja palavra advém do grego *kanon* (referente a “regra” ou a “medida”)²⁷⁸, não por acaso, além de um conjunto de obras e autores selecionados, eleitos (e/ou mantidos) por um dada comunidade em um determinado contexto e tempo, é um circuito que envolve julgamento e seleção, e como todo julgamento implica valor e gosto (cf. Kant e Gadamer), a esfera de suas cogitações pode adentrar o campo da filosofia que à luz de um momento histórico tenta celebrar o “ser” e o “não ser” dentro de um conjuntura de mudanças de sistemas.

É importante destacar que ao se falar aqui de uma mudança de sistemas não se implica a ideia de uma gradação progressiva, mas modificativa, isso porque “[...] a literatura (a arte) não progride, apenas muda” (PERRONE-MOISÉS, 1998, 40), o que induz ao raciocínio sustentado de que “[...] as imagens são quase imóveis; de século em século, de país em país, de poeta em poeta, elas se transmitem sem serem mudadas”, o que muda, na realidade, são os “[...] procedimentos para dispor e elaborar o material verbal, e este consiste antes na disposição das imagens que na sua criação” (CHKLOVSKI, 1973, p. 41); o que diferencia é a leitura, centrífuga (símbolo → *dianoia* significada) ou centrípeta (símbolo → *dianoia* interpretada). Ora, se as imagens

²⁷⁶ “[...] domínio da linguagem figurativa, originalidade, poder cognitivo, conhecimento e dicção exuberante”, como apregoa Bloom (2010, p. 44).

²⁷⁷ Idem, *ibidem*.

²⁷⁸ Wendell V. Harris, em seu artigo “La canonicidad” (1998) informa que esse termo, por extrapolação, adquiriu o sentido de “correto” ou “autorizado”, interpretação esta corrente e instaurada pelo menos desde o século XX.

são as mesmas e ocorrem mudanças que competem novos procedimentos, logicamente compreende-se que o elemento renovador desse processo resida na inter-relação do já existente: “A arte cria uma nova forma como uma nova relação axiológica com aquilo que já se tornou realidade para o conhecimento e para o ato” (BAKHTIN, 2010 p. 34). É o que também evidencia Bloom (2010, p. 38): “O valor estético é por definição engendrado por uma interação entre artistas, um influenciamento [sic] que é sempre uma interpretação²⁷⁹”, daí a razão de que “Há um sentido em que o ‘canônico’ é sempre o ‘intercanônico’, porque o Cânone não apenas resulta de uma disputa, mas é em si uma contínua disputa” (BLOOM, 2010, p. 75). Como indica Frye (2014, p. 218-9, grifos do autor):

A literatura pode ter vida, realidade, experiência, natureza, verdade imaginativa, condições sociais, ou tudo o que se quiser como seu *conteúdo*; mas a literatura em si não é feita dessas coisas. A poesia só pode ser feita de outros poemas; romances [*“novels”*], de outros romances. A literatura dá forma a ela mesma e não é modelada externamente: as *formas* da literatura não podem existir fora da literatura, assim como as formas da sonata e da fuga e do rondó não podem existir fora da música.

Pauta-se aqui Frye em uma reflexão que induz a poética literária, cujos recursos discursivos implicam certa estrutura única e pertencente ao campo estético, de que se pode tirar exemplo o discurso indireto livre elaborado por Flaubert, e que reside somente no campo ficcional, dele jamais transcendendo para o real. Em outras palavras, embora a literatura seja uma espécie de para-realidade, quando toma o derredor (de um tempo histórico, pluridimensional), a fim de que ela exista enquanto fenômeno estético necessita reorganizá-lo, daí o tempo do discurso e dentro deste todas as estratégias de que se utiliza esteticamente para a mimese. Foi por esse motivo que Barthes (2011, p. 33) inferiu que a palavra empenhada no contexto literário “não é nem um instrumento, nem um veículo: é uma estrutura”.

Perrone-Moisés (1998, p. 27) problematiza essa questão, levantando a obscuridade que a literatura encerra: “[...] embora a literatura nasça sempre da literatura, a lógica desse engendramento não é muito clara. Na prática, as relações dos novos com os antigos nunca foram meramente sucessivas, nem unívocas, nem inequívocas”; e ilustra o caso de Dante: “Dante tomou Virgílio como guia, mas é ele quem introduz Virgílio em seus círculos nunca dantes frequentados por este”. A questão, como se

²⁷⁹ Por essa razão Bloom admite mais adiante que “O valor estético surge da memória” (2010, p. 57).

percebe, é de interpretação, e a própria interpretação implica o paradoxo de que tenta fugir à literatura, os dois processos sistêmicos de compreensão perpassam pela apreensão para tão somente adentrar no campo das intertextualidades. Talvez por isso entenda-se que “[...] a literatura finge destruir-se como linguagem-objeto sem se destruir como metalinguagem, e onde a procura de uma metalinguagem se define em última instância como uma nova linguagem-objeto” (BARTHES, 2011, p. 28).

Nesse traslado de significações e seleções surgem palavras como “valor”, “gosto” e “beleza”, que representam, sim, uma chave ao entendimento da exegese canonizante, por isso não se pode esquecer que as três admitem certa abertura à concepção de estruturas canônicas distintas no tempo e no espaço; ao passo do que infere Eagleton (2006, p. 17) “[valor] é um termo transitivo: significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos”. Valor, portanto, pressupõe juízo, e é por essa razão que “[...] toda la valoración de un texto literario es, en realidad, un juicio sobre lo bien que el texto en cuestión satisface las necesidades cambiantes de los individuos y las sociedades, es decir, lo bien que realiza funciones específicas²⁸⁰” (SMITH *apud* HARRIS, 1998, p. 43); eis mais um dado a se aproximar do raciocínio que se faz da arbitrariedade da atribuição de valor, é o que também corrobora Eagleton (2006, p. 15): “Os julgamentos de valor parecem ter, sem dúvida, muita relação com o que se considera literatura, e com o que não se considera”. A qualidade do juízo é vista por Gadamer (2008) como aquela responsável por distinguir o homem inteligente do tolo: o primeiro consegue aplicar corretamente o que aprendeu e sabe; em outras palavras, é de sua competência valorar um objeto, pondo-o em situação de juízo, cuja operação é a (re)significância.

Ora, se a construção de um cânone implica julgamento crítico de valor histórico (síntese evocativa da *krinien*), a sua própria sustentação implica um problema reflexivo no campo da ciência, isso porque diferente do que a crítica induz a pensar, “Não se julga a partir de critérios, mas, ao julgar, criam-se critérios”, logo, “Na leitura, como na escrita, o julgamento é uma questão de invenção” (PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 16) – e é essa invenção que fixará as bases canônicas. No caso de Parnaíba, parte significativa dessa invenção de valores foi produzida por uma nascente crítica nos periódicos, e mais

²⁸⁰ Trad.: “[...] qualquer valorização de um texto literário é, na realidade, um juízo sobre o bem que o texto em questão satisfaz às mudanças necessárias dos indivíduos e as sociedades, ou seja, o bem que ele executa funções específicas”.

sintetizada em suporte livro, nos formatos crestomatias e escorços; com o tempo, esses dois suportes se confundiram ao ponto de coexistirem influenciando-se mutuamente.

Compreender os limites que o cânone possui entre a cultura letrado-crítica estabelecida e a ciência é mais do que estabelecer critérios de ordem mecânica, é entender toda uma estrutura social dentro de um determinado recorte histórico que permite, senão integral pelo menos preliminarmente, a construção de princípios éticos, morais e estéticos que possibilitaram a formação de grupos seletos de autores e obras dignas de apreciação e modelares, portanto passíveis de valores atemporais, ou seja, capazes de transmutarem-se no decorrer dos tempos sem perder a força significativa de suas expressões; eis porque “Não deveríamos imaginar a literatura de um dado período simplesmente como o conjunto das obras literárias existentes, mas também como o conjunto dos valores literários existentes” (VODIČKA, 1978, p. 301).

A esse respeito, teóricos têm se posicionado, dentre os quais Wendell V. Harris, que compreende a arbitrariedade das seleções canônicas – o que prova o seu caráter flutuante de valor –, razão que permite induzir que “los criterios para la selección de textos se derivan, no de la autoridad, sino de las funciones elegidas²⁸¹” (1998, p. 37), em outras palavras, “[...] dos valores literários existentes” dos quais fala Vodička. Talvez por essa razão seja lúcido pensar em uma mudança de sistemas que acompanhe a própria reestruturação de valores da sociedade, afinal

Lo que sirve como modelo moral para mayoría de los lectores durante un período puede que, en otro momento, sea considerado un modelo de hipocresía; lo que para unos es música divina, para otros es canto insoportable²⁸² (HARRIS, 1998, p. 43).

Como indica Chklovski, esse fenômeno tem relação direta com a recepção, a forma com a qual o objeto literário (ou pelo menos a sua condução estética) é admitido em um momento – tese reforçada por Jauss.

Como se pode perceber, o cânone é um complexo que vai muito além da eleição de nomes que se configuram insígnias à história da literatura, por trás de sua superestrutura (se assim for possível denominar os autores e obras) existem mecanismos e gêneros que também sofrem julgamento e por isso acomodam-se dentro de uma esfera

²⁸¹ Trad.: “Os critérios para seleção de textos derivam-se, não da autoridade, mas das funções escolhidas”.

²⁸² Trad.: “O que serve como modelo moral para a maioria dos leitores durante um período, pode ser que, em outro momento, seja considerado um modelo de hipocrisia; o que para uns é música divina, para outros é canto insuportável”.

de valor e gosto. Se no Brasil, a sua formação (que teve início no período imperial) admitia o nacionalismo como a base do processo civilizatório brasileiro, a sua existência também cumpria o rito do silêncio, isso porque decantou “[...] a barbárie dos índios e dos negros, como que preferindo que continuem primitivos” (KOTHE, 2000, p. 30). Para este autor, a construção do cânone nacional, enquanto listagem aleatória de nomes que compuseram a seleta de autores que estão identificados no Brasil Colônia, mais do que competente a um registro havia, da parte dos críticos românticos *a posteriori*, a vontade em se “inventar um passado brasileiro”: “[...] impondo o horizonte daquilo que depois teria condições propícias de se inserir nele, conjugando a predisposição do gesto semântico textual com a da estrutura canônica²⁸³”.

3.1 O exercício crítico no periodismo

A importância da imprensa na consolidação do pensamento crítico é crucial do ponto de vista não apenas financiador como também popular, posto ter sido através de suas páginas que o pensamento e de modo mais preciso, a literatura, se difundem; no Brasil esse processo, comparado às nações europeias ou mesmo algumas americanas, como o México, ocorre de maneira tardia. Como atenta Leão:

[...] após a implantação da Imprensa Régia (1808), deu-se um importante impulso no sentido de dotar a nascente literatura brasileira de um extenso repertório de autores e obras expressivas, a fim de que possuísse uma tradição respeitável e, portanto, um cânone genuinamente nacional (LEÃO, 2013, p. 643-4).

Atentar, portanto, para esse tipo de relação é entender, pelo menos circunstancialmente, o poder de influência que um veículo de escrita podia ter sob o ponto de vista da classe letrada, daí a razão de ter-se visto, historicamente, a incorporação de nomes do beletrismo à letra impressa em jornais. Papel este que a própria imprensa reconhece como verdadeiro, a ponto de interferir no *sensu communis* quando se estabelece na condição de juiz ao estruturar no mínimo dois tipos de cânone: o crítico e o de autores e obras.

No que compete ao exercício crítico na imprensa, uma das mais antigas manifestações de fomento ao trabalho intelectual que se tem notícia remete ao ano de 1783, quando o filósofo Immanuel Kant, atendendo à solicitação de um famoso

²⁸³ Idem, *ibidem*, p. 67.

periódico alemão da época, produziu o pequeno, porém emblemático texto “Resposta à pergunta: ‘O que é o Iluminismo?’”, cuja resposta conduziu o homem da época não apenas a compreender a *aufklärung* como a direcionou ao próprio pensamento moderno – *sapere aude*.

Se a crítica ensaiou seu surgimento na imprensa no final século XVIII, na segunda metade dos novecentos ela, no Brasil, se mostrará uma realidade, incorporando em seu programa a literatura. Como indica Barbosa (2007, p. 71): “[...] a crítica literária nasceu nos periódicos brasileiros, primeiramente, a partir das notícias biobibliográficas, do lançamento de livros, muitas vezes retiradas de outros jornais, alguns estrangeiros”. Sua promulgação no meio letrado, portanto, foi de grande importância no que tange a formação do público leitor, então orientado por seus juízos e suas percepções dirigidas ao objeto literário. Além disso, a crítica literária do século XIX exercida nos jornais foi, ao lado da crônica e do folhetim, responsável por tornar o homem de letras um profissional com coluna fixa nos principais veículos do país, no registro das produções contemporâneas e na celebração de nomes e obras que deveriam ter o seu espaço no cânone nacional. Sintomático, pois o que escrevera o escritor e crítico literário Henry James (1843-1916), acerca do desenvolvimento desse gênero para o seu tempo:

Se se pode dizer que a crítica literária floresce entre nós agora, certamente ela floresce em grande escala, pois flui pela imprensa como um rio que rompeu os diques. Sua quantidade é prodigiosa, e é uma mercadoria que, por maior que seja a demanda estimada, o suprimento por certo jamais será insuficiente (JAMES, 2011, p. 41).

Sendo os primórdios da crítica literária as notas biobibliográficas e as notícias de lançamento de livros divulgadas em jornais, o serviço prestado à memória que esse gênero tem para as pesquisas de hoje, que se baseiam nos rastros deixados por ele, em claro “sinal produzido por alguma coisa, num determinado momento” (MOREIRA, 2004, p. 123), estes logo são de extrema importância para a construção de uma possível história de como se formou um sistema literário em um dado espaço geográfico. Em Parnaíba, por exemplo, se tem notícia, através do periódico *A Chibata*, de 2 de junho de 1915, da publicação de um opúsculo que talvez seja o primeiro livro impresso por uma tipografia na cidade. O livreto denominado *Um homem extraordinário*, impresso pela Tipografia Basto, visava homenagear um alfaiate benquisto na época, Antônio Furtado. Um dado, todavia, afixado em anúncio e aqui um rastro essencial para a construção do passado a que pretende elucidar à luz do que indica Barbosa (2007, p. 76): “Os anúncios

são sobretudo importantes para os historiadores da literatura que abstraem do ‘texto literário’ toda a materialidade, entre elas as que envolvem questões ‘menores e menos importantes’ como as de preço, pouco dignas de serem avaliadas”. A propósito, será ainda através da leitura de anúncios em periódicos que circulavam a cidade no primeiro quinquênio do século XX que se terão notícias²⁸⁴ ainda do lançamento, “brevemente”, do livro de versos *Ascensão de Sonhos*²⁸⁵, de Moura Rêgo²⁸⁶, um dos colaboradores da revista mensal *Gleba*.

Outros dois anúncios são também significativos do ponto de vista em deixar rastros de autores que, por alguma razão, não puderam levar adiante os seus projetos de livros. O primeiro deles é Francisco Basto, grande articulador do *Nortista*, que no ano de 1901 anunciava lançar para breve o seu primeiro livro de poemas: *Trêmulos*²⁸⁷, o que não se realizou. O outro é Nestor Gomes Vêras, parnaibano, que teria naquele mesmo ano lançado em Teresina *As Primícias*, coletânea poética.

A importância da imprensa, desde os primórdios, portanto, esteve ligada de alguma forma à formação ou mesmo promoção literária no Brasil, acentuando a urgência que se tinha de um meio de promulgação das letras, posto que os livros eram objetos de difícil acesso e de escassa circulação até o Brasil Imperial. Como informa Leão:

Se desde 1535 imprimiam-se correntemente livros na Cidade do México, inclusive com a representação de agentes de importantes mestres impressores europeus e suas respectivas oficinas, e em 1584 a arte tipográfica era introduzida em Lima, capital do Peru, o Brasil quinhentista, por outro lado, foi extremamente pobre em livros, artigos com efeito raros ou, quando muito, escassos. Ao longo do Período Colonial, as dificuldades em obter livros no Brasil eram gigantescas, e somente aqueles melhor aquinhoados, ou com autorização específica para o exercício de seus ofícios, conseguiam efetivamente compor uma biblioteca. O que se sabe, no entanto, é que foram os jesuítas os introdutores do livro no País, e que, de tão escasso o produto, tinham que copiá-los à mão, a fim de que seus alunos e discípulos os estudassem. Por esta razão, os primeiros livros entre nós eram

²⁸⁴ Ref. a revista *Gleba*, n. 5, set. 1933, p. 7.

²⁸⁵ Apesar do anúncio, este livro, o primeiro de Moura Rego, só viria a lume de fato no ano de 1936.

²⁸⁶ Nascido em 23 de junho de 1911 na então vila de São José dos Matões (atual cidade de Matões), no Maranhão, foi contador, músico, bacharel em Direito e jornalista, tendo feito parte da Associação de Imprensa do Piauí e participado de agremiações de cunho literário como a Arcádia dos Novos e o Cenáculo Piauiense de Letras. Apesar de maranhense, desenvolveu no Piauí parte significativa de sua faina jornalística. Bibliografia: *Ascensão dos Sonhos*, 1936; *Trovas*, 1942; *Gritos Perdidos*, 1944; *Em Surdina: Trovas e Outras Cantigas*.

²⁸⁷ Cf. *Nortista*, ano 1, n. 33, 17 ago. 1901, p. 3.

manuais de confissão, catecismos, sumas da doutrina cristã e o *Flos sanctorum*, hagiografia muito procurada até o século XVIII (LEÃO, 2013, p. 270).

Um problema, não por acaso, ampliado quando da época em que a imprensa inexistia, e conseqüentemente não havia um sistema de ensino que diminuísse a parcela significativa de iletrados e analfabetos: “[...] se até mesmo os livros enviados pela metrópole não encontravam aqui leitores em número suficiente para absorvê-los, a ausência da imprensa constituía uma decorrência natural dessa situação” (MELO, 2003, 127). Portanto, como informa Kothe, a imprensa cumpriu um papel provisório de contenção da ausência de livros:

O jornal foi o veículo que sustentou a circulação de textos literários no período imperial: era a esfera em que a “palavra poética” se tornava pública, publicana e, no fim, até republicana. A literatura brasileira vive contaminada por esse pecado original, que o batismo da publicação em livro não redime, mas apenas propaga (KOTHE, 2000, p. 108).

No conjunto de autores que percorreram criticamente as páginas da imprensa parnaibana, encontram-se alguns que sintetizaram o seu pensamento e inferiram colaborações ao acréscimo de nomes ao “cânone piauiense”, além disso, foram de suma importância por legar nomes (rastros) de autores que não foram citados nas obras precedentes a este tópico, mas que de alguma maneira se enquadraram – embora de maneira tardia – à lista dos autores piauienses que compuseram as letras do estado.

Antes, porém, é válido registrar aquele que talvez seja o ensaio mais completo acerca da poesia piauiense no primeiro quadriênio do século XX, publicado no mesmo ano que as primeiras anotações acerca da história da literatura piauiense esboçadas por João Pinheiro em 1924, na *Revista da Academia Piauiense de Letras*.

De autoria de Lucídio Freitas, “História da poesia no Piauí” fora pronunciado em conferência na sede da Academia Piauiense de Letras em 10 de junho de 1918 e publicado na revista desse cenáculo no ano de 1924. Como Lucídio não pôde ampliá-lo em forma de livro, como fizera João Pinheiro, fica aqui, pois, a sua classificação neste tópico, referente às críticas manifestadas em periódicos.

Para o poeta, que nesse momento admitia o compromisso de historicizar a literatura piauiense, o início das letras do estado estava marcado não pela figura de Ovídio Saraiva, mas de Leonardo da Senhora das Dores Castello – construindo assim a

segunda via de percepção das origens literárias piauienses que *a posteriori* encontraria ainda em José Coriolano uma terceira. A defesa de sua visão a respeito de Leonardo o remetia ao ano de 1856, ano de publicação de *A Criação Universal*, rechaçado por Clodoaldo Freitas em 1903 como um livro “[...] prosaico e chato” (FREITAS, 2012, p. 82). Lucídio antecede a crítica de Pinheiro acerca dos piauienses ser “obcecados por antigas idiossincrasias partidárias” (PINHEIRO, 2014, p. 11), quando então em sua reflexão acerca do passado piauiense antes dessa obra do poeta parnaibano, informa:

[...] vivíamos como que entregues tão somente às lutas, às vezes gloriosas, que fazem da nossa história não uma narrativa descolorida mas uma epopeia magnífica, batizada pelo sangue que acende as paixões e pelo ideal que arrasta os povos para a Liberdade e para a Independência (FREITAS, 1924, p. 101).

Uma clara, alusão, portanto, aos anseios independentistas que assolaram o Piauí no primeiro quadriênio do século XIX e culminaram em 1822 com o 19 de outubro e *a posteriori* o 13 de março de 1823, a conhecida Batalha do Jenipapo.

Lucídio, diferente dos dois últimos críticos acima, difere quanto às qualidades de Leonardo, consagrando-o por suas inovações no campo da estética. Pela construção discursiva de seus poemas, por exemplo, admite nele um espírito inventivo, por tentar

[...] a poesia científico-filosófica, podendo-se dizer que foi no Brasil o iniciador dessa nova corrente poética que mais tarde foi seguida por Sílvio, Martins, Júnior, Teixeira de Souza, Generino dos Santos e, ultimamente, por Augusto dos Anjos, Tito Franco e outros (Idem, *ibidem*, p. 102).

É curioso observar a força que essa constatação teve para o futuro da crítica piauiense, posto a sua repercussão ser uma prova da solidez do discurso levantando sobre a poética de Leonardo.

A coterie piauiense, todavia, parecia uníssona quanto aos defeitos poéticos de Leonardo, e Lucídio não diferiria disso. Após a percepção de que o poeta viria a desautomatizar a linguagem através da incorporação de elementos científicos em sua produção, infere que “O seu verso [...] é mal feito”, razão que prejudica a *dianoia*:

O pensamento sai-lhe complicado e a forma toma atitudes esquisitas, fazendo da ‘A Criação Universal’, ‘descrita poética e filosoficamente’

um amontoado de coisas incompreendidas e acronas, confusas às mais das vezes, e, constantemente, sem interesse²⁸⁸.

Lucídio finda suas observações de Leonardo elencando-o como uma figura ímpar à história das lutas piauienses pró-independência brasileira, e reconhece, apesar dos defeitos apontados (que não o excluem do “cânone piauiense”) como “[...] uma figura de primeira ordem na nossa história literária²⁸⁹”.

O ensaio então segue analisando em ordem cronológica os nomes que compuseram os primórdios das letras piauienses, não relacionados ao universo de Parnaíba, como José Coriolano (1829-1869), Teodoro de Carvalho Castello Branco (1829-1882), Hermínio Castello Branco (1851-1889), Licurgo de Paiva (1844-1887), para então chegar a Luiza Amélia de Queiroz (1838-1898), já consagrada entre os intelectuais críticos de então. Não difere de Clodoaldo e Pinheiro, e atribui *Flores Incultas* como menor que *Georgina*, chegando mesmo a lançar, talvez sobre o poema emancipatório da poetisa de título “A mulher”, os seguintes termos, depois do elogio de que Luiza nesse livro abrisse o coração para Deus e para o amor: “Uma vez somente, em todo o seu livro, revoltou-se contra o meio em que vivia e disparou *conceitos severos e atrevidos* contra os que zombavam dos seus talentos e virtudes²⁹⁰”. Eis alguns trechos do poema, os quais, provavelmente, tenham causado esse mal-estar ao crítico:

A mulher que toma a pena
Para em lira transformar,
É, para os *falsos sectários*,
Um crime que os faz pasmar!
Transgride as leis da virtude;
A mulher deve ser rude,
Ignara por condição!
Não deve aspirar a glória!...
Nem um dia na história
Fulgurar com distinção!

[...]

Não posso! *Gritem sofistas*
Digam tudo que quiser!
Chamem tênue, duvidosa
A virtude da mulher
De fantasia arrojada;
Que minh'alma extasiada
Nas harmonias do Céu,

²⁸⁸ Idem, *ibidem*, p. 102.

²⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 102.

²⁹⁰ Idem, *ibidem*, p. 105, grifos nossos.

Ficará indif'rente,
Ao que a malícia invente
Pra manchar o brilho seu.

[...]

Que dizeis, *falsos sectários*,
Da minha revelação,
Inda serei criminosa
Por ter a lira na mão?
S'ó for – Maria a Virgem
Nem por ser de santa origem
No mundo intacta passou,
O mesmo Deus Encarnado
Por mil lábios torturado
Entre verdugos 'spirou (QUEIROZ, 1875, p. 71-5, grifos nossos).

O ensaio de Lucídio parece tecer uma visão esmiuçada do objeto proposto, tanto que infere mais do que um apontamento biográfico, sua percepção analisa as produções, e nessa linha fulgura *Georgina* como de fato a obra que consagrara a poetisa no parnaso das letras piauienses, a partir da justificativa de que nela “[...] abandona a sua personalidade e volta-se, corpo e alma, para a natureza, interpretando a paixão que domina as almas criadas livres dos preconceitos sociais” (FREITAS, 1924, p. 106).

Se fosse possível interpretar, sem prejuízo, a análise cronológica da “História da poesia no Piauí”, a partir dos discursos e critérios de ordem livresca e escalonamentos impostos pelo próprio poeta, dir-se-ia que uma primeira fase seria encerrada em Luiza Amélia, quando o próprio crítico conclui esse raciocínio no seguinte enunciado após as considerações de *Georgina*: “Dos antigos foram esses os que enfeixaram em volume suas produções²⁹¹”. Passa então a escalar outros nomes, que ferem o objetivo desta dissertação por referirem-se a outros espaços geográficos piauienses: José Manoel de Freitas (1832-1888), Antonio Gentil (1842-1892), David Caldas (1836-1878), Miguel Borges Castello Branco (1836-1887), Firmino de Souza Martins (1856-1892), Teodoro Pacheco (1850-1891), Gabriel Luiz Ferreira (1848-1905), Raimundo de Arêa Leão (1846-1904) e João Pinheiro, o velho (1844-1901).

Uma possível segunda fase da “História da poesia no Piauí” é marcada, como indica o autor, a partir da geração de 1880, que mais tarde fundaria a Academia Piauiense de Letras. É nesse juízo de valor que Lucídio levanta a perspectiva agregadora dos nomes dos quais arrolaria em seguida, ligada diretamente à “[...] influência profícua do positivismo de Littré”, bem como “[...] as novas doutrinas estéticas que embalavam a

²⁹¹ Idem, *ibidem*, p. 106.

Europa²⁹² – referência clara às inovações que ainda se digladiavam no Velho Mundo, tendo o Simbolismo se posicionado, pelo menos desde 1886, como um centro. Como indica Carpeaux acerca desse momento na história da literatura no Ocidente:

Se o simbolismo fosse só uma reação à poesia parnasiana, seria uma revolução no copo d'água dos círculos literários parisienses. Como relação ao naturalismo, o simbolismo tornou-se movimento de importância universal. Assim como o naturalismo francês, o simbolismo francês conquistou dois mundos: a Europa e as Américas, conservando à literatura francesa a liderança que vinha exercendo desde os começos do realismo (CARPEAUX, 2008, p. 2.097).

Acrescenta ainda o crítico austríaco que no engodo das doutrinas literárias desse momento, afora o simbolismo “[...] na França de 1880 e 1890 surgiram mais outras reações antinaturalistas, como tradicionalismo de Brunetière e Bourget e o esteticismo de Anatole France²⁹³”.

Válido ressaltar que a percepção de Lucídio Freitas parece ter sido modelo do que se seguiu acerca da história da literatura piauiense, afinal, o discurso anteriormente destacado da geração de 1880 guiada tardiamente pelas correntes do positivismo – que na realidade destoam das quebras doutrinárias impostas pelo simbolismo de então (talvez equivocadamente remetida pelo crítico piauiense) –, revela um paradoxo, pois enquanto o Positivismo é iminentemente racionalista, “[...] os simbolistas eram anti-intelectuais, inimigos da Razão discursiva” (CARPEAUX, 2008, p. 2.098). Lucídio então lista os autores piauienses compreendidos nessa fase; dela, a primeira geração: Higino Cunha (1858-1943), Clodoaldo Freitas (1855-1924), Anísio de Abreu (1862-1909), Joaquim Ribeiro Gonçalves (1855-1919); seguida de outra, que seria, ao que tudo indica, uma segunda geração, representada por: Areolino de Abreu (1866-1908), Leônidas e Sá (1867-1902), Nascimento Filho²⁹⁴, Taumaturgo Vaz (1869-1921) e Astrolábio Passos (1864-1926).

Uma terceira geração viria a ser elencada pelo crítico e nela encontra-se, pela primeira vez, diferentemente de João Pinheiro (que omitira²⁹⁵), o nome do poeta parnaibano Jonas da Silva (1880-1947), ladeado pelos de João Pinheiro (1877-1946), Abdias Neves (1876-1928), Poncion Caldas (1870-1904) e Félix Pacheco (1879-1935). Lucídio, ostentando o nome de Jonas da Silva no “cânone piauiense”, infere um juízo

²⁹² Idem, *ibidem*, p. 106.

²⁹³ Idem, *ibidem*, p. 2.099.

²⁹⁴ Deste autor apenas se tem notícia o ano de nascimento: 1894.

²⁹⁵ Ver próximo tópico.

que o imortaliza pelo talento de duas obras então publicadas: “O autor de ‘Ânforas’ e ‘Uhlanos’ continua a ser, como Félix Pacheco, um dos maiores poetas do Brasil, muito embora José Veríssimo assim não o quisesse” (FREITAS, 1924, p. 110).

Uma quarta e última geração seria destacada pelo autor, porém nenhum de seus integrantes podem se relacionar ao universo parnaibano de que aqui se ocupa: Jônatas Batista (1885-1935), Mário Batista (1885) e Ney da Silva²⁹⁶, Da Costa Silva (1885-1950), Antonio Chaves (1883-1938), Zito Baptista (1887-1926), Celso Pinheiro (1887-1950), Benedicto Freitas (1884-1937), Nogueira Tapety (1890-1918), Alcides Freitas (1890-1913) e Lucídio Freitas (1894-1921).

Em ordem de levantamento de nomes, nota-se que a Lucídio Freitas pertence a inclusão de um terceiro nome parnaibano na lista do “cânone piauiense”, que já havia elencado os nomes de Leonardo da Senhora Castello Branco, Luiza Amélia de Queiroz, e agora, o de Jonas da Silva.

A imprensa teresinense ainda daria destaque mais uma vez à figura de Jonas da Silva, acrescentando a ela os nomes de Berilo Neves e Alarico da Cunha, promulgados à lista de escritores piauienses de registro através do *Almanaque Piauiense*, de 1937:

[Parnaíba] Tradicional pelo seu passado, honram-lhe individualidades como Jonas da Silva e Berilo Neves, dois grandes estetas do verso e da prosa [...] e Alarico da Cunha, cuja sensibilidade dissemina raios de bondade e de confraternização espiritual²⁹⁷.

Em Parnaíba, a primeira vez que se tem notícia de um periódico a dedicar espaço à análise crítica das produções literárias fora o *Polyanthea*, 1899, em alusão ao primeiro ano de falecimento da poetisa Luiza Amélia de Queiroz. Sua própria manifestação reflete a figura da autora como consolidada, “canonizada” no meio literário de então, posto, nesse veículo específico, ter recebido as mais diversas homenagens, em crítica, poesia, crônica e depoimentos, das mais diversas personalidades influentes e literatas da região, a começar pelo ensaio “D. Luiza Amélia”, que ocupa uma página e meia do jornal (quatro colunas completas), assinado por Clodoaldo Freitas, republicado quatro anos depois em seu *Vultos Piauienses*. Francisco Correia, proprietário do *Nortista*, que se consagraria como um dos mais resistentes periódicos do primeiro quadriênio do século XX; Jonas Correia, que mais tarde seria intendente municipal no período de 1901

²⁹⁶ Deste autor não se encontraram os anos de nascimento e falecimento.

²⁹⁷ *Op. cit.*, p. 121.

a 1904; Estevam de Medeiros, escritor; Francisco Severiano de Moraes Correia Filho, Francisca Montenegro, poetisa; Francisco Seixas, José Thomaz Coelho Basto, dentre outros. Montenegro, aludindo ao primeiro livro de Luiza Amélia, assim se refere à poetisa nos seguintes versos: “Musa da tristeza, ao pranto consagrada”, sua opinião, diferente das dos críticos dispostos acima e que, mais tarde, não contemplariam o mérito de *Flores Incultas*, difere, pois que dedica cordiais versos às duas produções; reconhece, porém, *Georgina* como “[...] talismã querido, / filha adorada, inspiração de amor! / Serás a glória, memorando eterno / dessa que dorme neste chão de dor!”²⁹⁸.

Retomando o assunto que Barbosa inferira, de que “a crítica literária nasceu nos periódicos brasileiros, primeiramente, a partir das notícias biobibliográficas”, vê-se que o primeiro registro impresso em jornal parnaibano de que se tem notícia no século XX sobre autores de Parnaíba se dá mesmo no dia 1º de janeiro de 1901, quando o *Nortista* escalonaria, na seção “Poetas Parnaibanos”²⁹⁹, os nomes de cinco poetas da cidade (três homens e duas mulheres), que à luz daquele início de século já se ostentavam como os primeiros a inaugurarem a lista do “cânone parnaibano” a ser construído a partir dali; são eles: Luiza Amélia, Francisca Montenegro, Jonas da Silva, Francisco Basto e Luiz de Moraes Correia. Como se verá adiante, somente a segunda não se enquadraria nas obras piauienses que se propunham *a posteriori* traçar juízos a respeito de suas produções (Clodoaldo Freitas, João Pinheiro e Edison Cunha), nem mesmo o ensaio de Lucídio Freitas, muito embora essa poetisa tenha merecido citação na obra *Memórias*, de Humberto de Campos (como já foi exposto anteriormente). A notícia, que deixa rastros do gosto pelas belas letras naquele início de século em Parnaíba, inicia suas considerações com um breve panorama:

Com justa ufania designamos o desenvolvimento do gosto literário nesta cidade, o que é atestado pelo número regular de moços, e também de senhoras, que com vantagem vão se exercitando no manejo da pena e dedicando-se ao cultivo das letras, exibindo-se na prosa e no verso, quer na imprensa, quer em obras de fôlego³⁰⁰.

A nota, portanto, evidencia o que parecia já ser uma cultura letrada desenvolvida: deixa vestígios de um grupo de “produtores literários conscientes de seu papel” e veículos de transmissão de suas produções (em verso e prosa), jornais e livros

²⁹⁸ “D. Luiza Amélia”. *Op. cit.*, p. 4.

²⁹⁹ *Op. cit.*, p. 3.

³⁰⁰ *Nortista*, 1 jan. 1901, p. 3.

(“obras de fôlego”). Luiza Amélia, já falecida, continua a ganhar destaque, sendo seus livros *Flores Incultas* e *Georgina* ainda lembrados – com destaque, porém, para outro vestígio: teria a autora deixado uma terceira obra, *Pétalas Dispersas*, “em via de publicação”; o que, tudo indica, não seguiu adiante, posto não existirem registros de sua publicação *a posteriori*.

O impresso então, homenageando a “Princesa da Poesia Romântica do Piauí” publica em suas páginas a reprodução do seu poema “Desengano”, publicado originalmente na abertura de seu segundo livro. O segundo nome é o de Francisca Montenegro, observada pelo impresso como “[...] a revelação de um verdadeiro talento poético, como o atestarão as suas ‘Reminiscências’ que estão no prelo”. *Reminiscências* também fora uma obra sem publicação, posto a crítica literária piauiense legar apenas *Gostas de Sangue*, opúsculo que realmente viera à publicidade. Se fosse possível estabelecer um nível de cânone, como propusera Ricardo Leão (2013, p. 432), de obras perdidas, dir-se-ia, sim, que *Pétalas Dispersas* e *Reminiscências*, bem como *Trêmulos*, de Francisco Basto, e *Mané Burro*, de Lívio Pacheco, anunciam para Parnaíba “[...] um cânone constituído parcialmente por uma literatura de obras perdidas ou que não foram escritas, assim como de escritores apenas em parte realizados ou que não chegaram a se realizar”, podendo-se incluir nesse rol, uma gama de outros poetas e prosadores que lançaram seus textos em vários periódicos de Parnaíba, inclusive no *Almanaque da Parnaíba*, mas que nunca chegaram a reunir suas produções em livros com fins literários, como Alarico da Cunha, Thomaz Catunda, Lima Rebelo dentre outros.

“Poetas Parnaibanos” destaca ainda as figuras de Jonas da Silva, que viria a ser um dos mais profícuos sonetistas do periódico (em cujo primeiro ano de circulação do periódico soma mais de 40 títulos); Francisco Basto e Luiz de Moraes Correia. A respeito do primeiro, atenta a nota o poeta ser “[...] portador de um nome literário vantajosamente apreciado pelos mais severos críticos, que acolheram com palmas seu cintilante livro de estreia – as ‘Ânforas’³⁰¹”. O comentário tecido em nome dos outros dois é conjunto, com a promessa de um futuro nas letras; Basto e Correia, então vistos como “[...] inteligentes *buriladores* do verso e viçosas esperanças das letras pátrias³⁰²”. De Jonas da Silva, o periódico republica o primeiro soneto de sua série quase ininterrupta: “Anjo e Pantera”, colhido do seu livro de estreia; de Francisco Basto, que depois daquele seria o sonetista de maior participação no periódico, embora sem a

³⁰¹ Idem, *ibidem*.

³⁰² Idem, *ibidem*, grifo nosso.

mesma força produtiva (um pouco mais de 10 títulos no primeiro ano de circulação), *Nortista* destaca “Um beijo”; e de Luiz de Moraes Correia, que também fora o primeiro autor parnaibano de peças teatrais na cidade, assinava sob pseudônimo de *Ludovico*, o soneto “Reviere”.

Não que ele fosse esquecido nas páginas periódicas parnaibanas que se seguiriam, mas é válido destacar que no ano de 1927, Jonas da Silva viria a ser mais uma vez lembrado em elogio, quando o *Almanaque da Parnaíba* lançaria em suas páginas o discurso evocativo de Fenelon Castelo Branco, que o recebeu em 28 de dezembro de 1923 como membro da Academia Piauiense de Letras. Fenelon admite a poética de Jonas da Silva como sendo o local onde o poeta “[...] particularmente, manifesta o seu talento privilegiado, imprimindo no mármore do verso as mais soberbas incrustações, que estendem por toda parte cintilações imorredouras³⁰³”. Em 1937, o *Almanaque da Parnaíba* voltaria a exaltar a figura do poeta, ao lado de Da Costa e Silva, a partir do ensaio do também poeta Agostinho Assunção, intitulado “Dois grandes poetas piauienses”. Observando as diferenças temáticas entre esses que são considerados representantes do simbolismo piauiense; Assunção infere: “Jonas da Silva, ao contrário de Da Costa, plasma nos seus sonetos perfeitíssimos uma alma sem inquietações pessimistas e uma singeleza que nos encanta e nos inebria, envolvendo-nos num halo de música e de suavidade³⁰⁴”.

A revista *Gleba* também legou alguns dos nomes que ainda não haviam sido expostos ao jugo de suas produções, dentre eles o poeta Benú da Cunha, em cuja edição de n. 3 (julho de 1933), seção “Página de Saudade” (espécie de necrológio), identifica que “Na poesia, sobretudo, ele mais se impôs à admiração dos seus conterrâneos, pela espontaneidade do estro e primor da arte³⁰⁵”. Benú, apesar de pouco respaldado no meio piauiense, mesmo tendo deixado esparsas crônicas em periódicos do Piauí e do Maranhão, acabou reconhecido somente em Parnaíba, onde teria mantido uma vida literária ativa, colaborando sempre em versos para os mais diferentes veículos, pelo menos desde 1910, quando estreou nas páginas de *Semana*. A propósito, fora ainda nessa edição de *Gleba* que Benú receberia duas homenagens em verso dos poetas Félix Ayres e R. Petit.

³⁰³ “Elogio de Jonas da Silva”, *op. cit.*, 1927, p. 10.

³⁰⁴ *Op. cit.*, 1937, p. 237.

³⁰⁵ *Op. cit.*, p. 4.

Outro nome que merece destaque nas páginas da imprensa parnaibana, mais especificamente naquelas praticadas por revistas ilustradas, é o de Renato Castello Branco (1914-1995), poeta que mais tarde ficaria conhecido como romancista, ingressando posteriormente no ramo profissional da publicidade. Seu legado no campo da literatura está registrado com a publicação de mais de 20 livros entre prosa e verso, dos quais *Teodoro Bicanca* (1948), *O Anticristo* (1987), *Rio Mágico* (1987, romance) e *Pátria Amada* (1994) o imortalizaram para a crítica de suas respectivas épocas. Sobre o primeiro escreveu Edison Cunha, “[...] tem o grande mérito de incorporar o Piauí nos salutareis estudos regionalistas, a quem vem se dedicando a uma geração de moços de talento, na qual se inscreveu Renato Castello Branco³⁰⁶”, referia-se, pois, aos romancistas pós-30.

Dentre as revistas de Parnaíba a reconhecerem o mérito do autor está *Gleba*, que se autodesignava “condoreira da moderna *literatura parnaibana*”: em sua edição de número 5 (setembro de 1933) referia-o como “Moço de alentado idealismo, trabalhador incansável pela causa da alfabetização nacional³⁰⁷”, mais tarde a revista *Panorama Estudantil* reclamaria a Renato o mérito de “Escritor talentoso e artista [...] uma das figuras exponenciais da cultura piauiense³⁰⁸”. Essas revistas estampariam ainda algumas poesias de Renato, dentre as quais “Meus pais³⁰⁹” e “Os dezoito do forte³¹⁰”.

Raimundo das Chagas Araújo (R. Petit), talvez o escritor mais produtivo de Parnaíba na primeira metade do século XX³¹¹, não ficaria excluído de ser admitido como importante nome das letras piauiense, ainda mais quando já era conhecido em todo o estado como demonstram as suas colaborações esparsas no *Almanaque Piauiense*, pelo menos desde o ano de 1937. Esse mérito, reconhecido inicialmente pelo jornalista e poeta cearense Paixão Filho, fora publicado ainda na *Panorama Estudantil*, cujas considerações revelam Petit “[...] perito cultor das letras rimadas [...] que, na progressista e pitoresca cidade de Parnaíba, lapida ‘no rijo mármore do verso’ as peregrinas joias do seu talento polimorfo³¹²”. Paixão declaradamente acrescenta em sua crítica esse poeta como “[...] parte dessa plêiade viril de estetas piauienses”, ladeando-o a “[...] Clodoaldo Freitas, Higino Cunha, Matias Olímpio, Da Costa e Silva, Celso

³⁰⁶ “Teodoro Bicanca”, *Cultura*, ano 1, n. 1, jan. 1949, p. 42.

³⁰⁷ *Op. cit.*, p. 16.

³⁰⁸ *Op. cit.*, n. 2, jun. 1939, p. 20.

³⁰⁹ *Gleba*, n. 7, nov. 1933, p. 7.

³¹⁰ *Panorama Estudantil*, n. 2, jun. 1939, p. 21.

³¹¹ Apêndice III.

³¹² R. Petit. *Op. cit.*, n. 2, jun. 1939, p. 27.

Pinheiro, Jonas da Silva, Edison Cunha, Martins Napoleão, João Vieira Pinto, Benú da Cunha, Luiz Carvalho³¹³ e muitos outros³¹⁴”, destacando para comprovação de sua tese o soneto decassilábico “Inverno³¹⁵” que, a seu ver, é indicativo de mérito, “[...] máxime nesta época em que os nulos e os pecos, sem valores mentais que os exalcem, querem pontificar de mitra na cabeça e báculo na mão³¹⁶”.

Nota lançada cinco anos antes, no mesmo anuário, informa da publicação de um livro ilustrado por Nestablo Ramos (um dos ilustradores, ao lado de J. Adonias, do *Almanaque da Parnaíba*) que tão logo o poeta viria a publicar: seria *Nortadas*, lançado somente em 1937 pela Irmãos Pongetti, do Rio de Janeiro. Não fora esse, porém, o seu primeiro. Em 1924 viria a lume *Ante os abismos da vida*, pela Tipografia Renascença (Fortaleza-CE) e em 1929, o segundo, *Livro de Miss Piauí*, pela Imprensa Oficial (Teresina-PI). *Nortadas* informa que em breve seria lançado um quarto livro, *Taberna dos Sentimentos*, que não se tem notícia. Tal nota, que reproduz o soneto decassilábico “Deixem!...”, reconhece Petit como um “Artista escol, aedo, mavioso como a sabiá da mata, cujos versos maravilhosos são a prova de sua miraculosa veia poética, a qual é uma fiandeira a entretecer uma teia luminosa com os fios de ouro do sentimento³¹⁷”.

Vicente Araújo é outro nome que aparece nas páginas de imprensa de Parnaíba, sob o epíteto de “[...] um dos mais vigorosos talentos da nova geração piauiense”, como assinalara *A Voz da Parnaíba*³¹⁸. O reclame desse periódico ia para o talento do jovem que precocemente havia falecido, porém deixado uma produção de versos que, por muito tempo, ainda seria reeditada pelos periódicos, como o foram as “Ponto” (escrito em 1926) e “Esperança” (de 1937), em 1944 pelo veículo assinalado acima.

Berilo da Fonseca Neves, poeta, contista e cronista parnaibano que fez sucesso no Rio de Janeiro, ainda quando de suas primeiras colaborações em 1924 no *Jornal do*

³¹³ Luiz Carvalho, político e poeta piauiense que assumiria, posteriormente, o cargo de secretário da folha matutina *Jornal da Manhã*, do Maranhão, entre os anos de 1927 e 1930, quando então era estudante de humanidades em São Luiz, provavelmente tenha residido ou ao menos passado uma temporada em Parnaíba, quando então foi colaborador do periódico parnaibano *Nortista*, de 1901, entre os meses de fevereiro e julho, tendo nesse período deixado uma das mais antigas visões bucólicas da cidade, em formato de crônica, sob o título de “Paisagem Parnaibana” (ano 1, n. 6, 9 fev. 1901, p. 1, do referido semanário; Anexo LI). Sonetista, teria ainda deixado impresso nesse jornal da cidade os seguintes poemas: “Cruel” (n. 9, 2 mar. 1901, p. 3), “No templo” (n. 11, 16 mar. 1901, p. 3), “De manhã” (n. 21, 25 mai. 1901, p. 2), “Alda” (ano 1, n. 27, 6 jul. 1901, p. 5). Fez, sem dúvida, parte da seleta dos primeiros escritores que marcaram as páginas da imprensa parnaibana nos primeiros meses do século XX.

³¹⁴ Idem, *ibidem*.

³¹⁵ Anexo LII.

³¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 28.

³¹⁷ *Almanaque da Parnaíba*, 1934, p. 163.

³¹⁸ Ano 2, n. 2, dez. 1944, p. 19.

Commercio, merece ainda ser destacado, posto ter sido um dos piauienses que, tão cedo, adentraram como representante do “cânone piauiense”.

Em registro ao lançamento de *A Costela de Adão* (1929), livro de estreia do escritor, Neves angariou da imprensa carioca os mais distintos comentários e resenhas em jornais, como a folha *A Manhã*, de 4 de abril de 1929, em cuja seção “Nas montras das livrarias” estampou clichê com imagem do autor e uma nota a respeito do livro, considerando-o “[...] um dos melhores livros que no gênero [conto] se tem publicado no Brasil [...] Berilo Neves é uma expressão de equilíbrio de rara lucidez de espírito³¹⁹”. Em seção diferenciada do mesmo periódico, “Jardim das Vaidades”, de 29 de maio do mesmo ano, é admitido como “Dono de uma imaginação perturbadora, com um surpreendente repertório de anedotas humanas”, sendo inclusive comparado ao escritor britânico H. G. Wells, pelo gênero que optara no conto, a ficção científica.

Berilo além de poeta, contista e cronista, ingressou na crítica e no ensaio, tendo sido premiado em 1946 com a obra-ensaio *Eça de Queirós, romântico ou naturalista?*, no concurso Eça de Queirós, organizado pelo Liceu Literário Português. Cinco anos depois, Neves publicaria a obra pelo Departamento de Imprensa Nacional. Além disso, exercitou a crítica literária em alguns periódicos do Rio (*Careta* e *O Malho*) e de outros estados, como nas revistas *Light*, em 1928; *Colúmbia*, em 1929; *Aspectos*, 1941; jornais *Jornal do Commercio*, em 1924; *O País*, em 1929; *A Noite*, em 1930; *A Manhã*, em 1941; dentre outros.

Morando no Rio de Janeiro desde 1924, manteve intensa colaboração com os periódicos piauienses, em verso e prosa, com destaque para o *Almanaque da Parnaíba*, este que, vez por outra, o exaltava como “Intelectual de destacado valor nas letras pátrias³²⁰” – a edição de 1940, por exemplo, traça um perfil de sua vida e produção no Rio de Janeiro, bem como informa da popularidade do autor dentro e fora do Brasil: “Na Argentina e no Uruguai os jornais e as revistas publicam crônicas, artigos e fantasias de Berilo Neves. O escritor é de uma *atividade assombrosa*³²¹”.

Ao resenhar a primeira obra de Berilo Neves, *A Costela de Adão* (1929), à época de seu lançamento, Humberto de Campos deixou impresso nas páginas cariocas reflexões que admitem o contista parnaibano no caminho certo, por tão cedo ter se definido em um eixo-temático (a ficção especulativa) “O essencial para um escritor,

³¹⁹ *Op. cit.*, p. 5.

³²⁰ “Piauienses Notáveis”, *Almanaque da Parnaíba*, 1934, p. 129.

³²¹ “O parnaibano Berilo Neves”, *Almanaque da Parnaíba*, 1940, p. 361, grifo nosso.

após o dever de ter talento, é definir o seu caminho nas letras [...] O sr. Berilo Neves estreou, portanto, bem” (CAMPOS, 1941, p. 39)³²².

Em Parnaíba talvez o primeiro escritor que tenha se ocupado do exercício crítico à primeira obra de Berilo Neves foi Alarico da Cunha, quando no jornal *O Dia*, de 11 de junho de 1929 publicou a crítica “A ‘Costela de Adão’, de Berilo Neves³²³”, em que chega a declarar, em frente ao teor de contos tipicamente de ficção científica difundidos na obra, ter o autor criado “[...] uma literatura nova, muito atraente, muito sua e especialmente adequada aos nossos tempos³²⁴”.

3.2 Vultos, escorços e crestomatias

Vultos, escorços e crestomatias, produções colecionadas em livros pelos críticos que praticaram crítica literária no Piauí no primeiro quinquênio do século XX, são uma extensão, e às vezes ampliação, ao que já se produzia em jornais e revistas. Geralmente resultavam de uma coleção de textos publicados nos periódicos e reunidos com o fim de organização de nomes em lista, que surgiriam tão logo ao cânone. Além disso, depois que se tornaram realidade em formato de livro, influenciaram em igual forma as análises críticas posteriores, que surgiriam também na imprensa – uma via, portanto, de duas mãos e cuja delimitação de quando uma ou outra, principalmente a partir dos anos de 1920 e 1930, exerce maior poder de influência nem sempre é clara. Isso ocorre porque a história da crítica implica um processo de incorporação de ideias e sistemas, parte deles advindo de outros tempos que construíram as bases ou pelo menos promulgaram a divulgação de nomes, obras e dados específicos, quiçá essenciais, à composição de registro.

Compreendendo com a escrita da história da literatura nacional encerra três fases, consequentemente alicerces à formação do cânone, Leão (2013) infere a primeira com estabelecimento de um panorama geral de um dado passado (fase dos “bosquejos”, “florilégios” e “parnasos”); a segunda, a análise esmiuçada de cada autor (fase das biografias literárias, das antologias); e a terceira, uma tentativa de organização sistemática de uma história em livro, construído com o apoio documental das fases

³²² Para a leitura da ordem cronológica de autores parnaibanos citados para o “cânone seletivo” levantada ao longo dos anos por críticos e periódicos ver apêndice XVI.

³²³ Anexo LIII.

³²⁴ “A ‘Costela de Adão’, de Berilo Neves”, *O Dia*, 11 jun. 1929.

anteriores. Poder-se-ia aqui acrescentar outra, que entraria nesse rol como um suporte auxiliar aos exercícios organizativos dessas fases: a produção crítica nos periódicos.

Em relação ao Piauí, o desenvolvimento da indústria tipografia também impulsionou, não com a mesma frequência do que ocorria aos jornais, a publicação de livros, dentre os quais os de crítica literária. O exercício crítico-literário piauiense em livro, portanto, e mais especificamente ao que interessa aos intelectuais que compreendiam o espaço de Parnaíba, centra-se em três autores que podem ser caracterizados como representantes (em termos de métodos utilizados) das duas fases iniciais comentadas por Leão (2013), embora não obedientes à ordem em supra: Clodoaldo Freitas e Edison Cunha, para a segunda fase (com seus *Vultos Piauienses* e *Vozes Imortais*, respectivamente), e João Pinheiro, para a primeira (com o seu *Literatura Piauiense, Escorço Histórico*). Entre eles poder-se-ia acrescentar ainda o panorama construído pelo maranhense Francisco Dias Carneiro, assinado no prefácio de *Georgina ou os efeitos do amor*, da poetisa Luiza Amélia de Queiroz. Dos citados, somente o de João Pinheiro, apesar de se prender ainda ao biografismo, é o que parece preocupar-se com certa sistemática, quando divide os autores em três momentos distintos: “Primeira Fase”, “Fase Romântica” e “Correntes Modernas” – levando para esse formato a mesma sistemática com que se ocupara Lucídio Freitas em seu ensaio “História da poesia no Piauí”.

O estado, todavia, não experimentaria até o final da primeira metade do século XX uma terceira fase da formação do cânone nacional, ou seja, não teria a sua “História da Literatura Piauiense” elaborada. Dos estudos de João Pinheiro e Clodoaldo Freitas, o Piauí ficou a esperar, ao que parece até hoje, um trabalho maior e sistematizado que compreendesse a formação e o desenvolvimento das letras piauienses. Aliás, essa realidade já era da consciência de Pinheiro e de Freitas. Pinheiro, por exemplo, em 1937, quando lança *Literatura Piauiense* (ampliação, pois, ao ensaio publicado inicialmente na *Revista da Academia Piauiense de Letras*, de 1924), dá a ela o subtítulo de “escorço histórico”, como que confiando ao futuro um maior aprofundamento, além disso, atribui o atraso do beletismo estadual a dois fatores de ordem preponderante aos homens intelectuais do passado e da sua contemporaneidade, as atividades na política e a desempenhada no comércio. Sua análise observa ainda o isolamento geográfico do estado para com o restante do País, o que dificultaria a promulgação de uma cultura letrada:

[...] preocupados ou absorvidos pelas duras contingências da vida material, dificilmente superáveis em meios tão combalidos pelas mais extremadas vicissitudes climatéricas como o nosso, ou obcecados por antigas idiossincrasias partidárias, sem quase nenhuma via de comunicação com o resto do país de que viviam segregados pelo abandono dos poderes públicos, os nossos antepassados persistiram por longos, imemoráveis anos numa criminosa, impassível indiferença, pelo que se referisse ao mais insignificante e rudimentar cultivo intelectual (PINHEIRO, 2014, p. 11).

Chega mesmo a afirmar que “Somos, em verdade, um povo *permanentemente fatigado*, rotineiro, sem iniciativa, não só em assuntos literários mas em quaisquer outros ramos da atividade humana³²⁵”; eis, em síntese, o fio de entendimento que o permite justificar o atraso, parcialmente vencido pelo advento, segundo ele, de duas instituições: “[...] Arquivo Público, em que se instalou depois uma seção especial de biblioteca, e a Academia Piauiense de Letras, fundados, respectivamente, em 8 de junho de 1909 e 30 de dezembro de 1917”, e completa com um dado inseguro, “jamais tivemos associações literárias e bibliotecas públicas realmente dignas desses nomes³²⁶”. Inseguro, sim, porque como já foi exposto anteriormente, havia-se fundando desde 1912 em Parnaíba, ao comando de R. Petit, poeta já naquele tempo com uma projeção de nível estadual – principalmente no que competia à poesia popular em trova –, uma Associação de Letras.

Já Clodoaldo Freitas, em suas “Duas palavras”, introito de *Vultos Piauienses* (também nascido de produções esparsas em folhas periódicas), reconhecia trazer o trabalho “parcos subsídios” dos quais, inclusive, se apropria João Pinheiro de muitas informações e juízos, como aquele emitido acerca de Leonardo da Senhora das Dores Castello Branco: “Faltavam-lhe as precípuas qualidades de poeta e prosador” (PINHEIRO, 2014, p. 22) de “E assim tudo o mais, neste estilo sensaborão e pesado, sem arte, sem sentimento, sem graça” (FREITAS, 2012, p. 87). Os méritos desses dois crítico-biográficos da literatura piauiense talvez residam na inclusão de poetas e prosadores na lista de personalidades políticas que vinha sendo elaborada pelo menos desde Miguel Borges Leal, quando em sua obra, *Apontamentos Biográficos de Alguns Piauienses Ilustres, e de outras Pessoas Notáveis*, de 1878, inaugurou no Piauí o gênero, ensaiando a vida de Manoel de Sousa Martins (Visconde da Parnaíba), político; José Nicolau da Costa Freire, idem; Lourenço Antonio Marreiros Castello Branco,

³²⁵ Idem, *ibidem*, p. 12, grifos do autor.

³²⁶ Idem, *ibidem*, p. 12.

jurista; Justino José da Silva Moura, militar; Francisco de Souza Martins, político; e José Sérvio Ferreira, médico – tais apontamentos viriam a ser republicados em partes específicas em periódicos da época, e até posteriores, como é o caso em Parnaíba do *Nortista*, que durante todo o ano de 1901 tratou de reproduzir em partes a obra em cada uma de suas edições.

Embora as primeiras incursões críticas acerca das produções literárias de autores que compreendem o circuito do norte piauiense tenham sido esboçadas ora através desses livros, ora através da imprensa, esse tipo de atividade, todavia, parece ter maior difusão nas páginas periódicas de jornais e revistas por meio de autores que nelas admitiram essa função crítica e de registro do que se produzia de literário no período – preocupação essa que vai muito além de um anal das produções conterrâneas como o que havia saído de mais novo no Brasil e no mundo. Dentre os nomes que se configuram na crítica encontram-se outros que, no caso de Parnaíba, ensaiam os seus primeiros juízos no *Almanaque da Parnaíba* e *a posteriori* em outros títulos como *Renascimento*, *O Norte*, *Cultura*, *Gleba*, *Harpa* e outros.

A crítica literária, em sua acepção historiográfica ou biobibliográfica, chega ao Norte do Piauí tardiamente, quando comparada em relação ao que já se produzia nos principais centros brasileiros; aliás, esse atraso carregava consigo, ainda, marcas de um nacionalismo explorado no primeiro quinquênio do século XIX pelos primeiros críticos que se ocuparam em pincelar o que seria propriamente nacional nas produções literárias. Cronologicamente, o primeiro texto que se tem notícia a esboçar o princípio de um ensaio crítico acerca da produção literária de Parnaíba pertence ao maranhense Francisco Dias Carneiro, que a convite da poetisa Luiza Amélia de Queiroz assina prefácio da obra *Georgina ou os efeitos do amor* (1893).

O método de análise do crítico é o mesmo construído pelos primeiros críticos que empreenderam esforços em instigar, ou pelo menos registrar, as produções realmente brasileiras; talvez por essa razão apele tanto para uma natureza exótica, virgem e praticamente personificada por elementos que perfazem a ideologia nacionalista – o *wolksgeist* – do romantismo brasileiro, compondo o *leitmotiv* dos escritores dessa época tardia. Tardia porque o Brasil já havia atravessado o naturalismo e ainda experimentava os últimos suspiros do realismo. Carneiro, a propósito, é bastante incisivo acerca das transformações que têm se apoderado do seu tempo, o que não implicaria que elas omitissem os elementos que configurariam o “sabor nacional” de uma produção literária:

Os princípios científicos das belas artes têm ocupado a atenção dos amadores sábios deste século: A música está filiada às matemáticas e a dinâmica, desde a demonstração científica de Helmholtz; a arquitetura há muito tempo é conhecida como um produto da geometria e da estática; a poesia há de beber seus princípios fundamentais nas leis da biologia, que determinam a influência recíproca do pensamento e do organismo. Mas sejam quais fora os princípios racionais ou gerais que ligam as belas artes ao conjunto harmônico do universo, não deixa de ser um elemento característico de todas elas a nacionalidade que as distingue. [...] A nacionalidade é um comentário vivo que esclarece a inteligência do leitor e nenhum sábio terá a presunção de apreciar na sua integridade um produto literário estrangeiro, de sorte que não só o patriotismo, como a melhor compreensão que nos dá o conhecimento da história, dos costumes e da origem determinam uma predileção justificada pela literatura nacional (CARNEIRO, 1893, p. IV).

O crítico maranhense chega mesmo a afirmar que fora esse, o “lirismo nacional”, o assunto que o prendeu à leitura de Luiza Amélia, mais do que a “[...] imaginação brilhante que a autora enflora os detalhes de seu drama³²⁷”. O elogio chega a construir passagens que imortalizam *Georgina* entre as obras que tão cedo se definiram pelo mérito artístico que carrega:

O poema de D. Luiza Amélia é um trabalho artístico, procurando os moldes altamente estudados pelos grandes poetas modernos, mas exclusivamente dedicado a assunto nacional e bafejado por tudo que transpira desta prodigiosa natureza equatorial, que nos cerca³²⁸.

A visão de Carneiro permeia ainda pela estruturação quase dramática do poema, apontando apresentação de personagens, descrições de cenários e ações desenvolvidas, demorando-se na visão psicológica dos integrantes da narrativa poética e suas intenções dentro do enredo. Daí em diante, o prefaciador impõe à ordem de suas análises um regime de resenha, característica dos ensaios críticos de livros que se davam, já naquele tempo, nos periódicos.

Evidenciando que por trás da força produtiva de Luiza Amélia reverberavam os recursos estéticos de composição de Musset e suas ponderações dentro da narrativa, o maranhense consegue impor à contemporaneidade o mérito poético da autora, elegendo *Georgina*, vencidos alguns defeitos que julgou por “correção de ideias para dar todo o

³²⁷ Idem, *ibidem*, p. IV.

³²⁸ Idem, *ibidem*, p. VII.

realce a sua beleza originária”, um poema “[...] que há de honrar a literatura nacional³²⁹”.

Como se verá mais adiante, *Georgina* legou à autora outros reconhecimentos e análises, infelizmente tardias, posto ter falecido antes de suas promulgações. Uma delas partiu de Clodoaldo Freitas, que em *Vultos Piauienses* dedica espaço a analisar qualidades e defeitos do poema, consolidando, com isso, o nome da autora entre aqueles que compunham os nomes representantes das letras piauienses de então, mais especificamente do romantismo tardio que vivia o estado.

Clodoaldo Freitas, a propósito, amplia o cerco de discussões dos autores de então, passando a tecer comentários biográficos e impressionistas de Luiza Amélia de Queiroz e Leonardo da Senhora das Dores Castello Branco, levados a lume naquele que é considerado um dos primeiros livros impressos no Piauí, *Vultos Piauienses* (1903).

As posições de Freitas não parecem divergir das de Francisco Dias Carneiro quanto aos méritos e defeitos da última produção de Luiza Amélia, publicadas em livro, nomeando *Georgina*

[...] um belo poemeto lírico enxertado de lances trágicos [...] é *Georgina* o escopo primoroso por onde a posteridade terá de apreciar o merecimento de D. Luiza Amélia; o documento melhor para a sua sagração, porque contém belezas de um lirismo encantador (FREITAS, 2012, p. 98).

Essa crítica, esboçada inicialmente em *Polyanthéa*³³⁰ (1899), periódico alusivo ao primeiro ano de falecimento da poetisa, vem encadeada a outra que o crítico fizera da primeira produção da poetisa, *Flores Incultas* (1875), que na sua avaliação não possuía a mesma força lírica, posto não serem “[...] criações seladas pela originalidade nem encerram belezas próprias dos grandes artistas imortais³³¹”. O desagrado de Freitas o leva a afirmar, inclusive, que nessa obra a autora “[...] articula seus sentimentos, modelando-os pelos sentimentos alheios, numa poesia assimilada, sem modulações

³²⁹ Idem, *ibidem*, p. XVIII.

³³⁰ Periódico especial impresso pela tipografia parnaibana Correia & Basto, foi uma homenagem do jornal *A Parnahyba*, que circulou na região Norte do Piauí entre os anos de 1898 e 1899 e tinha como redator o professor (Externato São José) José Serra Miranda. *Polyanthéa*, dividido em quatro páginas e cada uma com três colunas, trouxe homenagens e textos, além de Clodoaldo Freitas, de Jonas Correia, Estevam de Medeiros, Francisco Correia, F. Severiano de Moraes Correia Filho, A. Marques, Luiz de Moraes Correia, José Thomaz Coelho Basto, bem como uma elegia dividida em nove quartetos com versos pertrarquianos e sáficos, assinada por Francisca Montenegro (anexo LIV), e uma nênia, assinada por Nelmazio (que esta pesquisa não pôde identificar).

³³¹ Idem, *ibidem*, p. 95.

originais, simples *balbuciamientos* envolvidos nas roupagens de seu estro natural³³². Portanto, uma obra que não valia pela sagração da poetisa no rol dos nomes insígnies das letras piauienses – constatação vencida quando da publicação de *Georgina*; de fato, por assim dizer, a “obra-prima da autora”, em que “[...] o gênio da nossa ilustre poetisa chegou à culminância da sua maturação e força”; e reforça: “É o seu mais seguro e belo título de glória e que lhe dá direito a um lugar de honra no parnaso brasileiro³³³”.

É curioso observar que parte dessas reflexões ressoam na crítica de João Pinheiro, inclusive no que tange à depreciação do trabalho de *Flores Incultas*, todavia, como se verá mais adiante, a inclusão de Luiza Amélia nas reflexões de Carneiro, Freitas e *a posteriori* Pinheiro consolidam o nome da poetisa entre os que comporiam o parnaso, não brasileiro, mas piauiense. Isso porque das insurgentes críticas literárias que surgem no Piauí do final do século XIX ao segundo quadriênio do século XX, Luiza Amélia é sempre lembrada e sacralizada, ainda quando cognominada “Princesa da Poesia Romântica do Piauí”, título que de maneira definitiva a imortaliza no Piauí.

Apesar de *Vultos Piauienses* não se configurar “[...] um trabalho crítico, mas simples apontamentos biográficos” (FREITAS, 2012, p. 100), como afirmara o próprio autor, o mérito desses apontamentos reside no escalonamento de outros nomes que mereceriam citação no rol da lista dos “cânones piauienses”. Das dez figuras ensaiadas, afora Luiza Amélia outras quatro que atuaram no campo das letras foram citadas, quais sejam: Leonardo da Senhora Castello Branco, Licurgo de Paiva, José Coriolano de Sousa Lima e Teodoro de Carvalho Castello Branco; por esse caráter pioneiro, Maria do Socorro Rios Magalhães admite Clodoaldo Freitas como o precursor da crítica literária piauiense ou “pelo menos [d]a primeira reflexão sobre a literatura produzida no Piauí” (MAGALHÃES, 2012, p. 181), demonstrando em sua construção ser “[...] atualizado em relação aos postulados estéticos das diversas escolas literárias e as suas obras mais representativas em âmbito nacional³³⁴”.

É válido ainda destacar que das cinco figuras elencadas nos apontamentos biográficos de Clodoaldo Freitas, duas delas têm relação direta com Parnaíba, ou porque nela nasceu ou porque morou e lá produziu: Leonardo, que nasceu em território parnaibano, porém hoje a cidade Esperantina; e Luiza Amélia, natural de Piracuruca, que residiu no litoral piauiense parte significativa de sua vida até a data do seu

³³² Idem, *ibidem*, grifo nosso.

³³³ Idem, *ibidem*, p. 100.

³³⁴ Idem, *ibidem*, p. 182.

falecimento. Portanto, a colaboração de Freitas para o aumento de nomes que pertencem ao “cânone piauiense”, relacionados à Parnaíba é significativa: de um, quando das reflexões de Carneiro, para dois.

Apesar de dar destaque ao nome de Leonardo da Senhora das Dores Castello Branco, Freitas demonstra inquietude e severidade ao analisá-lo, ao ponto de identificar uma de suas obras, *A Criação Universal* (1856), como “[...] um livro inelegível, sem elevação de estilo, sem arte, cheio de puerilidades. Não tem uma página, uma linha que possa merecer a posteridade” (FREITAS, 2012, p. 82). Para o crítico, a ostentação de Leonardo em sua lista não se devia ao mérito literário, mas ao que ele admitia como “[...] um talento excepcional para a mecânica³³⁵”, tanto é que o apontamento dedicado a esse homem de letras e aspirações mecânicas, Freitas entrelaça suas observações em uma antítese: critica severamente o aspecto literário e elogia pomposamente o homem inventivo. Em uma das passagens de admiração ao caráter de estudioso da ciência, Freitas (2012, p. 89) informa que “Leonardo das Dores, pelo seu trabalho indefesso, pelos seus estudos, pela sua obra sobre mecânica, não é de todo um nulo e bem poderia ser, se a tivesse publicado³³⁶, que fosse um benemérito da ciência”.

Luiza Amélia e Leonardo encontrariam ainda em João Pinheiro, o primeiro sistematizador da literatura piauiense, a sua confirmação na lista de nomes, e isso ocorreria já em 1924, entre a produção de Clodoaldo Freitas (*Vultos Piauienses*, 1903) e a de Edison Cunha (*Vozes Imortais*, 1945), quando se registram dois importantes ensaios que ostentam alguns dos nomes do beletrismo de Parnaíba.

O primeiro deles, de autoria de João Pinheiro, “Traços e notas sobre a história da literatura piauiense” é uma espécie de primeiras observações da história da literatura piauiense, posto que em 1937 seriam ampliadas, quando do lançamento de *Literatura Piauiense, Escorço Histórico*. O segundo, “História da poesia no Piauí”, de Lucídio Freitas, já visto no tópico anterior, ambos publicados inicialmente na *Revista da Academia Piauiense de Letras*³³⁷.

João Pinheiro revela em *Literatura Piauiense, Escorço Histórico*, 114 nomes, dos quais os seguintes prosadores e poetas relacionados à Parnaíba: Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, Leonardo da Senhora das Dores Castello Branco (grafado pelo historiador como Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castello Branco), Luiza

³³⁵ Idem, *ibidem*, p. 83.

³³⁶ Ref. à *Astronomia e mecânica leonardinas*, obra que o poeta jamais pôde publicar.

³³⁷ *Op. cit.*, ano 7, 1924.

Amélia de Queiroz, Miguel de Carvalho Castello Branco, Fernando Pires Ferreira, José de Ávila Miranda Osório, Luiz de Moraes Correia e Francisco Fernandes Basto.

Somando seis nomes à lista anteriormente iniciada por Freitas, João Pinheiro eleva ao número de oito dos nomes “parnaibanos” elencados ao emergente “cânone piauiense”. Esse crítico, ao que tudo indica, inaugura para a crítica da literatura piauiense, além de um escalonamento, o registro dos primórdios das manifestações literárias admitidas por piauienses. Assim é que nesse sentido elege a figura do poeta parnaibano Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva (1787-1852) entre “[...] os mais antigos corifeus das letras piauienses” (PINHEIRO, 2014, p. 17).

Observando a estrutura cronológica usada pelo crítico no que concerne o primeiro momento do livro, ou seja, aos poetas e prosadores compreendidos na “Primeira Fase”, Ovídio é, sem dúvida, o primeiro, o precursor, tendo sido em Portugal, onde cursou Direito na Universidade de Coimbra, “[...] benquista do lente catedrático de cânones Dr. Almadahim e do vice-reitor Manoel Paes de Aragão Trigoso³³⁸”. Pinheiro não se alonga nos traços biográficos e análises literárias da produção de Ovídio, todavia admite no seu discurso certa simpatia pelos versos do poeta, diferentemente do que ocorre ao observar a produção de Leonardo da Senhora das Dores Castello Branco, cuja análise repete algumas tomadas críticas de severidade lançadas por Clodoaldo Freitas: “Conquanto inteligente e esforçado, o velho piauiense não correspondeu ao gosto literário de seu tempo”, isso porque, acreditava, “Faltavam-lhe as precípua qualidades de poeta e prosador” (PINHEIRO, 2014, p. 22).

Luiza Amélia, enquadrada no segundo momento de Pinheiro, referente à “Fase Romântica”, parece receber as mesmas críticas antes levantadas por Clodoaldo Freitas no que compete o exercício dos livros publicados, *Flores Incultas*, de 1875 e *Georgina ou os efeitos do amor*, de 1893. Assim, o crítico reverbera Freitas ao informar que *Georgina* é uma obra melhor porque está “[...] mais ou menos liberta de *estranhas influências* que tanto enfeiam suas primeiras produções”, por essa razão, “[...] evidencia o seu estro brilhante nas mais arrebatadoras endeixas de um lirismo exuberante e fluente” (PINHEIRO, 2014, p. 50, grifos nossos). Além dos dois juízos críticos ser tão próximos, curioso é notar que a própria articulação discursiva os leve às mesmas construções, como quando do uso do vocábulo “estro” para designar “inspiração”: para Freitas, Luiza constrói *Georgina* a partir de um “*estro natural*”; para Pinheiro, um “*estro*

³³⁸ Idem, *ibidem*, p. 19.

brilhante”. Diferentemente do primeiro, o crítico não se alonga em seu escorço, demonstrando com isso, apesar da sistemática utilizada na definição de fases, uma concisão não por acaso prejudicial ao programa que se propunha desenvolver, dedicando a essa poetisa não mais que dois parágrafos e citação de um trecho de *Georgina* (por “coincidência” o mesmo destacado por Clodoaldo Freitas), sem quaisquer análises ou definição de critérios de escolha.

O quarto nome relacionado à Parnaíba deixado em registro por João Pinheiro é o de Miguel de Carvalho Castello Branco, que se reserva a não tecer grandes detalhes, senão o de que o poeta fora lente de retórica e arte poética do Liceu Piauiense, tendo “[...] deixado diversas produções poéticas traçadas com mais ou menos felicidade” (PINHEIRO, 2014, p. 58), ao que destaca ilustrativamente o soneto decassilábico “A Pedro Álvares Cabral”.

Seguindo a ordem dos literatos de sua lista relacionados ao universo parnaibano, chega-se a Fernando Pires Ferreira, hoje desconhecido no Piauí, mas conhecido no Brasil como o “pai da oftalmologia”. A inclusão desse parnaibano no livro de João Pinheiro não se coaduna com os demais anteriormente comentados aqui, posto não se ter conhecimento de uma só produção literária do autor em destaque, senão de tratados relacionados à medicina ocular – o que explica a ausência *a posteriori* de Ferreira nos livros de literatura piauiense: não era de sua verve a escrita imaginativa ou poética.

O mesmo não ocorre ao sexto nome elencado de Parnaíba, José Ávila Miranda Osório que, apesar de ter falecido prematuramente em 1881, teria publicado dois livros de poesia, *Primeiras Estrofes*, em 1875, e *Cânticos de Dor*, de 1879. Osório, em linha sucessória, provavelmente ao lado de Luiza Amélia, seria o terceiro autor de Parnaíba a lançar livro literário, seguido de Jonas da Silva, Nestor Gomes Vêras e Berilo Neves; como indica a seguinte listagem de obras inaugurais: 1808, *Poemas*, de Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva; 1857, *A Criação Universal*, de Leonardo da Senhora das Dores Castello Branco; 1875, *Flores Incultas*, de Luiza Amélia de Queiroz; 1875, *Primeiras Estrofes*, de José de Ávila Miranda Osório; 1900, *Ânforas*, de Jonas da Silva; 1901, *As Primícias*, de Nestor Gomes Vêras; e 1929, *A Costela de Adão*, de Berilo Neves.

Luiz de Moraes Correia e Francisco Fernandes Basto, os dois últimos nomes do “cânone parnaibano” estabelecidos por João Pinheiro, já não passavam indiferentes para a crítica produzida até aquele ano de 1937 – é o que demonstra as páginas do *Nortista*: o primeiro admitido como poeta e dramaturgo, e o segundo como sonetista.

Luiz de Moraes Correia tem sua produção lembrada por Pinheiro, que as cita uma por uma (22 publicadas³³⁹ e 2 por concluir³⁴⁰), pela força diversa que possuíam, tendo, pois, o autor se engajado nas mais diferentes áreas: “[...] publicou vários trabalhos sobre jurisprudência, sociologia, política, literatura e filosofia” (PINHEIRO, 2014, p. 175). Já Francisco Fernandes Basto faz parte da galeria de autores que, embora tenham tido alguma colaboração insigne na imprensa no que tange à divulgação mais ou menos prolífica de poemas³⁴¹, acabou na galeria de autores piauienses que faleceram sem conseguir levar a lume uma obra sequer.

Registra-se aqui que afora João Pinheiro, não há notícia de nenhum outro crítico, memorialista ou mesmo nota em jornal que faça menção aos nomes de Fernando Pires Ferreira e José de Ávila Miranda Osório. O primeiro pelas razões já expostas e o segundo porque provavelmente tenha caído no esquecimento após as suas produções terem se perdido no tempo – restando aos tempos modernos apenas esse rastro deixado por Pinheiro.

Se Clodoaldo Freitas amplia a listagem de um para dois, dos nomes que compuseram a seleta de produções e autores no nascente cânone localista, ou seja, de autores que mereceram de alguma maneira destaque em reflexões crítico-literárias em Parnaíba, e João Pinheiro para oito, Edison Cunha, em *Vozes Imortais*: crestomatia da Academia Piauiense de Letras (1945) acrescenta a esse número, escritores até então não escalados em livro: ele mesmo (Edison Cunha), Alarico da Cunha, Lima Rebelo e Armando Madeira; dos já anteriormente comentados, rende também elogios a Jonas da Silva e a Luiz de Moraes Correia.

Diferente dos demais, esse livro preocupa-se em registrar unicamente os nomes que já haviam se tornado cânones pela força associativa, ou seja, integrantes que eram da Academia Piauiense de Letras – cânone seletivo, na classificação de Harris (1998). E apesar da vida associativa ser o seu critério de escolha, é mais sucinto que o de Clodoaldo Freitas, já que preocupado com o registro e não reflexões a respeito dos objetos literários produzidos e/ou da biografia dos autores elencados, como Freitas e Pinheiro eram adeptos. Atrelado a uma espécie de *release* de cada autor, o antologista

³³⁹ *O Habeas-Corpus e os interditos, O Estado e o funcionário, O Estado e a obrigação de indenizar, O Crime e a pena, Comentários jurídicos, O direito de propriedade, O domínio e a posse, Razões e pareceres, Nos juízos e tribunais, Teses de direito, Decisões, A posse, Uma inovação judiciária, Um disparate judiciário, O divórcio, A questão social, democracia-socialismo, Anteprojeto da Constituição Federal, O Porto de Amarração, De Seravejo a Versailles, O amor e o crime, Psicologia, Uma nova concepção do mundo e do homem.*

³⁴⁰ *Curso resumido de Direito Civil, O divórcio da campanha liberal e da Revolução de Outubro.*

³⁴¹ Apêndice IX.

seleciona duas ou três produções dos analisados, transcrevendo-as, sem reflexões outras ou sem justificativas quanto ao mérito de voto, talvez porque pessoal, como também observa Martins Napoleão (1945, p. 16) em “Duas palavras”, nota introdutória ao livro: “[...] há, em tais apontamentos, muito de pessoal: os figurantes surgem como os vê, ou desejaria vê-los, o compilador e biógrafo, remanescente da velha guarda da nossa Academia”.

É válido destacar que Edison Cunha pouco antes do lançamento de *Vozes Imortais* não se considerava um crítico, como declarara publicamente em *O Norte*³⁴²: “Nunca tive pendores para a crítica literária. Jamais, mesmo, tracei qualquer apresentação sobre livros e trabalhos literários com que me têm distinguido autores”, muito embora tivesse por ela uma simpatia: “A crítica literária é de minhas melhores leituras”, isso porque “Através dela, travo conhecimento com obras de profunda sabedoria; adquiero-as e não me arrependo”; seria esta a nota, porém, que quebraria seu silêncio, ensaiando nela aquele que seria o seu primeiro objeto de estudo na metalinguagem: *Homens que Iluminam* (1946), do jurista e poeta teresinense Cristino Castelo Branco. Embora o autor tenha admitido de princípio se ocupar naquele espaço de um texto de crítica literária em forma de agradecimento ao jurista que lhe remetera o livro em questão, seu discurso seguia a estratégia que já vinha acostumado a praticar nas letras impressas em periódicos: a crônica.

Em *Vozes Imortais*, dos primeiros nomes relacionados à Parnaíba, Edison destaca o seu próprio, acompanhado de uma curta biografia e o acréscimo de dois textos em prosa e dois sonetos decassilábicos, “Pedra do Sal” e “O farol”. “Era uma vez”, crônica que destaca um aspecto da vida literária teresinense que culminaria em 30 de dezembro de 1917 com a fundação da Academia Piauiense de Letras, ilustra a relação já existente entre os homens de letras que residiam em Teresina, dentre os quais Lucídio Freitas, João Pinheiro, Fenelon Castelo Branco, Clodoaldo Freitas, Higino Cunha dentre outros. Já “Sublime inspiração”, trata-se de um excerto do discurso de recepção que Edison Cunha proferira à entrada na APL do escritor Lima Rebelo, admitido pelo poeta, cronista e crítico como “Astro da palavra, artista do verbo” (CUNHA, 1945, p. 40). A propósito, fora esse outro nome escalonado por Edison Cunha a compor a segunda parte de seu *Vozes Imortais*, dedicado a ostentar o nome dos homens de letras já falecidos. De Lima Rebelo, por exemplo, destaca a crônica “As vantagens da ingratidão” e um

³⁴² Um escritor piauiense. *Op. cit.*, ano 17, n. 2.921, 25 abr. 1946, p. 1. Anexo LV.

excerto do discurso de recepção na Academia Piauiense de Letras, “Poetas e Sacerdotes”, cuja análise antitética dessas duas esferas de ofício merece destaque o seguinte trecho, por ser um dos fortes índices que evidenciam a consciência dos homens de letras daquele período em Parnaíba:

[...] o poeta e o sacerdote agem no mesmo mundo dos sentimentos. Um procura o que há de belo, o que possa agradar entre as imagens de sonoridade e de luz para guiar o ser humano à compreensão do novo estádio afetivo, a que quer levá-lo. O outro não cura do Belo nem do útil; antes, apela para sentimentos sublimados de honra, altruísmo, pureza, afim [sic] de construir situações humanas mais perfeitas e mais justas (REBELO *apud* CUNHA, 1945, p. 211).

Ao se referir à figura de Jonas da Silva, Edison Cunha deixa o vestígio da fama e da popularidade que já havia alcançado esse poeta parnaibano, talvez, àquele tempo, o mais famoso nome de Parnaíba no campo das letras e em nível de nação: “[...] o nome de Jonas da Silva, e os versos de Jonas da Silva brilharam em todos os jornais e revistas literárias, como nos salões familiares e das instituições culturais, carinhosamente acolhidos” (CUNHA, 1945, p. 86). Depois de Jonas da Silva, em linha cronológica, provavelmente o segundo nome mais conhecido das letras de Parnaíba tenha sido o de Berilo Neves, já discutido anteriormente. De Jonas da Silva, Edison Cunha destaca quatro sonetos: “A bandeira”, “Coração”, “Olhos bíblicos” e “Versos ao mar”, o penúltimo em métrica alexandrina.

Armando Madeira, também incluso em suas observações, é admitido como homem de letras pela produção da juventude que, aliás, pode ser conferida no início do século XX, quando divulga nas páginas do *Nortista* textos variados, em prosa e verso³⁴³. Edison Cunha elege como textos que ilustram a força produtiva de Madeira um excerto de seu discurso de recepção na Academia Piauiense de Letras, “Função das Academias”, bem como dois sonetos decassilábicos, “Pelo azul” e “O Rio”, o último levado a lume pela primeira vez em 6 de julho de 1901, no periódico anteriormente citado³⁴⁴, talvez aquele em que o escritor estrearia a sua publicidade, e cujas características o aproximam pela objetividade e descrição a traços próprios do parnasianismo, embora desvinculados de musas e ninfas.

É válido atentar que Edison Cunha não fora o primeiro crítico a acrescentar Armando Madeira nas páginas da reflexão do objeto literário. Antes, ainda em 1924,

³⁴³ Apêndice X.

³⁴⁴ Anexo LVI.

também através das páginas da *Revista da Academia Piauiense de Letras*, o escritor e crítico João Pinheiro fizera ao lançar discurso de recepção do poeta na APL. É o autor de *Vozes Imortais*, no entanto, é quem primeiro elenca em livro o nome de Alarico da Cunha à lista do “cânone piauiense”, destacando-o como estudioso do folclore do Piauí, “[...] de que possui interessantes trabalhos inéditos coligidos e organizados, para publicação” (CUNHA, 1945, p. 110). Alarico, todavia, falecera sem levar a lume uma só obra nesse sentido. Acerca de sua força no campo das letras, Edison o consagra como “[...] primoroso narrador, em interessante e atraente prosa, em que expõe episódios, lendas e poesia do sertanejo piauiense³⁴⁵”. De fato, depois de R. Petit, Alarico da Cunha parece ter sido o escritor de maior produtividade na imprensa parnaibana, legando em prosa e em verso, pelo menos de 1910 a 1950 – período coberto por este trabalho –, mais de 80 títulos distribuídos nos mais variados veículos, como *Semana*, *Almanaque da Parnaíba*, *Harpa*, *O Cálamo*, *O Norte*, *Gleba*, *A Praça*, *O Dia* e *O Arauto*³⁴⁶. Cunha destaca no livro, excerto do discurso de recepção do literato na Academia Piauiense de Letras, em 1938, “Poeta Boêmio”, em que discorre sobre o poeta Baurélio Mangabeira, seu sucessor; e as seguintes produções poéticas: “Missa da Natureza” e “Comunhão de sonhos”, ambos sonetos; o primeiro, alexandrino, o segundo, decassilábico.

Luiz de Moraes Correia, também lembrado por Edison Cunha a compor a lista da sua crestomatia, cuja ligação com Parnaíba se deve ao nascimento e as primeiras produções no teatro e na poesia, tendo sido, ainda jovem, um dos colaboradores literários do *Nortista*. Seu reconhecimento em nível de estado está ainda quando foi o primeiro ocupante da cadeira de número oito da instituição que o sagraria em definitivo no “cânone piauiense” (seletivo), a Academia Piauiense de Letras.

Edison Cunha, buscando um método para a sua crestomatia, a dividira não em fases, como fizera João Pinheiro, mas dispondo os quinze nomes elencados em duas partes: “Os vivos” e “Os mortos”. Essa produção encerra, para o recorte histórico em estudo, a listagem de nomes reconhecidos em obras antológicas específicas, fundadores da crítica literária no Piauí através de livros.

Um aporte que se soma à reflexão que se pode fazer do período em questão aliado ao que se produzia nos periódicos. Portanto, não esquece o papel também desempenhado pela imprensa na formação do pensamento crítico, contribuição que, às vezes lançada no entretempo das publicações dos livros supracitados ou mesmo como

³⁴⁵ Idem, *ibidem*.

³⁴⁶ Apêndice I.

materiais que se formam para a configuração em coletânea desses, também legou à formação do “cânone piauiense” importantes nomes e obras.

CONCLUSÃO

A relação de Parnaíba com a literatura tem uma história que só pode ser compreendida a partir de um conjunto de sistemas que construíram um contexto viável à sua manifestação. Pretendeu-se aqui compreender apenas uma parte dessa história, atentando para o seu aspecto multifacetado (refletida nos eixos dos sistemas literários discutidos por Candido e Even-Zohar), a fim de perpassar por vieses distintos que compuseram e viabilizaram o seu surgimento e difusão, respectivamente.

À linha dessa perspectiva não se omitiram as reflexões históricas de Brito Broca sobre a vida literária no Brasil, bem como as de Elizabeth Badinter e João Cezar de Castro Rocha, que de uma maneira incisiva ajudaram a compreender algumas relações existentes dos intelectuais com o campo do poder político e econômico.

Por essa razão o presente trabalho, entendendo ser esta uma reflexão que deveria ser aparada por uma perspectiva ampla que englobasse uma cadeia de fatos, optou especialmente por essa perspectiva e dentro dela focou o exercício da imprensa e da “vida literária”, por ser elas, um forte índice da atividade intelectual de uma dada região. Por conseguinte chegou-se à crítica literária, que ao ver desse pesquisador representa uma espécie de resposta ao que se produzia: um público leitor, muito embora esse público tenha origem entre os pares que escreviam para aqueles que também produziam, proposição esta, aliás, que não podia se omitir da leitura de Jauss.

E foi nessa complexa conjuntura que surgiram as manifestações “institucionalizadas” do sistema literário estruturado em Parnaíba, desde a instalação de escolas e ginásios educacionais à intensa estruturação de grêmios estudantis literários e associações específicas de letras, mantenedores de periódicos, tais como os grêmios “Tiradentes” (ligado ao Ginásio São Luiz Gonzaga e mantenedor da revista *Argos*), “Madre Savina Petrilli” (ligado ao Ginásio Nossa Senhora das Graças e mantenedor da revista *Raios de Luz*), bem como a Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos de Parnaíba (mantenedor do jornal *O Artista*), Centro Estudantil Parnaibano (mantenedor da revista *Panorama Estudantil* e do jornal *Renascimento*), a Juventude Parnaibana (mantenedora do jornal *O Sumário*), a Associação Parnaibana de Expansão Cultural (mantenedora da revista *Cultura*) e a Associação Parnaibana de Letras (mantenedora da revista *O Arauto*), dentre outros tantos grupos responsáveis por uma

fase estruturada da manifestação literária da cidade, mas que foram, até a presente data, omitidos nos livros piauienses que tratam da história literária do Piauí.

Todos esses órgãos, que mantiveram no primeiro quinquênio do século XX veículos de imprensa cujo intuito maior estava o exercício criativo da escrita e até mesmo a divulgação científica e outras correntes artísticas, foram responsáveis ainda pela publicação dos primeiros exercícios escritos de nomes que mais tarde se tornariam conhecidos no campo da história literária piauiense, bem como de outros que não se notabilizaram por terem deixado suas colaborações apenas nos periódicos – fato que não exclui a sua qualidade e merecimento de inclusão no rol de autores já celebrados pela crítica literária no Piauí. Acontece, porém, que a história literária no Estado ainda carece de dedicar especial atenção às manifestações das letras na imprensa.

A função desempenhada pelos homens de letras do período aqui exposto, em estruturar associações, grêmios e sociedades com fins literários, e consequentemente a promulgação de suas ideias e trabalhos através das páginas de imprensa, como Raimundo Fonseca Mendes, Thomaz Catunda, Edison Cunha, João Campos, Francisco Ayres, Alarico da Cunha, Benedicto dos Santos Lima, João Paulo dos Reis Velloso, Armando Madeira, Maria da Penha, dentre outros, revelou ainda um comprometimento com a questão cultural e educacional da cidade, a instrução propriamente dita, e por essa razão, uma das pontas do sistema literário que Candido aborda: produtores literários conscientes de seu papel – como bem evidenciaram os primeiros editoriais de vários dos periódicos aqui consultados, rastros de suas ideias nesse sentido, a citar aqueles relacionados aos grupos estudantis ou associações literárias: *Gleba*, *Harpa*, *O Arauto*, *Cultura*. Tal consciência, não por acaso, estava ainda refletida nas matérias de interesse trabalhadas em seus veículos de imprensa como também na necessidade associativa, reflexo de uma vida literária que aos poucos ia sendo formada.

Da investigação chegou-se a algumas reflexões, dentre as quais aquela que demonstra a relação muito próxima do sistema econômico com o sistema educacional e, por sua vez, com o sistema cultural, que admitiram em suas interfaces os sistemas de imprensa e literário. Uma cadeia, portanto, polissistemática cujos índices se encontram nos rastros deixados por essa espécie de elite intelectual, que embora não levasse às suas letras o exercício político, buscava na política ou no comércio o mecenato tão necessário à existência de suas folhas periódicas; para tal recorriam a comentários elogiosos das figuras que então dominavam essas duas esferas.

Dos rastros, optou-se por seguir registros variados que podem ser considerados fontes primárias do ponto de vista de Regina Zilberman (2004, p. 23), ou seja, como “[...] fundamento da construção da obra literária, sintoma da sua elaboração e/ou de sua recepção”; quais sejam em crônica, em anúncios, em notícias, em notas esparsas e em memórias (reunidas em livro) que trataram de uma maneira ou de outra de episódios da vida literária então formada na cidade, principalmente no segundo quadriênio do século XX – ou até mesmo estiveram ligados ao universo literário que se formou no período, ora influenciando ora sofrendo influência dos atores nele inseridos. Esse tipo de investigação além de ter ajudado a construir o perfil intelectual de um passado, ou pelo menos parte dele, permitiu conhecer uma sociedade nem tão harmônica assim quanto ao uso das letras, mas também divergente, no que competiria uma análise *a posteriori* das guerras intelectuais que se travaram em especial nos jornais, ora por uma situação ideológica ora por questões de estética.

Ao utilizar aqui do jornal como fonte documental e primária à construção de uma possível história da literatura piauiense, com visão ao que ocorria em sua cidade litorânea Parnaíba, somou-se a essa visão uma atitude mais ampla em frente ao objeto literário em si; isso porque se aproximou mais do contexto a que estavam inseridos os intelectuais da época, bem como se inter-relacionavam, observando o que ainda Zilberman (2004, p. 23) discorre: “[...] pesquisar fontes corresponde não apenas a uma atitude, mas a um programa que supõe um posicionamento perante a Teoria e a História da Literatura”, atitude, portanto, válida quando permite investir em uma revisão da história literária piauiense, porque tal atitude

Corresponde igualmente à tomada de posição perante o canônico e o marginal, já que, quando se trata de recuperar elos perdidos de nosso passado literário e cultural, passam a ocupar o prosaísmo coadjuvantes que, seguidamente, ainda não suscitaram interesse, foram reprimidos ou ocultados, ficaram de fora da corrente dominante (Idem, *ibidem*).

No caso de Parnaíba pôde-se observar grêmios, associações de letras e vários poetas e prosadores que foram omitidos pelos críticos que desempenharam o papel de escritores sumários da história literária piauiense, como Clodoaldo Freitas, João Pinheiro de Carvalho, Lucídio Freitas e Edison Cunha. João Pinheiro, por exemplo, em seu livro *Literatura Piauiense* omitiria os nomes de dois autores da cidade então reconhecidos, na época, pelas letras nacionais: Jonas da Silva, um dos sonetistas parnaibanos de maior destaque da poesia parnaibana de então e, inclusive, seu confrade

na Academia Piauiense de Letras; e Berilo Neves (já em 1937, ano de publicação do livro de João Pinheiro, consagrado pela crítica literária praticada nos periódicos cariocas). Já Edison Cunha não legaria os nomes senão daqueles que compunham a Academia Piauiense de Letras, excluindo os que já se haviam estabelecido nas páginas dos jornais e das revistas da época, e que também haviam conquistado alguma posição em frente às letras estaduais, como é o caso de Raimundo Petit, Lívio Pacheco, João Vieira Pinto, dentre outros. Edison Cunha também omitiria o nome de Berilo Neves.

Percebeu-se ainda com este trabalho que o nascimento de folhas periódicas e suas conseqüentes promulgações, além do número crescente de veículos de imprensa, estacionados somente no período das duas grandes guerras, foram suportes que legaram à contemporaneidade os exercícios em prosa e poesia de uma cidade já constituída como letrada – o que mais tarde se consolidaria a partir dos primeiros anos do segundo quinquênio do século XX, quando surgirão os primeiros livros confeccionados e publicados em Parnaíba, da veia de escritores e poetas que já se haviam estabelecido no exercício criativo da escrita dentro e fora do estado, como é o caso dos supracitados Raimundo Petit, Alarico da Cunha, Berilo Neves, Renato Castello Branco dentre outros, todos concorrentes à fase estudada aqui nesta dissertação.

Portanto, sem atrasos no que compete o espaço geográfico piauiense, Parnaíba seguiu a trilha do que já se manifestava em sua capital, Teresina. Aliás, trilha esta que em vários pontos parece convergir para fins de mutualidade, como demonstraram as relações existentes entre os intelectuais parnaibanos e os teresinenses: desde a fundação da própria Academia Piauiense de Letras, às trocas constantes de produções literárias que eram publicadas por veículos de grupos específicos, ou relacionados aos grêmios estudantis de colégios, e até mesmo nas representações de veículos de imprensa que, por essa condição, conseguiam guarida ora na capital, ora no litoral.

Com esse estudo não se concluem as pesquisas sobre as contribuições da literatura e imprensa de Parnaíba para o sistema literário piauiense, mas lançamos luz a uma interpretação da história da literatura em Parnaíba, quando e como ela se forma e seus conseqüentes desdobramentos na vida pública e social; procurando incluir a produção literária em jornais no rol dos estudos literários. De igual maneira, a divulgação de nomes que compuseram as páginas da imprensa literária da cidade e se agenciaram atores de uma elite de homens de letras no Piauí, com contribuições possíveis para a formação do sistema literário no estado, que também surgiria na primeira metade do século XX.

Não sendo pretensão do pesquisador, mas espera-se que o presente estudo, ao retirar do esquecimento nomes e produções que se mantinham ora em arquivos particulares, ora em órgãos públicos de depósito da memória brasileira (e aqui se vinculando o Piauí), contribua para a construção de um novo paradigma nos estudos literários do Piauí, acrescentando à sua história uma visão sobre a formação de núcleos intelectuais (grêmios literários e associações congêneres) e a manifestação literária existente em suas folhas periódicas.

REFERÊNCIAS

- ACENDAM AS LUZES. O cine Éden acabou. *Histórica*, Parnaíba, ano 1, n. 1, p. 15-6, abr. 2008.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. História da vida literária na imprensa. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *Cadernos do centro de pesquisas literárias da PUCRS*: história da literatura em questão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, v. 10, p. 62-8.
- AIRES, Félix. *Antologia de sonetos piauienses*. Brasília: Senado Federal, 1972.
- ALMANAQUE DE SELEÇÕES. Rio de Janeiro: Editora Seleções do Reader's Digest, 1971.
- ÁLVARO MENDES. *O Arrebol*, Teresina, ano 9, n. 32, p. 1, 31 mar. 1923.
- ARAÚJO, Vicente. Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 9, n. 9, p. 71, 1932.
- AS PRIMÍCIAS. *Nortista*, Parnaíba, ano 1, n. 23, p. 2, 8 jun. 1901.
- BADINTER, Elisabeth. *As paixões intelectuais: desejo de glória (1735-1751)*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v. 1.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. 6. ed. São Paulo: HUCITEC Editora, 2010.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Um dom Quixote das letras. In: BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil*: 1900. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Academia Brasileira de Letras, 2005, p. 13-28.
- BARBOSA, João Alexandre. *A biblioteca imaginária*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-200*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. 3. ed. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. O mercado de bens simbólicos. In: _____. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sérgio Miceli, Silvia de Almeida Prado et al. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 99-181.
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- CAFÉ PARNAIBANO. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 10, n. 10, 1933.
- CAFÉ SPORT. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 7, n. 7, p. 58, 1930.
- CAMPOS, Humberto de. *Memórias: 1886-1900*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1948.
- _____. A costela de Adão. _____. *Crítica: quarta série*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1941, p. 23-42.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.
- _____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

- CARNEIRO, Francisco Dias. Introdução. In: QUEIROZ, Luiza Amélia de. *Georgina ou os efeitos do amor*. Maranhão: Tipografia à vapor da Pacotilha, 1893, p. III-XVIII.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008, v. 2.
- _____. *História da literatura ocidental*. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008, v. 4.
- CASTELLO BRANCO, Lívio. Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 2, n. 2, p. 63, 1925.
- _____. Progressos. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 3, n. 3, p. 20, 1927.
- CASTELLO BRANCO, Renato. A espera secular. In: CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedito dos Santos. *O livro do centenário de Parnaíba*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1945, p. 329-35.
- CHARTIER, Roger. *Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
- CHAVES, Paulo. *O Piauí nos 200 anos da indústria gráfica brasileira: o processo evolutivo da primeira atividade industrial no estado do Piauí, de 1824 aos dias atuais*. Teresina: edição do autor, 2007.
- CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Tradução de Ana Mariza Ribeiro Filipouski, Maria Aparecida Pereira et al. Porto Alegre: Editora Globo, 1973, p. 39-56.
- CINEMA FALADO. *Gleba*, Parnaíba, ano 1, n. 5, p. 18, set. 1933.
- COLÉGIO BENJAMIM Constant. *Correio de Theresina*, Teresina, n. 165, p. 4, 11 abr. 1916.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- CONJUNTO HISTÓRICO E PAISAGÍSTICO DE PARNAÍBA: Teresina, IPHAN, 2008.
- CUNHA, Edison. *Vozes imortais: crestomatias da Academia Piauiense de Letras*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1945.
- _____. Um lutador. In: SANTOS, O. L. dos (org.). *Benedicto dos Santos Lima: intelectual autodidata*. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1993, p. 71-2.
- CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos (orgs.). *O livro do centenário de Parnaíba: documentário da cidade*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1945.
- CORREIA, Edgar. Parnaíba: gleba das glebas. *Gleba*, Parnaíba, ano 1, n. 9, p. 19-20, jan. 1934.
- CORREIA, Lauro Andrade. Considerações sobre o babaçu. *O Arauto*, Parnaíba, ano 1, n. 2, p. 26, jun. 1949.
- CORREIA, Mário Andrade. O mar e o sertão. *A Voz da Parnaíba*, Parnaíba, ano 1, n. 1, p. 34, 194-.
- COSTA, Brandão. Roda gigante. *Gleba*, Parnaíba, ano 1, n. 7, p. 19, nov. 1933.
- CUNHA, Edison. Era uma vez. In: _____. *Vozes imortais: crestomatia da Academia Piauiense de Letras*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1946, p. 36-8.
- DE CINEMA. *Gleba*, Parnaíba, ano 1, n. 7, p. 23, nov. 1933.

- DOMINGOS NETO, Manuel. A trajetória do “Almanaque da Parnaíba”. In: SANTOS, O. L. dos (org.). *Benedicto dos Santos Lima: intelectual autodidata*. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1993, p. 73-82.
- DUARTE, José Tobias. Benedicto dos Santos Lima, o sempre lembrado Bembem. In: SANTOS, O. L. dos (org.). *Benedicto dos Santos Lima: intelectual autodidata*. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1993, p. 51-6.
- EAGLETON, Terry. Introdução: o que é literatura? In: _____. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 1-24.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Tradução de Ruy Jungman. vol. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. El “sistema literario”. In: _____. *Polisistemas de cultura*. Disponível em: <www.tau.ac.il/~itamarez>. Acesso em: 07 set. 2013.
- FRANCISCO, João. Do meu diário. *Gleba*, Parnaíba, ano 1, n. 7, p. 11, nov. 1933.
- FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras/EDUFPI, 2012.
- FREITAS, Lucídio. História da poesia no Piauí. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, p. 101-16, 1924.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica: quatro ensaios*. Tradução de Marcus de Martini. São Paulo: Realizações Editora, 2014.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. vol. 1, 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba: cidades-beiras (1850-1950)*. Teresina: EDUFPI, 2010.
- GENS, Armando. Álbum de recortes: a literatura nos jornais (1870-1900). In: LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa Rui Barbosa, 2008, p. 195-209.
- GINÁSIO PARNAIBANO. *Nortista*, Parnaíba, ano 1, n. 31, p. 2-3, 3 ago. 1901. _____. *Nortista*, Parnaíba, ano 1, n. 32, 10 ago. 1901. Suplemento ao n. 32, p. 4.
- GOMES, Sônia de Conti. *Bibliotecas e sociedade na primeira república*. São Paulo: Pioneira, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.
- HARRIS, Wendell V. La canonincidad. In: SULLÀ, Enric (org.). *El canon literario*. Madrid: Arco, 1998, p. 37-60.
- INSTRUÇÕES PARA conversão telefônica. *Nortista*, Parnaíba, ano 1, n. 11, p. 5, 16 mar. 1901.
- JAMES, Henry. *A arte da ficção*. Tradução de Daniel Piza. Osasco: Novo Século Editora, 2011.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- KOTHE, Flávio. R. *O cânone imperial*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *O preço da escrita: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

- LEÃO, Ricardo. *Os atenienses e a invenção do cânone nacional*. 2. ed. São Luís: Instituto Geia, 2013.
- LIMA, Lillian Martins de. Homens de letras e imprensa periódica no Rio de Janeiro (1836-1869). *Em tempos de histórias*, Brasília, n. 12, 2008.
- LIVROS NOVOS. *Semana*, Parnaíba, ano 1, n. 13, p. 2, 4 set. 1910.
- LIVROS RELIGIOSOS. *Nortista*, Parnaíba, ano 1, n. 32, p. 4, 10 ago. 1901.
- LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. Um precursor da crítica literária. In: FREITAS, Clodoaldo. *Vultos piauienses: apontamentos biográficos*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras/EDUFPI, 2012, p. 181-5.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. 2. ed. Tradução de Maria Appenzeller, São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MAQUINA DE escrever “Torpedo”. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 13, n. 13, p. 240, s.d.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2001.
- MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2003, p. 31-42.
- MARTINS, Jesus. Parnaíba. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 3, n. 3, p. 33, 1926.
- MELO, José Marques de. *História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- MELO, Neuza Brito de Arêa Leão. *O ecletismo parnaibano: hibridismo e tradução cultural na paisagem da cidade na primeira metade do século XX*. Teresina: EDUFPI, 2012.
- MENDES, Francisco Iweltman. *Porto de Luís Correia: histórico de um sonho*. Parnaíba: SIEART, 2008.
- MOREIRA, Maria Eunice. Na rede do tempo: história da literatura e fontes primárias – a contribuição de Joaquim Norberto. In: ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 119-98.
- MR. SMITH. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, n. 16, p. 311, 1940.
- NETO, Adrião. *Dicionário biográfico de escritores piauienses de todos os tempos*. 2. ed. Teresina: Halley, 1995.
- NEVES, Berilo. Um descobridor. *Gazeta*, Teresina, p. 4, 20 jun. 1948.
- _____. Carnaubeira: alma do Nordeste. *Boletim estatístico do Piauí*, Teresina, p. 2, 1941.
- NORTISTA. Parnaíba: Tip. do Nortista, n. 3, 13 jun. 1901.
- NOSSA INDÚSTRIA. *Nortista*, Parnaíba, ano 1, n. 40, p. 2, 5 out. 1901.
- O ANTENOR. *Cálamo*, Parnaíba, ano 1, n. 1, p. 7, 25 ago. 1944.
- OLIVEIRA, Colombo de. Parnaíba. *Harpa*, Parnaíba, ano 1, n. 2, p. 17, jun. 1936.
- OLIVEIRA, Maria do Carmo. A carnaúba: sua importância na economia piauiense. *O Arauto*, Parnaíba, ano 2, n. 5, p. 9-10, mar. 1950.
- ORDEM DO dia. *O Correio*, Oeiras, p. 10, 1835.

- OS MELHORES livros. *Gleba*, Parnaíba, ano 1, n. 7, p. 18, nov. 1933.
- PARNAÍBA. *Almanaque Piauiense*, Teresina, n. 4, p. 121, 1937.
- PARNAÍBA, TERRA de trabalho e vida. *A Voz da Parnaíba*, Parnaíba, ano 2, n. 2, p. 9, dez. 1944.
- PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. *Resultado de pesquisa registrada na Universidade Federal Fluminense*. Rio de Janeiro, 2006.
- _____. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2013.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PESSOA, A. A Parnaíba que eu vi. *A Voz da Parnaíba*, Parnaíba, ano 2, n. 2, p. 5, dez. 1944.
- PINHEIRO, João. *Literatura piauiense: esboço histórico*. 3. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras/EDUFPI, 2014.
- QUAL PRODUTO faz lembrar o século XX?. *Histórica*, Parnaíba, ano 1, n. 2, p. 25-33, out. 2008.
- QUEIROZ, Luiza Amélia de. *Georgina ou os efeitos do amor*. Maranhão: Tipografia à vapor da Pacotilha, 1893.
- _____. *Flores incultas*. Maranhão: Tipografia d'O País Imp. M. F. V. Pires, 1875.
- QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a república*: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2011.
- RAMA, Angel. *La ciudad letrada*. Montevideo: Arca, 1998.
- RÊGO, Ana Regina Barros Leal. *Imprensa piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.
- REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes da cidade de Parnaíba*. Teresina: EDUFPI, 2013.
- ROCHA, João Cezar de Castro. O homem de letras (cordial). In: DEL PRIORE, Mary (org.). *Revisão do paraíso: os brasileiros e o estado em 500 anos de história*. Rio de Janeiro: Campus, 2000, p. 209-232.
- SANTOS, Benjamim. Aqueles belos anos quarenta: quando a inteligência e comércio se harmonizam, acontecimentos, usos, costumes. *O Bembém*, Parnaíba, ano 7, n. 82, p. 10, 21 out. 2014.
- SANTOS, Sólina Genuína dos. Benedicto dos Santos Lima: sua vida, uma história. In: SANTOS, O. L. dos (org.). *Benedicto dos Santos Lima: intelectual autodidata*. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1993, p. 13-43.
- SENADOR ÁLVARO Mendes. *Piauihy*, Teresina, ano 14, n. 744, p. 4, 30 abr. 1904.
- SILVA, Fernando Lopes e. O Piauí progride. *Nortista*, Parnaíba, ano 1, n. 26, p. 1, 29 jun. 1901.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.
- TARJA, Jesus Elias; FILHO, Jesus Elias Tarja. O comércio e a indústria no Piauí. In: SANTANA, R. N. Monteiro de (org.). *Piauí: formação, desenvolvimento, perspectivas*. Teresina: Halley, 1995, p. 133-58.
- TELEPHONE. *Nortista*, Parnaíba, ano 1, n. 2, p. 4, 9 jan. 1901.

TYNIA NOV, J. Da evolução literária. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Tradução de Ana Mariza Ribeiro Filipouski, Maria Aparecida Pereira *et al.* Porto Alegre: Editora Globo, 1973, p. 105-18.

UMA INSTITUIÇÃO secular. *Cultura*, Parnaíba, ano 2, n. 3, p. 53, ago. 1950.

VÉRAS, Nestor. Minhas vizinhas. *Nortista*, Parnaíba, ano 1, n. 30, p. 2, 27 jul. 1901.

_____. As três irmãs. *Nortista*, Parnaíba, ano 1, n. 34, p. 2, 24 ago. 1901.

VODIČKA, Felix. A história da repercussão das obras literárias. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). *Círculo linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Tradução de Zênia de Faria, Reasylyvia Toledo e Dionísio Toledo. Porto Alegre: Editora Globo, 1978, p. 299-309.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone: textos fundadores da história da literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

ZILBERMAN, Regina. Minha teoria das edições humanas: Memórias Póstumas de Brás Cubas e a poética de Machado de Assis. In: ZILBERMAN, Regina *et al.* *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 15-117.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Cronologia de colaborações de Alarico da Cunha em periódicos parnaibanos (1910-1950).

QUADRO DE COLABORAÇÕES DE ALARICO DA CUNHA EM PERIÓDICOS PARNAIBANOS (1910-1950)					
ORD.	ANO	DIA E MÊS	PERIÓDICO	TÍTULO	GÊNERO
1 ^a	1910	31 jul.	<i>Semana</i>	“Saudade atroz”	Soneto
2 ^a	1910	14 ago.	<i>Semana</i>	“Primeiro amor”	Soneto
3 ^a	1910	28 ago.	<i>Semana</i>	“Jamais duvides”	Soneto
4 ^a	1910	11 set.	<i>Semana</i>	“Mundo ideal”	Soneto
5 ^a	1910	25 set.	<i>Semana</i>	“Comunhão dos sonhos”	Soneto
6 ^a	1910	30 out.	<i>Semana</i>	“Imortalidade”	Soneto
7 ^a	1910	27 nov.	<i>Semana</i>	“Verba cordis”	Soneto
8 ^a	1910	11 dez.	<i>Semana</i>	“Pranto róseo”	Soneto
9 ^a	1911	1 jan.	<i>Semana</i>	“1911”	Soneto
10 ^a	1911	7 mai.	<i>Semana</i>	“Mês de Maria”	Soneto
11 ^a	1911	31 dez.	<i>Semana</i>	“O ocaso do Ano”	Soneto
12 ^a	1928	1 nov.	<i>A Praça</i>	“Sertão Alegre”	Crítica
13 ^a	1929	11 mai.	<i>O Dia</i>	“Victor Hugo e Guerra Junqueiro”	Crítica
14 ^a	1929	11 jun.	<i>O Dia</i>	“A ‘Costela de Adão’, de Berilo Neves	Crítica
15 ^a	1930	31 dez.	<i>O Norte</i>	“A epopeia do ano bom”	Poesia
16 ^a	1930	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A gratidão do Diabo”	Conto
17 ^a	1930	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Canção da Imortalidade”	Poesia
18 ^a	1930	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Miss Piauí”	Poesia
19 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Canção do Não Ser”	Poesia
20 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Canção do Ser”	Poesia
21 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	Pequenas Mentiras	Crônica
22 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Os Poetas Naturais”	Crítica
23 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Memórias do velho Lopes”	Conto
24 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O Poema da Sombra”	Poesia
25 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Centenário da Imprensa no Piauí”	Soneto (a Joel de Oliveira)
26 ^a	1933	Mai.	<i>Gleba</i>	“O grão-mistério”	Poesia (a Oliveira e Ferres)
27 ^a	1933	Jul.	<i>Gleba</i>	“O Problema da Educação”	Artigo
28 ^a	1933	Ago.	<i>Gleba</i>	“História dum Álbum”	Crônica
29 ^a	1933	Set.	<i>Gleba</i>	“A Efigie de Cristo”	Artigo
30 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Fetichismo caipira”	Ensaio folclórico
31 ^a	1936	mai.	<i>Harpa</i>	“Bons e maus ladrões”	Crônica
32 ^a	1936	jun.	<i>Harpa</i>	“O sertanejo nortista”	Ensaio folclórico
33 ^a	1936	jul., ago., set.	<i>Harpa</i>	“O homem e os animais”	Crônica
34 ^a	1936	4 jul.	<i>O Norte</i>	“Impressões de Tutóia (XII)”	Crônica
35 ^a	1937	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O governo de Seabra”	Crônica
36 ^a	1937	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Página Azul”	Poesia
37 ^a	1937	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Otávio Passos”	Ensaio biográfico
38 ^a	1937	-	<i>Almanaque Piauiense</i>	“Cena Parnaibana”	Crônica

39 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O Diabo é quem quer ser Rico”	Conto
40 ^a	1940	7 set.	<i>O Norte</i>	“7 de setembro!”	Crônica
41 ^a	1940	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Ode a Teresinha”	Ode
42 ^a	1940	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A letra do carrapicho”	Conto
43 ^a	1940	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Deus...”	Soneto
44 ^a	1940	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Obscuro centenário”	Soneto
45 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Palmeira de Babaçu”	Poesia
46 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Cupins para inglês ver”	Crônica
47 ^a	1942	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O Presidente Vargas”	Soneto
48 ^a	1942	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Dezenove de Abril”	Soneto
49 ^a	1942	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O Espírito da Raça Britânica”	Ensaio
50 ^a	1942	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Pronta para a armada”	Poesia
51 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Curiosas personagens de outrora”	Crônica
52 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A epopeia do ano bom” (republicada)	Poesia
53 ^a	1944	25 ago.	<i>O Cálamo</i>	“A canção do amor”	Poesia
54 ^a	1944	30 dez.	<i>O Cálamo</i>	“Em prol dos irracionais”	Crônica
55 ^a	1944	19 mai.	<i>O Norte</i>	“Parnaíba há quarenta anos (I)”	Crônica
56 ^a	1944	20 mai.	<i>O Norte</i>	“Parnaíba há quarenta anos (II)”	Crônica
57 ^a	1944	23 mai.	<i>O Norte</i>	“Parnaíba há quarenta anos (III)”	Crônica
58 ^a	1944	-	<i>O Norte</i>	“Parnaíba há quarenta anos (IV)”	Crônica
59 ^a	1944	27 mai.	<i>O Norte</i>	“Parnaíba há quarenta anos (V)”	Crônica
60 ^a	1944	30 mai.	<i>O Norte</i>	“Parnaíba há quarenta anos (VI)”	Crônica
61 ^a	1945	3 jan.	<i>O Norte</i>	“As festas do centenário da cidade”	Crônica
62 ^a	1945	3 mai.	<i>O Norte</i>	“A voz que brada nas consciências”	Artigo
63 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O pudor da sertaneja”	Crônica
64 ^a	1946	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Águas passadas”	Ensaio histórico
65 ^a	1946	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“As duas justiças”	Quartetos
66 ^a	1946	7 mar.	<i>O Norte</i>	“Só pru mode uma palavra”	Crônica
67 ^a	1946	16 mai.	<i>O Norte</i>	“Honra ao Mérito”	Crítica
68 ^a	1946	21 mai.	<i>O Norte</i>	“Um astro que se apaga ou um Boêmio no Céu...”	Artigo
69 ^a	1946	26 jun.	<i>O Norte</i>	“Grave ameaça à navegação”	Artigo
70 ^a	1946	20 out.	<i>O Norte</i>	“Ave, Parnaíba!”	Artigo
71 ^a	1946	31 out.	<i>O Norte</i>	“O bode e o banhista”	Artigo
72 ^a	1946	12 nov.	<i>O Norte</i>	“O Jornal e o Povo”	Artigo
73 ^a	1946	31 dez.	<i>O Norte</i>	“No limiar do Ano Novo”	Artigo
74 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O esplendor do incógnito”	Soneto
75 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Virgem da Graça”	Soneto
78 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Um livro que edifica”	Crítica
79 ^a	1948	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Victor Hugo e Guerra Junqueiro”	Crítica
80 ^a	1949	jun.	<i>O Arauto</i>	“Os Dias Grandes no Sertão”	Ensaio folclórico
81 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Vultos de outrora”	Ensaio biográfico
82 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O microscópio”	Poesia
83 ^a	1950	mar.	<i>O Arauto</i>	“A Vida é Tudo...”	Crônica
84 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A linguagem do matuto”	Ensaio

APÊNDICE II – Cronologia de colaborações de Lívio Pacheco em periódicos parnaibanos (1924-1941).

QUADRO DE COLABORAÇÕES DE LÍVIO PACHECO EM PERIÓDICOS PARNAIBANOS (1924-1941)					
ORD.	ANO	DIA E MÊS	PERIÓDICO	TÍTULO	GÊNERO
1 ^a	1924	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Charada por letras”	Quartetos
2 ^a	1924	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Judas”	Soneto
3 ^a	1924	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O Parnaíba”	Soneto
4 ^a	1926	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Minha alpercata”	Soneto
5 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A guariba”	Soneto
6 ^a	1930	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Cauã”	Soneto
7 ^a	1930	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Mariposa”	Soneto
8 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Meu retrato”	Soneto
9 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Brasil”	Soneto (ao R. Petit)
10 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Baú Velho”	Quadras
11 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Irmãos gêmeos”	Cromo
12 ^a	1936	mai.	<i>Harpa</i>	“Instrumento público”	Soneto
13 ^a	1936	jul., ago., set.	<i>Harpa</i>	“Esperança e futuro”	Soneto
14 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Jatuaranas”	Soneto
15 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Dor recíproca”	Soneto
16 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O Sino”	Quadras
17 ^a	1940	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Recíprocos”	Soneto
18 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Falso”	Soneto
19 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Paradoxo”	Soneto

APÊNDICE III – Cronologia de colaborações de R. Petit em periódicos parnaibanos (1910-1950).

QUADRO DE COLABORAÇÕES DE R. PETIT EM PERIÓDICOS PARNAIBANOS (1910-1950)					
ORD.	ANO	DIA E MÊS	PERIÓDICO	TÍTULO	GÊNERO
1 ^a	1910	6 nov.	<i>Semana</i>	“Engano”	Soneto
2 ^a	1910	20 nov.	<i>Semana</i>	“Separação”	Soneto
3 ^a	1910	4 dez.	<i>Semana</i>	“Aniversário”	Soneto
4 ^a	1910	18 dez.	<i>Semana</i>	“O amor”	Soneto
5 ^a	1911	15 jan.	<i>Semana</i>	“Vingança profana”	Soneto
6 ^a	1911	22 jan.	<i>Semana</i>	“A Orgulhosa”	Soneto
7 ^a	1911	5 fev.	<i>Semana</i>	“Saudade Paterna”	Soneto
8 ^a	1911	19 fev.	<i>Semana</i>	“Castelo do Amor”	Soneto
9 ^a	1911	26 fev.	<i>Semana</i>	“Amor de Mãe”	Soneto
10 ^a	1911	5 mar.	<i>Semana</i>	“Paixão infinda”	Soneto
11 ^a	1911	19 mar.	<i>Semana</i>	“Soberana”	Soneto
12 ^a	1911	2 abr.	<i>Semana</i>	“Sempre!...”	Soneto
13 ^a	1911	9 abr.	<i>Semana</i>	“Partida”	Soneto
14 ^a	1924	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Judas”	Soneto
15 ^a	1924	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Variedades”	Quartetos
16 ^a	1925	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O homem”	Quartetos
17 ^a	1926	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Croquis”	Cromo
18 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Janeiro”	Cromo
19 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Fevereiro”	Cromo
20 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Março”	Cromo
21 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Abril”	Cromo
22 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Maio”	Cromo
23 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Junho”	Cromo
24 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Julho”	Cromo
25 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Agosto”	Cromo
26 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Setembro”	Cromo
27 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Outubro”	Cromo
28 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Novembro”	Cromo
29 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Dezembro”	Cromo
30 ^a	1930	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Hibernal”	Soneto
31 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Mulher (I)”	Quadra
32 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Mulher (II)”	Quadra
33 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Mulher (III)”	Quadra
34 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Mulher (IV)”	Quadra
35 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Mulher (V)”	Quadra
36 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Mulher (VI)”	Quadra
37 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Mulher (VII)”	Quadra
38 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Mulher (VIII)”	Quadra
39 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Mulher (IX)”	Quadra
40 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Mulher (X)”	Quadra
41 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Mulher (XI)”	Quadra
42 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Mulher (XII)”	Quadra
43 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“João Pessoa”	Poesia
44 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Glorificação”	Tercetos
45 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Sombras Noturnas”	Soneto
46 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Manguieira da Praça”	Soneto (a Fausto Basto)
47 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Silhuetas”	Poesia

48 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Senda da Vida”	Soneto
49 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Campo Maior”	Soneto
	1933	Mai.	<i>Gleba</i>	“Conjecturando”	Tercetos e quartetos
	1933	Jul.	<i>Gleba</i>	“Benú da Cunha”	Soneto
	1933	Out.	<i>Gleba</i>	“Cinzas”	Soneto
	1934	Jan.	<i>Gleba</i>	“O Canário de Bertha”	Soneto
50 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Fases da lua”	Cromo
51 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Fases do ano”	Cromo
52 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Fases da semana”	Cromo
53 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Fases do dia”	Cromo
54 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Fases das horas: relógio”	Cromo
55 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Fases do tempo: a enchente”	Cromo
56 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Fases do tempo: o inverno”	Cromo
57 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Fases do tempo: verão”	Cromo
58 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Fases da vida”	Cromo
59 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Fases da morte”	Cromo
60 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A poesia futurista”	Quarteto
61 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Deixem!...”	Soneto
62 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Trovas”	Trovas
63 ^a	1936	mai.	<i>Harpa</i>	“Harpejos”	Poesia
64 ^a	1936	jun.	<i>Harpa</i>	“Junho”	Cromo
65 ^a	1936	jun.	<i>Harpa</i>	“Harpejos”	Poesia
66 ^a	1936	jul., ago. set.	<i>Harpa</i>	“Harpejos”	Poesia
67 ^a	1937	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Ditos Sertanejos”	12 cromos
68 ^a	1937	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A instrução no Piauí”	Artigo
69 ^a	1937	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Não empreste este almanaque”	Quartetos
70 ^a	1937	-	<i>Almanaque Piauiense</i>	“No Sertão”	Poesia
71 ^a	1937	-	<i>Almanaque Piauiense</i>	“Escola antiga”	Soneto
72 ^a	1939	jun.	<i>Panorama Estudantil</i>	“Inverno”	Soneto
73 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O perigo do descaso”	Cromo
74 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A lógica da precaução”	Cromo
75 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Saudade”	Cromo
76 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Maria Rosa”	Cromo
77 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Filosofia Cabocla”	Cromo
78 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O guri da coroa”	Cromo
79 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Aparência”	Cromo
80 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Quanto dói a incerteza”	Cromo
81 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Ilusões”	Cromo
82 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Brinde de honra”	Cromo
83 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Tucuns”	Cromo
84 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O flirt”	Cromo
85 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O corpo”	Soneto
86 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O riso”	Soneto
87 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O olhar”	Soneto
88 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A fala”	Soneto
89 ^a	1939	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O nome”	Soneto
90 ^a	1940	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Falando aos piauienses”	Crônica
91 ^a	1940	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Tábua Poética”	12 sonetos
92 ^a	1940	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Brasil”	Quartetos (acróstico)
93 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Manhã”	Cromo
94 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Viajando”	Cromo
95 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O descanso”	Cromo

96 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"A tarde"	Cromo
97 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Palestrando"	Cromo
98 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"A noite"	Cromo
99 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Os noivos"	Cromo
100 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"A receita"	Cromo
101 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Farsas"	Cromo
102 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"A surpresa"	Cromo
103 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"O artista"	Cromo
104 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"A vingança"	Cromo
105 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Saudade"	2 sonetos
106 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Quadras"	Quadras
107 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"O Chapeado N. 75"	Crônica
108 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"O destino"	Cromo
109 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"O poder da ilusão"	Cromo
110 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Coração feminino"	Cromo
111 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Qual dos dois?"	Cromo
112 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Surpresa"	Cromo
113 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"A mulher"	Cromo
114 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Tentação da beleza"	Cromo
115 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"O antropófago"	Cromo
116 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Beijo não mata"	Cromo
117 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Negócio é negócio"	Cromo
118 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Relembrando"	Cromo
119 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Desertor triunfante"	Cromo
120 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Ave sem ninho"	Soneto
121 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Terra cabocla"	Poesia
122 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Cromos (I)"	Cromo
123 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Cromos (II)"	Cromo
124 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Cromos (III)"	Cromo
125 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Cromos (IV)"	Cromo
126 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Cromos (V)"	Cromo
127 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Cromos (VI)"	Cromo
128 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Cromos (VII)"	Cromo
129 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Cromos (VIII)"	Cromo
130 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Cromos (IX)"	Cromo
131 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Cromos (X)"	Cromo
132 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Cromos (XI)"	Cromo
133 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Cromos (XII)"	Cromo
134 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Irmã dos Velhos"	Poesia
135 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Myrte"	Cromo
136 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Caraperi"	Cromo
137 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"O grito"	Cromo
138 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Tristeza"	Cromo
139 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Arrufos"	Cromo
140 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Tarde feliz"	Cromo
141 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Um jantar"	Cromo
142 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Duas torturas"	Cromo
143 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Suicídio"	Cromo
144 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Nosso baile"	Cromo
145 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Traição"	Cromo
146 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Esperar"	Cromo
147 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"O valor da ilusão"	Poesia
148 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Minha terra (I)"	Cromo
149 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Minha terra (II)"	Cromo
150 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	"Minha terra (III)"	Cromo

151 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Minha terra (IV)”	Cromo
152 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Minha terra (V)”	Cromo
153 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Minha terra (VI)”	Cromo
154 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Minha terra (VII)”	Cromo
155 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Minha terra (VIII)”	Cromo
156 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Minha terra (IX)”	Cromo
156 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Minha terra (X)”	Cromo
157 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Minha terra (XI)”	Cromo
158 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Minha terra (XII)”	Cromo
159 ^a	1949	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Sol da minha terra”	Quartetos
160 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Acordando para o amor (I)”	Cromo
161 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Acordando para o amor (II)”	Cromo
162 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Acordando para o amor (III)”	Cromo
163 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Acordando para o amor (IV)”	Cromo
164 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Acordando para o amor (V)”	Cromo
165 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Acordando para o amor (VI)”	Cromo
166 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Acordando para o amor (VII)”	Cromo
167 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Acordando para o amor (VIII)”	Cromo
168 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Acordando para o amor (IX)”	Cromo
169 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Acordando para o amor (X)”	Cromo
170 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Acordando para o amor (XI)”	Cromo
171 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Acordando para o amor (XII)”	Cromo
172 ^a	1950	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Parnaíba”	Quartetos

APÊNDICE IV – Cronologia da fundação de periódicos em Parnaíba no século XIX (1863-1899).

CRONOLOGIA DE PERIÓDICOS PARNAIBANOS SÉC. XIX: 1863-1899			
Nº	FUNDAÇÃO	PERIÓDICO	TIPOGRAFIA
1º	25 fev. 1863	<i>O Echo da Parnahyba</i>	Tip. J. da Silva Leite
2º	16 jul. 1863	<i>Liga e Progresso</i>	-
3º	1864	<i>A Violeta</i>	-
4º	2 abr. 1864	<i>O Liberal</i>	-
5º	7 dez. 1864	<i>O Commercio da Parnahyba</i>	Tip. Imperial
6º	1880	<i>Parnahybano</i>	Tip. B. C. Fernandes
7º	13 mar. 1889	<i>Commercial</i>	-
8º	1891	<i>O Patriota</i>	Tip. B. C. Fernandes
9º	1892/3	<i>O Legalista</i>	-
10º	5 jun. 1893	<i>O Lidador</i>	-
11º	15 mar. 1896	<i>Jornal do Piauí</i>	-
12º	Mar. 1898	<i>O Rouxinol</i>	-
13º	1898	<i>A Parnahyba</i>	Tip. Correia & Basto
14º	12 nov. 1899	<i>Polyanthéa</i> (homenagem Luiza Amélia)	Tip. Correia & Basto

APÊNDICE V – Cronologia da fundação de periódicos em Parnaíba no século XX (1901-1950).

CRONOLOGIA DE PERIÓDICOS PARNAIBANOS SÉC. XIX: 1901-1950			
Nº	FUNDAÇÃO	PERIÓDICO	TIPOGRAFIA
1º	1900/1	<i>O Piauihyense</i>	-
2º	1900/1	<i>Mocidade</i>	-
3º	1900/1	<i>Novo Órgão</i>	-
4º	1 jan. 1901	<i>Nortista</i>	Tip. do Nortista
5º	6 jun. 1902	<i>A Juventude</i>	-
6º	1 ago. 1902	<i>O Libertador</i>	-
7º	8 nov. 1902	<i>Popular</i>	Tip. Correia e Basto
8º	1905	<i>A Tribuna</i>	-
9º	4 ago. 1907	<i>O Norte do Piauihy</i>	-
10º	11 mar. 1908	<i>O 11 de Junho</i>	-
11º	12 jun. 1910	<i>Semana</i>	-
12º	1911	<i>Auras do Norte</i>	-
13º	20 mar. 1912	<i>Cidade de Parnahyba</i>	-
14º	7 abr. 1912	<i>O Rebate</i>	-
15º	5 mai. 1912	<i>Cambirimba</i>	-
16º	22 set. 1912	<i>O Popular</i>	-
17º	1 jan. 1913	<i>Ano Bom</i>	-
18º	3 ago. 1913	<i>Município</i>	-
19º	9 mar. 1914	<i>Agulhas</i>	-
20º	1914	<i>O Pharol</i>	-
21º	5 ago. 1914	<i>A Ordem</i>	-
22º	1915	<i>Cidade de Parnahyba (2ª fase)</i>	-
23º	1915	<i>Sport</i>	-
24º	3 abr. 1915	<i>A Cruz</i>	-
25º	Mai. 1915	<i>A Chibata</i>	-
26º	1915	<i>O Popular (2ª fase)</i>	-
27º	19 nov. 1916	<i>A Semana</i>	-
28º	1917	<i>Boletim Mensal</i>	-
29º	25 set. 1917	<i>O Imparcial</i>	-
30º	1918	<i>O Consolador</i>	-
31º	29 set. 1918	<i>O Chromo</i>	-
32º	15 ago. 1919	<i>O Artista</i>	-
33º	31 dez. 1919	<i>A Tribuna (2ª fase)</i>	-
34º	1919	<i>O Progresso</i>	-
35º	30 mai. 1920	<i>A Propaganda</i>	-
36º	Década de 1920	<i>A Boa Semente</i>	-
37º	Década de 1920	<i>Imperial</i>	-
38º	Década de 1920	<i>O Perdão</i>	-
39º	Década de 1920	<i>A Tela</i>	-
40º	Década de 1920	<i>O Trabalho</i>	-
41º	Década de 1920	<i>Palace Jornal</i>	-
42º	31 mai. 1921	<i>Polyanthéa</i> (homenagem Francisco de Moraes Correia)	-
43º	10 out. 1921	<i>A Pátria</i>	-
44º	19 nov. 1921	<i>A Imprensa</i>	-
45º	1 jan. 1922	<i>Jornal do Comércio</i>	-
46º	30 set. 1922	<i>19 de Outubro</i>	Tip. d'O Popular
47º	1922	<i>A Conquista</i>	-
48º	10 fev. 1923	<i>Gazeta da Parnaíba</i>	-
49º	2 ago. 1923	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	Diversas

50°	29 out. 1923	<i>A Notícia</i>	-
51°	1924	<i>A Tribuna</i> (3ª fase)	-
52°	19 dez. 1926	<i>Mocidade Jornal</i>	-
53°	24 jan. 1927	<i>O Dia</i>	-
54°	13 fev. 1927	<i>O Independente</i>	-
55°	23 fev. 1927	<i>A Verdade</i>	-
56°	31 mai. 1927	<i>Polyanthéa</i> (homenagem Francisco de Morais Correia)	-
57°	1 nov. 1927	<i>A Praça</i>	-
58°	15 nov. 1929	<i>A Propaganda</i> (2ª fase)	-
59°	25 fev. 1930	<i>O Norte</i>	-
60°	30 mar. 1930	<i>O Sino</i>	Tip. d'O Sino
61°	21 set. 1930	<i>O Commercio</i>	-
62°	22 set. 1930	<i>O Popular</i> (3ª fase)	-
63°	2 fev. 1933	<i>A Tribuna</i> (4ª fase)	-
64°	Jul. 1933	<i>Gleba</i>	Tip. Silva
65°	1934	<i>O Ateneu</i>	-
66°	15 jan. 1934	<i>Constellação</i>	Gráfica Renascença
67°	Mar. 1935	<i>Anuário do Piauí</i>	Gráfica Renascença
68°	1935	<i>Parnaíba</i>	-
69°	1936	<i>Harpa</i>	-
70°	1937	<i>O Cérebro</i>	-
71°	Nov. 1939	<i>Clarim</i>	-
72°	1939	<i>Panorama Estudantil</i>	-
73°	1939	<i>Raios de Luz</i>	-
74°	1943	<i>Os Argonautas</i>	-
75°	1944	<i>Igarapu</i>	-
76°	1944	<i>O Cálamo</i>	-
77°	Fev. 1944	<i>Boletim Comercial</i>	-
78°	Nov. 1944	<i>Boletim da Associação Comercial de Parnaíba</i>	-
79°	1944	<i>O Caixeiral</i>	-
80°	1944	<i>A Voz da Parnaíba</i>	-
81°	1945	<i>Estrela Azul</i>	-
82°	1946	<i>Renascimento</i>	-
83°	1947	<i>O Tempo</i>	-
84°	1947	<i>O Timoneiro</i>	-
85°	1947	<i>O Sumário</i>	-
86°	2 abr. 1947	<i>O Farol</i> (2ª fase)	-
87°	Fev. 1949	<i>Voz Trabalhista</i>	-
88°	Mar. 1949	<i>O Arauto</i>	-
89°	4 set. 1949	<i>A Ação</i>	-
90°	1949	<i>Cultura</i>	-
91°	1 jan. 1950	<i>Vox</i>	Gráfica Legionária

APÊNDICE VI – Cronologia das peças teatrais realizadas em Parnaíba, divulgadas no jornal *Nortista* (1900-1901).

QUADRO CRONOLÓGICO DE APRESENTAÇÕES TEATRAIS EM PARNAÍBA (1900-1901)			
DATA	TÍTULO	GÊNERO	GRUPO
Anteriores a 24 dez. 1900	<i>Osório</i>	Drama	-
	<i>15 de Novembro</i>	Drama	-
24 dez. 1900	<i>O Nascimento de Cristo</i>	Drama	-
24 jan. 1901	<i>O Último grito de Liberdade</i>	Drama	-
11 abr. 1901	<i>Miguel, o Torneiro</i>	Drama	-
	<i>Bendegó</i>	Monólogo	-
19 abr. 1901	<i>O Estudante e a Criada</i>	Comédia	-
	<i>Os Milagres de Santo Antônio</i>	Comédia	-
4 jun. 1901	<i>O Paralítico ou a Envenenadora</i>	-	Companhia Dramática
6 jun. 1901	<i>Uma Senhora Ilustrada</i>	Drama	-
	<i>A Força do Sexo Fraco</i>	Comédia	-
	<i>Cuscuz e na Padeira</i>	Comédia	-
	<i>Um Infanticídio</i>	Comédia	-
8 jun. 1901	<i>Voz do Sangue</i>	Drama	Companhia Dramática
	<i>O Diabo Atrás da Porta</i>	Comédia	Companhia Dramática
11 jun. 1901	<i>Amor por Anexins</i>	Comédia	-
	<i>F F F por R R R</i>	Comédia	-
	<i>Uma Advogada</i>	Drama	-
22 jun. 1901	<i>Moços e Velhos</i>	Comédia	Companhia Dramática
	<i>Mariquinhas do Apito</i>	Comédia	Companhia Dramática
	<i>Deus e a Natureza</i>	Drama	Companhia Dramática
30 jun. 1901	<i>O Fogo do Céu</i>	Drama	-
	<i>A Morte do Galo</i>	Comédia	-
4 jul. 1901	<i>A Vida na Capital Federal</i>	Comédia	-
13 jul. 1901	<i>O Beijo de Judas</i>	Drama	Companhia Dramática
17 jul. 1901	<i>Mosquitos por Cordas</i>	Comédia	-
20 jul. 1901	<i>A Morgadinha de Val Flor</i>	Drama	-
24 jul. 1901	<i>Deus e a Natureza</i>	Drama	Companhia Dramática
28 jul. 1901	<i>O Homem da Máscara Negra</i>	Drama	-
	<i>Dois Sargentos</i>	Drama	-
3 ago. 1901	<i>José do Telhado</i>	Drama	-
5 ago. 1901	<i>O Remorso Vivo</i>	Drama	Companhia Luso-Brasileira
15 ago. 1901	<i>D. César de Brazan</i>	Drama	-
22 ago. 1901	<i>A Dalila</i>	Drama	-
7 set. 1901	<i>Fé, Esperança e Caridade</i>	Drama	Companhia Luso-Brasileira
18 set. 1901	<i>Cabana do Pai Thomaz</i>	Drama	Companhia Luso-Brasileira
21 set. 1901	<i>A Vingança da Mulher</i>	Drama	Companhia Luso-Brasileira
	<i>As 2 Bengalas</i>	Comédia	Companhia Luso-Brasileira
8 out. 1901	<i>O Dinheiro do Diabo</i>	Drama	-
	<i>O Tipo Brasileiro</i>	Comédia	-
23 out. 1901	<i>A Tomada da Bastilha</i>	Drama	Companhia Luso-Brasileira
26 out. 1901	<i>A Tomada da Bastilha</i> (reapresentação)	Drama	Companhia Luso-Brasileira
31 out. 1901	<i>O Anjo da Meia-Noite</i>	Drama	Companhia Luso-Brasileira
7 nov. 1901	<i>O Poder do Ouro</i>	Drama	Companhia Luso-Brasileira

APÊNDICE VII – Cronologia de colaborações de Jonas da Silva em periódicos parnaibanos (1901-1948).

QUADRO DE COLABORAÇÕES DE JONAS DA SILVA EM PERIÓDICOS PARNAIBANOS (1901-1948)					
ORD.	ANO	DIA E MÊS	PERIÓDICO	TÍTULO	GÊNERO
1 ^a	1901	1 jan.	<i>Nortista</i>	“Anjo e Pantera”	Soneto
2 ^a	1901	9 jan.	<i>Nortista</i>	“Canário”	Soneto
3 ^a	1901	17 jan.	<i>Nortista</i>	“Faquir”	Soneto
4 ^a	1901	24 jan.	<i>Nortista</i>	“Paraguaia”	Soneto
5 ^a	1901	24 jan.	<i>Nortista</i>	“Turca”	Soneto
6 ^a	1901	9 fev.	<i>Nortista</i>	“Prussiana”	Soneto
7 ^a	1901	17 fev.	<i>Nortista</i>	“Paladinos vencidos”	Soneto
8 ^a	1901	2 mar.	<i>Nortista</i>	“Esplêndida”	Soneto
9 ^a	1901	9 mar.	<i>Nortista</i>	“Sempre-viva”	Soneto
10 ^a	1901	16 mar.	<i>Nortista</i>	“Introdução”	Soneto
11 ^a	1901	23 mar.	<i>Nortista</i>	“A Chácara”	Soneto
12 ^a	1901	6 abr.	<i>Nortista</i>	“Os gorjeios”	Soneto
13 ^a	1901	13 abr.	<i>Nortista</i>	“O sino”	Soneto
14 ^a	1901	20 abr.	<i>Nortista</i>	“Hino ao tétano”	Soneto
15 ^a	1901	18 mai.	<i>Nortista</i>	“Poetas mortos”	Soneto
16 ^a	1901	25 mai.	<i>Nortista</i>	“Morta”	Soneto
17 ^a	1901	1 jun.	<i>Nortista</i>	“No bosque”	Soneto
18 ^a	1901	8 jun.	<i>Nortista</i>	“Nápoles”	Soneto
19 ^a	1901	15 jun.	<i>Nortista</i>	“Plástica”	Soneto
20 ^a	1901	22 jun.	<i>Nortista</i>	“No Atlântico”	Dois sonetos
21 ^a	1901	29 jun.	<i>Nortista</i>	“Artista”	Soneto
22 ^a	1901	6 jul.	<i>Nortista</i>	“Ante um lenço”	Poema polimétrico
23 ^a	1901	13 jul.	<i>Nortista</i>	“Lembrança”	Soneto
24 ^a	1901	20 jul.	<i>Nortista</i>	“A Caverna”	Soneto
25 ^a	1901	27 jul.	<i>Nortista</i>	“Deusa”	Soneto
26 ^a	1901	3 ago.	<i>Nortista</i>	“Guarany”	Dois sonetos
27 ^a	1901	10 ago.	<i>Nortista</i>	“Metamorfose”	Soneto
28 ^a	1901	17 ago.	<i>Nortista</i>	“No Templo”	Soneto
29 ^a	1901	24 ago.	<i>Nortista</i>	“Judia”	Soneto
30 ^a	1901	31 ago.	<i>Nortista</i>	“Aspiração”	Soneto
31 ^a	1901	7 set.	<i>Nortista</i>	“Santa Tereza”	Dois sonetos
32 ^a	1901	14 set.	<i>Nortista</i>	“Ó Têmpora”	Soneto
33 ^a	1901	21 set.	<i>Nortista</i>	“Impressões Opostas”	Dois sonetos
34 ^a	1901	28. set.	<i>Nortista</i>	“Artista”	Soneto (republicado)
35 ^a	1901	5 out.	<i>Nortista</i>	“Ouvindo-te”	Soneto
36 ^a	1901	12 out.	<i>Nortista</i>	“Segredo”	Soneto
37 ^a	1901	19 out.	<i>Nortista</i>	“Amor Materno”	Soneto
38 ^a	1901	26 out.	<i>Nortista</i>	“Pecado Antigo”	Soneto
39 ^a	1901	2 nov.	<i>Nortista</i>	“Finis Terrae”	Dois sonetos
40 ^a	1901	9 nov.	<i>Nortista</i>	“José de Alencar”	Soneto
41 ^a	1901	15 nov.	<i>Nortista</i>	“Noturno”	Soneto
42 ^a	1901	23 nov.	<i>Nortista</i>	“Tuberculoso”	Soneto
43 ^a	1901	30 nov.	<i>Nortista</i>	“Querulo”	Soneto
44 ^a	1901	7 set. ³⁴⁷	<i>Nortista</i>	“Lago Maldito”	Soneto

³⁴⁷ Data publicada errada, pois que a sequência cronológica do número de edições é continuada; neste caso, o correto seria: 7 de dezembro.

45 ^a	1901	14 dez.	<i>Nortista</i>	“Palácio Real”	Soneto
46 ^a	1901	21 dez.	<i>Nortista</i>	“Guerreira”	Soneto
47 ^a	1901	28 dez.	<i>Nortista</i>	“Ódio”	Soneto
48 ^a	1910	3 jul.	<i>Semana</i>	“O Novo Riachuelo”	Soneto
49 ^a	1911	2 abr.	<i>Semana</i>	“José de Alencar”	Soneto
50 ^a	1911	13 ago.	<i>Semana</i>	“Lembrança”	Soneto
51 ^a	1911	20 ago.	<i>Semana</i>	“A Chácara”	Soneto
52 ^a	1911	27 ago.	<i>Semana</i>	“No templo”	Soneto
53 ^a	1911	3 set.	<i>Semana</i>	“O sino”	Soneto
54 ^a	1911	10 set.	<i>Semana</i>	“Segredo”	Soneto
55 ^a	1911	24 set.	<i>Semana</i>	“Canário”	Soneto
56 ^a	1911	15 out.	<i>Semana</i>	“Ao luar”	Soneto
57 ^a	1926	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Discurso na APL”	Discurso
58 ^a	1933	mai.	<i>Gléba</i>	“Coração”	Soneto
59 ^a	1935	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Aves de arribação”	Soneto
60 ^a	1940	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Terra Natal”	Soneto
61 ^a	1940	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Faróis”	Soneto
62 ^a	1941	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Cidade de Luiz Correia”	Soneto
63 ^a	1942	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Terra Mater”	Soneto
64 ^a	1942	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“As duas cidades”	Soneto
65 ^a	1942	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Buritizal”	Soneto
66 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Ortografia nova”	Soneto
67 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Antônio João”	Soneto
68 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O ladrão de livros”	Soneto
69 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A morte do ladrão de livros”	Soneto
70 ^a	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A mentira, a dúvida e a verdade”	Soneto
71 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Jandira e Julieta”	Soneto
72 ^a	1946	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Volta à terra natal”	Soneto
73 ^a	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Miguel Ângelo”	Soneto
74 ^a	1948	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Coração”	Soneto (republicado)
75 ^a	1948	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Floresta Negra”	Soneto

APÊNDICE VIII – Cronologia de colaborações de João Vieira Pinto em periódicos parnaibanos (1901-1947).

QUADRO DE COLABORAÇÕES DE JOÃO VIEIRA PINTO EM PERIÓDICOS PARNAIBANOS (1901-1940)					
ORD.	ANO	DIA E MÊS	PERIÓDICO	TÍTULO	GÊNERO
1 ^a	1901	1 jan.	<i>Nortista</i>	“A Seca”	Oração poética
2 ^a	1901	17 fev.	<i>Nortista</i>	“O inverno”	Crônica
3 ^a	1901	9 mar.	<i>Nortista</i>	“O coração de Jesus”	Quartetos
4 ^a	1901	6 abr.	<i>Nortista</i>	“A dor de Maria”	Crônica
5 ^a	1901	25 mai.	<i>Nortista</i>	“Deus”	Crônica
6 ^a	1901	1 jun.	<i>Nortista</i>	“O lavrador”	Oitavas em redondilha maior
7 ^a	1901	8 jun.	<i>Nortista</i>	“A orfãzinha”	Quartetos
8 ^a	1901	15 jun.	<i>Nortista</i>	“Os livros”	Crônica
9 ^a	1901	29 jun.	<i>Nortista</i>	“O professor”	Crônica (a José de Miranda)
10 ^a	1901	6 jul.	<i>Nortista</i>	“Mãe”	Crônica
11 ^a	1901	13 jul.	<i>Nortista</i>	“Saudades de Parnaíba”	Crônica (a Luiz de Moraes Correia)
12 ^a	1901	20 jul.	<i>Nortista</i>	“Saudação”	Quartetos em redondilha maior
13 ^a	1901	27 jul.	<i>Nortista</i>	“Virgem loura”	Soneto (versos com seis sílabas)
14 ^a	1901	10 ago.	<i>Nortista</i>	“Mulher”	Crônica
15 ^a	1901	17 ago.	<i>Nortista</i>	“As lágrimas”	Crônica
16 ^a	1901	7 set.	<i>Nortista</i>	“A infeliz”	Quartetos
17 ^a	1901	21 set.	<i>Nortista</i>	“A luz”	Crônica
18 ^a	1901	28 set.	<i>Nortista</i>	“Mãe”	Soneto
19 ^a	1901	19 out.	<i>Nortista</i>	“Amor”	Crônica
20 ^a	1901	26 out.	<i>Nortista</i>	“A virtude”	Crônica
21 ^a	1901	9 nov.	<i>Nortista</i>	“Noiva”	Sextilhas em redondilha maior
22 ^a	1901	15 nov.	<i>Nortista</i>	“Cenas da vida campestre”	Crônica (a Ramos Filho)
23 ^a	1901	30 nov.	<i>Nortista</i>	“Maria”	Quartetos em redondilha maior
24 ^a	1901	7 set.	<i>Nortista</i>	“A virgem”	Crônica
25 ^a	1901	14 dez.	<i>Nortista</i>	“O trabalho”	Crônica (aos sertanejos)
26 ^a	1901	21 dez.	<i>Nortista</i>	“Coração”	Soneto
27 ^a	1901	28 dez.	<i>Nortista</i>	“Natal”	Sextilhas em redondilha maior
28 ^a	1911	23 abr.	<i>Semana</i>	“Maldito amor”	Soneto
29 ^a	1911	10 set.	<i>Semana</i>	“A mulher virtuosa”	Quartetos em redondilha maior
30 ^a	1925	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“24 de janeiro”	Oitavas
31 ^a	1925	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Maldito amor” (republicado)	Soneto
32 ^a	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O município de Amarração”	Conferência
33 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“As lágrimas”	Crônica (republicada)
34 ^a	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A Vida”	Crônica
35 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Humberto de Campos”	Ensaio biográfico
36 ^a	1940	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“A indústria salineira no município de Luiz Correia”	Ensaio
37 ^a	1947	12 jun.	<i>A Tribuna</i>	“A lição da Natureza”	Artigo

APÊNDICE IX – Cronologia de colaborações de Francisco Basto no *Nortista* (1901).

QUADRO DE COLABORAÇÕES DE FRANCISCO BASTO NO JORNAL <i>NORTISTA</i> (1901)					
ORD.	ANO	DIA E MÊS	PERIÓDICO	TÍTULO	GÊNERO
1 ^a	1901	1 jan.	<i>Nortista</i>	“Um beijo”	Soneto
2 ^a	1901	17 jan.	<i>Nortista</i>	“Êxtase”	Soneto
3 ^a	1901	24 jan.	<i>Nortista</i>	“O grito da Independência”	Sextilhas
4 ^a	1901	9 fev.	<i>Nortista</i>	“Orgulho”	Soneto
5 ^a	1901	2 mar.	<i>Nortista</i>	“Fugitiva”	Soneto
6 ^a	1901	13 abr.	<i>Nortista</i>	“Minha flauta”	Soneto
7 ^a	1901	18 mai.	<i>Nortista</i>	“Vingança”	Soneto
8 ^a	1901	8 jun.	<i>Nortista</i>	“Soturno”	Soneto
9 ^a	1901	29 jun.	<i>Nortista</i>	“Oráculo”	Soneto
10 ^a	1901	6 jul.	<i>Nortista</i>	“Divina Fala”	Soneto
11 ^a	1901	27 jul.	<i>Nortista</i>	“Hesitando”	Soneto
12 ^a	1901	10 ago.	<i>Nortista</i>	“Embora...”	Soneto
13 ^a	1901	21 set.	<i>Nortista</i>	“Desespero”	Soneto

APÊNDICE X – Cronologia de colaborações de Armando Madeira em periódicos parnaibanos (1901-1945).

QUADRO DE COLABORAÇÕES DE ARMANDO MADEIRA EM PERIÓDICOS PARNAIBANOS (1901-1945)					
ORD.	ANO	DIA E MÊS	PERIÓDICO	TÍTULO	GÊNERO
1 ^a	1901	24 jan.	<i>Nortista</i>	“A data de hoje”	Artigo
2 ^a	1901	29 jun.	<i>Nortista</i>	“Imodesto”	Soneto
3 ^a	1901	6 jul.	<i>Nortista</i>	“O rio”	Soneto
4 ^a	1901	20 jul.	<i>Nortista</i>	“Paladino”	Soneto (a F. Basto)
5 ^a	1901	27 jul.	<i>Nortista</i>	“Paladino” (revisado)	Soneto (a F. Basto)
6 ^a	1901	31 ago.	<i>Nortista</i>	“Miséria”	Soneto
7 ^a	1901	7 set.	<i>Nortista</i>	“7 de Setembro”	Artigo
8 ^a	1901	2 nov.	<i>Nortista</i>	“Dia de Finados”	Crônica
9 ^a	1901	21 dez.	<i>Nortista</i>	“Três fases” (“Infância”, “Mocidade” e “Velhice”).	Tercetos
10 ^a	1926	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O Rio”	Soneto
11 ^a	1934	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Perspectivas”	Ensaio
12 ^a	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Transportes: o grande problema”	Artigo

APÊNDICE XI – Cronologia de colaborações de Francisca Montenegro em periódicos parnaibanos (1901-1932).

QUADRO DE COLABORAÇÕES DE FRANCISCA MONTENEGRO EM PERIÓDICOS PARNAIBANOS (1899-1932)					
ORD.	ANO	DIA E MÊS	PERIÓDICO	TÍTULO	GÊNERO
1 ^a	1899	-	<i>Polyanthéa</i>	“D. Luiza Amélia”	Quartetos
2 ^a	1901	1 jan.	<i>Nortista</i>	“Desconforto”	Quintilhas
3 ^a	1901	17 jan.	<i>Nortista</i>	“O teu perfil”	Cromo
4 ^a	1901	24 jan.	<i>Nortista</i>	“24 de janeiro”	Poema sem forma fixa
5 ^a	1901	20 abr.	<i>Nortista</i>	“Se me amasses”	Soneto
6 ^a	1901	27 jul.	<i>Nortista</i>	“Tristeza”	Soneto
7 ^a	1910	19 jul.	<i>Semana</i>	“Devaneio”	Poesia
8 ^a	1910	21 ago.	<i>Semana</i>	“Vem”	Quartetos
9 ^a	1910	25 dez.	<i>Semana</i>	“Saudade eterna”	Soneto
10 ^a	1915	4 abr.	<i>A Cruz</i>	“Deus!”	Poesia
11 ^a	1932	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Deus! amor e caridade”	Poesia

APÊNDICE XII – Cronologia de colaborações de Edison Cunha em periódicos parnaibanos (1927-1950).

QUADRO DE COLABORAÇÕES DE EDISON CUNHA EM PERIÓDICOS PARNAIBANOS (1927-1950)					
ORD.	ANO	DIA E MÊS	PERIÓDICO	TÍTULO	GÊNERO
1ª	1927	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Alto Negócio”	Conto
2ª	1928	19 set.	<i>A Praça</i>	“Higino Cunha (IV)”	Crônica
3ª	1933	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Lágrimas Secas”	Conto
	1933	Mai.	<i>Gleba</i>	“São Benedito”	Crônica
	1933	Jul.	<i>Gleba</i>	“A Voz do Sino”	Crônica
	1936	Jun.	<i>Harpa</i>	“Atualidades”	Artigo
4ª	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O farol”	Soneto
5ª	1943	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Jurista, poeta e patriota”	Crítica
6ª	1944	-	<i>A Voz da Parnaíba</i>	“Com o sindicato dos professores”	Ensaio
7ª	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Higino Cunha: comerciante”	Crônica
8ª	1945	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Um caso forense”	Crônica
9ª	1946	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Estrangulado”	Crônica
10ª	1946	23 abr.	<i>O Norte</i>	“Um escritor piauiense”	Crítica
11ª	1946	9 mai.	<i>O Norte</i>	“Depois de uma leitura”	Crítica
12ª	1946	3 ago.	<i>O Norte</i>	“E ele não matou o gato”	Crônica
13ª	1947	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O sertanejo e sua fé”	Crônica
14ª	1947	29 abr.	<i>O Norte</i>	“Novos Rumos”	Artigo
15ª	1947	27 ago.	<i>O Norte</i>	“A Senadoria de São Paulo”	Artigo
16ª	1948	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“O filho”	Conto
17ª	1948	-	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	“Conselhos lapidares do Quixote”	Crítica
18ª	1949	jan.	<i>Cultura</i>	“O banquete de meu batizado”	Crônica
19ª	1949	jan.	<i>Cultura</i>	“Teodoro Bicanca”	Crítica
20ª	1950	ago.	<i>Cultura</i>	“Aventureiros”	Ensaio
21ª	1950	ago.	<i>Cultura</i>	“Estas mulheres: não cobiçarás”	Conto
22ª	1950	ago.	<i>Cultura</i>	“Estas mulheres: em casa de caboclo”	Conto
23ª	1950	ago.	<i>Cultura</i>	“Estas mulheres: um ajuste estranho”	Conto

APÊNDICE XIII – Quadro de colaboradores e produções em *Gleba* (1933-1934).

QUADRO DE COLABORADORES E PRODUÇÕES EM <i>GLEBA</i> (1933-1934)			
EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	GÊNERO
Nº 1 (Maio de 1933)	Armando Basto	Mais Luz!	Editorial
	Astolpho Serra	Simplicidade	Poesia
	Dino Silva	Judas	Crônica
	Felix Ayres	Folclore	Coletânea
	Miracy	Teu cravo	Soneto
	Marcia de Queiroz	Recordando...	Crônica
	João Aragão	Possível ocorrência do carvão de pedra no Estado do Piauí	Artigo
	Jonas da Silva	Coração	Soneto
	Vespasiano Ramos	Ao Cristo	Soneto
	Edison Cunha	São Benedito	Artigo
	R. Petit	Conjecturando	Tercetos e quartetos
	Alarico da Cunha	O grã-mistério...	Poesia
	Jopafor	Entre vírgulas	Conto
	Don Pablo	Grãos de areia	Aforismos
	Silva Junior	Carta esquecida	Poesia
	Mello Sobrinho	Postal	Crônica
	Bacelar Portela	Einstein	Artigo
Nº 2 (Junho de 1933)	NÃO LOCALIZADO		
Nº 3 (Julho de 1933)	João Francisco	Erro histórico	Artigo
	Mello Sobrinho	Cismando...	Conto
	Armando Basto	Retrospectos	Crônica
	Felix Ayres	Poeta	Soneto
	Juvenal Araújo	Casa de pobre	Crônica
	Alarico da Cunha	O problema da educação	Artigo
	R. Petit	Benu da Cunha	Soneto
	Menezes Junior	Minha cigarra	Soneto
	João Aragão	Possível ocorrência do carvão de pedra no Estado do Piauí	Artigo
	João das Confusões	Advérbios ou interjeições	Crítica
	Moacir Cunha	Prof. Honório Martins Ferreira	Biografia
Nº 4 (Agosto de 1933)	Nascimento Araújo	Trovador infeliz	Crônica
	Don Pablo	Grãos de areia	Aforismos
	Ribamar Ramos	Vingança cabocla	Conto
	Estevam Ribas	Coisas da vida	Conto
	Fonseca Mendes	Macumba	Crônica
	Tabajara D'Aratanha	...Uma mulher diferente	Crônica
	D. Xiquete	Xiquete... Tadas	Crônica
	Edison Cunha	A voz do sino	Crônica
	Felix Ayres	O papagaio...	Cromo
		Folclore	Coletânea
	Armando Basto	Mãe Preta	Crônica
	Álvaro Vêras	Numismática	Artigo
	Alarico da Cunha	História dum álbum	Crônica
	Tobias Duarte	Caderno de confidências	Crônica
	Fonseca Mendes	Reformismo	Editorial
	Brandão Costa	Bom Barquinho	Crônica
		Parnaíba	Poesia
	Alda Cunha	Lucubrações	Crônica
	Lima Rebelo	7 de Setembro	Artigo

Nº 5 (Setembro de 1933)	Alarico da Cunha	A efígie de Cristo	Artigo
	Felix Ayres	Folclore	Coletânea
	Israel Correia	7 de Setembro	Artigo
	Ney Roma	Postal	Crônica
	Felix Ayres	O vento	Cromo
	D. Xiquete	Xiquete... Tadas	Crônica
Nº 6 (Outubro de 1933)	R. Petit	Cinzas	Soneto
	Fonseca Mendes	Vencendo ou convencendo?	Artigo
	Aldo Cavét	Ó lua!	Poesia
	Armando Madeira	Much ado about nothing	Artigo
		Iando você	Poesia
	Ney Roma	Destino...	Crônica
	Moura Rego	O mudo	Soneto
		Aparência dolorosa	Soneto
	João Francisco	Poesia gaúcha	Crítica
	F. Lordina	Melancolia	Soneto
	Matilde (Maria Estela Costa)	Oração aos moços	Crônica
	D. Xiquete	Xiquete... Tadas	Crônica
Nº 7 (Novembro de 1933)	Anselmo Ribas	Ilusões desfeitas	Crônica
	Fonseca Mendes	Cegos	Editorial
		O meu batel de esperanças	Poesia
	F. Lordina	Oração à Lua	Crônica
	Remato Castelo Branco	Meus Pais	Poesia
	Jader de Carvalho	Terra Bárbara	Poesia
	João Francisco	Do meu diário	Crônica
	Aldo Cavét	Psicologia de um tuberculoso	Crônica
	Armando Madeira	Ler...	Artigo
	Felix Ayres	Folclore	Coletânea
		Rosa...	Soneto
	Berilo Neves	Palavras de incentivo	Carta
	Moura Rego	O ébrio	Soneto
		Inquietação	Soneto
	Brandão Costa	Roda Gigante	Crônica
	D. Xiquete	Xiquete... Tadas	Crônica
Nº 8 (Dezembro de 1933)	NÃO LOCALIZADO		
Nº 9 (Janeiro de 1934)	Manoel Sobrinho	Lágrimas	Soneto
	K. Brito	O papel do Brasil na política americana	Artigo
	R. Petit	O canário de Bertha	Soneto
	Nascimento Araújo	Se fosse hoje dia de Natal	Crônica
	Armando Basto	Criticar...	Crítica
	José de Souza Brandão	O integralismo	Crônica
	Lauro Silvio	As estações	Quartetos
	Vidal de Freitas	Soneto	Soneto
	Eliza dos Anjos	Divagações	Crônica
	Edgar Correia	Parnaíba: a gleba das glebas	Crônica

APÊNDICE XIV – Quadro de colaboradores e produções em *Harpa* (1936).

QUADRO DE COLABORADORES E PRODUÇÕES EM <i>HARPA</i> (1936)			
EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	GÊNERO
Nº 1 (Maio de 1936)	R. Petit	Harpejos	Quadras
	Torres de Araújo	A higiene buco-dentária	Artigo
	Valdo Lira	Bronzeada	Crônica
	Aramis	Flor de Liz	Carta
	Alarico da Cunha	Bons e maus ladrões	Artigo
	Zé Paíba	O ex-matuto	Crônica
	Alice Barros Vêras	O grande mal	Artigo
	Sônia	Minha prima Ruth	Carta
	Lívio Pacheco	Instrumento público	Soneto
	Elias Magalhães	Comadre Inês	Crônica
Nº 2 (Junho de 1936)	R. Petit	Junho	Cromo
		Harpejos	Quadras
	Edison Cunha	Atualidades	Artigo
	Sônia	Prima Ruth	Carta
	Alice Barros Vêras	Disseminando ideias de outros (I)	Artigo
	Alarico da Cunha	O sertanejo nortista	Crônica
	Torres de Araújo	Os dentes dos seis anos	Artigo
	Jesus Martins	Praça da Graça	Crônica
	Prêntice da Cunha	Vida de caboclo	Soneto
	Colombo de Oliveira	Parnaíba	Quartetos
Nº 3 (Jul.-Ago. de 1936)	Fonseca Mendes	Crônica histórica	Artigo
	Lirgos	Felicidade!...	Crônica
	R. Petit	Poema das flores	Poesia
	Osias Gomes	Apanágio	Crítica
	Alda Cunha	A Poesia	Artigo
	Alice Barros Vêras	Disseminando ideias de outros (II)	Artigo
	Felix Ayres	Andorinhas da Praça da Graça	Soneto
	Ribamar Pereira	Amor supremo	Soneto
	Moura Rego	O ladrão	Poesia
	Euclides de Miranda	A mentira	Artigo
	Alarico da Cunha	O homem e os animais	Artigo
	Lívio Pacheco	Esperança e futuro	Soneto
	Edgar Correia	Miragem	Poesia
	Sônia	Minha querida Ruth	Carta
	Torres de Araújo	Infecções dentárias	Artigo
	Leão do Norte	Má ausência	Crônica
	Angélica de Melo	Redivivo	Soneto
	Ivanisa	Paisagem...	Crônica

APÊNDICE XV – Quadro de colaboradores e produções em *Raios de Luz* (1939-1950).

QUADRO DE COLABORADORES E PRODUÇÕES EM <i>RAIOS DE LUZ</i> (1939-1950)			
EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	GÊNERO
Nº 1 (1939)		NÃO LOCALIZADO	
Nº 2 (1940)		NÃO LOCALIZADO	
Nº 3 (1941)		NÃO LOCALIZADO	
Nº 4 (1942)		NÃO LOCALIZADO	
Nº 5 (1943)		NÃO LOCALIZADO	
Nº 6 (1944)		NÃO LOCALIZADO	
Nº 7 (1945)		NÃO LOCALIZADO	
Nº 8 (1946)		NÃO LOCALIZADO	
Nº 9 (1947)		NÃO LOCALIZADO	
	Bispo Felipe Condurú	Não, de morte, mas, de cruz, de vida!	Crônica
	José Rodrigues e Silva	O centenário do “Manifesto Comunista”	Artigo
	P. S.	Morte de uma virgem	Soneto
		Enlevos ao pôr do sol	Crônica
	Mons. Roberto Lopes	Lembrança da 4ª série	Crônica
	R. D.	Perfil do 1º ano técnico de contabilistas	Quartetos em redondilha maior
		O sofrimento	Soneto
		A semana de Assistência Social	Reportagem
	Maria da Penha Fonte	Ação social do professor	Artigo
	Francisca França de Araújo	As virtudes Teológicas	Conto
	Soares D’Azevedo	A hora é dos leigos...	Crônica
	Equililérico Nogueira	Criança preguiçosa	Artigo
	Cléa Furtado de Araújo	Necessidade da Educação Cívica	Artigo
	Darcy F. Araújo	Petróleo e Agitação	Artigo
	Maria do Carmo Monteiro Sampaio	Façamos do tempo o nosso tesouro de glória eterna	Artigo
	José de Albuquerque Galas	Maio	Crônica
	Sória Lima dos Santos	Um gênio da música	Biografia
	Clarindo Elesbão de Cerqueira	Matemática e poesia	Artigo
	José Ribamar Pacheco	Doutrina humana	Artigo
	J. Euclides de Miranda	O caráter	Artigo
	José Bonifácio de Sousa	Relembrando Guararapes	Artigo
	Maria do Socorro Melo	Santa Catarina de Sena	Biografia
	Maria Sulamita F. Pinto	Como educar	Artigo
	Mirócles de Campos Vêras	Primeira Semana de Assistência Social	Artigo
	Alda Miranda	Fim de tarde	Quartetos
	Maria do Carmo Oliveira	A álgebra	Artigo
	Altair de Almeida Lima	Dia feliz	Crônica
	Maria Sampaio Santos	Drama da floresta	Conto
	M. F. Frazão	O amor	Artigo
	Jesuina Sousa	Término de curso	Crônica

Nº 10 (1948)	Ugalde Lima dos Santos	No sertão	Crônica
	Ana Vilma Menezes Costa	O Sorriso e a Dor	Artigo
	Gloris Coelho de Almeida	Meu Maranhão	Crônica
	Margarida Baluz	A cruz da estrada	Conto
	Maria de Nazaré Nunes	O bandido	Conto
	Marlite Mota Soares	O homem e a ciência	Artigo
	Ana Machado Cerqueira	Despedida...	Crônica
	Francisca das C. N. de Carvalho	As árvores	Artigo
	Doralice Bacelar Craveiro	Sombra que passa	Crônica
	Mercedes Vieira da Silva	Meu livro preferido	Crônica
	Célia Maria Neves Rodrigues	Meditando...	Artigo
	Olga de Alencar Machado	Os rumos do futuro	Crônica
	Maria Celeste Fortes Magalhães	Alvorada	Crônica
	Maria Coeli Galvão Pedrosa	O mendigo	Conto
	Felicidade Maria Veras	Heroína	Conto
	Dinah Ribeiro dos Santos	A borrasca	Conto
	Bernadete Freitas Costa	Às vésperas da partida	Crônica
	Teresinha Ramos Sales	O novo mandamento	Artigo
	Maria do Socorro Barros	Tesouro indestrutível	Artigo
	Maria Luiza de Araújo Cecy Carvalho	Noite tropical	Crônica
		O sino da velha capela	Conto
	Maria Zilda Correia Neves	Quadra inesquecível d minha vida	Crônica
	Zélia de Sousa Rodrigues	Mocidade – promessa de futuro	Artigo
	Maria Beliza de Carvalho Costa	Primeiras águas	Crônica
	Maria da Graça Sá Antunes	Meditações sobre a virgem	Artigo
	Magaly Couto Basto	A voz eterna	Artigo
	Francisca de Assiz Santos	Como nasceu o “grêmio”	Crônica
	Maria da Graça Pires Costa	Ariana	Crônica
	Tereza de Jesus Pires Costa	A marcha do tempo	Crônica
	Maria Teodora de Sousa	Os que seguem a Cristo	Artigo
	Carmencita Coelho de Almeida	A nostalgia do Velho Campanário	Conto
	Rosalina de Araújo Bacellar	Sofrer com heroísmo	Crônica
	Fátima de Carvalho	O retiro espiritual	Artigo

	Sabry		
	Maria Ivanice Faria Basto	O palhaço	Conto
	Maria Helena M. Costa	Sofrer é viver	Crônica
	Maria do Carmo Freitas	Um sonho...	Conto
	Maria Augusta R. Veloso	Nosso Brasil	Artigo
Nº 11 (1949)	NÃO LOCALIZADO		
Nº 12 (1950)	Jeanete Moraes Souza	Meu Brasil	Quartetos
		Salve, ó Madre	Sextilhas
	Bispo Felipe Condurú	O ar iluminado e o fogo incandescente	Crônica
		Discurso de Paraninfo aos neo-professores da Escola Normal Nsa. Sra. Das Graças	Discurso
	Helena Beltrão de Castro	A Ação Católica	Artigo
	Yedda Normandia Paschoal	Impressões da Maratona Catequética Nacional	Crônica
	Rita Evangelista Maneses	Saudação à madre Ester Verità	Crônica
	Quirina Braga Meneses	As quatro...	Quartetos
	Maria do Socorro Boavista Barros	Brinquedos infantis	Crônica
	Coriolano Neto	Liberdade e progresso	Artigo
	Francisca Maria L. Mascarenhas	Uma saudade imperecível	Crônica
		Página de gratidão	Crônica
		Santa Teresinha, a Florinha do Camelo	Biografia
	Araci Reis da Graça	O fim de meu curso ginasial	Crônica
	Diná C. Pereira	Praça da Graça	Artigo
	Francisca F. Aragão	A igreja Matriz	Artigo
	Francisca Nascimento	Como se educa um pobre	Crônica
	Maria Elisa Linhares	Meu Ceará	Crônica
	Douglas	A madre...	Quartetos
	Maria Filizola Aragão	José de Alencar – o grande romancista indígena	Biografia
	Maria do Rosário P. Castelo Branco	Uma viagem ao Rio	Crônica
	Mércia Maria Veiga de Alencar	A vida de um pescador	Artigo
	Nise Caldas Ramos	A Quarenta	Artigo
	Nadir de Araújo	Convento São Sebastião	Artigo
	Rita Evangelista de Menezes	Jesus na eucaristia	Artigo
	Maria de Jesus Bastos	As praias de São Luís do Maranhão	Artigo
	Frei Marcelino Milão	Viver para voar	Crônica
	C. C. N.	Adeus	Poesia
	Inocência Félix	O C.E.P. – sua finalidade	Artigo

APÊNDICE XVI – Quadro de colaboradores e produções em *Cultura* (1949).

QUADRO DE COLABORADORES E PRODUÇÕES EM CULTURA (1949-1950)				
EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	GÊNERO	
Nº 1 (Janeiro de 1949)	Rossini Thalez Couto	Parnaíba e o problema de sua urbanização	Palestra	
	Arnaldo de Sousa Brandão	Os preventórios e a profilaxia da lepra	Palestra	
	José Ribamar Sales	Incompatibilidades medicamentosas	Palestra	
	Pe. Antônio Monteiro Sampaio	Sugestões para uma Educação Rural	Palestra	
	Agatônio Romero da Cunha	O Porto de Amarração	Palestra	
	Raimundo Ferraz Filho	O capital e o trabalho	Palestra	
	Jesus Martins	Sonhos...	Soneto	
		As revoluções do ponto de vista do direito do homem	Palestra	
	Edison Cunha	O banquete do meu batizado	Crônica	
Teodoro Bicanca		Crítica		
Nº 2 (Maio de 1949)	Renato Castelo Branco	O eixo Rio-São Paulo	Artigo	
	Solfiere Teive	Considerações sobre o exame pré-nupcial	Artigo	
	Lauro Andrade Correia	O Petróleo no Brasil	Artigo	
	José Pinheiro Machado	O negro no problema social dos Estados Unidos	Palestra	
	Heráclito Sousa	A guerra aos bacharéis	Artigo	
	Moacir Cunha	Rumo ao futuro	Artigo	
	Raimundo Ferraz Filho	Parnaíba precisa de vias de transporte	Artigo	
	Thomaz Catunda	O coqueiro	Soneto	
	Joel de Oliveira	Parnaíba através dos tempos	Artigo	
	Oliveira Neto	A neve dos anos	Soneto	
	Arnaldo Sousa Brandão	A cidade do Salvador num retalho de saudade	Crônica	
	Cândido Ataíde	O quarto centenário da cidade de Salvador	Artigo	
	Mariano Sousa	Bahia Eterna	Artigo	
	Lauro Andrade Correia	Discurso de posse na Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural	Discurso	
	Alberto Tavares Silva	Discurso de recepção de Lauro Andrade Correia na Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural	Discurso	
		Pe. Antônio Sampaio	Esteira percorrida	Crônica
		Edgar Nascimento	Problemas sociais	Artigo
		Mariano Sousa	Sobre o plano salte no setor Saúde	Artigo
		Edison Cunha	Aventureiros	Ensaio
João Silva Filho		Educação Física no sexo feminino	Artigo	
Oliveira Neto		Higino Cunha: o mestre	Crítica	
Luiz Carneiro		Impressões de uma viagem	Crônica	
Cândido Ataíde		O nosso município também foi lesado	Artigo	
	Heitor de Souza	Aspectos da formação étnica brasileira	Artigo	

Nº 3 (Agosto de 1950)	Walterdes Sampaio	Mortalidade infantil por tuberculose	Artigo
	Edison Cunha	Estas mulheres...: Não cobiçarás	Conto
		Estas mulheres...: Em casa de caboclo	Conto
		Estas mulheres...: Um ajuste estranho	Conto
	Zito Batista	Monólogo de um cego	Poesia
	Oliveira Neto	7 de setembro	Soneto
		Selvagem	Soneto
		Da Costa e Silva	Crítica
	Solfiere Teive	História do átomo	Artigo
	Benedicto Jonas Correia	Discurso de posse na Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural	Discurso
	Raimundo Ferraz Filho	Discurso de recepção de Benedicto Jonas Correia na Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural	Discurso
	Joaquim Custódio	Discurso de posse na Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural	Discurso
	Benedicto Jonas Correia	Discurso de recepção de Joaquim Custódio na Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural	Discurso
	Arnaldo Brandão	Celso Pinheiro	Crítica
	Felício Pinto	Da Costa e Silva e Celso Pinheiro	Crítica

APÊNDICE XVII – Quadro de colaboradores e produções em *O Arauto* (1949-1950).

QUADRO DE COLABORADORES E PRODUÇÕES EM <i>O ARAUTO</i> (1949-1950)			
EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	GÊNERO
Nº 1	NÃO LOCALIZADO		
Nº 2 (Junho de 1949)	Alarico da Cunha	Os Dias Grandes no Sertão	Ensaio folclórico
	Renato Castello Branco	Resposta a Thomaz Leite	Crônica
	Benedicto Jonas Correia	O Padre Leonel Franca	Crônica
		Retalhos...	Trechos
	R. Fonseca Mendes	A Madrinha	Conto
	Antonio Albecy Thomaz	Problemas da Nova Geração	Artigo
	M. Nunes	Lira Abandonada	Soneto
	Thomaz Leite Neto	A Instrução no Brasil	Artigo
	Alarico da Cunha Junior	Mensagem ao “O Arauto”	Crônica
	F. Assis Veloso	O Piauí e os Transportes	Artigo
Nº 3 (Setembro de 1949)	Lauro Andrade Correia	Considerações sobre o Babaçu	Artigo
	F. Assis Veloso	Joaquim Nabuco	Artigo
	Antero Cardoso Filho	7 de Setembro, Data Gloriosa!	Artigo
	Benedicto Jonas Correia	Um Ensaísta do Nordeste	Crítica
		Palavras à Professora Primária	Palestra
	Lauro Andrade Correia	Considerações sobre a Carnaúba	Palestra
	Joaquim Custódio	Caxias, Patrono do Exército Brasileiro	Palestra
	Felício Pinto	Epístola ao Mestre	Dois sonetos
		A Árvore e o Menino	Conto
	Thomaz Leite Neto	O Analfabetismo	Artigo
	A. Thomaz	Santana	Soneto
	Antonio Albecy Thomaz	Agricultura: Salvação da Economia Nacional	Artigo
Nº 4	NÃO LOCALIZADO		
Nº 5 (Março de 1950)	João Paulo dos Reis Veloso	O Sentido do Nosso Nacionalismo	Crítica
	Maria do Carmo Oliveira	A Carnaúba: sua importância na economia piauiense	Artigo
	Francisco Portela de Sampaio	Males do Nosso Tempo	Palestra
	Benedicto Jonas Correia	O Poeta Manuel Bandeira	Crítica
	Lauro Correia	Ceras Vegetais	Artigo
	M. Nunes	Horizonte Perdido	Soneto
	Felício Pinto	Considerações sobre “Seara Humilde” (1943)	Crítica
		Um Grande Mágico do Pincel	Crônica
	Alarico da Cunha	A Vida é Tudo	Crônica
	Lago Burnett	Variações sobre a Chuva	Sextilhas

APÊNDICE XVIII – Quadro de colaboradores e produções em *Panorama Estudantil* (1939).

QUADRO DE COLABORADORES E PRODUÇÕES EM <i>PANORAMA ESTUDANTIL</i> (1939)			
EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	GÊNERO
Nº 1	NÃO LOCALIZADO		
Nº 2 (Junho de 1939)	Francisco Carvalho Costa	Parnaíba	Crônica
	Pedro Teles	Vidas que se extinguiram...	Crônica
	Nicanor Barreto	Aos meus amigos de “Panorama Estudantil”	Crônica
	Paixão Filho	Não ler	Artigo
		R. Petit	Crítica
	L.A.C.	França	Artigo
	Renato Castelo Branco	Os dezoito do forte	Quartetos
	Celso Pinheiro	Colar poético: Maria	Soneto
	Adolpho Santos	Lembrança	Soneto
	Ramon	O que vi ontem, o que vejo hoje	Crônica
	Nito	Três homens e um pensamento	Conto

APÊNDICE XIX – Quadro de colaboradores e produções em *A Voz da Parnaíba* (1944).

QUADRO DE COLABORADORES E PRODUÇÕES EM <i>A VOZ DA PARNAÍBA</i> (1944)			
EDIÇÃO	AUTOR	TÍTULO	GÊNERO
Nº 1 (-- de 1944)	João Campos	Dr. Leônidas de Castro Melo	Artigo
		A paz	Crônica
		O teco-teco	Crônica
	Edison Cunha	Com o Sindicato dos Professores	Artigo
	Lima Couto	Saudação à juventude	Discurso
		13ª turma de concludentes e a 2ª de licenciados pela “Reforma Capanema”	Discurso
	Darcy Araújo	Sobre o negro no Piauí	Artigo
	Raul de Freitas	Conselhos de amigo	Soneto
	José Nicodemos Fonte	O ensino profissional e técnico	Artigo
	Maria Vêras da Silveira	Humberto de Campos	Biografia
	Cândido Athayde	A criança delinquente e seus remédios	Conferência
	Mário Andrade Correia	O mar e o sertão	Crônica
		Ser poeta	Ensaio
	Francisco Ernani Dutra	Noite de Natal	Crônica
	Maria de Jesus Bompert	Nas tramas da guerra	Artigo
	Vicente Araújo	O caboré	Soneto
	Braga Montenegro	Poema	Septilhas
	Cândida Maria Rocha	Parnaíba é sempre Parnaíba	Crônica
	Jesuila Marinho Gonçalves	Spring	Crônica
		Minha homenagem	Quarteto
	Socorro Costa	10 de novembro	Artigo
	Luís Santos de Morais	Brasil	Artigo
	Sofia Germana	Recordando	Crônica
	Pe. Áureo José Ramos de Oliveira	Ecos...	Discurso
	Benedito Soares	Um convocado	Conto
	Portela Chaves	Dupla renúncia	Conto
Nº 2 (Dezembro de 1944)	A. Pessoa	A Parnaíba que eu vi	Crônica
	Mons. Roberto Lopes	A influência de Maria em nossa vida	Artigo
	Samuel Santos	O teorema de Pitágoras	Artigo
	João Campos	Parnaíba	Artigo
	Vicente Araújo	Ponto	Poesia
		Esperança	Poesia
	H. G. de Oliveira	Transição do ensino no Brasil	Artigo
	Maria Vêras	O sentimento nacionalista do nosso sertanejo	Crônica
	Carlos Araken Correia Rodrigues	Pátria, civilização e progresso	Crônica
	Euclides de Miranda	A moral na vida dos povos	Artigo
	Clodoveu Cavalcante	O Ginásio Parnaibano em 1944	Discurso
	Uchoa de Menezes	O meu dia	Sextilhas
	Camilo Mota Lima	Despedida	Soneto
		À França	Quadras
	Humberto Teles	Avante França!	Soneto

APÊNDICE XX - Quadro sinótico de empresas gráficas parnaibanas que imprimiram periódicos na cidade (1891-1950).

QUADRO SINÓTICO DE EMPRESAS GRÁFICAS PARNAIBANAS QUE IMPRIMIRAM PERIÓDICOS NA CIDADE (1891-1950)			
EMPRESA	PERIÓDICO	PERÍODO	N.º DE EDIÇÕES
Gráfica Americana	<i>Raios de Luz</i>	1948	1
	<i>Cultura</i>	1949, 1950	3
	<i>O Arauto</i>	1949, 1950	5
	<i>Boletim da Associação Comercial de Parnaíba</i>	1944, 1945, 1947	8
	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	???	?
Tipografia São José	<i>Raios de Luz</i>	1950, 1952, 1953	3
Tipografia Silva	<i>Gléba</i>	1933, 1934	9
	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	1932, 1933, 1934	3
Tipografia Comercial	<i>A Voz da Parnaíba</i>	1943, 1944	2
	<i>O Cálamo</i>	1944	1
	<i>Renascimento</i>	1946	6
	<i>Voz Trabalhista</i>	1949	2
	<i>O Sumário</i>	1947	?
	<i>O Cálamo</i>	1944	1
Gráfica Parnaibana	<i>O Norte</i>	1945	1
	<i>Renascimento</i>	1947	?
Gráfica Iracema	<i>O Sumário</i>	1947	?
	<i>Patriota</i>	1891, 1892	33
Tipografia do Patriota	<i>19 de Outubro</i>	1922	1
Tipografia Correia & Basto	<i>Popular</i>	1902	1
	<i>A Parnahyba</i>	1898	?
	<i>Polyanthea</i>	1899	1
	<i>A Propaganda</i>	1920	9
Tipografia Basto	<i>Nortista</i>	1901, 1902	52
Gráfica Renascença	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	1940	1
Tipografia Minerva	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	1939	1
Tipografia de O Sino	<i>Almanaque da Parnaíba</i>	1941	1
Gráfica Legionária	<i>Vox</i>	1950	6

APÊNDICE XXI – Quadro cronológica de autores relacionados a Parnaíba incluídos nos cânones das literaturas piauiense e parnaibana (1893-1945).

ORDEM CRONOLÓGICA DE AUTORES RELACIONADOS A PARNAÍBA INCLUÍDOS NOS CÂNONES DAS LITERATURAS PIAUIENSE E PARNAIBANA ³⁴⁸			
ORD	AUTOR	ANO	CRÍTICO
1º	Luiza Amélia de Queiroz	1893	Francisco Dias Carneiro
		1901	<i>Nortista</i> (PI)*
		1903	Clodoaldo Freitas
		1924	Lucídio Freitas
		1937	João Pinheiro
2º	Jonas da Silva	1900	Bernardino Lopes
		1901	<i>Nortista</i> (PI)*
		1924	Lucídio Freitas
		1927	Fenelon Castello Branco
		1937	Agostinho Assunção
		1945	Edison Cunha
3º	Francisca Montenegro	1901	<i>Nortista</i> (PI)*
4º	Leonardo da Senhora das Dores Castello Branco	1903	Clodoaldo Freitas
		1924	Lucídio Freitas
		1937	João Pinheiro
5º	Fernando Pires Ferreira	1903	Clodoaldo Freitas
6º	José de Ávila Miranda Osório	1903	Clodoaldo Freitas
7º	Luiz de Moraes Correia	1901	<i>Nortista</i> (PI)*
		1903	Clodoaldo Freitas
		1945	Edison Cunha
8º	Francisco Fernandes Basto	1901	<i>Nortista</i> (PI)*
		1903	Clodoaldo Freitas
9º	Berilo Neves	1929	<i>A Manhã</i> (RJ)
		1929	Alarico da Cunha
		1934	<i>Almanaque da Parnaíba</i> (PI)*
		1937	<i>Almanaque Piauiense</i> (PI)
		1940	<i>Almanaque da Parnaíba</i> (PI)*
10º	Benú da Cunha	1933	<i>Gleba</i> (PI)*
11º	Renato Castello Branco	1933	<i>Gleba</i> (PI)*
		1939	<i>Panorama Estudantil</i> (PI)*
		1949	Edison Cunha
12º	Alarico da Cunha	1937	<i>Almanaque Piauiense</i> (PI)
13º	R. Petit	1934	<i>Almanaque da Parnaíba</i> (PI)*
		1939	Paixão Filho
14º	Vicente Araújo	1944	<i>A Voz da Parnaíba</i> (PI)*
15º	Edison Cunha	1945	Edison Cunha
16º	Armando Madeira	1945	Edison Cunha
17º	Alarico da Cunha	1945	Edison Cunha
18º	Lima Rebelo	1945	Edison Cunha

³⁴⁸ A presente tabela inclui os nomes também rememorados nos periódicos de Parnaíba, marcados com um asterisco.

ANEXOS

ANEXO 1 – “Um descobridor” (*Gazeta*, 20 jun. 1948, p. 4).

O povo piauiense vai levantar um monumento à memória de um cidadão inglês que se chamou em vida James Frederick Clark. Poucos conhecem, fora do Piauí, a função histórica desse homem de bem, que veio, um dia, das poéticas terras de Cumberland para as margens barrentas do rio Parnaíba. Alto, louro, com uma barba fina de apóstolo, James Frederick Clark deixou na sua terra de adoção, o exemplo de uma bela vida e a lição de um nobre caráter. Sua palavra era tão de lei como o dinheiro com que pagava aos credores. Herdeiro da casa comercial dos Singlehurst, cumpriu contratos em que entrava como fiador um banqueiro que, hoje, já pouco valia possui nos negócios internacionais: a palavra de honra. Pagou mais do que se lhe pedia para ficar com uma casa que pouco valia à época da transação. E, um dia, depois de muito observar a estranha vitalidade das carnaubeiras, resolveu mandar à Inglaterra certo pozinho branco que se encontra nas folhas dessa vivaz palmeira nordestina. Em Manchester e Liverpool, químicos ingleses fizeram, a seu pedido, a análise do desconhecido pó piauiense. Descobriram-lhe a utilidade, firmaram-lhe o destino benéfico a numerosas indústrias prestantíssimas. E James Frederick Clark mandou, para a Inglaterra, a primeira remessa da “cera de carnaúba”. Quinze quilos dessa prodigiosa matéria prima valiam, há vinte anos, pouco mais de uma dezena de cruzeiros: hoje, valem quase quatrocentos! Ela constitui-se a grande fonte de riqueza de dois Estados do Brasil: Piauí e Ceará. Tornou-se elemento estratégico pela sua utilidade em fins belígeros. É a base dos discos que os Estados Unidos nos mandam para encher de sonoridade as nossas almas e de assunto musical os nossos estúdios radiofônicos. No automóvel, em vários aparelhos da indústria moderna, a cera entra como coeficiente constante e insubstituível. Os “yankees” mandam navios ao Piauí expressamente para buscarem essa maravilhosa riqueza vegetal. O Piauí é, hoje, o sétimo Estado do Brasil em valor de exportação. É uma unidade que deixa de ser pequena para se enfileirar ao lado das de maior renda entre suas irmãs confederadas. A origem dessa riqueza foi a curiosidade genial do cidadão inglês James Frederick Clark. Sem ele, talvez o pozinho misterioso continuasse a dormir o sono dos séculos, nas folhas oscilantes da palmeira brasílica. Eis porque o povo do Piauí vai levantar o monumento à memória do ilustre filho do condado de Cumberland, que morreu brasileiro, pelo muito bem que fez à terra a quem doou o milagre econômico da cera de carnaúba.

Berilo Neves

ANEXO 2 – Anúncio de máquina de escrever *Underwood* no *Almanaque da Parnaíba* de 1925.

52 ALMANACK DA PARNAHYBA

UNDERWOOD

Campeão das machinas de escrever

Durante 18 annos consecutivos o Campeonato do Mundo tem sido mantido por dactylographos que usavam e usam a

UNDERWOOD

O facto de os melhores dactylographos do mundo uzarem a **UNDERWOOD** é para o comprador a decisão mais competente e mais imparcial a respeito da já indispensavel

Superioridade da machina

UNDERWOOD

AGENCIA GERAL

para os Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piahy, Rio Grande do Norte, Parnahyba do Norte e Pernambuco

Pinheiro Gomes & Cia.
(Agencia Gomes)

Rua Candido Mendes n. 13
M A R A N H ã O

Não ter inimigos, é não ser digno de ter amigos.—Joubert

ANEXO 3 – “Minhas vizinhas” (*Nortista*, ano 1, n. 30, 27 jul. 1901, p. 2).

Mas que vizinhas! quem as tem iguais
São pétalas de rosas purpurinas,
Rosas d’Espanha, delicadas, finas,
Donzelas tão gentis, vizinhas tais.

E soltam gargalhadas musicais,
Essas travessas, cândidas meninas,
Quais melodias ternas, mais divinas
De rouxinóis cantando nos rosais.

Umas são loiras, outras são morenas,
Belas filhas do mar, gentis sirenas,
Que a ideia me põe em sentinela.

Às vezes quando triste, a sós estudo,
Lembro-me delas, deixo livros, tudo,
E corro a contemplá-las da janela.

Nestor Vêras

ANEXO 4: “As três irmãs” (*Nortista*, ano 1, n. 34, 24 ago., 1901, p. 2).

Ao Dr. Clodoaldo Freitas

É noite. As nuvens correm debandadas
Como búfalos loucos em manadas
Pelos formosos campos de Coleta.
E três tímidas virgens do Ceilão,
Vão a sós umas as outras dando a mão,
As três irmãs mais loiras do poeta.

E somente uma estrela fulgurante,
Qual uma lágrima ou um diamante,
É rainha da escuridão completa.
E aquela santa lágrima, bendita,
Na fronte fulgurante traz escrita,
A inspiração mais bela do poeta.

Diz – Boa noite, irmão, – eu sou a – *Fé*
Eu sou o animo enfim, o amor até,
Eu sou a tua amiga mais discreta,
Trago-te animo quando desfaleces,
E valor se de medo empalideces
– “Trabalharei” – responde-lhe o poeta.

Outra: – Saúde, irmão, – sou a – *Esperança*
Que venho te trazer perseverança,
Pra esta vida de lidar repleta.
E sou eu quem te anima a esperar,
Quando cansado cessas de lutar.
– “Eu confio” – responde-lhe o poeta.

– Saúde, irmão, eu sou a – *Caridade*
Quem te protege contra a tempestade,

De críticas da turba analfabeta,
Quem traz-te à mente belas fantasias,
Tão cheias de tristeza e d'alegrias
– “À minha verdadeira irmã, és tu” –
Diz-lhe o poeta.

Nestor Vêras

ANEXO 5 – Anúncio da venda de livros (*Gleba*, ano 1, n. 7, nov. 1933, p. 18).

Gleba—18

Rosa....

Rosa faz renda sentada,
cantando um 'lari-run, run...
E' de algodão a almofada,
de alfinete de tucum,

Vôam canários distintos,
bate perto um pica-pau.
Está uma porção de pintos
ciscando arroz no girau,

A casinha, cobre o manto
de folhas seccas; por pouco
não é um ninho... Um encanto!

Terreiro limpo. A latada
feita de talos de côco
de meançabas forrada!...

FELISAYRES

Os melhores livros

Coleção "S. I. P."

O Conde de Monte Cristo — Homens do Mar
Cossacos --- O Noventa e Três
OS MISÉRAVEIS

E OUTRAS OBRAS CELEBRES
PELOS MENORES PREÇOS.
CADA VOLUME:

2\$—Brochado 3\$--Encadernado
Soc. Imp. Paulista

A' Venda em todos os pontos
— de jornaes —

ANEXO 6 – 1º editorial de *Nortista* (1 jan. 1901, p. 1).

Às sociedades hodiernas será lícito talvez prescindirem das inúmeras maravilhas que os progressos da ciência e da indústria têm espargido na senda luminosa da civilização; não conseguirão elas, porém, de certo, subsistir sem o livro precioso da imprensa, em cujas fulgurantes páginas escritores honestos e competentes registrem, exaltando-as, as nossas datas de glória; consignem, pranteando-os, os nossos dias de angústias; inscrevam, verberando-os, os nossos erros; e assinalem, acoçoando-os, os passos dados para a objetivação de um ideal belíssimo de justiça e moralidade.

Erguendo nossa modesta tenda de combates da palavra em meio dos arraiais de uma sociedade culta, se bem que medianamente, é escusado demorarmo-nos em encarecer as vantagens notórias do jornalismo. Passaremos logo a expender qual seja a nossa missão especial na imprensa.

Aparece o *Nortista* para ser a atalaia minúscula, porém incessante e destemida, que bradará bem alto sempre que mão audaciosa intentar ferir os direitos inconcussos dos nossos concidadãos. Converter-se-á ele depois no gladiador novel, porém infatigável e sincero, que se apresentará na liça armado de ponto em branco, que estará na brecha em prol da pátria e em prol do povo, sempre que divisar tendência dos governos, ou de quem quer que seja, para descurarem dos sagrados interesses pátrios, ou para cercearem as inestimáveis conquistas das liberdades populares. E assim acontecerá porque consideramos a pátria como um ampliamiento [sic] da família, e porque pensamos que “não sabe o que é a liberdade aquele que não vê no ataque à liberdade alheia um ataque à própria liberdade”.

Ao surgir na arena da imprensa, sentimo-nos, desde o primeiro instante, armados cavaleiros, com a lança da pena em riste, para sermos, essencialmente, os lutadores inexpertos [sic], porém impertérritos e abnegados, em prol do bem, da verdade e da justiça.

Sectários de um credo político, arregimentados nas fileiras de uma poderosa agremiação partidária, dominante no Estado e na União, não nos apresentamos ao público sobraçando as credenciais que ali nos poderiam ser ministradas. Comparecemos ante ele com a nossa singela fé de ofício de moços humildes, porém puros e criteriosos, de piauienses modestos e bem intencionados, cuja competência está na razão inverna do nosso patriotismo.

Infensos ao desdobramento, – que consideramos nocivo à ação moralizadora da família e da sociedade, – do indivíduo em homem público e homem privado, porque queremos vê-lo imaculado e invulnerável sob qualquer aspecto que se o encare, assim seremos aqui, neste posto honroso de trabalho árduo e de sacrifícios ingentes, uma só individualidade, exposta ao exame de que quer que seja e em qualquer terreno, dispondo assim de valiosa força moral no meio em que agimos. No entanto, reservamo-nos o privilégio de uma dualidade: sermos políticos no seio do nosso partido e sermos meramente jornalistas à frente do nosso periódico, e assim procedemos apenas para que as nossas relações de ordem partidária nunca nos constringam no desempenho de nossa sublimada missão na imprensa.

Condenando, por deprimente do brio e amesquinizador da liberdade de pensar, o sistema contemporâneo da incondicionalidade política, apregoado por um governador do sul, seremos, entretanto, francamente incondicionais na defesa das justas causas populares. Quando estas entrarem em conflito com os interesses, contingentes ou permanentes, do nosso partido, sem com este quebrarmos as afinidades, havemos de quebrar lanças para consecução do triunfo pleno dos direitos do povo, trabalhando para que o nosso partido seja um respeitador incondicional desses direitos.

Moços utopistas, cujo coração se apraz em pulsar mais ardorosamente quando os clarins da pátria tocam a rebate para as campanhas incruentas em prol das nobres causas populares, – só assim é que concebemos deduzida e que consideraremos integrada e valorizada a fórmula fulgente e sacratíssima da democracia – o governo do povo pelo povo. Queremos que o povo seja o rei soberano na república; não, porém, como ele o é ainda hoje, na frase do glorioso Guerra Junqueiro,

[...] rei como Jesus,

Para beber o fel, para morrer na cruz.

A debilidade da nossa humílissima pena e a inópia dos nossos recursos intelectuais seriam bastantes para inibir-nos de iniciar e levar por diante este nosso alevantado tentame, se não fora a convicção, a confiança de que sobejamente serão elas supridas pela boa vontade, pela clarividência, pela abnegação, pela assiduidade que o nosso patriotismo nos permitirá desenvolver para cabal execução do nosso desiderato, ao mesmo tempo que os nossos sentimentos e a nossa educação nos concedem a dita e a honra de ostentar, nos arraiais da imprensa, a formosa cota de malhas da nossa

moralidade pública e privada, ao escudo rijo e impenetrável do nosso caráter, nos quais esgrimirão improficuamente os interesses contrariados e os ódios pequeninos que porventura venham a surgir no decurso das nossas lutas.

Antes de encetar o nosso tirocínio nas lides da imprensa, recolhemo-nos aos recessos do nosso coração e do nosso espírito para avaliar a nossa insignificância e bem medir toda a extensão, toda a dignidade, todas as responsabilidades deste ministério nobilíssimo. Verificamos que é imensurável a distância que vai destas para aquela, de sorte que não conseguiremos exercer esta missão elevada com toda a sua majestade, em toda a sua magnitude e brilhantismo; mas restar-nos-á o consolo de termos, para alcançá-lo, envidado ingentes e sinceros esforços.

Investindo-nos nas respeitáveis funções do sacerdócio de jornalistas, anima-nos o desejo vivaz de pugnar pelo progredimento e moralização da nossa cidade, pelo [ilegível] e garantias dos nossos co-munícipes, pela integridade e grandeza do território piauiense, pelo brilho e prosperidade da nação, prestando assim à família, à sociedade e à pátria o concurso exigível da fraqueza manifesta de nossas faculdades intelectivas. E, visando esses múltiplos objetivos, empenhando-nos nesses honrosos certames, agiremos sem preocupações de pessoas nem de facções, sem desfalecimentos de nossa parte, sem condescendências para com os tacanhos interesses individuais ou partidários.

Aparelhados para esta empresa inteiramente libertos de quaisquer prevenções e ódios que nos possam perturbar ou empecer o manuseio franco da pena ativa e impoluta, seremos indefessos e veementes no combate pelo bem, pela verdade e pela justiça, sem o mais leve vislumbre de despeito pessoal, sem a menor dosagem de má paixão, servindo à causa do povo sem agressão nem azedume. Nessas regiões serenas e alterosas traçaremos a defesa de opiniões e procuraremos fazê-las triunfantes.

Seremos justos, mas intransigentes e severos, sob o ponto de vista do nosso ideal, que é o bem, a verdade e a justiça, – trilogia sublime entronizada pelos fortes e pelos bons. Os bons e os fortes, no nosso critério, são os que seguem invariavelmente a retilínea espinhosa do dever, – aconteça o que acontecer, – praticando-o à risca no curso das relações provadas ou pública, procedendo em harmonia com o que nos prescreve o insigne vate lusitano, chefe da escola revolucionária poética, Guerra Junqueiro:

Caminha para o bem direito, como a seta
Lançada contra um alvo.

E mais adiante:

Sê robusto, viril, simples e verdadeiro.
Entre um dever qualquer e um saco de dinheiro,
Opta pelo dever.

Vibrando intensamente em nosso ser a nota vivíssima da independência do espírito e da altivez de caráter, não apoiaremos cegamente a partidos, a que, no entanto, acataremos e a que faremos justiça; não especularemos com as multidões, que, no entanto, nos terão ao seu serviço, com a máxima dedicação, desinteresse e lealdade, sempre que virmos os seus justos direitos ameaçados de postergação.

Na luta que vamos iniciar, um consolo nos alenta. Quando houvermos deposto as armas com que batalháramos, nossa pátria nos fará então a justiça de proclamar que, nas horas difíceis em que se necessitou de uma voz abnegada, amiga do direito e fiel à liberdade, inspirada na lei e impulsionada pela virtude, escrava da razão e livre de preconceitos, a nossa voz foi uma das que a opinião pôde ter escutado com a impressão de não ser iludida. Julgar-nos-ão, então, como quiserem, os interesses contendentes, aqueles a quem lesar a nossa campanha pelo bem, pela verdade e pela justiça. Não se nos dá do seu julgamento, porque nos preocupa o julgamento do país, que acima de todos eles está colocado.

E dar-nos-emos ao fim por bem feliz se virmos que conseguimos corporificar nossa ideia, concretizar nosso ideal, por meio da manutenção de um jornal independente e justo, sincero e acatado, executor fiel do pensamento expresso na frase que sintetiza o nosso programa, não inscrita no cabeçalho do nosso jornal, mas incrustada no nosso coração e na nossa consciência como fanal cintilante e inextinguível alumando-nos a senda a percorrer:

PRO PATRIA, PRO POPULO!

ANEXO 7 – “Do meu diário” (*Gleba*, n. 7, nov. 1933, p. 11).

Parnaíba, hoje, acordou qual uma garota matuta. Dessas que, desajeitadas, quando vêm a cidade acham-na maravilhosa. Destas que andam por toda parte, curiosas. Destas que querem comprar todas as montras e namorar todos os rapazes...

A cidade amanheceu na rua. Andando. Fazendo compras. Olhando as vitrinas. Flertando. Bisbilhoteira. Matuta mesmo.

Por toda parte um movimento de assombrar. Homens vermelhos, cheirando a uísque, sujeitos pálidos, bigodudos gente do Tejo. Sotaque estrangeiro ruas afora. Estudantes: uns apressados, outros boêmios, outros ainda lendo em meio da onda humana. Saia azul de normalistas, rua acima, rua abaixo, nesta alegria natural de quem passou... por médias, já se vê. Garotas exibindo modelos da tesoura mágica de Jean Patou. Loiras de roxo, como as saudades comuns que a gente tem. Morenas originais e passo à francesa, por toda parte, atrapalhando tudo, parando o trânsito, com esta beleza tropicalíssima, indescritível, danada... o frú-frú dos vestidos anulou o péche-bléque das calças masculinas, dessas “bocas-de-sino” que são o encanto dos “boys up to date”.

Só os parnaibanos da gema, poderão imaginar quanto me é agradável constatar este extraordinário progresso de minha terra.

E neste “Meu Diário”, o dia 27 tem um fato que o fará sempre lembrado.

Na “28 de Julho”, em meio a multidão, encontrei o Davi Mentor. Estava nervoso. Impaciente entretanto, ainda me disse:

– Preciso abordar aquela garota. Adeus! E saiu, elétrico, rompendo o povo.

Imaginem-se! Até já se faz *abordage* como em Paris! E logo quem, o Davi!

Convenhamos que, também daqui, a gente já pode fazer coro com os franceses.

– Le monde marche...

Dia (27-11-33)

João Francisco

ANEXO 8 – “Roda gigante” (*Gleba*, n. 7, nov. 1933, p. 19).

Parnaíba a cidade do “século do avião” que vive ultimamente na vertigem do evolucionismo, tem nestes últimos dias sentido verdadeiras sensações de alegria no *Coney Island* parque de diversões norte-americano, recém-instalado na Praça da Graça.

Grande é a aceitação que o nosso povo tem dado a esse Centro.

Sob efeito de luz aberrante, atordoado pelas notas agudas de jazz, na confusão ridente de gente, – vive-se e revive-se horas de prazer proporcionadas ora pela sorte, ora pela curiosidade, ora pelas emoções inéditas.

Como os outros, eu também fui ao *Coney Island*.

Acordei muitas vezes a minh'alma do sono indolente da luta e afoguei-me nas ondas afáveis da alegria.

De tudo gostei. De tudo apreciei.

Nunca noite calma, olhei para a Roda Gigante que, na escuridão do firmamento fazia salientar os seus raios ígneos em satélites de luz à estrela escarlate.

Ouvi o trepidar de seu movimento mascarando a dor e encobrindo a sua tristeza na alegria fingida de seus meneiros.

As gargalhadas que se evolavam pelo ar iam por uma lei de fatalidade se chocar com as ondas grosseiras de sons produzidas pelo regido rude dos motores fazendo-se, então, real enlace da alegria com a tristeza em apoteose de riso encharcado de lágrimas.

Roda Gigante, eu tive pena de você.

Roda Gigante, o seu destino é como o meu.

– Quando a folia cessa nas adiantas horas da noite, apagam-se as luzes de sua alegria, emudece a balburdia de gente do seu cortejo falso, silenciam-se os gemidos de seus tormentos para serem substituídos pelos ais de sua solidão ora beijada pelo vento frio das noites frias, ora beijada pelos raios de fogo de um sol ardente.

E na singularidade de sua existência no eterno contato com o desprezo, Você Roda Gigante, vive eternamente afogada no mar do esquecimento. Eu também sou assim...

Nas horas infindas da soalheira na labuta titânica da vida, vejo também o efeito aberrante de luz, e também, fico atordoado pelas notas agudas de jazz, na confusão ridente de gente.

Ouçó o maquinar do seu “ego” mascarando a dor, na alegria finda de meus gestos.

E o vento frio das noites frias, o sol ardente de todos os dias que abatem a você
Roda Gigante, são para mim a humanidade.

Essa humanidade incompreendida também solta gargalhadas que, no firmamento
da realidade, se chocam com o nosso sentimento, fazendo o tristonho enlace da
zombariam com o nosso amor próprio, em aleluia de riso ensopada de ódio.

Roda, roda Roda Gigante, que neste mundo de eterna burocracia, o seu destino é
como o meu... é rodar... para os outros rirem.

Brandão Costa

ANEXO 9 – “Parnaíba, a gleba das glebas” (*Gleba*, n. 9, jan. 1934, p. 19-20).

Escrevendo esta página, dedicada à mocidade intelectual de Parnaíba, venho assim saldar uma dívida de gratidão a esta terra boa e progressista, formadora que foi e que continua sendo de meu espírito admirador das belas letras.

Não sendo como, de fato, não sou filho desta gleba invicta, confesso-me desvanecidamente ser parnaibano de coração. E de convívio com a sua gente. E de comunhão de ideias com o seu povo. O que fali presentemente, não é de nenhum favor. Pelo contrário, estrita obrigação. Não sei se me desincumbei [sic], como desejo, de meu dever, a contento geral. Mas o que vale é a intenção. E esta – posso vos garantir – é a melhor possível.

Parnaíba: como estás mudada! Não pareces aquelas que deixei há mais de um ano atrás. A revolução operou em ti um milagre. Deu-te uma feição de moça rica, cheia de adornos, que são teus jardins floridos e graciosos. Deu-te mais um pouco de vida com uma boa iluminação, pontos de reuniões e de palestras. E mais ainda o calçamento para que os teus pés não tivessem o desconforto de palmilhar areias sem fim... Foste, pois, muito vem remodeladas, Parnaíba! E que continues sempre em marcha progressista. E com uma garrisse cada vez mais crescente.

E que como a “Águia de Bronze” – o primeiro monumento erigido aqui e produto do esforço de teus mecânicos e oferecido pelos mesmos [sic] ao remodelador da cidade, prefeito Ademar Neves – paires sempre altaneira, acima de todo e qualquer espírito de bairrismo, em remigios [sic] vitoriosos, e que também teus filhos – seguindo o exemplo da Águia de, tendo uma lâmpada presa ao bico, viver sempre embebendo-se de luz – absorvam, em grande quantidade e qualidade, a luz do espírito que eleva, que dignifica. E esta revista é, pois, um atestado bem eloquente do progresso intelectual de Parnaíba.

E é por intermédio de *Gleba* que, estendendo os meus braços, estreito em um único amplexo de amizade e de admiração todos os cultores da Arte, todos os admiradores do Belo e todos os escravos da Perfeição. Estreito pois, em meu abraço todos os filhos de Parnaíba. E que este amplexo tenha a duração da Eternidade.

Parnaíba – 15/1/1934

Edgar Correia

ANEXO 10 – “A Parnaíba que eu vi” (*A Voz de Parnaíba*, ano 2, n. 2, dez. 1944, p. 5).

Cada um de nós ao observar um objeto qualquer é atraído por um aspecto particular deste objeto.

Para um o que mais desperta é a combinação de cores; para outro é a simetria das linhas; a este agrada o conjunto; já aquele somente os defeito lhe chamam a atenção.

São modos de ver...

Quando visitamos um lugar, há de, por sem dúvida, ficar em nossa retentiva algo que nos tenha despertado mais fortemente a atenção.

Regra geral, quem visita Parnaíba fica bem impressionado com sua atividade comercial; e, por vezes, suas observações não passam além.

Não foi assim que eu vi Parnaíba. Cidade laboriosa, sob o signo de Mercúrio e de trolha na mão, cresce assustadoramente, avantajando-se entre suas irmãs, levando além os frutos de sua indústria e conquistando galhardamente o título de campeã do progresso piauiense.

E a cidade-princesa não se descuida de se tornar sempre mais bela, cada vez mais atraente.

Qual donzela que se envaidece mostrando seus encantos, eu a contemplei quando vi o seu coração cheio de esperança lindamente simbolizada na verdura artística do “Jardim Landri Sales”,

Depois eu a contemplei com interesse e isto porque ela a mim se me mostra metódica, entregue à faina laboriosa, qual trabalhador que pondera, decide-se e enfrenta as agruras da vida.

Mas, ao lado do intenso labor, há os momentos de alegria; e foi assim que, visitando teu teatro, vendo teu salão de festas sociais e admirando tua vida esportiva, tu a mim me pareceste jovem, folgazã, pleníssima de vida.

Depois tu me chamaste a atenção quando, com o coração pleno de bondade, estendeste a mão aos infelizes e os conduziste à Santa Casa de Misericórdia; recolhiste os anciãos e protegiste seus filhinhos: aparaste com requintes de ternura os recém-nascidos protegendo-lhes as mães.

E não ficaste satisfeita; oh! Princesa; quiseste levar avante tua missão altamente social e excelentemente cristã, criaste um Lactário e as criancinhas pobres deste vigor e as tornaste alegres e felizes.

E, Princesa, quão mais caridosa poderias ser! Tu precisas ser mais feliz! E só o serás se teus filhos o forem.

Completa a obra de beneficência que iniciaste. Lança também teus olhares para os indigentes que se envergonham ao estender a mão. Protege-os amparando-os dignamente. Também eles são teus filhos...

A. Pessoa

ANEXO 11 – “O Mar e o Sertão” (*A Voz da Parnaíba*, n. 1, -- 1944, p. 34-5).

Por um lado, o intrépido Vasco da Gama, desafiando o império de Netuno, dava a Portugal a honra do descobrimento do caminho às Índias, terra das riquezas fabulosas, celeiro do ouro e das especiarias, berço de civilização exótica, ponto de convergências dos olhares dos povos europeus, sequiosos de ambição e aventuras, de expressão e domínio.

Posteriormente, por sua vez, os bandeirantes, alargando os limites territoriais, à procura das esmeraldas fascinantes, expondo-se ao ataque do índio e da natureza agreste, transformando cavernas em habitações, matas estéreis em campos de cultura, os bandeirantes – dizia –, grande povo que desejava um Brasil maior para comportá-lo, realizaram esta campanha árdua e patriótica, compará-la se pode com o feito anterior.

Quando todo o lugarejo está dormindo, apagados os lampiões, e nas ruas humildes o rafeiro late à porta do dono, ouve-se nas noites calmas e silenciosas a voz ríades de aves: periquitos, bem-te-vis, sabiás, rolinhas, anuns, enfim toda passarada, radiante de felicidade e expansão, dando aos olhos e aos ouvidos simultaneamente a visão dos mais variados matizes e a audição deliciosa de sons múltiplos, mas tão belos e doces, tão naturais e cheios de vida; toda a passarada – dizia –, quais crianças inocentes e irresponsáveis, expressa em traços nítidos o sentimento mais nobre e divino que o homem possui – A LIBERDADE.

Em todos os tempos, principalmente hoje, em que os navios submarinos proliferam em todos os mares do globo, personificando a palavra das nações, a agressão dos totalitários e a defesa das democracias, milhares e milhares de homens tem seu tûmulo nas garras inconscientes das águas sombrias.

Ao passo que a seca, guerreira que fulmina com a fonte de vida – o Sol, afugenta populações inteiras com o estigma da morte; os rios vazam, o gado dizima, as folhas empalidecem, a vegetação é nula, os campos se tornam incultiváveis. E com os pés nus, calejados pelo solo árido e candente, a fome e a sede comprimindo os estômagos, deixando aquém os lares abandonados aonde nasceram os afetos e as amizades, a paz e a harmonia; abandonando o torrão querido, cujas manhãs o galo no terreiro anunciava, os olhos fitos em algum provável oásis, as vestes maltrapilhas, dormindo ao relento, as mãos e o coração em prece pedindo a Deus a chuva benéfica; legiões de flagelados emigram para outras terras afim de mendigar o pão e não morrer de fome. Como é

comovente, indescritível e fúnebre este drama infalível que assola os sertões do nordeste brasileiro com incêndio devorador.

Após este paralelo entre dois lugares antípodas – o mar e o sertão, vem-me à mente os nomes de duas cidades piauienses – Teresina, “Cidade Verde”, aquecida pelos raios vivificantes, do Astro-Rei; Parnaíba, “princesa do Igaraçu” acariciada pelo ósculo da brisa oceânica.

Teresina, sede do governo, bela e hospitaleira, representa o cérebro que dirige e o coração que sente.

Parnaíba, laboriosa e comercial, é o músculo do Estado, sustenta em maior parte o edifício econômico.

Banhadas pelas águas do “velho monge”, unidas não só pelos transportes, como também pela amizade, sob o mesmo céu, professando o mesmo culto, venerando o chefe da nação, comungando os mesmos ideais e aspirações, entregues de corpo e alma à causa sublime das Nações Unidas e da humanidade, não se distinguem, confundem-se – juntam-se intimamente ao lado das demais, que anônima e heroicamente lutam pelo processo e glória do Brasil.

Mário Andrade Correia

ANEXO 12 – “Parnaíba” (*Almanaque da Parnaíba*, 1932, p. 71).

Serpenteando mansamente, o Igarçu banha à sua margem direita a cidade de Parnaíba. Traz ele o liquefeito abraço do Parnaíba – o majestoso rio – que há quatro quilômetros do ponto de situação da cidade – se desvia, e vai ao mar contar as histórias dolorosas do Piauí tão esquecido, quanto desconhecido.

Parnaíba não é uma cidade grande, nem também é uma cidade bela. Tem um aspecto todo especial.

Do Piauí, é ela o ponto principal do comércio; e é nisto que está todo o seu futuro e valor. A sua vida é quase que completamente comercial, e para maior certeza disto, voltemos a vista para suas ruas, que infelizmente não são bem alinhadas posto que todas muito longas e de muito movimento. A principal rua – a artéria comercial – é a Dr. João Pessoa. Um dos seus extremos toca no Igarçu, onde está situado o principal porto fluvial da cidade. Protegida pelo cais Afonso Pena, é o ancoradouro das numerosas embarcações que, por intermédio de Parnaíba, ligam o Piauí aos outros portos do País.

É característico o movimento do porto. Grandes barcas cobertas com folhas secas de babaçu, trazem à Parnaíba os produtos do Estado. Numerosas embarcações estão quase sempre ancoradas ali, e é notável a azafama de trabalhadores no embarque e desembarque de produtos comerciáveis.

A rua Dr. João Pessoa é a que tem maior número de casas de comércio, podendo também ser citadas a rua 28 de junho que dar à Praça do Mercado onde está localizado o comércio a varejo.

A praça da Matriz – onde se acham situadas as duas principais igrejas – Matriz e Rosário, tem um jardim artisticamente disposto onde a banda de música do Município faz retretas aos domingos e quintas-feiras.

Encaremos agora a cidade sob o ponto de vista da Instrução. Numerosos são os grupos escolares, onde a infância de Parnaíba recebe as primeiras ilustrações, e também existem vários colégios particulares que prestam relevantes serviços em prol da campanha contra o analfabetismo.

O Ginásio Parnaibano é um dos mais importantes estabelecimentos de ensino secundário do Estado.

Parnaíba não é uma cidade de futilidades: É a cidade do trabalho, da paz e do progresso; é a mola principal do Piauí; é a vida a cantar o hino do progresso no ruído

dos automóveis, das máquinas industriais, no tumultuar das ruas, onde tudo se confunde, onde a miséria se ombreia com o fausto, o luxo com a modéstia, e onde a atividade incessante dos que trabalham enxota a insolência dos vis.

De qualquer forma Parnaíba progride e é a “Sentinela avançada” do Piauí nas grandes lutas do progresso.

Vicente Araújo

ANEXO 13 – *Much ado about nothing* (Gleba, n. 6, out. 1933, p. 11).

Não é de agora, que todos os que têm um pouco de visão, trabalham por anular essa coisa a que se dá nome de “bairrismo”, existente entre Parnaíba e Teresina.

Depois da fundação do Ginásio, que veio arrancar a mocidade do marasmo intelectual em que jaziam, têm sido muitas as iniciativas nesse sentido.

Assim é que se há estabelecido um intercambio espiritual bem animador; assim foi que recebemos condignamente a embaixada estudantina presidida por Wagner Abreu, que aqui veio angariar donativos para ser erigida, na Capital do Estado, uma estátua para perpetuar a memória do Dr. João Pessoa; assim é que nos correspondemos com os diretores de *Garota*, bem interessante revista teresinense, dirigida pela fina flor da mocidade estudiosa da “Cidade Verde”.

E em todas essas iniciativas, temos sido correspondidos pelos que, sob a bandeira do mesmo ideal, mourejam a oitenta léguas para o sul do Estado.

De maneira, que só entre os ignorantes daqui e de lá (é inigualável que os há em todas as cidades) ainda há recalcitrantes. Ainda pensam, com visível parcialidade, os valores intelecto – materiais de Parnaíba e Teresina, como se elas não fossem moléculas valiosas do grande todo piauiense.

Entre os dessa classe, há verdadeira rivalidade, que não traz outra coisa senão inimizades lastimáveis etc.

Desde que fundamos *Gleba*, que arranjamos nosso representante em Teresina. Esse, que é nosso colega Tobias Duarte, se há interessado o mais possível pela divulgação de *Gleba* na Capital (o que, aliás, tem conseguido, graças à aceitação espontânea dispensada a revista) da mesma maneira que, aqui, Fonseca Mendes tem procurado despertar interesse pela *Garota*, representada por este nosso gerente.

É quase certo, portanto, que será passada a esponja nesse egoísmo chão, que só se justifica nos que nunca abrigam um compêndio de Filosofia, para ver como se pratica a moral social; da qual depende o progresso dos povos que vivem, por convenção separados por fronteiras políticas, mas, que, na realidade são irmãos porque têm o mesmo *modus vivendi*, falam a mesma língua, descendem dos mesmo tronco comum.

Esperamos, portanto, que, os que têm um pouco de entendimento, em vez de fazerem cavalo de batalha de um simples erro, nos ajudem a extinguir de vez esse tolo “bairrismo”.

Refiro-me ao caso de um número de *Gleba* que, por uma questão muito natural em todo mundo que trabalha, saiu com as páginas 11 e 14 ao contrário do que deveriam, e que deu motivo a explosões bairristas de um cavalheiro, em uma barbearia local. Dizem que “errar é humano”. E quem grampou a última edição de *Gleba* não é nenhum santo. Logo, pode errar também. Ademais, foi apenas um número. Não havia necessidade de tanto alarme, nem Parnaíba tem culpa do erro de um parnaibano. Entretanto, foi quem “pagou o pato”...

“Much ado about nothing” é característico...

Armando Basto

ANEXO 14 – Capa do primeiro volume do *Almanaque da Parnaíba* (1924).

ANEXO 15 – “Romaria” (*Nortista*, ano 1, n. 25, 22 jun. 1901, p. 3).

As que comungaram pela primeira vez

Puras como vestais, em trajes de inocência,
Cai-lhes da fronte um véu de fina transparência,
Um leve e branco véu, arminho delicado,
Que envolve-lhes o resto, assim como em noivado.
Caminham passo a passo e lentamente, em fila,
Adiante do andor do Sacro Coração,
Onde fulgura o ouro, onde o esplendor rutila.
Os anjos virginais airoosamente vão,
Imagens de candura, em grande romaria,
Sendo do préstito a encantadora guia.
Alvas bem como a neve e belas qual a aurora,
Nos lábios de romã o riso que se enflora,
É lindo e só traduz a candidez da alma,
Um lago manso, azul, de superfície calma.

Hoje pela manhã, em lúcida alvorada,
A Cristo receberam a hóstia consagrada;
E agora lindos vão – os anjos virginais,
Ter como prêmio bom, um prêmio de delícias,
No regaço do lar – os beijos maternos,
A benção do papa e as fraternais carícias.

14-Junho-901

Paulo de Gery

ANEXO 16 – “Infância” (*Nortista*, ano 1, n. 9, 2 mar. 1901).

Quadra feliz da vida, quão rapidamente te escoas! Que recordações gratíssimas deixa-nos esse tempo descuidado em que a existência corre na placidez de murmuro regato!

O c[danificado] criança é [danificado] voado [danificado] pequenos [ilegível] que [danificado] o seu enlevo a sua única preocupação. Se há felicidade na vida ela só existe nos primeiros anos.

Os nossos lábios então só saem sorrisos, os nossos olhos refletem na sua luz tranquila a pureza da inocência. Se às vezes algumas lágrimas os umedecem, essas gotas de pranto são apenas o atrativo de mais ternas carícias, representam a força grandiosa que tem abrandado muitos corações.

No lar em que o silêncio é continuamente quebrado pela estrepitosa bulha das crianças, onde se ouve o áacre som de suas vozes cristalinas, não há tristeza que não se afugente, nem tédio que perdure.

Muitas vezes, acabrunhados, curtindo um dissabor colhido na luta da vida, sorrimos involuntariamente, cedendo a terna influência dos gracejos infantis.

Ditosos dias do alvorecer da vida, saudosas recordações dessa quadra feliz, todos vos evocam como lenitivo as faces amargas da existência.

Parnaíba – 1901.

Paulo de Gery

ANEXO 17 – “Vizinhos” (*Nortista*, ano 1, n. 14, 6 abr. 1901, p. 2).

Bem estranho e caprichoso é o coração humano.
Aluizio Azevedo.

O Alberto era um rapaz de 18 anos, elegante e simpático. Em plena mocidade, na época das ilusões, do amor, apresentava um indiferentismo singular à sociedade, às suas festas e prazeres. Era inalterável, insensível aos mais ternos olhares e aos mais rudes ataques de Cupido.

– Aquele moço é um esquisito, um orgulhoso, dizia uma formosa morena sua vizinha, quando ele passava altivo e sobranceiro. E por isso ela odiava-o, aborrecia-o, chamava-o de pretencioso.

Alberto vinha todas as tardes à janela. Sempre desviava o olhar da janela fronteiras onde a moça estava toda galante, bonita, a receber cortesias dos rapazes, a que sempre correspondia entreabrindo um sorriso encantador.

Por sua vez, ele também aborrecia a vizinha, achava-a leviana, desfrutável. E assim se passaram alguns meses aborrecendo-se mutuamente. Todas as tardes viam-se sempre à janela; os seus olhares cruzavam-se às vezes, rapidamente, seguindo-se logo um gesto de mau-humor.

Chegou dezembro o mês do descanso, agradável a todo estudante. Alberto tinha de retirar-se. Completara o seu curso de preparatórios e a família jubilosa. Mas, em preparos de viagem, dessa viagem que todos fazem alegres, satisfeitos, ele sentia um que de doloroso, uma saudade cuja causa ignorava, que o havia de pungir.

E quando partia, quando deixava aquela casita onde vivera tanto tempo, a vizinha lá estava, na janela fronteira, pensativa. Compreenderam-se. Ela ocultou uma lágrima e ele enviou-lhe um terno olhar de despedida. Amavam-se.

Parnaíba – 1901.

Paulo de Gery

ANEXO 18 – “Uma união moderna” (*Nortista*, ano 1, n. 21, 25 mai. 1901, p. 4).

O baile corria animadíssimo. Todos falavam, todos riam, numa alegria comunicativa e álaque que se misturava às notas dulçurosas da orquestra. O assunto de quase todas as conversas era que D. Corina ia ser pedia em casamento pelo Luciano.

– Que feliz! diziam uns. Pois foi ele o preferido? perguntavam outros; e assim perguntas e mais perguntas iam se sucedendo, sempre num tom de admiração e de dúvida.

*
* *

D. Corina, bonita moça de porte airoso e aristocrático, ufanava-se de que não lhe produziriam nunca nenhuma impressão os ternos madrigais recitados nos salões pelos mais eméritos galanteadores. Ria-se deles e com as suas graças naturais ia subjugando uns, escarnecendo de outros, sempre triunfante, fazendo brotar hoje uma esperança para fazê-la morrer amanhã sem remorsos, impiedosamente.

Mas um dia D. Corina amou. Um desses felizes privilegiados inspirou-lhe uma paixão veemente, sincera, única no seu coração de virgem, que afinal rendera-se, depois de ter inspirado tanto verso e feito correr tantas lágrimas. Entretanto o seu amor não logo santificado pela aprovação de seus pais. Eles não viam no rapaz qualidades dignas para possuir sua filha. Eram escrúpulos mal fundados e absurdos, baseados em ligeiros vestígios de casta, mas os velhos obstinaram-se, apuravam a sua linhagem desde remotas gerações e argumentavam, discutiam, gesticulavam, no interesse de afastar a filha de tal intenção. Afinal D. Corina, declarou-lhes que o seu coração já não lhe pertencia e que o seu amor, que era sua vida, estava acima de tudo.

*
* *

Fixou-se finalmente a época do casamento com um prazo um pouco longo. O noivo tinha de fazer viagem donde lhe adviriam bons resultados. Partiu. D. Corina chorou muito, sentiu, definhou, mas a esperança de um breve tornar a ver o seu bem amado consolou-a por fim.

A ausência foi nociva ao amor de Luciano.

Distante da noiva, privado da luz dos seus olhos formosíssimos, foi se sentindo preso de um outro amor que nascia e afastava dele a ideia de que já estava comprometido.

O seu caráter não tinha a integridade severa que se fazia precisa para repelir o novo afeto que o preocupava; a sua imaginação sonhadora devaneava às vezes fagueiras ilusões e também mostrava-lhe, claramente delineada, a realidade prática da vida. Ali onde se achava nutria esperanças de fazer fortuna e foi isto que mais predominou para que se esquecesse do voto que fizera.

Às vezes a lembrança de D. Corina povoava-lhe o cérebro, enchendo-o de imagens de felicidade, mas de repente surgia-lhe a sombra da pobreza a atemorizá-lo, animando-o para a reação contra a dignidade.

Uma pálida morena, um desses tipos a quem a natureza não concedeu a perfeita correção de traços, mas outorgou uma simpatia atraente, incitante, era o objeto dos novos amores de Luciano. Filha de um capitalista que lhe garantia um dote vantajoso, D. Sofia teve o poder de apagar do coração do moço o primeiro amor nascido espontaneamente e liberalmente correspondido. Ele já não se lembrava de D. Corina quando uma tarde, passeado ao lado de D. Sofia, que já era então sua noiva, recebeu uma carta pequena e perfumada. Era daquela, que sentidamente, em termos inspirados pelo amor, procurava indagar a causa do silêncio prolongado e inexplicável.

Luciano então hesitou para responder esta carta. Por fim decidiu-se. Era preciso escrever a D. Corina, dizer-lhe que não poderia voltar tão cedo, que se desfazia do seu compromisso. E por que não haveria de proceder assim? Se o dinheiro é a solução prática da vida, como deixar um casamento vantajoso, uma posição garantida para ir viver modestamente, só de terras blandícias, de beijos, de transportes de amor? E não havia sido desprezado pelos pais de D. Corina, não ao que supunham por ter vestígios de casta mas por ser pobre? Não tinham dito que era indigno dela? Pois bem, agora que fossem apurar gerações de outro.

A sua ambição obscurecia o rosto, não lhe deixava ver que aquela moça lutara muito para a realização do seu ideal, não lhe acudia à memória que ela desobedeceria a seus pais para entregar-lhe todo o seu amor desinteressado e grande. E tranquilamente, como quem acaba de solver um negócio, respondeu, a carta assim, laconicamente:

“D. Corina – Os tempos por aqui estão maus. Vejo que não posso voltar tão cedo e não desejando prejudica-la desfaço-me do nosso compromisso de casamento. – Luciano”.

Daí a dias realizou-se o casamento de Luciano com D. Sofia.

Ele levou-a ao altar orgulhoso como quem faz uma conquista; mas a única ideia que lhe sorria naquela ocasião soleníssima era que a sua noiva levava para a câmara nupcial alguns miseráveis contos de réis.

Parnaíba – 1901.

Paulo de Gery.

ANEXO 19 – “O fantasma da vingança” (*Nortista*, ano 1, n. 50, 14 dez. 1901, p. 2).

O temporal desencadeava-se infrene e tético; a noite era cerrada e feia. Uma dessas noites de tempestade em que a chuva caía estrepitosamente, furiosamente, produzindo um ciciar sinistro e apavorante; uma dessas noites de abril, de uma invernia grossas, de uma treva absoluta.

Toda cidade parecia um cemitério: quietação completa, ruas solitárias, friorentas, enlameadas, vomitando pelos esgotos as enxurradas marulhosas. De longe em longe pestanejava lá uma ou outra luz fraca, bruxuleante, esbranquiçada. Num palpitar continuo como se gritasse de frio.

Seriam 12 horas dessa noite caótica e sombria quando Leopoldo se recolhia a casa onde a esposa e os filhos dormiam o sono dos mártires.

Entrou na sua alcova triste e solitária: alumia-a frouxamente uma tênue lamparina, cujos reflexos produziam umas sombras compridas e imóveis que se desenhavam nas paredes bolorentas.

Enorme desconforto se notava ali, onde os móveis quebrados, roupas dispersas e quadros obscenos indicavam um aposento de um libertino, cuja vida se gastava na devassidão dos prostíbulos ignóbeis.

Fundo desgosto se estampava nas suas faces lívidas donde tinham-se apagado os vislumbres da dignidade; grande agitação traíam os seus gestos desordenados, e quem o visse assim naquele andar de sonâmbulo, de um para o outro, adivinharia que pesava-lhe sobre a cabeça as névoas do remorso, sobre aquela cabeça onde só se forjavam requintes de deboche e ares de sedução.

Cedendo afinal a fadiga, caiu sobre o leito como uma massa bruta. Cerrou-lhe as pálpebras e sono pesado dos devassos, sono inquieto em que ele se debatia numa agonia imensa, a roncar, a estrebuchar, soltando uns guinchos de suíno; era um animal donde tresandava um cheiro de taverna, em cujas faces se lia a bestialidade dos instintos. E sonhou. A princípio visões confusas e incertas lhe ocuparam a imaginação; depois as formas se tornaram distintas, claras, nítidas.

Via na sala da espelunca donde saíra pouco antes, aquelas mesas de panos verdes esburacados e imundos; em torno delas os seus companheiros de jogo, olhos esbugalhados cobiçosos, punhos cerrados, ameaçadores, impondo-lhe que jogasse a

honra de sua mulher: depois via-se, a si mesmo, covarde, miserável, cedendo a horrível condição, descendo assim ao último degrau da infâmia.

E agora era um fantasma que vinha lentamente sentar-se a cabeceira de seu leito. Era uma forma de mulher com o corpo sulcado em lepra, as faces arroxeadas, os olhos amortecidos, calva, completamente. Cingia-lhe entretanto a fronte uma capela murcha e denegrada. E ouvia que dos lábios brancos dessa visão saía uma voz rouca que lhe dizia:

Vamos, levanta-te, repara em mim; eu sou aquela que acreditou nos teus enganos, aquela que te entregou um coração puro onde vagaste o gérmen da corrupção; e meus lábios estão secos, teus beijos o sugaram.

Vês a minha grinalda? E a capela que desfolhaste quando vicejava naqueles tempos felizes em que me perdeste e me seduziste, prometendo-me o amor e a felicidade. Tu dormes e eu velo, velo porque só cogito da minha vingança sim porque eu quero vingar-me.

Hoje jogaste a honra de tua esposa e perdeste. E o começo da minha obra; a de perder mais, a de levar os teus filhos para o jogo, a de vender as tuas filhas, que morrerão como eu morri. Mas antes terás de vê-las no deboche, beijadas por lábios avinhados, cingidas por braços fortes donde não poderás arrancá-las. E depois que vires tudo, que vires nelas a imagem desta que aqui tens, que foi tua amante, que foi mendiga a quem nunca deste uma esmola, então poderás morrer. Os vermes esperam o teu corpo apodrecido e Satã a tua alma de lodo.

E gargalhando lugubrementemente, ele viu o fantasma dar alguns passos pelo aposento e desaparecer.

Súbito despertou. Uma frieza de morte lhe contraía os músculos e um suor copioso lhe dimanava dos poros.

Passeou a vista pelo aposento como para certificar-se de que tudo aquilo fora um sonho, mas aos seus ouvidos soavam profeticamente as palavras da visão enchendo-o de um terror que o dominava e que o fazia tiritar como se ainda estivesse atravessando as rias solitárias, friorentas, enlameadas, naquela noite de tempestade em que a chuva caía estrepitosamente, furiosamente.

Lá fora, numa irradiação brilhantíssima, o sol vinha com a sua toalha de luz enxugar a fronte da natureza banhada por uma noite de inverno. Evolvam-se cantos de todos os ninhos, perfumes de todas as flores. Miríades de pássaros partiam das árvores gotejantes de orvalho, librando-se no espaço, espanejando as asas nesse banho de luz do sol nascente. Tudo vibrava numa alegria indefinida, na orquestração rítmica da festa do

alvorecer, que talvez fosse uma sarcástica ironia atirada a aquele desgraçado que tinha “escrófulas na alma”.

Parnaíba – Dezembro – 1901

Paulo de Gery

ANEXO 20 – “Efeito contrário” (*Nortista*, ano 1, n. 22, 1 jun. 1901, p. 2).

Era bem justo aquele ressentimento que Julinha nutria contra Fernando.

Não se zomba assim impunemente do amor próprio de uma moça, reconhecidamente bonita.

Fernando era um rapaz simpático, simples e de boas maneiras; levava o pesado fardo da vida dos trambolhões; com o riso nos lábios e se acaso alguma amargura atormentava-lhe o peito, jamais ela transparecia em suas feições sempre alegres e despreocupadas. Morria infalivelmente afogada nas ondas cristalinas do seu eterno bom humor.

Isto, porém, era, como se costuma dizer, só por fora, porque, peito adentro, não havia outro mais espezinhado e melindroso; e se ele estava em algum baile ou festa em que ela também estivesse, então tornava-se de todo impossível aturá-lo com o seu ciúme desbragado e interminável.

Ela amava-o bastante, mas, caprichosa, como em geral o são todas as moças que se sabem amadas, gostava de fazê-lo zangar, queria vê-lo de faces contraídas; olhar esbraseado, ardendo em ciúme, assim com um ar de Othelo que quer matar a todo o mundo.

Julinha divertia-se imensamente ao contemplar o aspecto trágico e ridículo que Fernando tomava, quando ela projetava uns olhares ardentes e comprimidos sobre qualquer *ponta limpa* imbecil e simplório.

E quando ele fúnebre e terrível ia exprobrar-lhe a leviandade do seu procedimento, ela possuía-se logo de uma grande indignação, parecia estar sendo vítima de uma incomensurável calúnia, a inocência manifestava-se nos seus lindos olhos, que, gota a gota, desfiavam um rosário extenso de pérolas inestimáveis, e o tolo Fernando, arrependido de suas injustas suspeitas e furioso consigo mesmo, ainda em cima, desfazia-se em protestos de amor e súplicas de perdão.

Mas, porém, o mísero afastava-se, um sorriso escaninho e travesso borboleteava-lhe à flor dos lábios, aquela mágoa desaparecia como por encanto o daí a pouco ei-la a procurar divertir-se, outra vez, à custa dele, sem compaixão, nem piedade alguma.

Muito tempo depois, ele compreendeu o ridículo de que estava sendo objeto e resolveu tomar uma desforra, mas a queria implacável e completa,

Noites inteiras caceteou o pensamento, fantasiando os mais inexecutáveis projetos até firmou a escolha num, o mais absurdo talvez, com a realização de qual a

traidora prostrar-se-ia muito em breve a seus pés, implorando-lhe o esquecimento das culpas passadas e prometendo não reincidir para o futuro. Ele nobre e generoso em tudo escordaria: e assim, lá muito longe, o seu espírito meio poético descortinava um céu azul e transparente, ermo de desenganos, repleto de ilusões fagueiras e brilhantes.

Confiado na indiscutível sabedoria da máxima divina – *quem com ferro fere, com ferro será ferido* – estava disposto a empregar o mesmo sistema de combate de sua gentil adversária, bater-se com as mesmas armas; queria, enfim, pagar a lágrima, com lágrima, desprezo com desprezo, ódio com ódio!

Começou a pô-lo em prática, gostando ligeiramente de uma moça, depois de outra, e mais outra, demorando-se por algum tempo na conquista de uma menina que pouco ou nenhuma importância ligava às suas conversas e tolices.

Ofendido em seu amor próprio de rapaz da ponta, o louco Fernando batalhou até queima o último cartucho e quando ia já bater a *linda plumagem* em cata de outros ares, prestes a cantar *serena estrela* e sair a pregar noutra freguesia, encontra-se com a bela Julinha numa festa (porque nunca mais se tinha visto, evitando cada um propositalmente a presença do outro) mil vezes mais bonita e elegante.

Estava a fazer-lhe *pé de alferes*, um soberbo rapagão, que era turco no corpo, Hércules na musculatura, todo metido a inteligente e bonito, falto de senso e cheio de vaidade balofa, trajando no rigor da moda... inglesa, isto é, calças *stock* e paletó saco, o que dava-lhe assim o aspecto de um desses burlescos *fin do século* que, ao tocar-se-lhe em certa mola, colocam o monóculo e com toda prosopopeia cumprimentam o público.

Uma tempestade desencadeou-se no coração de Fernando; seu amor explodiu então mais forte e vigoroso do que nunca e num só olhar que Julinha lhe lançou, através das chispas de ódio que irradiavam brilhantes como a lâmina de um punhal, ele julgou descobrir, puro, sincero e terno o grande amor que ela outrora lhe vetava.

Reviravolta completa. Em poucos dias estava nosso herói mais preso, mais louco, mais desfrutável do que dantes; a procurá-la em toda a parte, a espreitar-lhe os movimentos, a adivinhar-lhe os mais íntimos desejos, e ela a esconder-se, a retraindo-lhe, a demonstrar-lhe um ódio terrível e eterno.

Mal apontava o triste no extremo da rua, era em dois tempos... *traz zás...* janela fechada, eclipse total daquela visão angélica e vingativa; mas se acaso fosse surpreendida e não pudesse bater a rótula, virava o rosto para o outro lado com um tão soberano de preso que o pobre Fernando encabulava, tocava no chapéu com a mão esquerda, perdia o passo, e em vez daquele rapaz desempenado que era, parecia mais

um *urubu chumbado*, ou melhor ainda, um matuto na praça. Os olhos encovaram-se, emagreceu rapidamente, pois ele que anteriormente pesava 62 quilos, viu-se de um dia para o outro com sessenta, e depois reduziu a 58, simples e unicamente 58 quilos.

Eu creio, até com certo fundamento, que, alguma vezes o gelado cano do revólver foi acariciado, as cápsulas tocadas por outras novas, mas, no momento psicológico, chegava a *reflexão*, e... adeus suicídio!

Muitas ocasiões estando perto dela e querendo explicar-lhe, para obter o amolado perdão, passava a mão pela cabeça, tossia, escarrava, cruzava acanhadamente as pernas, torcia o bigode e afinal dizia-lhe estúpido e atoleimado: *Bonita noite, não acha?...!*

Mas se estava longe, então outro galo lhe cantava! O cérebro transformava-se num vulcão em erupção, organizava no pensamento extensas tiradas de literatura, e logo por adiantamento comparações lindíssimas em que o sol, a lua, as estrelas, o mar, o firmamento, as aves, o riso, o pranto e muitas outras coisas bonitas andavam de catrapus, a três por dois, mas ao chegar perto da pequena, ficava trêmulo, empalidecia, gaguejava e... fazia a figura de um *coco*!

Recordei-me agora que contando a história do Fernando, já lá se foi a oitava tira de papel, e eu não quero abusar por mais tempo da bondade dos leitores, portanto, vou terminar, dizendo que talvez mais tarde surja a compaixão no peito de Julinha, mas, por enquanto... nem falar nisso é bom.

Quando me encontro com ele, vou dizendo logo: “Adeus, Fernando!” e descascando-lhe bem em cima uma gargalhada: “E o teu plano *gigantesco*?”.

Respondeu-me então, com cara de quem vai a um enterro, triste e cabisbaixo:

“Efeito contrário, meu caro Alberto! Efeito contrário!”.

Parnaíba – 1901

Alberto

ANEXO 21 – “O Relógio” (*Popular*, ano 1, n. 1, 8 nov. 1902, p. 2-3).

Ainda me lembro perfeitamente bem do Varella, o velho que há uns trinta anos atrás me acompanhava em todas as boas troças que eu fazia lá para as bandas do Bebedouro. De estatura regular, alegre, prazenteiro, o seu rosto só se anuviava quando via um desses inocentes religiosos que o vulgo chama de parede. Uma vez perguntei-lhe porque aquela raiva toda, porque aquelas palavras injuriosas e às vezes mesmo obscenas, sempre que ouvia uma máquina daquelas bater automaticamente as suas horas e principalmente as meias horas?

Não conheces a D. Carlota, perguntou-me ele, encarado-me fixamente, essa senhora velha, casada com o nosso amigo Sepulvida? Pois bem: quando eu era mais moço tive uma paixão louca por ela, mas uma dessas paixões que nos tornam doidos, tontos, desfrutáveis mesmo. Um dia, oh! Felicidade! A sua criada, que era uma grandíssima alcoviteira, veio-me trazer um recadinho dela, pedindo que eu passasse lá à tarde. Passei e vi a minha querida Carlota, junto ao seu velho e austero pai. Recados e mais recados então a criada trouxe-me, levando sempre a resposta na ponta da língua e uma boa gorjeta no fundo da algibeira.

Uma bela manhã veio ela dizer-me que a sua ama ia ao baile em casa do barão Novaes e que mandava pedir-me que eu fosse.

Não avalias tu como fiquei; louco para ir a festa do barão, mas que diabo! Não tinha sido convidado!

Era o mesmo, quem namora não tem vergonha, lá diz o rifão popular, e à noite meti-me na roupa de ver a Deus e as pequenas aos domingos e eis-me em casa do barão e, o que é mais, na sua frente.

Não avalia, barão, disse-lhe eu, que prazer imenso tenho em me achar aqui, para felicitá-lo pelo feliz e auspicioso aniversário de v. ex.^a, que hoje passa. Peço desculpas de não ter vindo mais cedo; as ocupações me retiveram até agora. A senhora baronesa goza saúde, sim?

O velho olhava-me de alto a baixo e, vendo que eu queria ficar cinicamente na sua festa, que aliás não era de aniversário, disse-me meia dúzia de banalidades, algumas indiretas mesmo e retirou-se, dizendo secamente que a sua casa estava às minhas ordens.

Era o que eu queria e, depois de algumas valsas, abordei, a minha Carlota no assunto desejado.

Então, querida, é verdade que eu sou um mortal venturoso? Gozo, enfim, o teu amor puro, santo e divino! Olha, se consentes ou antes se concordas amanhã mesmo vou pedir-te ao velho. Sim? A moça recuou num passo; mediu-me da ponta dos empomados cabelos ao bico das lustrosas botas, dardejou-me um olhar de desdém e retirando-se disse com um riso sarcástico: “Cresça e apareça, seu tolo”.

Seria crível, oh! Deus?! Corei, empalideci, tremi, rugi e enfim, quando dei por mim, estava em casa estirado, completamente vestido, na minha cama.

Juntei minhas ideias dispersas, meditei, pensei, acumulei fatos, coincidências a que eu não prestara atenção e cheguei à dura conclusão de que havia sido ludibriado por aquela infame criada. Sim, fora ela, fora aquela miserável que me enganara em troca daquelas gorjetas.

E ela me havia mentido e me atirado por fim naquele ridículo com seus recados falsos!

Não sei como, assim mesmo vestido, adormeci ou antes caí em um profundo estado de letargia. Que sono terrível! Que pesadelos horrorosos! Acordei não sei a que horas.

O quarto estava envolto em trevas e eu só ouvia o tic-tac monótono do meu velho relógio pendurado na parede fronteira à cama.

Se ao menos eu soubesse que horas eram! Ouvi um surdo ranger de molas: o relógio preparava-se para dizer o que eu desejava.

Uma pancada seca soou e eu, mais tranquilo, disse bem alto, para que não me esquecesse: “Uma...” Esperei em vão. Aquele miserável calara-se novamente. Que horas seriam? E a agonia principiou a apoderar-se de mim. A minha roupa de cachemira fazia calor e do meu corpo principiara a brotar suor. Ligeira dor de cabeça me aparecia ao longe e a garganta tornava-se seca.

Tinha sede e junto a cama havia uma bilha; tateei nas trevas e encontrei-a virada. Assim mesmo levei-a aos lábios ressequidos e ainda pude dali sorver um gole.

Infelizmente a água fora de encontro a um dente cariado e desde logo senti uma dor terrível. Lembrei-me de levantar-me, de ir à botica, de bater, de gritar, de incomodar até os próprios santos, contanto que aliviasse aquele maldito dente, aquela cabeça que latejava, aquela garganta que secava.

O relógio continuava com o tic-tac insuportável e parecia mesmo que batia com mais força. Um pesadelo terrível, cheio de dores e de raiva se apoderou de mim. Principiei a cochilar e a despertar sobressaltado.

Numa dessas ocasiões ouvi o relógio bater tristemente uma pancada. Abri os olhos no meio das trevas, apliquei bem o ouvido e como da outra vez disse bem alto: “Uma...” Esperei em vão a segunda. Aquele batido calara-se novamente, miseravelmente. Assentei-me na cama furioso, praguejei, falei, gritei, insultei e aquele cínico batia compassadamente e parecia ate mais alto o seu tic-tac canalha.

Ladrão, miserável, fera, pois não respeita as minhas dores!? O coração, a cabeça, a garganta, o dente se ligaram para me fazer sofrer e agora tu, bandido, te vens juntar a eles para aumentar o meu martírio?! Tu, a quem eu trato com carinho, a quem eu limpo todos os dias e dou corda todas as semanas!? Pagar-me-ás amanhã, amanhã irás fazer parte do meu arquivo de coisas velhas.

Júlio Rosa

ANEXO 22 – “O Mascarado” (*O Arrebol*, ano 11, n. 72, 3 mai. 1925, p. 3).

[ilegível] então é aquele o ce[ilegível]te homem da meia noite?

Justamente. Aquele que usa suíças e anda sempre com a boca a inflar com um sorriso atoleimado.

– Será possível?!

– É sim. Em Parnaíba, fez a polícia andar da sala para cozinha. Empregaram esforços, fizeram todo o possível e nunca conseguiram descobrir o misterioso personagem, que altas horas da noite, andava assombrando um dos principais bairros da cidade.

– Com que fim, usava este expediente?

– Eu explico. Questões de mulher e de mulher bonita. Avalie que neste afamado bairro de Parnaíba, morava uma “pequena”, assas conhecida em toda a cidade, pela formosura de que era dotada. Ele ficou completamente apaixonado, mas, os pais da deidade, velhos e ainda afeitos aos costumes antigos, proibiram terminantemente que o nosso herói mantivesse por mais tempo semelhante namoro. Calcule o desapontamento dele. Daí, partiu a ideia logo posto em prática, de andar mascarado. E deste modo pulando cercas de quintais conseguiu marcar entrevistas...

– E a polícia, meu caro, a polícia de Parnaíba?!!

– Uns quatro soldados, e estes mesmos, nunca conseguiram descobrir, como já tive ocasião de lhe dizer, o misterioso personagem, tanto assim, que muitas vezes, “ele” encontrava-se com os soldados da ronda e falavam sobre o mascarado.

– Então aquela cara ingênua oculta um “água” de primeira grandeza?

– Perfeitamente. O que mais me admira é encontra-lo aqui. Ou ele é realmente misterioso, ou tem o dom da ubiquidade. Quando saí de Parnaíba lá o deixei.

– É realmente espantoso. O que eu queria era que ele usasse esses expediente aqui. Certamente a nossa polícia.

– Qual meu amigo, se houver necessidade, como houve em Parnaíba, usará do mesmo estratagema. Mostrará asseguro-lhe, mui brevemente, os seus maravilhosos conhecimentos...

– ?!!

E já de longe, rindo do meu estado de perplexidade:

– Fiscalize-o aí no jardim e terá a prova do quanto lhe digo. Aprecie de perto, ele chamar “que belezinha”, referindo-se às mocinhas de baixa classe...

Aprecie, meu caro, é um “águia”...

Italo d’Arentino

ANEXO 23 – “Nortista” (*Nortista*, ano 1, n. 12, 23 mar. 1901, p. 3).

A nossa edição de hoje, bem como a do número anterior, sai com seis páginas, como meio de dar vazão à afluência de matéria em nosso poder.

Representa isto um notável esforço de nossa parte, visto dispormos ainda de acanhados recursos materiais, e ao mesmo tempo o quanto procuramos corresponder ao apoio e confiança que nos há prestado o público.

A nossa tiragem tem aumentado muito em vista da grande aceitação e procura que há tido a nossa modesta folha, devido talvez ao modo incessante por que temos procurado defender os interesses vitais da terra piauiense, sendo a nossa única preocupação o bem público, com o alheamento de paixões partidárias ou de qualquer ordem.

Por isso temos dado guarida em nossas colunas a artigos de interesses pessoal, de desabafo individual, os quais por mais de uma vez havemos sido solicitados a publicar. Invariavelmente temos pedido a seus autores que nos desculpem por essa recusa, que não pode melindrá-los, desde que ela traduz uma norma invariável do nosso proceder. Pensamos que as descomposturas devem ser passadas verbalmente ou em manuscrito, nunca por meio da imprensa, pois elas deformam a beleza e desmerecem o valor de um jornal, que deve ser um veículo de civilização e não de paixões subalterna.

ANEXO 24 – “Pelo Teatro” (*Semana*, ano 1, n. 30, 1 jan. 1911, p. 2).

Subiu à ribalda, quinta-feira, 29 do último mês, o drama em três atos intitulado – *O Poder da Honra*. – foi o festival artístico das atrizes, Maria Nunes e Maria Oliveira, paraninfado pelo “Belo Sexo” parnaibano, representado por uma seleção da sua fina flor, a elite. O trecho da peça é um exemplo da sã moral, uma apoteose à vi[ilegível] vereando à depravação. Personificam-se em três tipos característicos: - a Honra, a Honestidade e o Cinismo, respectivamente num pintor pobre e honrado, uma aldeã simples e honesta e um titular opulento e cínico, que se fazendo pseudo-amigo e protetorado pintor procurava marear-lhe a dignidade, arrancando à cândida esposa a auréola de virtuosa, com a sedução a princípio, depois com a violência. Encontrando, porém, a repulsa no pudor da mulher e a punição na dignidade do esposo. A virtude, em teoria, triunfando sobre o ouro.

Terminou o espetáculo com a desopilante comédia em um ato – *Amor na chuva*, – que muito agradou.

Os artistas que, como sempre souberam com perfeição desempenhar os papéis que lhe foram incumbidos, atraíram do público os mais significativos aplausos.

E as belezas da arte teatral, lá foram as paraninfas argumentar a alegria da gesta com o encanto e a graça da formosura, provocando emoções. A elas, pois, cabe o maior realce e brilho daquela grata noite. Que continuem a frequentar aquela casa de inocentes e instrutivas diversões, que muito concorrerão para a expansão da vida parnaibana, espancando a tristeza, proporcionando alegria.

ANEXO 25 – “A Vida” (*Nortista*, ano 1, n. 52, 28 dez. 1901, p. 2).

A vida é um pesadelo para o pobre, que tudo é sofrer.

Parece um sonho cor de rosa, para o que vive na opulência e que tudo lhe sorri.

Infeliz do pobre, que não tem quem lhe console e proteja; infeliz também e rico, que só tem falsos amigos.

O pobre diverte-se com o trabalho; o rico não tem um prazer completo; todos tratam de lhe tirar o que possui, às vezes até a própria vida.

O mundo é um verdadeiro martírio, todos padecem; uns mais, outros menos.

Sou pobre mas consolo-me; pois que os ricos, também sofrem.

Parnaíba, 1901.

Maninha Medeiros

ANEXO 26 – “O riso” (ano 2, n. --, 28 jun. 1902, p. 3).

(A Henock Guimarães)

O riso tem diversas expressões, com relação a ocasião e aos lábios que o desprendem.

O riso da criança que brinca, transporta-nos no Empíreo, crendo ouvir os anjos.

O riso da donzela que vê satisfeita qualquer de suas aspirações, é a expressão da felicidade.

O riso da mãe que fita o filho querido, exprime toda a extensão do amor materno.

O riso do pobre para quem lhe dá uma esmola, representa a gratidão.

Mas o riso nem sempre é a expressão do prazer.

O riso do louco não tem expressão.

O riso do assassino quando vê a seus pés a vítima do seu ódio, é satânico.

O riso do ladrão quando empolga a presa que cobiçava, exprime a maldade.

O riso que expressa maior perversidade é o que nos é enviado dos lábios de quem julgamos um amigo e que abriga com júbilo, a ideia de trair-nos.

Junho de 1902.

Carolina Medeiros

ANEXO XXVII – “O poder da evolução” (*O Perdão*, ano 1, n. 5, 14 jul. 1921, p. 1).

Ao Jota

*(No dia de seus anos, a propósito de pequena dúvida que só passageiramente lhe quis
abalar as convicções religiosas).*

Enquanto o fruto é verde jaz no galho,
Do nascimento próprio é confirmante;
Ali recebe as pérolas de orvalho
E luz, calor, do sol vivificante.

Mas, quando um dia o tempo for bastante
É forçoso que tenha outro agasalho:
– Na relva há de tombar sem mais trabalho
De onde há de surgir belo e possante.

Assim, alma feliz, se despertaste,
Se o tempo te chegou, se divisaste
Um vulto a te acenar, santo e bendito,

Ficar não podes mais no paradeiro:
– Em busca do real, do Verdadeiro,
Vagando viverás pelo Infinito.

Parnaíba, 27-6-21

Neném Marreiros

ANEXO XXVIII – “Pedra” (*O Norte*, ano 17, n. 2.922, 27 abr. 1946, p. 4).

Como eu te invejo, ó pedra! inerme, assim jogada,
Sem que ninguém te estime e nem sequer te veja,
Passando a vida toda inerte e desprezada,
Cuja sorte minaz saber ninguém deseja...

Seja o rude monstrengo, ou criatura seja,
Ninguém te liga, ó pedra! a sós, abandonada,
Levando a vida exule, essa vida que almeja
Tanta gente que sofre e vive consternada.

Exposta ao sol, à chuva, ao fogo, ao gelo, a tudo...
Não clamas mutações, porque teu lábio é mudo
E nem um coração tens tu para sofrer:

Pedra, como te invejo!, insensível, imperfeita!
Quisera eu, como tu, de granito ser feita
Para passar no mundo a vida e não viver!

Sonita Cunha

ANEXO XXIX – “A Casinha da Atalaia” (*O Norte*, ano 17, n. 2.916, 13 abr. 1946, p. 1).

Em virtude da ameaça das marés, foi demolida a última casa que restava na praia da Atalaia, em Luiz Correia.

Tinha eu três meses só, quando a primeira vez,
Sob o teu teto amigo estive à veranejar,
E à luz do alpendre teu, que agora se desfez,
A minha ama passava horas a me embalar.

Já contando, em seguida, um ano e mais um mês,
Corria em teu terraço, alegre, até cansar,
Num balanço de pau que meu maninho fez,
Às carícias da brisa, andava a balançar.

Cresci. E com meus pais, invariavelmente,
Sempre ia veranejar na casa de Atalaia,
Agora demolida, irrevogavelmente...

Parece que te vejo, a clamar piedade,
Generoso refúgio aos banhistas da praia,
Cantando uma canção de intérmina saudade!

Sonita Cunha

ANEXO XXX – “O Mar e a Terra” (*O Norte*, ano 17, n. 2.931, 19 mai. 1946, p. 1).

Em frêmito convulso, o Mar sempre agitado
Protesta com fragor, da Terra a indiferença
E ruge, qual a fera, e geme, desolado,
Até que lhe exaspere a mais cruel crença.

Serás que Tu, ó Mar!, na tua angústia imensa
Não comovas a Terra, em pranto amargurado;
Nem teu martírio atroz, nem tua dor intensa
Lhe faça enternecer o coração gelado.

Dia e noite se vão, do calendário humano,
E vês assim passar milênio, século e ano
Nesse estertor feroz, chorando sal somente,

Chorando a ingratidão, as tuas grandes mágoas
Na infinita expansão da vastidão das águas,
Que são lágrimas só – rolando eternamente!

Sonita Cunha

ANEXO XXXI – “Maria” (*O Norte*, ano 17, n. 2.928, 11 mai. 1946, p. 1).

Para D. Flora Correia

Traspassada de dor, narrava-me chorosa
A morte da filhinha, assaz pequena ainda,
E, da moléstia à cova, a cena dolorosa
Tristonha comentava, em sua mágoa infinda.

Nas descarnadas mãos, apenas uma rosa
Trazia, por lembrança da existência finda
Do anjo que se foi, dizendo lacrimosa:
Ó Deus!, porque levaste a minha flor mais linda?

E fiquei a fitar-lhe os olhos rasos d'água
Sentindo, como ela, a mesma grande mágoa
De quem sofre o rigor de um mal sem esperança.

E disse-lhe com fé: Consola-te, Maria!
Tua filha, lá no Céu, goza eterna alegria:
Feliz do que abandona a terra vil em criança!

Sonita Cunha

ANEXO XXXII – “Marinheiro de Primeira Viagem” (*O Norte*, ano 18, n. 3.155, 23 ago. 1947, p. 3).

Doze horas e quarenta e cinco minutos, marcava o cronômetro de pulso do piloto do “teco-teco” de dois lugares.

Instalado no assento traseiro do pequeno avião, ouço a voz do comandante do aviador:

– Contato!

Num instante o aparelho começa a trepidar, acionado pelo motor. A princípio movimenta-se vagarosamente, porém, pouco a pouco vai ganhando velocidade na pista. Upa uma, duas vezes num esforço tremendo: estamos subindo. Estávamos voando em direção leste mas, de repente, santo Deus, que susto! O avião curveteia para oeste, sem aviso prévio. Vamos cair – suponho. Alvorçado, deixo escapar um grito de terror, agarrando-me fortemente ao assento dianteiro, do piloto. Em seguida, ainda ofegante, indago.

– Que é isso, rapaz? Para por favor!

Em resposta ouço uma sonora gargalhada. O rapaz está a divertir-se comigo. Dá à alavanca sem pressa e depois, olhando para mim, explica sorridente:

– Nada, velho, foi só uma “americana” – refere-se à manobra executada de surpresa.

Creio que esbocei um sorriso idiota por alguns segundo. Repentinamente, porém, ocorre-me à mente a ideia angustiosa de tal façanha vir a repetir-se. Certamente teria de capitular, antes mesmo de atingir os 240 quilômetros daquela viagensinha de estreia. Voávamos a uma altura apreciável, e a possibilidade de um desarranjo imprevisto daquela máquina deixava-me aterrado: por um segundo imaginava-me varando o espaço, após ter praticado um salto desvairado em recurso supremo de instintivo apego à vida. Entrementes espio lá em baixo, maquinalmente, repetidas vezes. Evidentemente tenho os nervos tensos ao máximo.

Não diviso muita coisa, posto que o sol brilhe, irradiando luz intensa. O avião está agora muito firme, deslizando sobre uma corrente de ar frígido. Enquanto plana em direção a uma nuvem vaporosa, espio mais uma vez lá em baixo. Vejo com nitidez somente um dos pneus, que aparece a um metro abaixo da carlinga do aparelho. Em terra não diviso nada ainda com desembaraço.

É que continuo receoso de uma nova “manobra” do az. E era infundado o meu pressentimento, pois que daí a instantes, era o vento que agora tomava a si o encargo das acrobacias. Mas, desta vez, inexplicavelmente, pratico prodígios de equilíbrio no meu assento, malgrado o alvoroço que de novo se vai apoderando de mim.

O avião, como um porto travesso, entra a executar uma série de pinotes em câmara lenta. Alguma corrente de ar o impele vigorosamente para um plano mais elevado, ali adiante, extingue-se inesperadamente a corrente e, ó Céus, uma *queda* no vácuo! [ilegível] – olhos arregalados, dedos crispados [ilegível], no assento dianteiro, aguardo o desfecho de tudo. Mas... bem, a crise passou.

Depois da quarta *queda* senti-me mais calmo, e com surpresa noto que estamos sobrevoando uma região de panorama belíssimo. Por um instante esqueço o medo e quedo-me diante daquela beleza estranha. Tenho ante os olhos o maior e mais impressionante dos quadros naturais que amais vi. – Lá está o Delta do Parnaíba em toda a sua majestade, extensão e encanto. Seis bocas, se bem contei, em linhas sinuosas a desaguarem no mar, soberano do cabeleira frizada a bramir à distância. O traço marcante daquela tela extraordinariamente grande, partia das pinceladas gigantescas em tinta ocre-sanguíneo rasgando o verde selvagem da paisagem. O rio em sua água tingida de “loa” era o ponto alto do quadro. Leigo que sou em assuntos de tintas, não me passou despercebido, porém, o impressivo, curioso verde da floresta; ora forte, tendente para o negro; ora brando com tonalidade amarelada e, sob o efeito da luz solar, aqui e além apresenta cor indecisa, singular. Mais adiante, nas ribanceiras escarpadas do rio, as copas exibem um verde oleoso com ligeiros toques de cinza.

Agora voamos em altitude média e de onde, aponta um retângulo, um quadrado, ou uma outra figura geométrica, assinalando a abertura de roças. Percebo figuras minúsculas a se movimentarem lá em baixo. Agitam os bracinhos até a altura da cabeça e os deixem cair pesadamente: estão cavando a terra. E não poderiam ser maiores, dada a altura de onde estão sendo observadas. Por exemplo, ali em nossa frente, movimentase um iatezinho a vela, que se nos afigura a um barco na vitrina a lutar contra a corrente. – Parece-me uma nota jocosa na feição séria do rio.

Agora sobrevoamos um pântano. Ali está um cavalo branco, aparentemente enfiado no tremedal. Oscila a cauda pacientemente, enquanto o vento franze a superfície do charco que se estende em sua frente. Mais adiante espreguiça-se vasta campina, pontilhada de pequenos vultos irrequietenos.

Aproximamo-nos mais da costa. Uma, duas, três, uma fila de dunas alvacentas. Aves negras sobrevoando as imediações. [ilegível] descendo em voo picado. Parece que algum odor esteve a pairar pelo ar. Precipitam-se na descida, sem atenderem a formalidades de manobras. Há festim em terra, evidentemente.

Também estamos manobrando para aterrar, pois está à vista a praia onde pousaremos. Então, dentes rilhados novamente, dedos encravados no lugar de costume, preparo-me para o pior. Mas não tenho tempo para traçar planos, porque já estou vendo o mundo de forma enviesada. Seguro-me com força, enquanto entra a terra num ceceando e, *trum... um... um... um... trarará... trarará... trarará...* matraqueia o trem de aterragem.

Estamos em terra, são e salvos!

Raimundo Souza Lima

ANEXO XXXIII – Capas das revistas parnaibanas *Gleba*, *Harpa*, *Panorama Estudantil*, *A Voz da Parnaíba*, *Raios de Luz*, *Cultura* e *O Arauto*.



Joel Oliveira

CASA "MISIO BRITO"
(Biblioteca Pública)
TERESINA



HARPA

REVISTA MENSAL

ARTE - CIENCIA
LITERATURA
PROPAGANDA
VARIEDADES

MAIO 1936

DIRETORES - REDATORES:

R. FONSECA MENDES
MARIO CARVALHO

DIRETOR - GERENTE:

LINON RIBEIRO GOMES

DIRETOR - SECRETARIO:

ANTONIO BATISTA DOS SANTOS

PARNAÍBA - PIAUÍ

ANO I - NUM. I

600 RÉIS



Panorama Estudantil

— ORGÃO OFICIAL DO —
CENTRO ESTUDANTAL PARNAÍBANO

ANO I
Número II

DIRETOR :
Pergentino Cardoso Filho

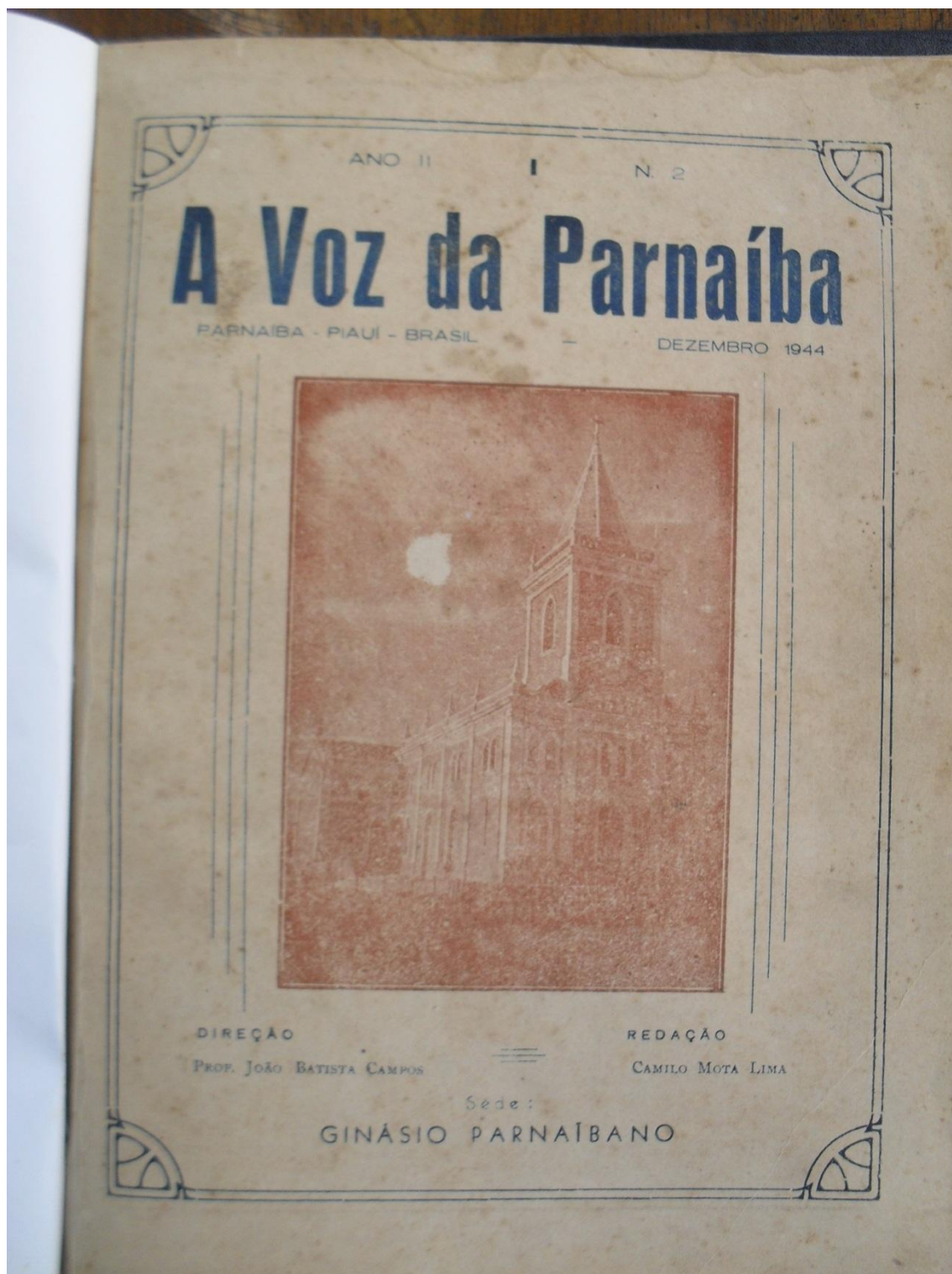
1939
JUNHO



Parnaíba, em um dia festivo



13-C-2

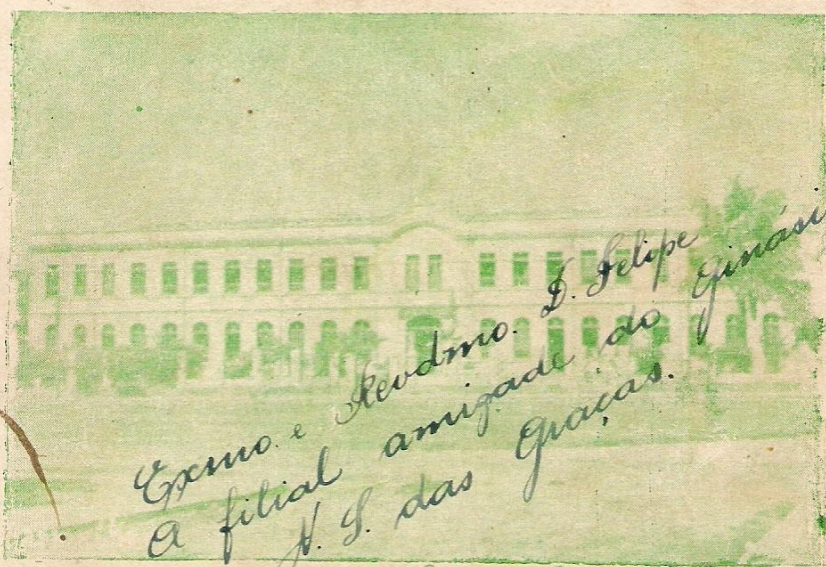


RAIOS DE LUZ

ANO X

N. 10

FUNDADO EM 1939



1948

Parnaíba - Piauí - Brasil



Cultura

Revista da
Sociedade Parnaibana de Expansão Cultural

Comissão de Redação

CÂNDIDO DE ALMEIDA ATAÍDE
Padre ANTONIO MONTEIRO SAMPAIO
MOACIR RODRIGUES DA CUNHA

CASA "ANÍSIO BRITO"
(Biblioteca Pública)
TERESINA

— ÍNDICE —

ASSUNTOS	PÁGINAS
Diretoria.....	3
Comissões Permanentes.....	4
O Eixo Rio-São Paulo — Renato Castelo Branco.....	5
Considerações Sobre o Exame Prenupcial — Solfiere Teive.....	7
O Petróleo no Brasil — Lauro Andrade Correia.....	10
O Petróleo na Poesia.....	13
O Negro no Problema Social dos Estados Unidos.....	14
..... José Pinheiro Machado	14
A Guerra aos Bacharéis — Herdélito Sousa.....	19
Rumo ao Futuro — Moacir Cunha.....	23
Parnaíba Precisa de Vias de Transporte — R. Fergaz Filho.....	25
O Coqueiro (Soneto) — Tomaz Catunda.....	26
Linguagem Regional.....	27
Parnaíba Através dos Tempos — Joel de Oliveira.....	29
A Neve dos Anos (Soneto) — Oliveira Neto.....	35
Sonhos (Soneto) — Jesus Martins.....	35
A Cidade do Salvador — Arnaldo Sousa Brandão.....	36
O 40. Centenário da Cidade do Salvador — Cândido Ataíde.....	37
Bahia Eterna — Mariano Souza.....	38
A Recepção do Sr. Lauro Andrade Correia.....	39
Discurso do Recipiendário.....	39
A Saudação do Sr. Alberto Tavares Silva.....	42
Expediente.....	45
A Recepção do Sr. Benedito Jonas Correia.....	46
Pareceres.....	47
Estatutos.....	50

Ano. I — Maio de 1949 — N. 2
PARNAÍBA — PIAUÍ — BRASIL

O Arauto

Órgão da ASSOCIAÇÃO PARNAIBANA DE LETRAS

DIRETOR: JOÃO PAULO VELOSO

GERENTE: F. ASSIZ MACHADO

"Cultivar a inteligência é caminhar para a imortalidade"

ARQUIVO PUBLICO DO PIAUI

Rua Coelho Rodrigues, 1016
64.000 - Teresina - PI.

"De uma coisa poderá estar certo todo aquele que se mostrar impressionado com a gravidade da situação atual dos espíritos, considerando as incertezas do problema da civilização e a crise por que tem passado o espírito humano, no exercício de sua função própria e na luta pela realização de suas mais altas aspirações: — é que o momento é de renovação e reconstrução; é que o momento é de revigoramento moral, sendo certo que a época de demolição e desmoronamento chegou a seu termo e um ideal novo anuncia as aproximações de sua entrada no mundo".

FARIAS BRITO
"Mundo Interior"

13-C-3
Ano 1

Junho — 1949

N. 2

PARNAÍBA — PIAUÍ — BRASIL

ANEXO XXXIV – “Mais Luz!” (*Gleba*, ano 1, n. 1, mai. 1933, p. 1).

Concentro o espírito, percorro detidamente o anfiteatro do meu cérebro e, malgrado o meu esforço só deparo uma frase: “mehr licht”.

Neste momento de apuros em que o me encontro peça vontade de dois amigos só me posso valer de Goethe.

Viajo espiritualmente, portanto, à Alemanha. E, lá em Weimar assisto aos últimos instantes do sábio, do dramaturgo, do filósofo e do grande poeta que foi Goethe.

Como se tivesse sido demasiado insuficiente a si mesmo e à sua humanidade, o imortal prosador alemão, na hora do desfecho fatal da comédia da vida, ainda lançou o grito último, o brado natural da perfeição: Mais Luz!

Imitando a esse espírito que condensou em si a enorme psicologia de toda uma época, e reuniu e gritou todas as qualidades ingênicas de uma raça, levanto a fronte destemeroso, e lanço aos quatro mundos a ânsia incontida da brasilidade moça: mais luz! mais luz!

Ser curioso é sinal de ter atingido um nível perfeito. E a tendência natural é penetrar o desconhecido, sondar a alma, afirmar Deus, balizar o universo, chegar à causa primeira com o foco de luz da ciência, esmerilhar tudo ao reflexo da filosofia.

Ascender na escala humana é, pois, a cogitação universal.

E, da mesma maneira que o belo, “que é a expressão agradável de uma energia ordenada” provoca em nós dois efeitos, embrenhar-se no campo das Belas Letras é, também, sobremodo sedutor.

Sou, portanto, um entusiasta de todos os empreendimento que tenham o fim justíssimo de propagar, de fazer nascer o interesse pelas letras – por elas que têm sido motivo de orgulho de todos aqueles que as manejam com mãos de Mestres e de Artistas ao mesmo tempo.

A Ciência, a Literatura e a Arte são, não há dúvida, o maior patrimônio da humanidade. Cultivá-las é o dever de cada um e de todos.

Assim é que hoje, como uma fagulhazinha a mais, *Gleba* vem juntar-se às suas congêneres, e trabalhar para a formação de uma coluna de Luz que, a exemplo da coluna de fogo de antanho, guiadora de Moisés aponte e rasgue novos horizontes ao Brasil.

Estou certo de que não faltará trabalho, aborrecimento e canseiras.

O meu em que *Gleba* inicia a sua vida construtora de um marco rígido da literatura brasileira, é um tanto adverso.

Isto, porém, não trará desfalecimentos. É convictos da luta que ora se inicia, que nos propomos a sanar, salvo melhor juízo, a falta de que parece já se ressentir Parnaíba: a ausência de uma revista que encare as suas páginas a todos aqueles que, por um motivo exclusivo de desinteresse, se mantenham afastados das atividades intelectuais.

Estou mais que certo que esta iniciativa encontrará apoio não somente do nas letras citadinas, mas, também, e principalmente de todos que leem e que ainda deicam algumas horas às leituras sãs.

O Norte, que tem sido a fonte inesgotável da maior parte do patrimônio literário nacional, está muito aquém do que deve e pode ser.

Pedaço do Brasil que tem dado Rui Barbosa, Coelho Netto, Gonçalves Dias, José de Alencar, Humberto de Campos e tantos outros de incontestável valor, o Norte tem necessidade de elevar-se dentro de si mesmo, divulgando o valor de tantos publicistas, poetas, dramaturgos e jornalistas anônimos paela voz de sua imprensa e de seus magazines.

É isto, portanto, o que pretendemos. É o mister principal de *Gleba*.

Entretanto se, em meio do mar encapelado que temos de enfrentar, o barco de nossas esperanças for tragado pelo rodomoio impenitente do descaso, fica ciente Brasil, a fagulha lançada ao capricho do vento irá ter ao seu destino, e servirá de incentivo aos que hão de vir, embora pela superfície traidora das águas, parem os frangalhos do nosso Ideal e os farrapos errantes da nossa alma!

Armando Basto

ANEXO XXXV – “Divagações” (*Gleba*, ano 1, n. 9, jan. 1934, p. 18).

Perambulo a cada instante por entre os rosais floridos da minha existência de moça, em busca da misteriosa fonte da Beleza, e, nem sequer ouço, aquele suave murmúrio que é como uma canção da natureza...

Embora embriagada de perfumes, não consigo sentir a delícia do cristalino frescor das suas águas límpidas que rumorejam ao longe. E neste doce anseio, vivo a vida sutil de minha mocidade cheia de belas aspirações.

Guardo na delicadeza de meu ser, o s últimos espinhas da minha primeira ilusão quase desfeita. Quase, digo bem, porque desconfio da minha própria fragilidade. E por que resistir a tanta felicidade, se quando junto dela, embira toda falsidade, acreditamos na sua existência?!...

No meio de um jardim, a gente dever sempre colher algum botão, mesmo que depois, por causa dos espinhos, se tenha de lavar as mãos ensanguentadas nas águas límpidas da reflexão. A vida é um sonho e por isso devemos sempre procurar dormir para viver.

Não obstante eu trazer no meu peito sincero, as mãos ressaibos de uma ventura que passou, mesmo assim, ainda vivo a comungar a divina aromatização de tosaís floridos, em busca da longínqua, toda cristal e murmurejante fonte da Beleza.

Parnaíba, 10 de janeiro de 1934.

Eliza dos Anjos

ANEXO XXXVI – “Parnaíba” (*Gleba*, ano 1, n. 5, set. 1933, p. 12-3).

Dona cidade, Imperatriz modesta,
Com que gosto te vejo preparada
Para os encantos de uma grande festa.

Como te orgulhas, Pérola moderna,
Ao receberes a visita augusta
Do Bravo militar que nos governa.

Bravo a quem prezas tanto e muito deves
E que aqui vem inaugurar, julgando
As obras do Prefeito Ademar Neves.

Os feitos de Ademar, são feitos de um gigante
Que não sabe jamais recuar um só instante.

É um gigante a marchar, mostrando a humanidade,
Que tem no peito a arfar o escudo da Verdade:

Duas rodas nos pés, duas asas nos braços,
Sulcando a terra a devassar montanhas,
Alçando o voo a dominar espaços.

É o gigante viril, impávido, altruísta,
Que admira e protege o proletário
Porque sabe o valor de um gênio artista.

É o gigante que traz na sua fronte impresso,
Numa auréola de luz o nome do PROGRESSO.

*

* *

Dos gestos de Ademar, o seu primeiro gesto
Foi soberbo, feliz, extraordinário,
Porque ele, a bem de nossa terra amada,
Venceu, inaugurando o “Leprosário”!

Parnaíba de 30, era um franco hospital!...
Na rua, em qualquer canto da cidade,
Um leproso estendia a mão doente,
Implorando, por Deus, a caridade.

Hoje, a cidade vibra de emoções.
O Prefeito Ademar remodela a cidade:
Edifica jardins e Pavilhões;

Reservatórios, Praças elegantes,
Praças que dão conforto aos habitantes;

Constrói Mercado, pavimenta as ruas;
Reforma a luz que mostra ao fim dos dias,
Parnaíba sorri, como rainha,
Sobre um manto de finas padrlarias!!...
E no meio das matas isoladas,
Ergue obras d’arte, faz abrir estradas;
Manda alargar as velhas rodovias
Constrói pontes, bueiros, pontilhões,
Por onde quase isentos de empecilhos,
Correm autos, deslizam caminhões.

Vendo estes rasgos de operosidade,
A classe de Operários Metalúrgicos,
Quis render o seu preito de homenagem
Ao Prefeito Ademar, o gênio da cidade.

E então fundiu no bronze inquebrantável,

Uma águia, como a efígie do Progresso
Que ilumina esta terra admirável!!...

Que lembrança sublime e impressionante!...
Ergueu-se um monumento às portas da cidade,
Onde um rio, o saudoso Igaraçu,
Vive se desfazendo em estros de saudade.

Sobre esse monumento formidando
É que a águia de metal estende as asas,
Serenamente, o espaço dominando,

Tendo o globo de luz aprisionado
Ao poderoso bico recurvado.

Globo que se fez sol,
Facho de diamantes,
A fulgir como esplêndido farol,
Apontando a cidade aos viajantes.

*

* *

Eis a obra de Ademar, patenteando o valor
Dos rasgos do seu gênio empreendedor.

Surjam, portanto, os mais, buscando destruir
Sua obra genial, é inútil insistir!...

O trabalho é o fator do Progresso sem par.
A glória, em seu fulgor, ninguém pode ocultar.

Quem destrói a Razão? Quem fulmina a Verdade?
Queiram ou não, os fracos pessimistas,

O Prefeito Ademar trilha a imortalidade.

Se os vindouros tais gestos imitarem,

Podemos afirmar sem ter vaidades

Que a legendária, a Invicta, a Operosa,

Parnaíba será o exemplo das cidade!...

E os seus filhos serão, – como isto nos ufana –,

Os Titãs invencíveis do Progresso,

Vivo orgulho da raça Americana!...

Nostradamus

ANEXO XXXVII – “Palavras de incentivo” (*Gleba*, ano 1, n. 7, nov. 1933, p. 12).

De certo tempo a esta parte, Parnaíba tem progredido extraordinariamente em todos os ramos da atividade humana. E este progresso é notável, particularmente, na mentalidade intelectual da terra.

Após a fundação do Ginásio Parnaibano e da Escola Normal, grande tem sido o impulso da mocidade parnaibana. Assim, é que foi fundado o “Grêmio Estudantil”, criado o “Ateneu” e encetada toda uma grande realização por parte da mocidade estudiosa.

Desta febre de ascensão nasceu também *Gleba*. E até hoje tem sido a pioneira da intelectualidade moça de nossa terra, trabalhando ao lado dos que constroem o patrimônio moral de Parnaíba.

Já tivemos oportunidade de dizer da grande aceitação que nossa revista logrou ter não somente em Parnaíba e em todo o Estado, como também fora de nossas fronteiras.

Sempre que encontramos palavras de incentivo, tomamo-las como prêmio às nossas lutas. E estas, geralmente veem na fogueira crepitante da literatura. Espíritos acostumados às canseiras da imprensa, afeitos às vigílias contínuas neste extenuante trabalho de construção intelectual que, já há algum tempo, vem sendo realizado do norte ao sul do Brasil.

Berilo Neves, ilustre filho de nossa Parnaíba, a respeito do qual não há necessidade de comentários, em carta dirigida a um nosso amigo e leitor, assim se expressa, de uma maneira que muito nos honra, ao mesmo tempo em que nos encoraja à continuação da obra que iniciamos há seis meses:

“Recebi, com muito grado, o exemplar de GLEBA que teve a gentileza de enviar-me em maio p. p. Eu não tinha a satisfação de saber que existia em Parnaíba, uma revista tão bem feita e com um tão acentuado cunho literário como essa futura GLEBA.

“O renascimento intelectual de Parnaíba é um fato grandemente auspicioso, e com que deveras me congratulo. Tenho lido alguns jornais daí, e encontrado nomes de jovens escritores que muito prometem à grandeza da literatura da nossa terra. O Norte constitui, aliás, a esse aspecto, uma formidável reserva da nossa Raça.

(a) BERILO NEVES”.

Eis aí o que diz o consagrado escritor conterrâneo. E palavras assim tanto mais nos orgulhecem, quanto sabemos que são a expressão máxima da sinceridade, escolhidas para animar aos que labutam aqui nesta Parnaíba, entre o entusiasmo de uns e o indiferentismo de outros.

A Berilo Neves, os nossos agradecimento de vontadosos.

ANEXO XXXVIII – “Nossa revista” (*Harpa*, ano 1, n. 1, mai. 1936, p. 3).

Rompendo a inclemência do pessimismo que avassala o nosso meio, conseguimos apresentar ao amável leitor, a primeira edição desta revista – produto da conjugação dos esforços idealísticos de uma plêiade de literatos-amadores de nosso meio.

Não foi fácil transformar em realidade palpável o desejo incontido que nos dominava de dotar Parnaíba de uma revista moderna, que, lá fora, diga aos ausentes das nossas possibilidades literárias tão promissoras quão esquecidas.

Das dificuldades numerosas que se antepõem à frente das realizações deste jaez, não mais é preciso falar.

A indiferença de muitos e o pessimismo de quase todos são óbices que por si só bastariam para estiolar todos os idealismos que, como este, procurassem medrar no solo árido da literatura parnaibana.

Nós, porém, não nos declaramos vencidos antes da luta.

Estudamos, preliminarmente, os meios de assegurar uma existência duradoura a esta revista; pois não desejamos que, como as anteriores, tenha ela passagem efêmera nos nossos anais.

Era mister levantar-se, antes de trazê-la à publicidade, o alicerce que a sustentará.

Esse, temo-lo mais ou menos solidificado, pelo nosso desejo de bem servir às conquistas literárias do nosso meio, às necessidades expansionistas da nossa cultura – tudo isso amalgamado com a boa vontade de uma plêiade de amigos que nos estimula e nos ajuda à conquista dos nossos ideais.

Não exageramos o nosso programa nem queremos ir além das possibilidades locais.

HARPA traz uma feição modesta e será vendida ao alcance de todas as bolsas, a fim de que seja intensa a sua circulação nesta cidade e fora daqui.

O seu crescimento, desenvolvimento e triunfo dependem da amável acolhida que for dispensada pelo público leitor, da preferência com que nos honrarem os nossos anunciantes e da intrepidez literária do círculo intelectual de nossa terra.

A revista está aqui.

Ajudem-nos e nós a manteremos cada vez melhor.

PARA O ENGRANDECIMENTO DA PARNAÍBA.

PELA GRANDEZA DO PIAUÍ.

ANEXO XXXIX – “A Poesia” (*Harpa*, ano 1, n. 3, jul.-set. 1936, p. 7).

A poesia é a arte majestosa das palavras sabiamente combinadas pela estética do pensamento e do ideal.

É a música da alma que vibra em harmonia com a Natureza.

É uma surpreendente refletora do Belo; uma sublime iluminadora de nosso espírito.

A sonoridade, a harmonia e a cadência emprestam à poesia um encantamento particular que nos extasia, fazendo-nos antever, na imaginação, algo que se assemelha ao som, à luz e à forma. A poesia é, pois, uma sensível receptora das outras artes.

Dizem os mestres da História que a poesia se originou, talvez, do gosto pela música e, em especial, pelo canto. Muito antes de aprenderem a escrever já os homens compunham cantos em que celebravam a sua vitória após a guerra. Homero, considerado o pai da poesia, por ter sido o maior e o mais antigo dos poetas que já existiram no mundo, oitocentos anos antes de Cristo já abismava as populações gregas com suas magníficas composições poéticas. Data, portanto, de longínquos tempos o aparecimento da poesia no Teatro do Mundo.

Como a música, a poesia evoluiu através das diferentes eras e tem suas épocas de maior e menor fulgor.

Na Antiguidade, os seus mais grandiosos representantes foram Homero, inspirado autor da *Ilíada* e da *Odisseia*, que os pósteros consagraram; Virgílio, o eloquente compositor da *Eneida*; Sófocles e Ésquilo, dois poderosos competidores que legaram à Humanidade obras de incontestável valor.

A poesia da Idade Média é brilhantemente representada pelos extraordinários gênios que foram Dante, o afamado autor da *Divina Comédia* e Petrarca, o primeiro dos grandes humanistas do Renascimento.

Foi, porém, na Idade Moderna que a poesia recebeu o seu mais colossal impulso, com as sublimes aparições de Camões, o gênio inimitável, Shakespeare, o célebre poeta dramático que deixou um grande número de comédias e tragédias apontadas como obras primas da literatura; Calderon, o estilizador da poesia espanhola; Milton, conhecido e admirado através do *Paraíso Perdido*; La Fontaine, o inimitável fabulista; Boileau, notável peça naturalidade e clareza de seus poemas ; Racine, o poeta da Suavidade e da Harmonia.

Goethe, o mestre supremo da poesia, é o traço luminoso de união entre a Idade Moderna e a Idade Contemporânea. Ninguém, como ele, possuiu, em tão elevado grau, o sentimento do Belo, concretizado em suas inspiradas composições poéticas.

Na Idade Contemporânea imortalizaram-se por sua superior inspiração, Byron, da pátria de Shakespeare; Lamartine e Victor Hugo, da pátria de La Fontaine; e finalmente Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Junqueira Freire, Raimundo Correia, Olegário Mariano, Olavo Bilac, Jonas da Silva, filhos abençoados de nosso país, que tanto o honrarão através da posteridade, pelo brilho incomparável de sua inteligência magistral.

Salve! Salve! Poesia, arte sublime e majestosa que engrandece e dignifica o homem na Senda da Vida, sendo, como suas irmãs, a música, a pintura e a escultura, uma das mais transcendentas e preciosas dádivas que o Criador legou à Humanidade para instrumento propulsor do progresso e da evolução.

Alda Cunha

ANEXO XL – “Redivivo” (*Harpa*, ano 1, n. 3, jul.-set. 1936, p. 19).

A meu pai, na saudade minha, de minha mãe e de meus irmãos

Ouve esse culto de eternal saudade,
Representado numa roxa flor,
Flor de esperança e de felicidade
Viva lembrança em que se encerra a dor...

Nosso sentir é o teu e a alta verdade
Aprendeu nos exemplos desse amor,
Feito só de carinho e de lealdade,
Em que nos foste sempre um “Mentor”.

Hoje, ao lembrar a tua despedida
Nossas almas em prece dolorida,
Só têm anseios para te chamar...

Em cada face, a lágrima descida...
Ó símbolo fiel de nossa vida,
Que só vieste para nos amar!

Angélica de Melo

ANEXO XLI – “Enterro de uma menina pobre” (*Raios de Luz*, ano 10, n. 10, 1948, p. 23).

Teu caixãozinho de pobre
Não tinha flores, ouviste?
E quase não houve dobre
De sinos, na tarde triste.

Segurando as toscas alças
De teu esquife de pinho,
Trilhavam rude caminho
Quatro meninas descalças.

Em redor, outros meninos
E gente grande também
Murmuravam santos hinos,
O pensamento no Além.

Mas, das pequenas, o passo
Cada vez era mais lento:
Havia um grande mormaço
Pesando no ar cinzento.

Morno suor descia a fio
Nos rostos... Que calma brava!
Somente teu rosto estava
Enxuto, sereno e frio.

Mas, numa curva da estrada,
Um pau-branco, suavemente,
Deita a sombra perfumada
De sua coma virente.

Um velho carro de boi
Para sempre ali descansa:
Enfermo sem esperança,
Triste imagem do que foi.

Toda a pressa então se estanca,
E as quatro, com brando jeito,
põem-te frágil, frágil leito,
do velho carro na banca.

Na copa vibrava bela
Cantiga de acentos vários:
Cantava o pau branco pela
Voz da brisa e dos canários...

Teu corpo era quase um sonho
Na mortalhinha tão alva!
Lembrava, o esquife tristonho,
Comprida concha bivalva.

E sobre eles do folheto
Foi caindo, sem rumores,
De leve, como em segredo,
Toda uma chuva de flores.

Branças, pequenas, cheirosas,
Recortadas como estrelas,
Pudessem teus olhos vê-las!
Aladas, finas, mimosas...

Sobre ti chora o pau-branco
E em breve o caixão inteiro
Transformou-se num canteiro
Todo branco, todo branco...

Negou-te o mundo favores,
Mas a justa natureza,
Cujas lágrimas são flores,
Deu-te um manto de Princesa.

E com ele, sem o alarde
De sinos em tom funéreo
Enfeitadinha, mais tarde,
Entraste no cemitério.

Por isto, quando o lenheiro
O machado erguer, num gesto
Violento para, de presto,
Ferir o velho madeiro.

Do pau branco que pompeia
Na curva daquela estrada
- Doce estação entre a aldeia
E a derradeira morada –

Pede a Deus que lhe detenha
O braço para o alto erguido!
Pois não deve ser ferido,
Nem pode servir de lenha,

Quem, naquela tarde triste,
Sobre dar-te sombra e canto
Te cobriu toda de um manto
De flores alvas... Ouviste?

Thomaz Catunda

ANEXO XLII – “Spring” (*A Voz da Parnaíba*, ano 1, n. 1, 1944, p. 37).

Spring is the first season of the year.

It is the season of flowers.

In Spring all nature seems happy: the birds sing on the trees and the trees are covered with flowers.

There are many kinds of flowers: roses, violets, tulips, lilies, pinks, jasmines, forget-me-nots, and so on.

Spring! Nature is plenty of life. It is like a merry child playing in the fields and gardens! The sky is cloudless and quite blue. It seems to be a huge mantle covering the Earth.

Under the blue sky the living creatures feel happy and everything else is full of beauty and attraction, inviting us to admire nature.

The birds fill the air with sweet songs, the rumourous rivers and streams have their waters clearer, and more pleasant things appear around us.

It is a pity we have no Spring in Parnaíba.

How I wonder Spring!

Jesuila Marinho Gonçalves

ANEXO XLIII – “Apresentação” (*Cultura*, ano 1, n. 1, jan. 1949, p. 5).

Os anseios do espírito atormentado no desgaste de uma vida circunscrita a indispensáveis trabalhos materiais, provocaram salutar reação e a consequente busca de um ambiente propício ao cultivo das faculdades mentais do homem. Não era mais possível cercear as aspirações espirituais, limitá-las à irredutível pobreza da luta pela vida, esquecendo quanto immortaliza o ser dotado de alma inteligente e livre.

Assim é que, em esforço inédito no cenário da cultura parnaibana, e atendendo aos imperativos da inteligência esclarecida, um pugilo de espíritos pensantes impôs-se o dever de cultivar, intencionalmente, as ciências, as letras e as artes, expressões da dignidade espiritual do homem, nas diversas modalidades por que se comunica imortal aos seus semelhantes.

Nasceu desta compreensão e deste esforço, a SOCIEDADE PARNAIBANA DE EXPANSÃO CULTURAL, cenáculo humilde de estudiosos e batalhadores indômitos, porque se conserve aceso no espírito indormido das gerações pósteras, o fogo sagrado do amor à cultura e do interesse em difundi-la, para o enriquecimento do patrimônio intelectual e artístico da Pátria estremecida. Porta-voz destes anseios é CULTURA, que ora apresentamos, como síntese interpretativa do ideal por nós sonhado, de colaborar na felicidade humana, ajudando os homens a pensar, a dizer e a realizar algo de útil e agradável à humanidade.

É um meio de concorrer para a solução dos momentosos e complexos problemas que afligem o mundo, torturado sempre quando o espírito é posto em plano inferior à sua dignidade, e a angústia humana é traduzida nos estreitos limites da veste e do alimento. “Em só de pão vive o homem”, diz a sabedoria perene do Evangelho.

Firmados nestes princípios sólidos é que nos apresentamos, conclamando a experiência adulta, amadurecida ao contato com os livros, e concitando a pujança das inteligências moças, nas páginas desprentensiosas desta Revista, lídima expressão da capacidade, do esforço vontadoso de que estamos possuídos. Suas páginas, mercê de Deus, hão de consignar o progresso da cultura parnaibana e dirão ao Brasil inteiro, que também aqui se pensa, se vive e se ama.

Se agradarem, serão um estímulo para nosso esforço; se desagradarem, serão motivo de maior desprendimento e trabalho; e, agradando, nesta hora confusa, serão um marco de cometimento espiritual, nesta hora confusa, em que os homens, às vezes, chegam a descrer de sua própria natureza racional e vocação para o sublime.

ANEXO XLIV – “Mode, - Mode-Que? – Mode-Coisa-Que” (*Cultura*, ano 1, n. 2, mai. 1949, p. 27-8).

No plano das atividades literárias da Academia Brasileira de Letras se inclui a organização de um Dicionário de Brasileirismos.

Obra é para dilatados anos, tão dilatados, quanto os horizontes do país imenso, por onde se perde uma variedade, extraordinária de modismos, idiotismos, expressões, degenerescências vocabulares, criações exóticas regionais de toda espécie.

Catar, coordenar esse manancial vastíssimo de palavras, frases e dizeres regionais é trabalho de fôlego, que se não fará de uma assentada; de sorte que, qualquer dicionário elaborado a respeito, não será obra definitiva, mas suscetível de constantes e demorados retoques e aperfeiçoamentos periódicos, durante longos anos.

Em cada Estado brasileiro há uma seara imensa a ser cuidada. No Piauí ainda não há estudos especializados a respeito, de modo que, o que se der ao trabalho beneditino de colecionar o linguajar do nosso sertanejo, irá dar em jazida riquíssima.

No intuito de animar os estudiosos dos nossos assuntos filológicos, iniciamos, a partir deste número, a publicação de trabalhos relativos ao falar do nosso povo, naquilo que já estiver generalizando e tenha foros de elementos vulgares da linguagem popular.

Acolheremos, com prazer, todos os estudos que vierem, de divulgação desses interessantes assuntos.

Para começar, vejamos as expressões populares, muito em uso no Piauí, que subtitulam esta crônica: – MODE, MODE-QUE? MODE-COISA-QUE.

No falar português, conhece-se a palavra MORDE, como na frase – “Trabalho dia e noite *morde* minha família”, síntese da expressão, – *por-amor-de*.

Parece-nos, entretanto, que no falar piauiense, a expressão *mode* provém diretamente de *modo* e não da locução lusa *por-amor-de*, visto que entre nós ela é conhecida em sentido completamente diverso da alteração portuguesa.

Mode, para o nosso matuto significa *para*, circunstancial de fim, como nos exemplos:

– Doutô, eu vim fazer *mode* vancê me explicá uma coisa.

– D. Chiquinha, a madrinha mandou pedí *mode* a senhora emprestá seu vestido novo.

Seguida de *que* interrogativo, já modifica o sentido, correspondendo a *por-que?* como se vê:

– Você vai ser preso.

– Mode-que?

Respondendo é verdade conjunção causal:

– *Mode que* furtou.

Esta locução *mode-que* igual a *mode-coisa-que* adquire sentido de verbo, verdadeira flexão do verbo *parecer*, seguida da integrante *que*:

– *Mode-coisa-que* que vai chuvê. *Mode-que* você bebeu cachaça?! Tou sentindo uma murrinha doida no corpo; *mode-que* vou tê febre.

Se nosso raciocínio não é verdadeiro, terá pelo menos, a virtude de provocar o pronunciamento dos entendidos, aos quais estão abertas nossas colunas para o debate do assunto, como de outros relacionados com o estudo da linguagem regional piauiense.

ANEXO XLV – “Pórtico” (*O Arauto*, ano 1, n. 2, jun. 1949, p. 5-6).

Em Março, circulou, na cidade, um novo jornal, editado pela “Associação Parnaibana de Letras”. O ARAUTO era, então, apenas um sonho, que ora ganha vida e se realiza.

Previmos, na apresentação do nosso primeiro número, a transformação daquele periódico modesto, mas trabalhado com carinho e desvelo, em uma revista, quando as atividades da A.P.L. assumissem mais amplas proporções. A rapidez, no entanto, com que nos é possível, logo ao segundo número, concretizar o que supúnhamos possibilidade remota, admira, antes de tudo, a nós próprios.

Tão grata vitória devemos à excepcional acolhida de que foi alvo a nossa tentativa e que nos levou a intentar planos mais corajosos.

Os rumos a trilhar são os mesmos que traçamos quando do aparecimento do ARAUTO.

Estudar, debater os problemas nacionais. Não por diletantismo ou para ostentar lantejoular de cultura; mas sim por havermos assentado como primeiro marco da nossa rota o binômio – *estudo-brasilidade*.

Ter na mente o *nome, a imagem da Pátria*, cujos interesses serão os nossos, mesmo ao mergulharmos na análise das questões internacionais e do pensamento universal.

Esta não é uma revista de intelectuais; é simplesmente uma revista de moços – pela idade ou pelo espírito – que cultivam a inteligência. E, como o dístico que escolhemos para o frontispício desta nossa trincheira, “cultivar a inteligência é caminhar para a imortalidade”. Mas a imortalidade por que ansiamos não é o embalsamento, a mumificação das Academias. Aspiramos, tão só, à imortalidade do convívio, sem solução de continuidade, com as gerações que nos sucederão na liça. Pelo idealismo que anima o nosso combate; pela juventude do nosso pensamento, que opõe uma barreira cerrada a velhos programas, filhos de literatismos rancentos.

Fugimos à pretensão estulta de guardar a solução dos males que infelicitam o Brasil, efetivando o que ao nosso mais alto pensadores e mais eminentes patriotas ainda não foi possível. A nossa posição é definida: estas páginas se destinam, apenas, ao registro dos *depoimentos*, embora adversos, daquele que, em nosso meio, se preocupam, na verdade, com tais assuntos. O nosso intuito é claro: ventilar, esmiuçar, dentro do

mais sadio espírito de patriotismo, estas questões de vital interesse para os destinos da nacionalidade.

Daqui falaremos, sinceramente, sem subterfúgios. É a nossa tribuna; é o porta-voz da nossa mensagem de fé no Brasil, pelo que ainda encerra de energias inaproveitadas, de valores novos, de idealismo puro, de sentimentos nobres; é “o arauto” do nosso pensamento genuinamente nacionalista, do nosso entusiasmo palpitante e insopitável, da nossa preocupação única, constante, de orientar a mocidade, situando-a na verdadeira posição a que faz jus, pela sua responsabilidade no futuro da Pátria.

Inquieta, dolorosa, é a vida da geração a que nos dirigimos. Da geração que, acordando para a vida, viu a terra feita um mar de sangue e ouviu a metralha pipocar em todos os quadrantes do universo, estiolando os pruridos pacíficos dos povos civilizados. Da geração que, antes mesmo de acalantar ilusões, se desiludiu e desorientou, assistindo tombarem por terra, uma a uma, as falazes promessas de felicidade que o mundo burguês acendera e alimentara.

Desiludida e desorientada, sua voz se multipartiu em mil ecos contrários e seu roteiro de marcha foi desaguar numa encruzilhada de mil e um caminhos opostos.

Houve os que adormeceram. Incontável maioria. Envelheceram, no fulgor da mocidade. Não pensam, não sonham; logicamente, nenhum ideal os seduz, luz alguma brilha na estrada crepuscular em que arrastam a sua ridícula, espaventosa existência. São os conformistas abúlicos, os oportunistas cínicos, os videirinho inúteis; é a obra-prima do materialismo brutal em que se afogou uma híbrida sociedade, “que – segundo depõe mestre Luiz Amaral – despreza futilmente as coisas sérias e ama seriamente as coisas fúteis”.

Houve os que se ergueram vibrando de revolta e se amesquinham ante o primeiro revés. Nascidos para a indolência, a vida do bom combatte lhes pesava como toneladas.

Houve os que descambaram para a agitação revolucionária. Quiseram corrigir os desmandos da situação em que nos encontramos pela violência, que gerou novas violências, e pelo ódio, que se multiplicou em outros ódios.

Houve muitos rumos, houve tantas e tantas estradas...

Houve também os que, ante a ameaça dos totalitarismos, presentes na vida dos povos sob inumeráveis feições, apelaram para a dignidade da pessoa humana. A liberdade, dom eterno do Espírito, que lhes conferia o livre arbítrio, eles a utilizaram

sob a mais pura de suas formas, optando por uma nova atitude ante a situação da Pátria e do mundo. Rebelaram-se contra o doce comodismo ambiente, contra a inconsciência e a apatia. Pensaram – o que não se faz em nossa terra. Viram a necessidade de debater, de discutir, de conhecer tudo que pertence à atual vida brasileira. Quiseram que o povo também pensasse.

Estes merecem a nossa admiração, o nosso caloroso aplauso. Dentro das nossas possibilidades, buscaremos trilhar a mesma estrada; nisto não vai nenhum tolo desejo de sermos superiores ou melhores que ninguém.

O que realizamos, pouco ou muito, vale como esforço, ou tentativa.

*

* *

Sonhamos um grande sonho. Talvez grande demais.

“É que o momento é de renovação e reconstrução”, como anuncia o gênio de Farias Brito, ao profetizar a “hora nova”.

ANEXO XLVI – “Minha homenagem” (*A Voz da Parnaíba*, ano 1, n. 1, 194-, p. 43).

Aos meus caros mestres, cuja bondade e dedicação me domina.

Salve mestre! figura veneranda,
Incansável burilador das almas.
Que lutas dia e noite contra o vício,
Que combates, intrépido a ignorância.

A ti, mestre, está sempre confiada
A mais bela, a mais nobre das missões:
Buscar almas perdidas para a luz.
Dando à Pátria homens livres e capazes.

Um dia, enfim, terminas a jornada;
Que recebes por tantos benefícios?
Mais vezes a frieza, a indiferença,
Dos que exilam do peito a gratidão.

Jamais por mim hão de ser esquecidos.
Os teus ensinamentos e conselhos.
São tesouros tão ricos e tão úteis,

É pois a ti, imortal e caro mestre,
Genial escultor de nossas almas,
Que eu dedico e consagro estes meus versos.
Salve! fulgurante sol! Ó mestre, salve!

Jesuila Marinho Gonçalves

ANEXO XLVII – “Minhas preces” (*A Voz da Parnaíba*, ano 1, n. 1, 194-, p. 50).

Ela sorria, branquinha cor de vela;
Fitando a loira luz dos olhos meus,
E quando eu via luz dos olhos dela,
Era mesmo que ver a luz de Deus

Rezava sempre cheia de alegria,
E toda vez que me rogava o bem,
Jamais deixei de responder um dia:
– Seja, mãezinha, para ti também.

Outubro de 1943

Parnaíba

Uchoa de Menezes

ANEXO XLVIII – “O meu dia” (*A Voz da Parnaíba*, ano 1, n. 2, dez. 1944, p. 36).

A minha mãe

Não faltava – eu bem me lembro,
Vinte e no de Setembro,
Minha mãe sempre dizia:
– Recebe sempre estas flores,
Junto a estes beijos de amores,
Meu filho, é hoje o teu dia.

E olhando o céu azulado,
Todo de estrelas bordado,
Com o dedo, altiva, apontado,
Ela falava sorrindo:
– Como o céu está tão lindo
Cheio de estrelas, brilhando!

E então, querido filhinho,
Se a vida te abrir caminho,
Por este mundo sem fim:
Segue levando no peito
Este céu todo perfeito
E não te esqueças de mim

Meus sonhos irão contigo.
Recorda do que te digo,
E não te esqueças jamais,
Porque, meu filho, a saudade,
É um cardo que na verdade,
Ferindo não sara mais.

Parto. De quanta saudade,
Minh'alma toda se invade,

Qual criancinha a chorar...
Todo envolvido em tristeza,
Sem riso, sem natureza,
Somente a me recordar.

De ti, mãezinha, sorrindo,
Olhando o céu sempre lindo,
Quando tua voz me dizia:
– Recebe sempre estas flores,
Junto a estes beijos de amores,
Meu filho; é hoje o teu dia!

Uchoa de Menezes

ANEXO XLIX – “Despedida” (*A Voz da Parnaíba*, ano 1, n. 2, dez. 1944, p. 40).

Ao professor Lima Couto

Mestre! de muito e na hora da partida
Eu te bendigo, e direi a toda gente
Que o teu dever cumpriste consciente
E a Deus Imploro que te guie na vida

Já está chegada a hora de minha ida
Hora saudosa que na minha mente
Perdurará clara e eternamente
Aceita agora um adeus da despedida

Será impossível onde quer que esteja
Que eu não implore a Deus a tua glória
E que me esqueça do que em ti viceja

Portanto peço, pelos erros meus
Haja desculpas não contraditórias
E seguirei o meu destino, Mestre! Adeus!

Camilo Mota Lima

ANEXO L – “Avante França!” (*A Voz da Parnaíba*, ano 1, n. 2, dez. 1944, p. 40).

França! França! Desperta para a vida,
Velha Pátria de feitos imortais,
Ao mundo mostra que não estás vencida,
Que às duras lutas inda és capaz.

Eia!... Desperta!... Avante!... Destemida!...
Esquecida, viver, não poderás.
Hás de levar as tua espada erguida
Contra a opressão, num combater tenaz

Dias melhores já te esperam, ó França!
Dias de paz, de glórias, de esperança
E voltarás a ser livre e feliz...

Ao mundo inteiro, o teu valor mostrando
Hoje o teu povo alegre está cantando
Nas ruas já libertas de PARIS.

Fortaleza, 24/8/44
Humberto Teles

ANEXO LI – “Paisagem parnaibana” (*Nortista*, ano 1, n. 6, 9 fev. 1901, p. 1).

Ao Álvaro Galvão

Assoma lenta e doce a aurora purpurina e estrelas uma a uma desaparecem do engaste cerúleo como se anjos andassem a colhê-las.

Cai uma garoa de ouro e rosa, peneirando, sobre os cabeços dos montes, escorregando depois pelas gargantas e barrancos, a iluminar as estradas que coleiam caprichosamente através da pelúcia verde e alcatifadora do solo.

Nas árvores trilam aves, formando um concerto maviosíssimo, e as implumes ainda, tiritantes, pipilam, pipilam, mostrando as cabecitas nuas por entre o tecido inextricável dos ninhos pensis [*sic*] e balouçantes.

Passa uma aragem fresca e blandiciosa arregaçando o capim rasteiro, cujas raízes se imergem na terra úmida em busca da seiva pura e alimentícia. À margem do regato límpido e reverberante que caracoleia seguindo as leves ondulações do terreno, balam cordeiros, pastando as ervas lentejadas de orvalho e em cima, lá ao longe, passam nuvenzinhas brancas manchando aqui e ali o azul diáfano do céu imenso.

Levanta-se depois o sol redondo e fecundo; flores resvalam enchendo o ambiente iluminado de uma essência aromalíssima e borboletas voam, num brincolear constante.

As folhas das árvores, côncavas e verdes, como inúmeras patenazinhas de esmeralda, sustentam as pérolas do orvalho caído durante a noite, as quais ao leve sopro da aragem rolam sobre os arbustos rasteiros.

Vacas, mugindo, saem dos currais, lá deixando os tenros bezerros a berrarem, saudosos das tetas, por onde as mãos dos mungidores passearam, espremendo o leite branco e espumante.

Pelas estradas vão camponesas de lábios rubros e cheios de solecismos, cântaro à cabeça, em direção do grande rio que passa silenciosa e caudalosamente em caminho do mar.

De repente uma imensa fita verde desdobra-se pelo espaço, e tirando-se, encolhendo-se, como uma enorme serpente: são papagaios que passam em busca do milho doce e louro, às roças dos camponeses.

E longe, como uma floresta de esmeralda, o carnaubal sussurra, agitando as palmas rendas como lenços palpitantes de lágrimas à hora da partida.

Luiz Carvalho

ANEXO LII – “Inverno” (*Panorama Estudantil*, ano 1, n. 2, jun. 1939, p. 27).

O inverno no sertão, que coisa boa!
Na casa da fazenda, que alegria!...
Na maior baixa eis a melhor lagoa,
Que a gente busca ao despontar do dia.

Na roça o milharal, disposto a toa
Encobre a verde e densa ramaria
Do alvo feijão e, enfim da melancia,
Que o afanoso aldeão presa e abençoa.

No curral sempre o leite (e que franqueza!)
Na mesa a feijoada, e a macaxeira
Acompanha o café da sobremesa...

E o canto da roceira, ao som da enxadam
Faz com que a gente se qualquer maneira,
Despreze o leito às três da madrugada.

R. Petit

ANEXO LIII – “A ‘Costela de Adão’, de Berilo Neves” (*O Dia*, 11 jun. 1929).

Apesar de já possuírmos há alguns dias *A Costela de Adão*, primeiro livro de Berilo Neves, só agora tivemos a grata oportunidade de lê-lo.

Não nos causou surpresa o sucesso que alcançou o ilustrado beletриста piauiense no meio intelectual da metrópole brasileira, com a publicação do livro em apreço.

O seu brilhante tirocínio na imprensa, a começar pelos jornais da nossa terra, prognosticava eficientemente o seu futuro triunfo literário.

Berilo neves revelou-se gênio logo nos seus primeiros ensaios jornalísticos, difundindo verdadeiras e apreciáveis lições de física, química, higiene, didática, moral e religião.

Abrilhou, por alguns tempos, as páginas da *Boa Semente*, semanário católico, fundado nesta cidade pelo Revmo. Cônego Mello Lula.

Deixando o nosso meio, ainda sobremodo acanhado para conter os surtos evolutivos de sua capacidade intelectual, foi Berilo residir na capital da República. Lá encontrou um vasto horizonte para as volições aviônicas do seu belo talento, consagrado às coisas da época.

Estudou e compreendeu, “à vol d’oiseau”, o meio ambiente sebastianopólico, onde tudo se agita e regurgita; onde a Natureza e a Mulher deslumbram a juventude sonhadora; onde tudo atrai e seduz; onde tudo corre, tudo voa e o tempo passa vorza como a vertigem misteriosa dos sonhos!

Criou uma literatura nova, muito atraente, muito sua e especialmente adequada aos nossos tempos.

Por este meio cai criticando tenazmente os costumes licenciosos da atualidade. Fazê-lo com censuras agressivas ou com preceitos religiosos, julga pieguice anacrônica. E a [danificado]sciso uma crítica severa e ao mesmo tempo fina, científica e bizarra, onde o humorismo e a [danificado]steridade, de par com uma linguagem de inconfundível mérito cauteriza-se as chagas sociais. Já se foram os tempos do ferro em brasa para curar as feridas cancerosas. Estamos na época do “rádio” e dos “raios ultravioletas” para combatê-las com melhor êxito. Ao ler Berilo Neves, sentimos a impressas destes novos e sensacionais inventos, diante das suas admiráveis locubrações, manejadas com arte e maestria, numa linguagem castiça e atraente.

Resume a sua obra em contos interessantes que podem ser lidos separadamente, sem fatigar o leitor. Depara-se de quando em vez com um misto de utopias mais ou

menos realizáveis e de paradoxos sublimes e admiráveis. Em tudo as hipóteses científicas consignam páginas de ensinamentos preciosos.

Haja vista o baile dos micróbios e o diabólico aparelho gasógeno do sábio Mendelejeff capaz de reduzir o Rio de Janeiro no imenso cemitério, dentro de poucas horas de hecatombe, pela absorção do oxigênio e transformação do ar atmosférico.

E que original e admirável concepção, a do homem sintético e do homem mecânico?

O primeiro, acha-se apoiado em conjecturas supercientíficas, e o segundo nos moldes duma crítica direta ao objeto do seu amor predileto – a Costela de Adão. Efetivamente Berilo ama o bom e o belo – a Religião e a Mulher.

“Quem desdenha quer comprar”, diz o rifão. Daí as suas ferroadas de amor bem penetrantes no objeto do seu culto. E as filhas de Eva, a não ser as desiludidas do casamento, gozam e ficam radiantes ao ler Berilo Neves.

Mas, voltemos ao homem sintético, maravilha descoberta do Dr. Finemberger, o grande possuidor do segredo da vida, o [danificado] PadreEterno plasmador de modernos Adãos sem as Evas. O seu assombroso invento seria para o materialista um triunfo sesquipedal! Nas malhas das doutrinas de Darwin e Ernes Haeckel cairiam muitas ovelhas do rebanho espiritualista.

Digamos, porém, de passagem, que mesmo na hipóteses impropalíssima do homem conseguir, por meio de combinação de células químicas e incubações artificiais, levantar a vida, animaliza-la ou humaniza-la no seio da Natureza, ele seria apenas o manipulador, o acumulador do protoplasma, o condensador do veículo apropriado a receber a vida que palpita e vive em Deus, no Eterno cósmico! Formulada a substância celular, o nucleoplasma, dar-se-ia, como no seio da mulher fecundada, o fenômeno da encarnação do espírito, que acompanhado dos corpos sutis, encontraria a substância corpórea para a sua manifestação no mundo exterior. Seria a materialização artificial na vida terrena, – materialização duradoura e completa, porque não dependia da desagregação dos átimo coesos do “médiuns” humanos, e sim duma combinação de células tão reais como as que constituem o corpo humano na sua gestação e na vida extrauterina. Para perpetuar a vida espiritual e a semelhança do homem na matéria química, exposta à incubação ou à partenogênese, seria necessária uma intervenção física oriunda do pensamento criador e animador do “pai-químico”, que além da manipulação da célula, representaria ainda um papel saliente e hiperfísico para os

primeiros movimentos protogênicos, ainda que por meio de seculamadores [sic] mentais do engenho humano.

Na procriação natural este fenômeno se realiza através do subconsciente dos progenitores, vibrando em harmonia coma Vida universal. O ponto em que as duas regiões se tocam [ilegível] como físico [ilegível] manifestação da Vida divina, é chamado Antahkarana, que significa “ponte” ou caminho para a imortalidade. O espírito se manifesta na matéria por meio de vibrações do Prana, mas não é gerada pela matéria, que por si nada produz. A vida não seria jamais um fenômeno químico! Absolutamente não.

A alma, sopro do Eterno, partícula divina, gozaria sempre a sua imortalidade após a desagregação das células artificiais, sustentadas ou não pelo ar atmosférico e alimentos materiais.

O “homem sintético”, deveria ser híbrido e tristonho, vaidoso e misantropo.

Berilo esqueceu-se de perguntar ao Dr. Finemberger, se a volúpia do “pai-químico” na super-êxtase reprodutora não seria capaz de dar cabo ao mais ousado experimentador... Esqueceu-se ainda de perguntar-lhe se não seria isto uma espécie de “choco” das aves, assaz deprimente e ridículo para um homem valido, a não ser a ciência no ano de N. S. Jesus Cristo de 3 a 4 mil haja dado cabo ao Sr. Bacillo de Koch e aos demais camaradas da sinistra grei microscópios.

Para os espíritas nada alteraria o “homem sintético”. Causaria talvez alguma complicação “Cármica” entre os teósofos, provocando teorias igualmente sintéticas. Daria de certo mais o que fazer ao teólogos para sustentarem o dogma do pecado original no homem plasmado pela química.

O autor da “A Costela de Adão”, como Dante, também foi ao Inferno; não para colocar ali os papas e os reis tiranos entre os homens de ciência, os hipócritas, os depravados e os maus, e sum por mera curiosidade.

Encontrou, com surpresa sua e do seu companheiro o casarão do Sr. Diabo despojado de mulheres. A tagarelice sistemática delas ferira os ouvidos de Sua Danação, como diria o Padre Dubois. Foi-lhe preciso expulsá-las do “reino doloroso”, que aliás se acha completamente reformado, dispondo de instalações moderníssimas. O velho Pero Botelho numa “quebradeira” franciscana, a suplicar uma colocação na imprensa do Rio.

Seria mesmo um Inferno da atualidade, com as suas grandes invenções e as suas miseráveis falências.

Assim como a concepção do Inferno entre os povos que habitam nas regiões glaciais é de gelo, e a dos que vivem em trópicos é de fogo, a fim de evitar que aqueles o desejam para aquecer-se a estes para refrigerar-se, também deve ser americanizado, com cadeiras elétricas e aparelhos radiográficos e radiofônicos “up to date” o Inferno moderno.

*

* *

Daqui destas plagas longínquas, desta velha e heroica Parnaíba, que é o berço de Berilo Neves, saímos de nossa obscuridade, bastante conhecida por ele, para enviar-lhe, com toda a nossa admiração, muitos parabéns e um afetuoso “quebra costelas” pela sua magnífica e encantadora “Costela de Adão”.

Alarico da Cunha

ANEXO LIV – “D. Luiz Amélia” (*Polyanthéa*, ano 1, n. 1, 1899, p. 4).

Meu Deus! Tu que és tão bom e tão clemente

Pra que apagas, Senhor, a chama ardente

Num crânio de vulcão?

C. A.

Musa da tristeza, ao pranto consagrada,
vem que minha alma de pesar se veste!
Juntas iremos ao chorar da lira
juntar aos louros funeral cipreste!

Tristonho eco, funerário canto,
o mocho entoa no cipreste além
Como a [danificado] de[danificado]
vem tu, ó musa, suspirar também!

Sumiu-se o astro, já tombou no ocaso,
morreu a chama dessa luz tão bela!
Vinde florinhas, das incultas veigas,
gemei comigo, suspirai por ela!

Brisa fagueira que trazeis perfumes
da rica pátria, da gentil camélia,
trazei coroas dessas flores lindas
ornai a campa de Luiza Amélia!

Deponhamos um goivo, uma saudade,
orvalhados de dor na fria lousa!
E tu, filha do céu, vis]ao amada,
pranteia o estro que no chão repousa!

E tu *Georgina*, talismã querido,
filha adorada, inspiração de amor!

Serás a glória, memorando eterno
dessa que dorme neste chão de dor!

E ela dorme num sonhar eterno,
mas não morreu emudeceu apenas!
Velam-lhe o leito divinais cantores
por entre as notas de canções amenas!

Deus te abençoe, minha irmã querida,
goze a tua alma na celeste glória!
Pousem teus restos sobre o chão da pátria
que o teu nome viverá na história.

Musa da tristeza, ao pranto consagrada,
vem que minha alma de pesar se veste!
Juntas iremos ao chorar da lira
juntar aos louros funeral cipreste!

12-11-99

Francisca Montenegro

ANEXO LV – “Um escritor piauiense” (*O Norte*, ano 17, n. 2.921, 25 abr. 1946).

Nunca tive pendores para a crítica literária.

Jamais, mesmo, tracei qualquer apresentação sobre livros e trabalhos literários com que me têm distinguido autores.

Gosto imensamente de ler. Leio-os, para meu regalo exclusivo; e, de mim para mim, faço juízo crítico.

A crítica literária é de minhas melhores leituras. Através dela, travo conhecimento com obras de profunda sabedoria; adquiero-as e não me arrependo.

Hoje, entretanto, sinto-me arrastado a romper esse silêncio, e a vir de público, não publicar um estudo crítico, mas agradecer ao sr. Cristino Castelo Branco o suave encantamento espiritual que me proporcionou, mandando-me, com cativante e gentilíssima dedicatória, o seu livro – *HOMENS QUE ILUMINAM*, artisticamente trabalhado pela “Gráfica Editora Aurora Ltda.”, do Rio.

Contém discursos, palestras e conferências que proferiu em Teresina e no Rio de Janeiro, sobre valores intelectuais efetivamente iluminados, de projeção no Estado, no Brasil e no Universo.

Li-o. Senti depois, ao lado de um grande bem-estar espiritual, uma pena muito sentida de ter chegado ao fim.

Nos seus estudos sobre Rui Barbosa, Pedro Lessa, Lucídio Freitas, Clodoaldo Freitas, Da Costa e Silva, Salvador e Lúcio de Mendonça, Tobias Barreto, Sílvio Romero, Olavo Bilac e Clóvis Beviláqua, o escritor piauiense revela-se o que sempre foi, redigindo acórdãos, ou fazendo literatura –, o estilista impecável, o observador equilibrado, o portador de alta cultura lítero-científica. O estilo é claro, perfeito na forma e na modalidade de jogar com a língua, sem afetações pedantescas, mas escorrendo a frase aos nossos olhos como paisagens lindas e coloridas de nossa terra, ao sol-poente. Os vultos iluminados que estuda, apresentam-se-nos sob um ângulo de objetividade impecável seja a grandiosidade mental de Rui, seja a cabeça loira e de áurea sabedoria de Lucídio. Todos estão retratados sob a mais alta expressão artística com que o autor os estudou; de todos nos apresenta, em síntese preciosa, a obra, a vida, quase sempre agitada e atribulada, mas sempre glorificadas, ambas, pelas centelhas inextinguíveis do gênio e pelas arrancadas indomáveis do talento.

Não fora de esperar outra coisa da pena delicadíssima do notável escritor conterrâneo.

Antes de ler seu belo livro, que se pode alojar na estante da mais requintada cultura brasileira, eu já prelibara um excelente agrado espiritual. Sou testemunha viva e vista, da formação intelectual do notável escritor piauiense, autor de HOMENS QUE ILUMINAM. Vivemos juntos no Recife, em *república* de estudantes pobres, na rua da Aurora, na rua do Lima, na rua Nova, em um terceiro andar, sem elevador; na rua Augusta e no aprazível bairro de Tigipió.

Cristino Castelo Branco iniciou os estudos jurídicos ainda criança depois de cursar, de calças curtas, como eu e Lucídio e tantos outros, o Liceu Piauiense. Aos 16 anos, já era segundanista de direito; entretanto, pequeno, rosto redondo e macio, imberbe, não apresentava as acnes características da transição de idade. Este seu semblante valeu-lhe um incidente pitoresco que, com a sua licença e fiado em nossa veina amizade, não me furto ao desejo de lembrá-lo, agora que me foi dado, por ele, o prazer de discretear sobre a sua ilustre e nobre personalidade.

Era junho de 1908. Em Tutóia, embarcamos para Recife; Cristino Castelo Branco e Odorico Rosa, no segundo ano jurídico; Flávio Furtado, no terceiro ano, e eu, calouro. Íamos levados pelo “Alagoas”, velho navio do Lloyd, com as suas glórias de haver conduzido à Europa, o sr. D. Pedro II, após o advento da República. Mas apesar desse glorioso passado, a alimentação a bordo era de péssima qualidade, de sorte que, a chegada a porto intermediário, nos era alívio, pela refeição em terra. No terceiro dia de viagem, amanhecemos em Natal, de onde o navio só prosseguiria viagem à noite. Fomos a terra, como havíamos feito em Fortaleza, coma finalidade de melhor almoço. Havia, ao tempo, na capital potiguar, na ampla avenida que começa bem no cais de desembarque, um restaurante considerado o melhor da localidade. Em frente ao salão de refeições, outra se abria com vários bilhares. Como estivesse cedo para a *bóia*, resolvemos jogar uma partida de bilhar. Apanhamos dos tacos e pedimos as bolas. Com surpresa de todos nós, o proprietário do estabelecimento aproximou-se do Cristino, pediu-lhe o taco e, dirigindo-se-nos, desculpou-se:

– Os senhores desculpem-me, mas eu não consinto que crianças joguem neste salão.

Procuramos explicar-lhe que aquela suposta criança, era acadêmico de direito e que éramos passageiros em trânsito para Recife. Não houve explicação aceitável. Por solidariedade com o colega ilustre, não jogamos, não almoçamos e voltamos, depois de um passeio pela cidade, ao salão de refeições de “Alagoas”.

Aquele circunspecto e severo precursor do Código de Menores não imaginara que aquela criança, que ele zelosamente, nos seus cuidados, supunha estar desviando do mau caminho, já era um espírito bem forrado de excelente e invejável cultural, inv[danificado]do de notas distintas nos exames do primeiro ano jurídico, notas que seriam com[danificado]adas, posteriormente, nas demais sé[danificado] do curso superior.

Estudante pobre, o eminente jurisperito, jurisprudente e beletrista piauiense não esbanjava as aparas da minguada mesada paterna com superfluidades; antes, com elas, visitava assiduamente as melhores livrarias mauriceanas do nosso tempo, – a Econômica, a Francesa, a Contemporânea, para adquirir aquelas novidades literárias e científicas jurídicas e sociais, condimentava o espírito de seleção, com outros conhecimentos preciosos e oportunos, que lhe valeram e lhe deram uma projeção marcante, logo no início da vida pública, culminando com a consagração e o merecido renome de que ora desfruta no cenário intelectual brasileiro.

Por vezes, apareciam também no Recife, excelentes companhias teatrais que dava vida ao Santa Isabel Lucilia Peres, imponente, esbelta, elegante e bonita, transfigurando-se na magistral interpretação da “Dama das Camélias”, vivia em meio aos estudantes, franqueando-lhes o *galinheiro*, do velho teatro, a preços módicos. O ator Brasão, admirável no papel de Cardeal Gonzaga, na “A Ceia dos Cardeais”. Companhias líricas italianas encenando a “Alda”, o “Guarani”, o “Barbeiro de Sevilha” e tantas outras óperas de renome universal. Cristino Castelo Branco enchia-se de entusiasmo artístico contagiante, por ocasião dessas nunca, jamais esquecidas noites de vibração espiritual, arrastando-nos a Eurico Vidal, a Saraiva de Lemos, a mim e aos outros colegas, do terceiro andar na rua Nova aos altos de Santa Isabel. Finda a representação, com o espírito reconfortado, vínhamos pelas ruas do Recife, repetindo Júlio Dantas nas suas estrofes imortais e universalmente aplaudidas.

Em como é diferente o amor em Portugal!...

O amor simplicidade, o amor delicadeza,

Ai! como sabe amar a gente portuguesa!

Ou então, cantando, e assobiando as árias mais vulgarizadas das óperas ouvidas.

Cinco anos assim transcorridos, entre estudo científico, leituras sadias e convívio com a arte, o ilustre jurista escritor piauiense venceu, pelo poder de uma inteligência inigualável e superior.

Foi advogado de invulgar projeção nos debates pretorianos do Piauí; comentador de leis, desembargador incorruptível, humano e culto, cujos acórdãos modelares, refertos da alta cultura do “Diário Oficial” do Estado, mas de lá foram retirados pelas mais importantes revistas especializadas do país, e por elas publicados, como modelos da mais sadia jurisprudência nacional.

Mas, além de jurista e orador brilhante, Cristino Castelo Branco é também um primoroso *causeur*, destes em quem o espírito, ao mesmo tempo que se dilui em encantamentos e prazeres, se robustece do conforto proporcionado pelas conversações de refinamento espiritual.

Em tudo, julgando, discursando ou palestrando, conduz a frase com maestria e segurança, em estilo fluente, claro, impressionante, confortador, de aticismo perfeito.

Grande iluminado que ele é, conquistou, para sua glória, mais uma palma com HOMENS QUE ILUMINAM, que não merece, apenas, mas deve ser lido pelos que amam e apreciam a boa e sadia literatura.

Edison Cunha

ANEXO LVI – “O Rio” (*Nortista*, ano 1, n. 27, 6 jul. 1901, p. 3).

Fundo e veloz, o seu lençol de prata
Pela floresta o rio desdobrando
Desce bramindo, em fúrias se arrebatada,
Roendo a terra e as margens escavando.

Em outras vezes calmo pela mata
Lesto correndo e apenas murmurando
Passa feliz, e lúcido retrata
Aves que voam num espesso bando.

Gigantes vegetais vão derruindo,
E segue sempre em sua marcha enorme,
Sempre a descer, num caminhar infindo.

E quando à noite se escurece o mundo,
Parece que gemendo o rio dorme
Num ressonar letárgico, profundo.

2-7-901

A. Madeira